



ESPERA

A VERDADE
OCULTA
SOBRE SUA
IDENTIDADE
EM CRISTO

JOHN MACARTHUR



THOMAS NELSON
BRASIL



John MacArthur explica, de forma habilidosa e lúcida, que Jesus quer nos tirar da prisão para fazer de nós escravos reais sob seu domínio. Ao contrário do que parece, não há quem seja seu filho sem desejar ser seu escravo.

DR. R. C. SPROUL

Há um destaque exagerado no “eu” na vida cristã: em como a provação aperfeiçoa a fé, melhora o caráter ou se encaixa em algum proveito pessoal. Por mais absurdo que seja, quando o cristão em geral fala do salvador, fala de alguém que tem a obrigação de lhe dar saúde, sucesso e satisfação pessoal. John MacArthur apresenta em seu novo livro um estudo que desperta emoções fortes e esclarece nosso relacionamento com o Senhor Jesus. Indico este livro para todo aquele que deseja ter uma intimidade maior com o Mestre.

JONI EARECKSON TADA

CENTRO INTERNACIONAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA “JONI E AMIGOS”

Dr. John MacArthur nunca tem medo de falar a verdade, e é exatamente isso que ele faz neste livro. O maior privilégio do cristão é o de ser escravo de Cristo. MacArthur esclarece que esse é um dos meios mais sucintos que a Bíblia utiliza para descrever o nosso discipulado. Trata-se de uma exposição convincente da Escritura, de uma repreensão ao cristianismo superficial e de uma obra-prima de exortação pastoral... um clássico devocional.

DR. R. ALBERT MOHLER

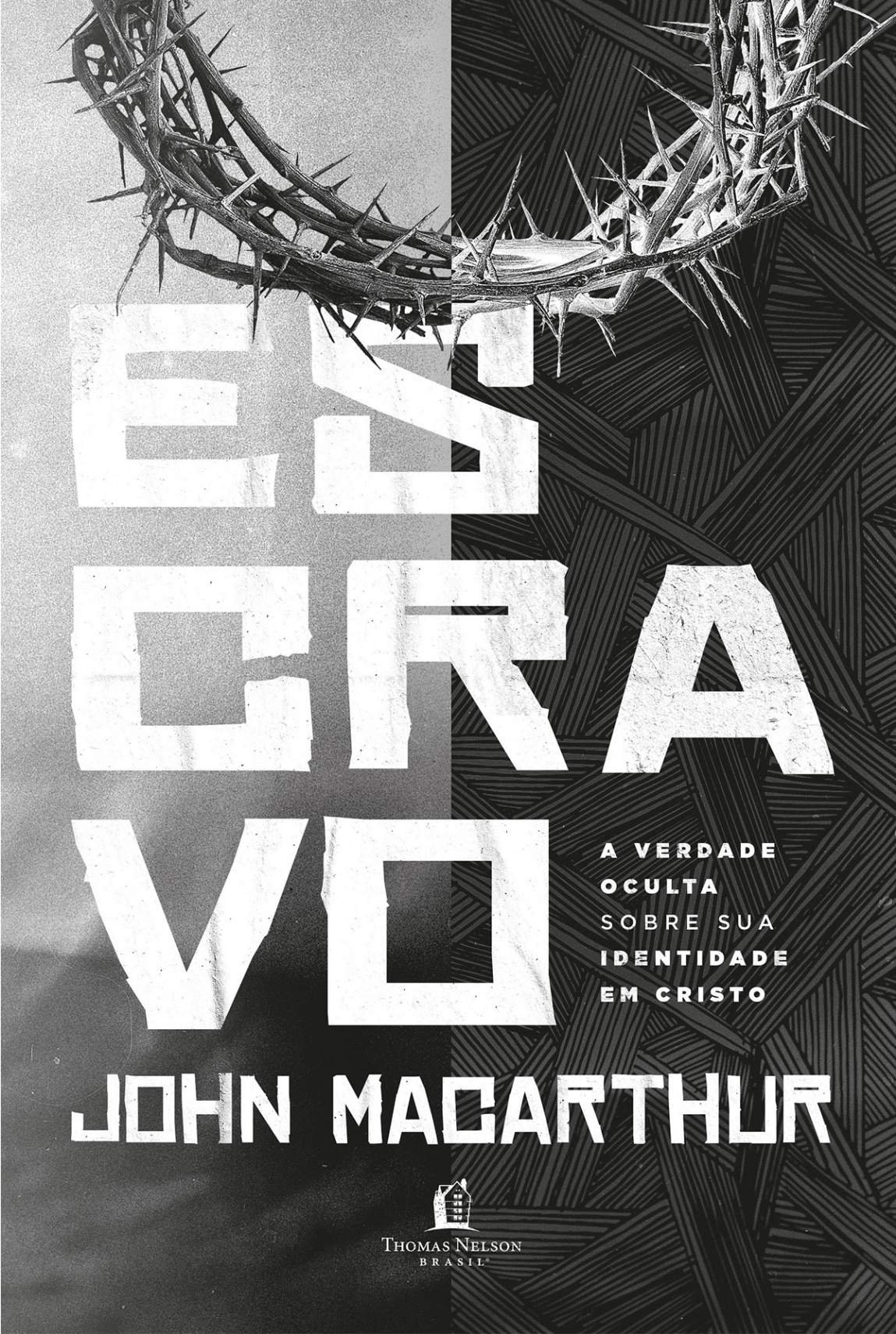
PRESIDENTE DO SEMINÁRIO TEOLÓGICO DA CONVENÇÃO BATISTA DO SUL

Os ensinamentos de John MacArthur sobre a “escravidão” falam às partes mais profundas do meu “homem interior”. Sou pastor de origem africana e sei muito bem o que significa. Por causa disso, a coisa mais absurda e inconcebível que poderia imaginar era alguém escrevendo sobre a escravidão como algo enviado por Deus... até que li este livro. Agora percebi que ser escravo é um mandamento bíblico que redefine completamente a ideia da liberdade em Cristo. Não quero ser simplesmente um “servidor”, ou mesmo um “servo”. Quero ser um “escravo”.

REVERENDO DR. DALLAS H. WILSON JR.

VIGÁRIO DA ST. JOHN'S EPISCOPAL CHAPEL CHARLESTON, CAROLINA DO SUL





ES CRA VO

A VERDADE
OCULTA
SOBRE SUA
IDENTIDADE
EM CRISTO

JOHN MACARTHUR



THOMAS NELSON
BRASIL

Título original: *Slave*

Copyright © 2010 por John MacArthur

Edição original por Thomas Nelson. Todos os direitos reservados.

Copyright de tradução © Vida Melhor Editora LTDA., 2018.

Todos os direitos desta publicação são reservados por Vida Melhor Editora LTDA.

PUBLISHE	Samuel Coto
EDITORES	André Lodos e Bruna Gomesr
TRADUÇÃO	Maurício Bezerra Santos Silva
COPIDESQUE	Eliana Moura
REVISÃO	Carla Moraes
CAPA	Rafael Brum
DIAGRAMAÇÃO	Julio Fado e Caio Cardoso
CONVERSÃO PARA EPUB	SCALT Soluções Editoriais

As citações bíblicas são da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia, Inc., a menos que seja especificada outra versão da Bíblia Sagrada. Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade do autor, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

M114eMacArthur, John
1ed. Escravo : a verdade oculta sobre a identidade em Cristo / John MacArthur;
tradução de Maurício Bezerra. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Thomas Nelson Brasil,
2021.

Título original : *Slave*
ISBN : 978-65-56890-15-9

1. Doulo. 2. Cristologia. 3. Jesus Cristo. 4. Vida
cristã. I. Bezerra, Maurício. II. Título.
01-2021/31

CDD 232.901

Índice para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo : Cristologia 232.901

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro

Rio de Janeiro – RJ – CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.thomasnelson.com.br

Para Nathan Busenitz

*Com talento e sabedoria bem acima
da média, ele provou ser um
cooperador valioso em vários
aspectos. Tem ajudado-me como
assistente pessoal no ministério
pastoral, como escritor de muitos
artigos no blog Pulpit, como colega
no presbitério, ensinando e
pregando na Grace Community
Church, e como professor no The
Master's Seminary. Dedicou-se de
corpo e alma à pesquisa e à
elaboração deste livro com o mesmo
compromisso e senso de urgência
que eu tenho. Portanto, não poderia
deixar de lhe dedicar esta obra, para
que todas as pessoas que a leiam
nos próximos anos saibam da
minha gratidão pelo seu esforço.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO

CAPÍTULO 1

Uma palavra oculta

CAPÍTULO 2

História antiga, verdade eterna

CAPÍTULO 3

O escravo bom e fiel

CAPÍTULO 4

O Senhor e Mestre (parte 1)

CAPÍTULO 5

O Senhor e Mestre (parte 2)

CAPÍTULO 6

Nosso Senhor e nosso Deus

CAPÍTULO 7

O mercado de escravos do pecado

CAPÍTULO 8

Preso, cego e morto

CAPÍTULO 9

Salvo do pecado, escravizado pela graça

CAPÍTULO 10

De escravos a filhos (parte 1)

CAPÍTULO 11

De escravos a filhos (parte 2)

CAPÍTULO 12

Prontos para ir ao encontro do Senhor

CAPÍTULO 13

As riquezas do paradoxo

APÊNDICE

Vozes da história da igreja

GUIA DE ESTUDO



PREFÁCIO

Depois de mais de cinquenta anos traduzindo, estudando, ensinando, pregando e escrevendo sobre o Novo Testamento, achava que tinha identificado e entendido todos os seus princípios – especialmente no campo da Teologia do Evangelho no Novo Testamento. De fato, o destaque mais importante e constante do que escrevia era a explicação do evangelho – desde *O evangelho segundo Jesus*, *Com vergonha do evangelho*, *Crer é difícil* e *A guerra pela verdade* até os incontáveis sermões e artigos que escrevi por todos esses anos –, mas uma perspectiva abrangente e profunda que domina o Novo Testamento e é fundamental para o evangelho passou despercebida para mim e para a maioria das pessoas em meio a todos esses esforços.

Foi somente na primavera de 2007, enquanto estava lendo *Slave of Christ* [Escravo de Cristo], de Murray J. Harris, em um voo noturno para Londres, que me dei conta de que os tradutores do Novo Testamento para a língua inglesa tinham escondido por séculos uma revelação poderosa, preciosa e esclarecedora do Espírito Santo. Pelo menos no início, sem sombra de dúvida, essa ocultação não foi intencional, mas o seu resultado foi extremamente grave.

Custei a acreditar nisso. Por que motivo ocultar? E quais teriam sido as consequências dessa ocultação na tradução do Novo Testamento para o inglês? Será que ninguém tinha descoberto isso antes de Harris, em 1999?

Não demorei muito para encontrar alguém que já havia notado isso: Edwin Yamauchi, em seu artigo no Boletim da Sociedade Teológica Evangélica, intitulado “Escravos de Deus”, publicado em 1966. Por que cargas d’água não houve reação alguma a essa obra, e, além do mais, como é que se esconde deliberadamente uma verdade tão intimamente ligada à integridade da tradução e ao ensino do Novo Testamento sobre o nosso relacionamento com Cristo sem que ninguém se importe com isso?

Descobri também, em minhas viagens ao redor do mundo, que existem muitos outros tradutores de outros idiomas que seguiram a orientação das versões inglesas e apoiaram essa ocultação. Contudo, tendo em vista que existem alguns que traduzem a palavra corretamente, razão pela qual essa revelação não está oculta aos meus irmãos na fé em lugares como Rússia, Romênia, Indonésia ou Filipinas, por que isso acontece no inglês?

Não duvido que essa ocultação permanente de uma parte essencial da revelação do Novo Testamento tenha contribuído em grande parte para a confusão existente no ensino e na prática evangélica. Na verdade, eu me pergunto se não foi essa a razão de eu ter precisado escrever tantos livros para explicar o evangelho. Se essa realidade tivesse sido difundida, suponho que nenhum desses livros seria necessário.

Quanto mais fundo cavei para desenterrar essa joia do evangelho, mais sua glória impactante foi dominando meu pensamento e minha pregação. Em toda hora e lugar que tocava no assunto, a reação foi a mesma – queixos caídos de espanto!

Na mesma época me pediram para escrever um livro sobre as “doutrinas da graça” que fosse fiel aos reformadores, mas não vi muita necessidade de que se escrevesse mais um livro sobre o assunto. Não achava que podia trazer algo novo sobre Calvino, Lutero, ou sobre os puritanos ingleses, ou mesmo sobre Spurgeon, nem teria algo a acrescentar às obras clássicas dos teólogos do passado ou do

presente sobre os temas do evangelho. Por isso, tive dificuldades em encontrar motivação para escrever algo novo ao refletir sobre o que já tinha sido escrito – até o momento em que descobri a ocultação.

Embora todos esses nobres teólogos da rica tradição reformada sobre a verdade do evangelho tenham abordado esse assunto, nenhum deles trouxe essa joia escondida à plena luz do sol, e foi essa a razão pela qual escrevi este livro. Oro para que você, ao percorrer estas páginas, perceba as riquezas da sua salvação de um modo totalmente novo.

John MacArthur



CAPÍTULO 1

UMA PALAVRA OCULTA

“Sou cristão.”

O rapaz não disse nada ao comparecer diante do governador romano, mesmo arriscando a própria vida. Seus acusadores o pressionaram novamente, esperando fazê-lo tropeçar ou forçando-o a negar a fé, mas ele respondeu mais uma vez com a mesma frase curta: “Sou cristão”.

Isso aconteceu em meados do século 2, durante o reinado do imperador Marco Aurélio.¹ O cristianismo era ilegal, e os fiéis por todo o Império Romano enfrentavam ameaças de prisão, tortura ou morte. A perseguição era mais intensa particularmente no Sul da Europa, onde Santos, diácono de Viena, tinha sido preso e levado a julgamento. O rapaz recebeu várias vezes a ordem de renunciar à fé que professava, mas não se deixou abater, repetindo a mesma declaração.

Ele sempre dava a mesma resposta para qualquer pergunta que faziam a ele, sem mudar uma palavra sequer. De acordo com Eusébio, um historiador antigo da igreja:

[Santos] resistiu [a seus acusadores] com tal firmeza, que não revelou nem o seu próprio nome, nem o nome de sua família, nem o nome da cidade de

onde vinha, nem se era escravo ou se era livre, mas a tudo que lhe perguntavam respondia em latim: “Sou cristão!”.²

Por fim, quando ficou óbvio que ele não diria nada além disso, foi condenado à tortura severa e à morte pública no anfiteatro. No dia da sua execução, foi forçado a correr em meio a duas fileiras de soldados, exposto a animais selvagens, e amarrado a uma cadeira de ferro em brasa. Com tudo isso, seus acusadores insistiam na tentativa de fazê-lo desistir, com a certeza de que sua resistência cederia à dor da tortura, mas, como relata Eusébio, “isto é o que confessava sucessivamente, e nenhuma outra palavra ouviram dele os pagãos”.³ Suas palavras na hora da morte falavam de um compromisso imortal, seu grito de guerra permaneceu firme durante todo o seu julgamento: “Sou cristão”.

Para Santos, toda a sua identidade – inclusive seu nome, sua cidadania ou sua condição social – estava em Jesus Cristo. Sendo assim, não havia resposta melhor às perguntas que lhe faziam. Ele era cristão, e esse título definia tudo o que se relacionava a ele.

Um número incontável de pessoas tinha essa mesma perspectiva na Igreja Primitiva. Isso alimentava o testemunho delas, fortalecia sua determinação e confundia seus opositores. Quando eram presos, esses fiéis corajosos reagiam com a mesma confiança de Santos, com uma declaração sucinta de sua lealdade a Cristo. Como explicou um historiador a respeito dos mártires primitivos:

Eles [respondiam] a todos os interrogatórios a seu respeito [com] a resposta curta e abrangente: “Sou cristão”. Por várias vezes, deixavam os juízes sem ação por causa da tenacidade com a qual se apegavam a essa breve confissão de fé. A pergunta se repetia: “Quem são vocês?”, e eles respondiam: “Já dissemos que somos cristãos, e quem diz isso menciona seu país, sua família, sua profissão e tudo o mais”.⁴

A totalidade da sua existência consistia em seguir a Jesus Cristo.⁵ No momento em que a vida deles estava em jogo, nada mais importava senão que se identificassem com ele.

Para esses crentes fiéis, o nome “cristão” queria dizer bem mais do que simplesmente uma denominação religiosa, já que definia tudo o que lhes dizia respeito, inclusive a maneira como viam a si

mesmos e o mundo à sua volta. Esse rótulo destacava o amor que tinham pelo Messias crucificado, bem como a disposição de segui-lo, não importava o preço a pagar. Expressava a transformação completa que Deus tinha operado em seus corações, além de dar testemunho do fato de que tinham sido completamente renovados por ele, visto que tinham morrido para sua velha maneira de viver, ao nascerem de novo na família de Deus. Ser cristão não era apenas um título, mas, sim, uma maneira de pensar completamente nova – que trazia consequências sérias sobre seu estilo de vida, além de acabar determinando o modo como encerrariam sua existência.

O QUE SIGNIFICA SER CRISTÃO?

Os mártires primitivos eram bem transparentes quanto ao que significava ser cristão, mas tenho certeza de que, se perguntarmos o que significa ser cristão nos dias de hoje, teremos uma ampla variedade de respostas, até mesmo por parte daqueles que se identificam dessa maneira.

Para algumas pessoas, ser “cristão” é algo cultural e tradicional, uma denominação herdada de uma geração anterior, limitando-se basicamente a evitar alguns comportamentos e ir à igreja de vez em quando. Para outras, trata-se de uma questão mais política, uma busca para defender os valores morais diante da sociedade ou para preservar esses valores afastando-se totalmente dela. Outros ainda definem o cristianismo como uma experiência religiosa do passado, uma crença genérica em Jesus, ou como o desejo de ser uma pessoa boa, mas tudo isso fica lamentavelmente aquém do que realmente significa ser cristão na perspectiva bíblica.

Curiosamente, os seguidores de Jesus Cristo só foram chamados de cristãos depois de dez ou quinze anos do início da igreja. Antes dessa época, eles eram conhecidos simplesmente como discípulos, irmãos, crentes, santos e seguidores do Caminho (um título que vinha do modo como Jesus se referiu a si mesmo, em João 14:6, como “o caminho, a verdade e a vida”). Segundo Atos 11:26, foi em Antioquia da Síria que “os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos”, e o título permaneceu desde aquela época.

Esse nome foi inicialmente criado pelos infiéis em uma tentativa de zombar daqueles que seguiam o Cristo crucificado,⁶ mas aquilo que tinha começado como uma zombaria logo se transformou em título de honra, já que classificar indivíduos como “cristãos” (em grego, *Christianoi*) passou a identificá-los como discípulos de Jesus e associá-los a ele como seguidores leais. Semelhantemente, aqueles que pertenciam à casa de César referiam-se a si mesmos como *Kaisarianoi* (aqueles de César), a fim de demonstrar uma fidelidade profunda ao imperador romano. No entanto, os cristãos, pelo contrário, não estavam comprometidos com Roma ou com qualquer outro poder terreno, porque toda a sua dedicação e adoração era reservada somente a Jesus Cristo. Sendo assim, ser “cristão”, no sentido verdadeiro da palavra, é seguir a Jesus Cristo de todo o coração. Como o próprio Senhor disse em João 10:27: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas *me seguem*” (destaque nosso). O nome sugere muito mais do que uma associação superficial com Cristo. Em vez disso, exige a afeição profunda por ele e a submissão à sua Palavra. Jesus disse aos seus discípulos no cenáculo: “Vocês serão meus amigos, se fizerem o que eu lhes ordeno” (João 15:14), e disse anteriormente para as multidões que afluíam para ouvi-lo: “Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos” (João 8:31). Disse-lhes em outro momento: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me” (Lucas 9:23; cf. João 12:26).

Quando nos identificamos como “cristãos”, proclamamos ao mundo que tudo o que nos diz respeito, inclusive a nossa própria identidade, está em Jesus Cristo, porque negamos *a nós mesmos* a fim de segui-lo e obedecer-lhe. Ele é nosso Salvador e nosso Soberano, e o alvo da nossa vida é agradá-lo. Assumir esse título é dizer com o apóstolo Paulo: “[...] o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Filipenses 1:21).

A PALAVRA QUE TUDO TRANSFORMA

Desde sua primeira aparição em Antioquia, o termo *cristão* passou a ser a identificação predominante para as pessoas que seguem a Jesus.

É um título adequado por se fixar no ponto central da nossa fé: Jesus Cristo, ainda que, de um modo irônico, ele apareça só cinco vezes no Novo Testamento (NVI) – três vezes no livro de Atos, uma vez em Filemom 1:16 e uma vez em 1Pedro 4:16.

Além do nome “cristão”, a Bíblia usa uma infinidade de termos diferentes para identificar os seguidores de Jesus. A Escritura nos descreve como estrangeiros, cidadãos do céu e luzes do mundo. Somos herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo, membros do seu corpo, ovelhas do seu pasto, embaixadores ao seu serviço e amigos ao redor da sua mesa. Somos chamados para competir como atletas, lutar como soldados, permanecer como galhos em uma videira, e até para desejar sua Palavra assim como os bebês recém-nascidos anseiam por leite. Todas essas descrições – cada qual com sua forma única – nos ajudam a entender o que significa ser cristão.

Entretanto, há uma metáfora que a Bíblia usa com mais frequência do que todas as outras; uma figura de linguagem que você nem pode imaginar, mas que é absolutamente essencial para entender o que significa seguir a Jesus: é a figura de um *escravo*.

Os fiéis são identificados inúmeras vezes nas páginas da Escritura como *escravos de Deus* e *escravos de Cristo*.⁷ De fato, em toda situação na qual o mundo exterior os chamava de “cristãos”, os crentes primitivos repetidamente se referiam a si mesmos no Novo Testamento como *escravos do Senhor*.⁸ As duas ideias eram sinônimas para eles, de modo que ser cristão significava ser escravo de Cristo.⁹

A história dos mártires confirma que era exatamente isso que eles queriam dizer quando declaravam a seus perseguidores que eram cristãos. Um jovem chamado Afiano, por exemplo, foi preso e torturado pelas autoridades romanas. Por todo o seu julgamento, sua única resposta era que ele era escravo de Cristo.¹⁰ Ele nunca vacilou em sua fidelidade ao Senhor, apesar de acabar sendo condenado à morte e afogado no mar.

Outros mártires primitivos reagiram de modo parecido:

Se a eles [aos mártires] fosse permitido dar mais detalhes em sua resposta, a perplexidade dos magistrados era ainda maior, porque eles pareciam propor enigmas insolúveis. Diziam: “Sou escravo de César, mas também

um cristão que recebeu a liberdade do próprio Cristo”, ou, por outro lado, “Sou uma pessoa livre, mas um escravo de Cristo”; por isso, às vezes se fazia necessário consultar o oficial competente (o *curator civitatis*) para apurar com exatidão a condição civil deles.¹¹

No entanto, o que parecia ser confuso para as autoridades romanas fazia todo o sentido para os mártires da Igreja Primitiva.¹² O evangelho redefiniu de forma radical o modo de eles se identificarem. Independentemente de eles serem escravos ou livres nesta vida, todos tinham sido libertos do pecado. Mesmo tendo sido resgatados, todos eles tinham passado a ser escravos de Cristo. Esse era o sentido de ser *cristão*.¹³

O Novo Testamento reflete essa perspectiva, instruindo os cristãos a se submeterem completamente a Cristo não somente como servos contratados ou empregados espirituais, mas como pessoas que pertencem totalmente a ele. Somos orientados a obedecer-lhe sem nenhum questionamento e a segui-lo sem reclamar. Jesus Cristo é o nosso Senhor – um fato que reconhecemos toda vez que o chamamos assim. Somos seus escravos, chamados para obedecer-lhe de um modo humilde e íntegro e para honrá-lo.

Não ouvimos falar desse conceito com tanta frequência nas igrejas atuais. No cristianismo contemporâneo, fala-se de tudo, menos de sermos escravos de Cristo.¹⁴ Tudo se relaciona com sucesso, saúde, riqueza, prosperidade, ou mesmo com a busca da felicidade. É comum ouvir que Deus ama as pessoas de um modo incondicional, que deseja que venham a ser tudo o que *elas* bem quiserem, e que ele também quer realizar todos os seus desejos, esperanças e sonhos. A ambição, a realização e a satisfação pessoal passaram a fazer parte do discurso do cristianismo evangélico – e do que significa ter um “relacionamento pessoal com Jesus Cristo”. Em vez de ensinar o evangelho do Novo Testamento – em que os pecadores são chamados para se submeterem a Cristo –, a mensagem contemporânea passa a ser exatamente o oposto: Jesus está aqui para satisfazer a todos os *seus* desejos. Transformando-o numa espécie de assistente pessoal ou de *personal trainer*, muitos frequentadores de igreja falam de um salvador pessoal

que está disposto a cumprir suas ordens e ajudá-los na sua busca de satisfação ou de realização.

A perspectiva do Novo Testamento sobre o relacionamento do crente com Cristo é totalmente diferente disso. Ele é nosso Senhor e Dono, ao passo que somos propriedade dele. Ele é Rei, Senhor e Filho de Deus, enquanto somos simplesmente seus súditos e subordinados. Resumindo em uma só palavra, somos seus *escravos*.

PERDIDOS NA TRADUÇÃO

A descrição predominante do relacionamento do cristão com Jesus é a do escravo com o seu senhor,¹⁵ mas, na nossa leitura comum das versões do Novo Testamento, não encontramos nenhuma referência a isso, devido ao fato simples e chocante de que a palavra *escravo* tem sido escondida por traduções equivocadas em praticamente todas as versões, desde a versão King James, ou até mesmo desde a Bíblia de Genebra, que a antecedeu.¹⁶ Apesar de a palavra *escravo* (*doulos* no grego) aparecer 124 vezes no texto original,¹⁷ ela só é traduzida de forma correta uma vez na King James. A maioria das nossas traduções modernas não vai muito além disso,¹⁸ quase dando a impressão de haver alguma conspiração.

Em vez de traduzir *doulos* como “escravo”, as traduções geralmente substituem essa palavra por “servo”. Ironicamente, a língua grega tem pelo menos seis palavras que podem ser lidas como *servo*, o que não é o caso de *doulos*.¹⁹ Sempre que essa palavra é empregada, tanto no Novo Testamento quanto na literatura secular grega, ela nunca deixa de ter o significado de “escravo”. Segundo o *Theological Dictionary of the New Testament* [Dicionário Teológico do Novo Testamento], uma das maiores autoridades quanto ao sentido das palavras gregas na Escritura, a palavra *doulos* é usada exclusivamente “para descrever a posição de um escravo ou alguma atitude que corresponda à de um escravo”.²⁰ O dicionário prossegue observando que:

[...] o significado é tão indiscutível e implícito, que não se faz necessário dar exemplos do uso de cada termo em particular ou identificar a história do grupo. O destaque aqui se encontra sempre em “servir como escravo”.

Então, trata-se de um serviço que não constitui uma escolha da parte de quem o presta, e tem-se que executar, gostando disso ou não, por estar sujeito como escravo à vontade alheia, à vontade do seu dono. [O termo destaca] a dependência que o escravo tem do seu senhor.

Embora seja verdade que os deveres do escravo e do servo coincidam até certo ponto, há uma distinção bem clara entre os dois: o servo é *contratado*, o escravo é *adquirido*.²¹ O servo tem um aspecto de liberdade, já que ele escolhe para quem trabalha e o que ele faz. A ideia da servidão encerra certo grau de autonomia e de direitos pessoais. Por outro lado, o escravo não tem liberdade, nem autonomia, nem direito algum. No mundo greco-romano, o escravo era considerado um bem, a ponto de ser tido, aos olhos da lei, como um *objeto*, em lugar de ser visto como *pessoa*.²² Ser escravo de alguém significava ser propriedade de alguém, uma pessoa obrigada a obedecer à vontade do dono sem hesitar nem discutir.²³

Por que, então, as traduções modernas sistematicamente traduzem *doulos* de forma equivocada, embora seu significado seja claro no grego? Existem pelo menos duas respostas a essa pergunta. Em primeiro lugar, por causa do estigma associado à escravidão na sociedade ocidental, os tradutores tiveram a intenção compreensível de evitar qualquer paralelo entre o ensino bíblico e o tráfico de escravos do Império Britânico e do período colonial dos Estados Unidos.²⁴ Para o leitor atual, a palavra *escravo* não é associada à sociedade greco-romana, mas representa, em vez disso, um sistema injusto de opressão que acabou sendo abolido pelo governo parlamentar na Inglaterra e pela guerra civil americana. A fim de evitar uma possível confusão e as eventuais associações negativas, os tradutores modernos substituíram a simbologia associada à escravidão por referências à servidão.

Em segundo lugar, de uma perspectiva histórica, na Baixa Idade Média era comum traduzir *doulos* para o latim *servus*. Algumas traduções inglesas mais antigas, influenciadas pela versão latina da Bíblia, traduziram *doulos* como “servo” porque era uma versão mais natural de *servus*.²⁵ Além disso, o termo “escravo”, na Inglaterra do século 16, geralmente representava alguém acorrentado ou na prisão.

Já que isso é bem diferente da ideia greco-romana de escravidão, os tradutores das versões inglesas primitivas (como a Bíblia de Genebra e a King James) optaram pelo que julgavam representar melhor a escravidão greco-romana em sua cultura – a palavra *servo*. Essas traduções pioneiras continuam a ter um impacto significativo nas versões modernas em inglês,²⁶ mas, independentemente dos motivos por trás da mudança, perde-se algo importante na tradução quando *doulos* é vertido como “servo” em lugar de “escravo”. O evangelho não é simplesmente um convite para que alguém se torne um sócio de Cristo, mas, sim, um mandato para que seja seu escravo.

REDESCOBRINDO ESSA PALAVRA OCULTA

O destaque bíblico da escravidão a Deus não aparece nas páginas da maioria das traduções, mas o que se acha escondido em nossas versões modernas se tratava de um princípio fundamental para os apóstolos e para várias gerações de cristãos que vieram depois deles.

Os líderes cristãos primitivos, como Inácio (que morreu por volta do ano 110 d.C.) e seus colegas, consideravam-se “coescravos” de Cristo.²⁷ Policarpo (c. 69-155) instruiu aos filipenses: “Por causa disso, cinjam suas cinturas, e sirvam como escravos do Senhor no temor e na verdade”.²⁸ O *Pastor de Hermas* (escrito no século 2) avisa a seus leitores que “há muitas [más ações] que o escravo de Deus deve evitar”.²⁹ O escritor conhecido como Ambrosiastro, do século 4, explicou que “aquele que é liberto da [Lei Mosaica] ‘morre’ e vive para Deus, tornando-se seu escravo, adquirido por Cristo”.³⁰ Agostinho (354-430) simplesmente fez à sua congregação a seguinte pergunta retórica: “Será que seu Senhor não merece possuí-lo como seu escravo de confiança?”.³¹ Em outra passagem, repreendeu aqueles que ostentavam um orgulho insensato: “És criatura, reconheces o Criador; és escravo, não zombes do teu Senhor”.³² O antigo expositor da Bíblia João Crisóstomo (347-407) consolava os escravos com estas palavras: “Nas coisas relacionadas a Cristo, ambos [escravos e senhores] são iguais: do mesmo modo que és escravo de Cristo, assim também é ele teu senhor”.³³

Mesmo na história mais recente, apesar da confusão causada pelas traduções, os principais pastores e líderes intelectuais têm reconhecido a realidade desse conceito fundamental.³⁴ Acompanhe as palavras de Charles Spurgeon – o grande pregador britânico do século 19:

Onde nossa Versão Autorizada [King James] coloca suavemente a palavra “servo” na verdade quer dizer “escravo”. Os santos primitivos tinham prazer em se considerar propriedade exclusiva de Cristo, comprados por ele, possuídos por ele e colocados totalmente à disposição dele. Paulo até mesmo chegou ao ponto de se alegrar em ter as marcas do seu Senhor sobre si, e brada: “Ninguém me perturbe, pois trago em meu corpo as marcas de Jesus.” Isso fechou a questão: ele era do Senhor, e as marcas dos flagelos, das varas e das pedras eram o selo do Rei que marcava o corpo de Paulo como propriedade do Senhor Jesus. Ora, se os santos da Antiguidade se gloriavam em obedecer a Cristo, oro que você e eu [...] possamos sentir que o nosso primeiro objetivo na vida é obedecer ao Senhor.³⁵

O pastor escocês Alexander Maclaren, contemporâneo de Spurgeon, repetiu as mesmas verdades:

A verdadeira posição, então, para um homem é ser escravo de Deus [...] Submissão absoluta, obediência incondicional, por parte do escravo; e, por parte do Mestre, propriedade completa, direito de vida e morte, direito de dispor de todas as posses e dos bens móveis [...] o direito de emitir mandamentos sem uma razão, o direito de esperar que esses mandamentos sejam executados com rapidez, sem hesitação, de maneira pontual e completa – essas coisas estão presentes em nossa relação com Deus. Bem-aventurado [é] o homem que aprendeu que é assim, e aceitou isso como sua maior glória e a garantia de sua vida mais abençoada! Pois irmãos, tal submissão, absoluta e incondicional, a mistura e a absorção da minha própria vontade na vontade dele, é o segredo de tudo o que torna a humanidade gloriosa, grande e feliz [...] No Novo Testamento, os nomes escravo e proprietário são transferidos para cristãos e Jesus Cristo.³⁶

Como essas vozes da história da Igreja deixam bem claro, nossa escravidão em Cristo tem consequências radicais sobre o nosso modo de pensar e de viver. Fomos *comprados* por um bom preço. Nós *pertencemos* a Cristo. Fazemos parte de um povo que é propriedade exclusiva *dele*, e a compreensão de tudo isso muda tudo o que diz

respeito à nossa vida, começando com o nosso modo de ver as coisas e as nossas prioridades.

O cristianismo verdadeiro não consiste em acrescentar Jesus à *minha* vida. Em vez disso, trata-se de dedicar minha vida completamente a *ele* – submetendo-me completamente à vontade do Senhor e buscando sobretudo agradar-lhe. Exige que eu morra para mim mesmo e siga o Senhor, independentemente do preço a ser pago. Em outras palavras, ser cristão é ser *escravo* de Cristo.

Nas páginas seguintes, vamos investigar a profundidade imensa dessa palavra oculta; e, nesse processo, descobriremos a transformação completa que ela traz.

1 Marco Aurélio reinou de 161 a 180 d.C. A perseguição intensa descrita aqui aconteceu provavelmente por volta do ano 177.

2 EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. São Paulo: Novo Século, 2002. v. 1, p. 20.

3 EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. São Paulo: Novo Século, 2002. v. 1, p. 20.

4 NORTHCOTE, J. S. *Epitaphs of the Catacombs or Christian Inscriptions in Rome during the First Four Centuries*. London: Longman, Green & Co, 1878; reimpr. Whitefish, MT: Kessinger Publishing, 2007. p. 139.

5 Essa foi a atitude de Inácio, pastor de Antioquia e discípulo do apóstolo João. Ao ser condenado à morte em Roma (por volta do ano 110), ele escreveu: “[...] não é que eu simplesmente queira chamar-me cristão, mas quero ser cristão de verdade. Com efeito, se eu provar ser cristão, também posso ser chamado assim [...] Que o fogo venha sobre mim, a cruz, as lutas com as feras, os ossos fraturados, os esquartejamentos, a trituração de partes do meu corpo, as piores torturas do diabo, contanto que encontre a Jesus Cristo!” (Inácio, Epístola aos Romanos 3, 5, 6, citado em RICHARDSON, C. C. *Early Church Fathers*. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1953. p. 104-5).

6 Como o apóstolo Paulo explica em 1Coríntios 1:23, a ideia do Cristo crucificado era “escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Aqueles que seguiam a Jesus Cristo (que foram rotulados como cristãos) eram denunciados como hereges pelos judeus descrentes e zombados como tolos pelos gentios incrédulos.

7 A palavra hebraica para escravo, *éved*, tem o significado de uma escravidão literal a um senhor humano, mas tb. é usada como metáfora para descrever os crentes (mais de 250 vezes), denotando seu dever e privilégio de obedecer ao Senhor celestial. O uso que o Novo Testamento faz da palavra *doulos* (pronúncia *dulos*) é parecido, por tb. se referir à escravidão física, além de ser aplicado tb. aos crentes – dando a entender seu relacionamento com o Senhor divino – por pelo menos 40 vezes (cf. HARRIS, M. J. *Slave of Christ*. Downers Grove,

IL: InterVarsity Press, 1999. p. 20-24). Outras 30 referências adicionais no Novo Testamento usam a simbologia de *doulos* para ensinar princípios de vida cristã.

8 Cf., p. ex., Romanos 1:1; 1Coríntios 7:22; Gálatas 1:10; Efésios 6:6; Filipenses 1:1; Colossenses 4:12; Tito 1:1; Tiago 1:1; 1Pedro 2:16; 2Pedro 1:1; Judas v. 1 e Apocalipse 1:1.

9 De acordo com a *International Standard Bible Encyclopedia* (ou somente *Isbe*), alguns comentaristas propõem que o termo “cristão” literalmente significa “escravo de Cristo”. Por exemplo, “Deissman (Lict vom Osten, p. 286) sugere que a palavra ‘cristão’ significa *escravo de Cristo*, do mesmo modo que *cesariano* significa *escravo de César*” (DICKIE, J. Christian. In: ORR, J. (ed.). *Isbe*. Chicago: Howard-Severance Company, 1915, I:622).

10 BARR, S. *The Mask of Jove*. Philadelphia: Lippincott, 1966. p. 483.

11 NORTHCOTE, *Epitaphs of the Catacombs*, p. 140.

12 Karl Heinrich Rengstorf, no verbete *δοῦλος*, em Gerhard Kittel (ed.); trad. para o inglês por Geoffrey Bromiley, *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 2, observa que, “Na Igreja Primitiva, [as expressões *escravo de Deus* e *escravo de Cristo*] ganharam um novo fôlego, passando a ser utilizadas de modo crescente pelos cristãos ao se identificarem (cf. 2 Clem. 20, 1; *O Pastor de Hermas* m. 5, 2, 1; 6, 2, 4; 8, 10 etc.)” (Grand Rapids: Eerdmans, 1964, p. 274).

13 Em uma carta do século 2 das igrejas de Lion e de Viena para as igrejas da Ásia e da Frígia, os escritores anônimos se apresentavam na introdução como “escravos de Cristo” (EUSÉBIO, *História eclesiástica*, 5.1-4). Eles prosseguiram descrevendo a perseguição generalizada que enfrentavam, inclusive o martírio que muitos dentre eles experimentavam.

14 Como Janet Martin Soskice explica: “O discurso que retrata o cristão como ‘escravo de Cristo’ ou ‘escravo de Deus’, que gozou de certa popularidade nas epístolas paulinas e na Igreja Primitiva, apesar da orientação bíblica, é raramente utilizado nos dias de hoje pelos cristãos contemporâneos, que entendem bem pouco o termo e não simpatizam muito com a instituição da escravidão e com as figuras de linguagem que ela evoca” (*The Kindness of God: Metaphor, Gender and Religious Language*. Nova York: Oxford University Press, 2007. p. 68).

15 P. ex., Rengstorf observa o destaque “no NT [da] ideia de que os cristãos pertencem a Jesus como seus *δοῦλοι* [escravos], e que, por esse motivo, suas vidas são dedicadas a ele como Senhor ressuscitado e exaltado” (*Theological Dictionary of the New Testament*, verbete “*δοῦλος*”, 2:274).

16 Até mesmo antes disso, John Wycliffe e William Tyndale tinham traduzido a palavra grega *doulos* para o inglês *servant* (“servo”).

17 De acordo com Harris, “essa palavra [*doulos*] aparece 124 vezes no Novo Testamento e dez vezes na sua forma composta *syndoulos* (“coescravo”) (*Slave of Christ*, p. 183). A forma verbal tb. aparece por mais oito vezes.

18 Encontramos duas exceções: a *The New Testament: An American Translation*, de E. J. Goodspeed (1923), e a *Holman Christian Standard Version* (2004), que traduzem via de regra a palavra *doulos* como “escravo”.

19 Cf. HARRIS, *Slave of Christ*, p. 183.

20 RENGSTORF, *Theological Dictionary of the New Testament*, verbete “δοῦλος”, 2:261.

21 Como Walter S. Wurzbarger explica: “Ser escravo de Deus [...] requer mais do que simplesmente ser servo dele. O servo mantém seu *status* independente. Tem deveres específicos e responsabilidade limitada. Por outro lado, o escravo não tem direitos diante do seu dono, porque é considerado propriedade dele.” (*God is Proof Enough*. Nova York: Devora Publishing, 2000. p. 37).

22 Falando particularmente da escravidão romana, Yvon Thébert observou que o escravo “era igualado à sua função e considerado pelo senhor como um boi para uma pessoa mais pobre: um objeto animado adquirido por ele. A mesma ideia é comum na lei romana, em que o escravo é associado frequentemente a outros bens, vendido com as mesmas regras que norteavam a transferência de um terreno que incluía ferramentas ou animais em um inventário. Acima de tudo, ele não passava de um objeto, uma *res mobilis*. Ao contrário do assalariado, não havia distinção entre a pessoa e seu trabalho” (The Slave, p. 138-174. In: GIARDINA, A. (ed.). *The Romans*. Chicago: University of Chicago, 1993. p. 139).

23 PILCH, J. J. Slave, Slavery, Bond, Bondage, Opression. In: GOWAN, D. D. (ed.). *Westminster Theological Wordbook of the Bible*. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2003. p. 472. Pilch observa que “o substantivo grego *doulos* constitui um subdomínio do campo semântico ‘controle, governo’ e descreve alguém que é controlado completamente por alguma coisa ou por alguém”.

24 Ibid., p. 474. O autor destaca que a “escravidão no mundo antigo não tinha quase nada em comum com a escravidão verificada na experiência e na prática do Novo Mundo nos séculos 18 e 19. A imposição dessa perspectiva sobre os livros da Bíblia implicaria uma distorção da sua interpretação”.

25 Cf. HARRIS, *Slave of Christ*, p. 184.

26 Para uma visão intrigante da hesitação – por parte dos primeiros tradutores da Bíblia em inglês – em se traduzir *doulos* como “escravo”, consulte *Slaves of God*, de Edwin Yamauchi (*Bulletin of the Evangelical Theological Society* 9/1, inverno/1966. p. 31-49). Yamauchi demonstra que, perto do final do século 13, “a escravidão tinha desaparecido no Noroeste da Europa [...] Portanto, a escravidão não era entendida pelos ingleses do século 17, ou pelo menos no início desse século, como uma instituição aceita e próxima, mas, em vez disso, era vista como um fenômeno remoto” (p. 41). O conceito que eles tinham de “servo” era moldado por aquilo que entendiam ser a servidão – aquela em que o trabalhador era vinculado à terra onde trabalhava. Apesar de ele ter obrigações para com o proprietário da terra, seus serviços só poderiam ser vendidos na ocasião da venda da terra. Em contrapartida, a “escravidão” no pensamento deles evocava “o caso extremo de um preso com grilhões” (p. 41), uma representação da crueldade que eles desejaram compreensivelmente evitar; mas, ao fazer isso, eles, sem querer, diminuíram a força da expressão bíblica original. Nas palavras de Yamauchi: “Se levarmos em conta o significado antigo da palavra ‘escravidão’, não o dos teóricos do século 17, passaremos a ter um entendimento melhor de muitas passagens do Novo Testamento” (p. 43). Cf. tb. HARRIS, *Slave of Christ*, p. 184.

27 Cf. *Epístola aos Filadelfos*, cap. 2; *Epístola aos Magnésios*, cap. 2; *Epístola a Esmirna*, cap. 12.

28 Policarpo, Carta aos Filipenses, II, na coletânea traduzida por Bart D. Ehrman para o inglês, *The Apostolic Fathers* (Harvard, 2003), 1:335.

29 O *Pastor de Hermas*, Exposição sobre o oitavo mandamento, 38:3-6 em *Ibid.*, II: 270. Este é somente um dentre os vários exemplos nos quais *Hermas* usou a expressão “escravo de Deus”.

30 *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, 81:3; 28:21-23, conforme foi citado nas notas críticas de Eric Plumer sobre o *Comentário de Agostinho sobre Gálatas* (Nova York: Oxford University Press, 2003. 30n153).

31 AGOSTINHO. Sermão 159. In: *Sermons*. Trad. John E. Rottelle. Hyde Park, NY: New City Press, 2009. p. 495.

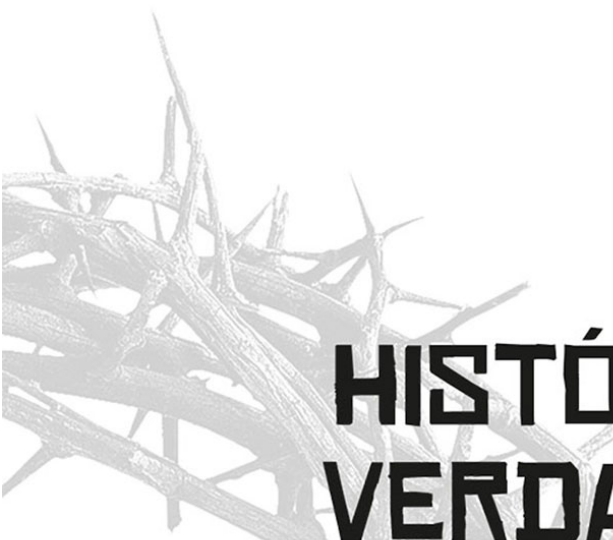
32 AGOSTINHO, *Homilies on the Gospel of John 1-40*: Homilia 29. Trad. Edmund Hill. Hyde Park, NY: New City Press, 2009. p. 495. Inicial maiúscula nos nomes divinos por nós acrescentada.

33 João Crisóstomo, *Homilias sobre a Primeira Carta de Paulo aos Coríntios*, Homilia 19.5-6 (sobre 1Coríntios 7:22-23), citada em SCHAFF, *NPNF*, 12:108-9.

34 Consulte o Apêndice para ver citações adicionais da história recente da Igreja.

35 SPURGEON, C. Eyes Right: sermon n. 2.058. In: *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*. Pasadena TX: Pilgrim Publications, 1974. 34:689.

36 MACLAREN, Alexander. *Expositions of Holy Scripture, the Acts*: commenting on Acts 4:26, 27, 29. [S. l.]: BiblioLife, 2007. p. 148-49.



CAPÍTULO 2

HISTÓRIA ANTIGA, VERDADE ETERNA

Para entender completamente o uso da linguagem relacionada à escravidão no Novo Testamento, precisamos começar com uma perspectiva histórica referente à prática da escravidão no período greco-romano.

A escravidão era uma estrutura social difundida por todo o Império Romano. Na verdade, ela era tão comum, que sua existência como instituição nunca foi questionada por ninguém.³⁷ Escravos de todas as idades, gêneros e etnias constituíam uma classe socioeconômica importante na Roma Antiga. Aproximadamente um quinto da população do império era de escravos – totalizando 12 milhões no início do primeiro século d.C.³⁸ Não é de admirar que toda a economia romana dependesse em grande escala desse grupo de trabalhadores, qualificados ou não.

Inicialmente, a população escrava do Império Romano vinha das conquistas militares. À medida que o Império ampliava suas fronteiras, capturava um número imenso de pessoas, que posteriormente eram vendidas como escravas. No entanto, no primeiro século, a maioria dos escravos herdava seu *status* na

sociedade por nascimento.³⁹ A maioria dos escravos, portanto, nunca havia conhecido a liberdade.

Para muitos escravos, a vida era difícil – especialmente para aqueles que trabalhavam nas minas ou nas fazendas. Esses escravos “rústicos” geralmente moravam longe dos seus donos, que moravam na cidade, estando sob a supervisão de um capataz ou de um caseiro; havia também muitos escravos que moravam na cidade, trabalhando junto de seus senhores, fazendo parte da casa. Para esses escravos “urbanos”, a vida geralmente era bem mais fácil.⁴⁰

De acordo com seu treinamento e as necessidades dos seus senhores, os escravos trabalhavam para desempenhar várias tarefas – dentro e fora de casa. Desde professores até cozinheiros, de comerciantes a médicos, os escravos estavam envolvidos em uma variedade ampla de profissões. Com um olhar súbito pelas ruas, seria difícil diferenciar os escravos das pessoas livres. Não havia uma diferença essencial no modo de vestir, nem havia alguma diferença significativa com relação às suas responsabilidades. O escravo podia atuar em qualquer campo de trabalho no qual uma pessoa livre pudesse envolver-se.

Os escravos da casa recebiam honra maior do que os outros, pois trabalhavam com uma proximidade maior dos seus senhores. Como participantes da casa, estavam envolvidos intimamente em todos os aspectos da vida familiar – desde cuidar dos filhos do dono até administrar sua casa ou até mesmo seus interesses nos negócios. Um escravo ruim dava prejuízo e poderia causar um dano grave ao bem-estar do seu senhor. O escravo fiel poderia ter a esperança de alcançar um dia a liberdade – uma recompensa que os donos geralmente usavam para motivar uma obediência irrestrita da parte de seus escravos.

A escravidão também trazia certa proteção social e econômica para aqueles que tinham senhores bondosos e bem-respeitados. Os escravos não tinham com que se preocupar quanto à sua alimentação e moradia. Seu único cuidado era o de servir aos interesses do seu senhor. Em troca disso, o senhor cuidava deles. Além disso, se o senhor fosse um membro de prestígio e poder na comunidade (por exemplo, um oficial do governo), seus escravos também eram respeitados por causa do seu relacionamento com ele. Dava-se grande

honra aos escravos das pessoas que gozavam de alta estima na sociedade romana.

Quanto ao exposto, devemos ter o cuidado de não apresentar nenhuma impressão romântica demais da escravidão romana do primeiro século. Ser escravo significava ser propriedade de alguém, totalmente sujeito ao senhor em tudo. O filósofo grego Aristóteles definia o escravo como um ser humano que era considerado um objeto, alguém que pertencia completamente à outra pessoa.⁴¹ A Roma Antiga via os escravos do mesmo modo: “A princípio, o escravo não tinha direitos nem *status* legal, era um bem móvel de propriedade do seu senhor”.⁴² Por causa disso, o escravo “podia ser adquirido e negociado como qualquer outro bem. Ele estava [completamente] à disposição do dono, sem direito algum”.⁴³

A experiência de um escravo, portanto, acabava dependendo das exigências e da bondade do senhor. Os escravos de senhores violentos e temperamentais tinham uma vida miserável,⁴⁴ mas a situação poderia ser extremamente melhor para os escravos que pertenciam a senhores justos, ou mesmo amáveis.⁴⁵ Como o professor de História Scott Bartchy explica: “A única coisa que os escravos do primeiro século tinham em comum era o fato de cada um deles ter um senhor. A experiência da pessoa com a escravidão dependia quase totalmente dos costumes da família do senhor, dos seus negócios, da classe social à qual o senhor pertencia e do próprio caráter do senhor”.⁴⁶

A escravidão no mundo romano era tão diversa quanto o número de senhores com escravos. Era o dono que decidia se os escravos trabalhavam na cidade ou no campo; se eram fazendeiros, administradores da casa ou se desempenhavam outra função; se chegavam a alcançar a liberdade ou não; ou se a sua qualidade de vida diária era boa ou péssima. Cada senhor de escravos definia como deveria ser a vida do escravo. Por sua vez, o escravo só tinha um objetivo essencial: agradar seu senhor em tudo por meio da obediência fiel.

SAINDO DO EGITO

É dentro desse contexto cultural greco-romano que Jesus e os apóstolos falavam sobre a escravidão, usando-a como exemplo para descrever a vida cristã. No entanto, para entender de forma completa essa metáfora do Novo Testamento, nós também precisamos refletir um pouco sobre a escravidão que havia em Israel no Antigo Testamento.

A palavra hebraica para escravo, *éved*, aparece no Antigo Testamento 799 vezes como substantivo e outras 290 vezes como verbo.⁴⁷ Apesar de a “ideia mais básica de *éved* ser a de um escravo”,⁴⁸ o seu sentido fundamental também passa despercebido em meio às páginas da maioria das traduções. A versão King James, por exemplo, nunca traduz *éved* como “escravo” – optando por “servo” ou “criado” na maioria das vezes.⁴⁹ Contudo, quando fazemos uma comparação com a Septuaginta, a tradução do Antigo Testamento para o grego anterior à época de Cristo, percebemos que ela traduz *éved* por derivados da palavra *doulos*, ou escravo, mais de 400 vezes!⁵⁰ Os especialistas rabínicos que produziram a Septuaginta entendiam exatamente o que significava a palavra *éved* – razão pela qual a simbologia referente à escravidão era tão importante naquela tradução. Para os judeus da época de Jesus, que conheciam tanto o hebraico do Antigo Testamento quanto a Septuaginta grega, era impossível deixar de perceber o uso constante das expressões referentes à escravidão.

A escravidão fazia parte da história de Israel desde os seus primórdios como nação. Até mesmo antes do nascimento de Isaque, em Gênesis 15, Deus revelou a Abraão que os seus descendentes um dia passariam por um grande sofrimento como escravos em uma terra estrangeira. Uma amostra da aflição que viria só foi dada depois de três gerações, quando José, bisneto de Abraão, foi vendido como escravo pelos seus irmãos, mas Deus orquestrou para o bem todo o mal que os irmãos de José desejaram – exaltando o ex-escravo a um lugar poderoso politicamente e usando-o para salvar da fome a vida de milhões de pessoas. Por fim, José se reconciliou com seus irmãos e reencontrou seu pai Jacó. Toda a sua família acabou mudando-se para o Egito, estabelecendo-se em uma região que se chamava Gósen.

Apesar de serem a princípio recebidos com honra, os descendentes de Jacó (ou Israel, o novo nome que recebeu em Gênesis 35) acabaram

sendo escravizados pelos egípcios. O primeiro capítulo de Êxodo explica que:

subiu ao trono do Egito um novo rei, que nada sabia sobre José [...] [os egípcios] estabeleceram, pois, sobre eles [os israelitas] chefes de trabalhos forçados, para os oprimir com tarefas pesadas [...] e os sujeitaram a cruel escravidão. Tornaram-lhes a vida amarga, impondo-lhes a árdua tarefa de preparar o barro e fazer tijolos, e executar todo tipo de trabalho agrícola; em tudo os egípcios os sujeitavam a cruel escravidão (Êxodo 1:8,11,13,14).

Quando os israelitas clamaram a Deus por socorro, ele os livrou de um modo espetacular e sobrenatural. Os relatos sobre a vida de Moisés, as dez pragas, a Páscoa e a travessia do Mar Vermelho são verdadeiros clássicos da Escola Dominical, mas não podemos deixar que nossa familiaridade com as histórias nos distraia do milagre incrível que aconteceu. O Egito, a potência mundial da época, desmoronou de forma sistemática sob a ira assombrosa de Deus – ao demonstrar sua majestade e libertar seu povo.

Entretanto, o êxodo do Egito não deu autonomia completa aos israelitas. Em vez disso, ele os colocou em um tipo diferente de escravidão. Aqueles que tinham sido propriedade de Faraó se tornaram propriedade do Senhor. “Sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos”, Deus lhes disse enquanto acampavam ao pé do monte Sinai (Êxodo 19:5, ARC). Posteriormente, foi dito a Moisés: “Porque os israelitas são escravos de Deus; que os tirou do Egito. Ele é o SENHOR, Deus deles” (Levítico 25:55, NTLH). O povo hebreu tinha sido liberto de um senhor para servir a outro. Deus seria seu rei soberano, e eles seriam seus súditos fiéis. O Êxodo não os resgatou completamente da escravidão, mas somente da escravidão a Faraó. Naquele momento, eles passaram a ser escravos de Deus:

O Êxodo representou um acontecimento histórico que estabeleceu a base sobre a qual Israel se percebeu como escravo de Deus. Parte desse entendimento foi a obrigação de servir a Deus com uma obediência leal e de rejeitar todos os outros senhores [...] Identificar a si mesmo como israelita era a mesma coisa que se chamar de escravo de Deus.⁵¹

Infelizmente, por toda a história de Israel, os judeus frequentemente esqueciam que ele era seu Senhor. Em vez de obedecer e honrar somente a ele, flertaram várias vezes com a idolatria e com a rebelião contra Deus. A reação de Deus foi permitir que as nações vizinhas os conquistassem e os oprimissem. Já que seu povo não estava disposto a ser seu escravo, eles voltariam a ser escravos de seus inimigos.⁵²

O livro de Juízes conta em detalhes os fracassos contínuos de Israel nesse aspecto. Mesmo assim, apesar da infidelidade da nação, Deus permanecia fiel. Ele sempre estava pronto a dar livramento para seu povo quando clamavam a ele em arrependimento sincero.

Mesmo depois que se estabeleceu a monarquia em Israel, as pessoas continuavam a resistir obstinadamente à escravidão a Deus. O caminho idólatra da nação acabou levando ao seu afastamento completo da terra prometida, culminando no exílio babilônico. Depois de ter sido resgatado do Egito séculos antes, o povo de Deus novamente se encontrou na completa escravidão,⁵³ e, mais uma vez, o Senhor os libertaria (cf. Esdras 9:9).

Neemias – o homem que Deus usou para trazer o remanescente dos judeus de volta à terra prometida – entendeu exatamente isso. Quando rogou em favor do seu povo ao Senhor para que o perdoasse e o libertasse, começou sua oração com estas palavras:

Ah! SENHOR Deus dos céus, Deus grande e temível? Que guarda a aliança e a benignidade para com aqueles que o amam e guardam os seus mandamentos; estejam, pois, atentos os teus ouvidos e os teus olhos abertos, para ouvires a oração do teu escravo (*éved*), que eu hoje faço perante ti, dia e noite, pelos filhos de Israel, teus escravos (*avadi*); e faço confissão pelos pecados dos filhos de Israel, que temos cometido contra ti; também eu e a casa de meu pai temos pecado (Neemias 1:5,6).⁵⁴

Neemias encerrou sua oração lembrando as palavras de Moisés e pedindo novamente a Deus que salvasse o seu povo que, séculos antes, ele tinha resgatado “com a [tua] grande força e com a [tua] forte mão” (v. 10).

Desde o êxodo, por todo o exílio e até depois dele, a identidade coletiva de Israel como escravos de Deus era um elemento essencial da história da nação. Muitos heróis de Israel, incluindo Abraão, Moisés,

Josué, Davi, Elias e os profetas, são mencionados especificamente como seus escravos.⁵⁵

Mas o entendimento de escravidão pelo Antigo Testamento não era somente uma questão de identidade nacional. A instituição também existia como parte da vida diária no Israel Antigo. Ainda que se permitisse que os companheiros israelitas fossem vendidos como escravos em virtude da insolvência financeira, eles deveriam ser tratados como servos contratados sob a lei mosaica (cf. Levítico 25:35-43).⁵⁶

Os escravos que não eram judeus, por outro lado, “eram considerados e tratados como objetos ou móveis (Levítico 25:44-46)”,⁵⁷ adquiridos por captura e compra ou nascidos de escravos. Sob a Lei, esses escravos domésticos recebiam a garantia de algumas proteções e, portanto, eram tratados de um modo melhor do que em outras sociedades do Oriente Médio Antigo.⁵⁸ Mesmo assim, do mesmo modo que em Roma, eles eram primeiro “considerados como um investimento financeiro, e os escravos improdutivos ou desobedientes eram passíveis de castigo (Êxodo 21:20,21)”.⁵⁹

Embora as duas instituições não sejam de nenhum modo idênticas, a escravidão do Israel do Antigo Testamento tinha certas semelhanças com a da Roma do primeiro século. Em particular, os escravos estrangeiros podiam ser comprados e, portanto, adquiridos como bens; eles ficavam totalmente sujeitos à vontade do senhor; eram recompensados ou punidos com base no seu desempenho; e eles podiam ser mantidos como escravos por tempo indeterminado.⁶⁰ Como todos os escravos no mundo antigo, sua vida era caracterizada pelas “ideias de dependência total, de perda da autonomia e do senso de pertencer totalmente a alguém”.⁶¹

OS HOMENS DO SENHOR

Quando os apóstolos faziam comparações com a escravidão, tanto em sua pregação quanto na escrita do Novo Testamento, tinham plena consciência do que isso significava na história judaica e na cultura romana.⁶² Sob o ponto de vista da história de Israel, ser escravo de Deus era identificar-se com aqueles que estavam junto ao monte Sinai

e proclamaram com intenções nobres: “Faremos tudo o que o SENHOR ordenou” (Êxodo 24:3). Além disso, era estar alinhado com homens de fé notáveis como Abraão, Moisés, Davi e os profetas – líderes espirituais que exemplificavam uma submissão total à vontade e à Palavra de Deus. Sob o ponto de vista da cultura do primeiro século, a escravidão servia como um retrato adequado do relacionamento do crente com Cristo – de completa submissão e subordinação ao Senhor. Nos dois casos, ser escravo era estar sob a autoridade completa de outra pessoa. Implicava rejeitar a autonomia pessoal e adotar a vontade de outra pessoa. O conceito não exigia uma grande explicação, já que a escravidão era comum e estava presente há séculos.

Quando o apóstolo Paulo se referia a si mesmo como “escravo de Cristo” e “escravo de Deus”,⁶³ seus leitores sabiam exatamente o que queria dizer. É óbvio que ele não tinha a intenção de suavizar a afirmação. Em um contexto greco-romano, como as cidades às quais Paulo escreveu, a liberdade pessoal era valorizada, a escravidão era depreciada e a sujeição pessoal a ela era desprezada e repelida,⁶⁴ mas, para Paulo, cuja única ambição era agradar a Cristo, não poderia haver uma identificação pessoal mais adequada que essa.⁶⁵ A vida dele girava em torno do Senhor, e nada mais importava, nem mesmo seu interesse pessoal.

Os outros escritores do Novo Testamento reforçavam a devoção voluntária de Paulo ao Senhor. Tiago não se orgulhava de ser meio-irmão de Jesus, mas, em vez disso, chamava a si mesmo de “Tiago, escravo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (Tiago 1:1; NVT). Mais adiante na sua carta, Tiago instruiu os leitores com estas palavras conhecidas:

Ouçam agora, vocês que dizem: “Hoje ou amanhã iremos para esta ou aquela cidade, passaremos um ano ali, faremos negócios e ganharemos dinheiro”. Ao invés disso, deveriam dizer: “Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo” (Tiago 4:13,15).

Essa linguagem baseia-se muito no relacionamento entre escravo e senhor. Os escravos não podiam tomar a iniciativa e fazer o que queriam. Eles eram obrigados a obedecer à vontade do seu senhor.

Pedro, Judas e João igualmente identificavam a si mesmos como escravos obrigados a fazer a obra do Senhor.⁶⁶ Esses homens eram companheiros do nosso Salvador e líderes da Igreja Primitiva. Em todos os aspectos, poderiam ser considerados uma elite espiritual, mas mesmo assim tinham o prazer de se identificar como escravos.

Quando estudamos o Novo Testamento, descobrimos rapidamente que a expressão “escravo de Cristo” não se limitava aos crentes de cargos menos importantes ou aos novos convertidos. Os apóstolos adotavam para si esse título com entusiasmo, e também o usavam para se referir aos colegas de ministério.⁶⁷ Portanto, não é surpresa alguma encontrar expressões relacionadas à escravidão sendo usadas frequentemente em todas as suas epístolas para explicar a vida cristã. A escravidão era uma metáfora adequada, como um historiador explica:

A experiência da escravidão era [um símbolo] perfeito para o público da Antiguidade. Do mesmo modo que um escravo, o [cristão] convertido experimentava uma pressão psicológica violenta, a desonra social de ser afastado da sua família e da cultura tradicional e a ruptura com suas raízes ao perder toda a identidade anterior – recebendo a partir daí um novo nome, tendo que aprender uma nova linguagem e uma nova cosmovisão, e estabelecendo novos vínculos afetivos.⁶⁸

A palavra *doulos*, ou escravo, é usada até mesmo por todo o livro de Apocalipse para descrever o relacionamento eterno do crente com o Senhor. Tanto no início como no final do livro, conta-se que essa revelação foi dada por Deus “para mostrar aos seus escravos o que em breve há de acontecer” (Apocalipse 1:1; ver nota “a” na NVI). Em Apocalipse 7:3, os convertidos que fazem parte dos 144 mil são chamados “escravos do nosso Deus” (tradução de HCSB). Os profetas são identificados de forma parecida com a palavra *doulos* em Apocalipse 10:7, do mesmo modo que os mártires em Apocalipse 19:2, mas somente no final do livro é que todos os cristãos são descritos como *escravos de Deus* no sentido coletivo. A passagem de Apocalipse 22:3,4, que descreve as glórias do estado eterno, diz o seguinte: “Já não haverá maldição nenhuma. O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus [escravos (*douloi*)] o servirão. Eles

verão a sua face, e o seu nome estará em suas testas”. A realidade gloriosa é que, por toda a eternidade como seus escravos, você e eu e todos os outros crentes de toda a história humana adoraremos com alegria e exaltaremos nosso Senhor celestial – o Rei dos reis e o Senhor dos senhores.

37 Seguindo essa perspectiva, Dale B. Martin, em *Slavery as Salvation* (New Haven: Yale University Press, 1990. p. 42), escreveu: “A instituição da escravidão nunca foi realmente questionada. Os escravos até se ressentiam do seu estado, mas, quando tinham a oportunidade, eles mesmos adquiriam escravos. Quando eram libertos, simplesmente subiam um degrau no sistema, tornando-se senhores e senhoras e trazendo seus dependentes com eles. Quase ninguém pensava em organizar a sociedade de outra maneira, nem mesmo os próprios escravos.”

38 HARRIS, M. J. *Slave of Christ*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999. p. 34. Segundo a *International Standard Bible Encyclopedia*: “Nas grandes cidades, como Roma, Corinto, Éfeso e Antioquia, um terço da população era de escravos legalizados e outro terço tinha sido escravo em algum momento de sua vida” (BARTCHY, S. S. *Servant; Slave*. In: BROMILEY, G. W. (ed.). *Isbe*. Grand Rapids: Eerdmans, 1988. v. 4, p. 420).

39 BARTCHY, S. S. *First-Century Slavery & 1 Corinthians 7:21*. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 2002. p. 71.

40 BRADLEY, K. *Slavery and Society at Rome*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994. p. 58. Bradley explica: “A título legal, os romanos dividiam os escravos em duas categorias, aqueles que pertenciam à casa da cidade, a *família urbana*, e aqueles que pertenciam à casa rural, a *família rústica*. A divisão era baseada na premissa de que o dono geralmente mantinha uma ou várias residências na cidade cheias de escravos domésticos e tinha terrenos no interior que eram cuidados, pelo menos em parte, pelo trabalho escravo.”

41 Aristóteles, *Política*. 1.254a7. W. W. Buckland, em *The Roman Law of Slavery*, observou que “o escravo romano não tinha os atributos que a análise moderna considera essenciais à personalidade. Um deles era a capacidade de ter direitos, e isso o escravo romano não tinha” (Union, NJ: Lawbook Exchange, 2000. p. 3).

42 GRIMAL, P. *The Civilization of Rome*. Trad. W. S. Maguinness. London: George Allen, 1963. p. 499.

43 GRANT, M. *The World of Rome*. Nova York: World Publishing, 1960. p. 116.

44 Ao falar sobre os abusos da escravidão nessa época, Dale B. Martin, em *Slavery as Salvation*, explica que, “durante o início do império, da época de Augusto até o fim do século 2, milhões de seres humanos certamente viveram em humilhação e pobreza, servindo às necessidades, aos caprichos, aos prazeres e à disposição de outros seres humanos [...] Os donos tinham o direito de amarrar, torturar ou matar seus escravos. Na literatura da época, sempre se expressa a opinião de que a vida do escravo é a pior possível” (xiii).

- 45 MATTINGLY, H. *Roman Imperial Civilization*. Nova York: Norton & Co., 1971. p. 177. Mattingly explica que “os males [e abusos] da escravidão poderiam ser – e de fato eram – suavizados pela bondade entre os senhores e os escravos nascidos na casa”. Seguindo esse raciocínio, Peter Jones e Keith Sidwell (eds.), no livro *The World of Rome* (Nova York: Cambridge University Press, 1997), dão exemplos da lealdade e da amizade que às vezes surgiam entre os escravos e os seus senhores caridosos (p. 231-32).
- 46 BARTCHY, *First-Century Slavery & 1Corinthians 7:21*, p. 68.
- 47 WESTERMANN, C. עֶבֶד. In: JENNI, E.; WESTERMANN, C. (ed.). *Theological Lexicon of the Old Testament*. Trad. Mark Biddle. Peabody, MA: Hendrickson, 1997. v. 2, p. 822. Westermann observa que, “na esfera social, *éved* designava geralmente um escravo no Antigo Testamento”.
- 48 KAISER, W. *abad*. In: ARCHER, G; HARRIS, R. L.; WALTKE, B. K. (ed.). *Dicionário Teológico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1065.
- 49 De acordo com o *Léxico de Strong*, a King James traduz a forma substantiva de *éved* como *servant* (servo) 744 vezes, como *manservant* (criado) 23 vezes, *bondman* (servo) 21 vezes, *bondage* (escravidão) 10 vezes, *bondservant* (escravo) 1 vez e como *on all sides* (de todos os lados) 1 vez.
- 50 A Septuaginta (LXX) usa *doulos* para traduzir a forma substantiva de *éved* 314 vezes. Além disso, a forma verbal de *doulos* (*douleuo*) é usada para traduzir a forma verbal de *éved* 114 vezes. No total, a LXX traduz *éved* 428 vezes por alguma forma de *doulos*. Cf. CARPENTER, E. עֶבֶד. In: VAN GEMERAN, W. (ed.). *New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*. Grand Rapids: Zondervan, 1997. 3:306. (Daqui em diante, o *New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis* será chamado de Nidotte.)
- 51 BYRON, J. *Slavery Metaphors in Early Judaism and Pauline Christianity*. Tubingen, Alemanha: J. C. B. Mohr, 2003. p. 50-51. Cf. tb. COMBES, I. A. H. *The Metaphor of Slavery in the Writings of the Early Church*. Sheffield, Inglaterra: Sheffield Academic Press, 1998. p. 43-44.
- 52 Cf. Levítico 26:13-17; Deuteronômio 28:58-68; 2Crônicas 12:8.
- 53 Eugene Carpenter, no Nidotte (עֶבֶד, 3:306), demonstra o vínculo entre o cativo babilônico e o êxodo: “Em uma grande reversão da libertação de Deus no êxodo, ele fez Israel ser escravo de seus inimigos (Jeremias 17:4)”.
- 54 A palavra para “escravo” nesses versículos é *éved* em hebraico, e é traduzida com derivações de *doulos* (ou “escravo”) na Septuaginta grega. Por isso, ela é melhor traduzida como “escravo”, não como “servo”.
- 55 Cf. Juízes 2:8; 1Reis 18:36; 2Reis 18:12; Salmos 89:3; Isaías 48:20; Ezequiel 38:17; Daniel 9:11. Esses versículos foram traduzidos com palavras derivadas de *doulos* na Septuaginta. Karl Heinrich Rengstorff, no verbete “*Doúlos*”, no *Theological Dictionary of the New Testament Abridged in One Volume* (KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (ed.). Trad. Geoffrey Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1985. p. 183), acrescenta que a forma verbal de “*douleúein* na LXX é o termo mais comum para o serviço a Deus, não somente em atos

isolados, mas em um compromisso total. [...] Por isso, *doúloi* é um título de honra quando é concedido a figuras notáveis como [as relacionadas acima]. O antônimo de *douleúein* é desobediência”.

56 J. Albert Harrill, no verbete “Slave” no *Eerdmans Dictionary of the Bible* (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), observa que às vezes essas proteções mosaicas eram ignoradas. Ele escreveu: “Apesar de terem sido criadas para reduzir e quem sabe até abolir a escravidão por dívida, essas leis deuteronomistas aparentemente não foram levadas em conta, já que a escravidão por dívida de companheiros hebreus continuou a ser uma prática comum por todo o período bíblico (2Reis 4:1; Amós 2:6; 8:6; Miqueias 2:9)” (David Noel Freedman (ed.), p. 1.232).

57 HARRIS, *Slave of Christ*, p. 28.

58 Cf. Levítico 25:6; Êxodo 20:10; 21:26,27. Harris observa que, “em comparação com as outras sociedades do antigo Oriente Médio, as regras que governavam a escravidão em Israel (principalmente em Êxodo 21, Levítico 25 e Deuteronômio 15) eram mais humanas” (*Slave of Christ*, p. 28).

59 BYRON, *Slavery Metaphors*, p. 40-41. Byron observa que a escravidão por dívida, a escravidão no templo e a escravidão estatal tb. eram praticadas no Israel Antigo, além da escravidão doméstica.

60 WEBB, W. J. Slavery. In: VANHOOZER, K. (ed.). *Dictionary for Theological Interpretation of the Bible*. Grand Rapids: Baker Academic, 2005. p. 751. Webb observa que, no Israel Antigo, os escravos estrangeiros eram considerados bens (Êxodo 12:44; 21:20,21,32; Levítico 22:11); eles não eram libertos a cada sete anos (Levítico 25:39-46); e seus donos tinham a permissão de castigá-los, desde que não os matassem (Êxodo 21:20,21). I. A. H. Combes observa, além disso, que “o escravo hebreu, por lei, devia ser liberado depois de um período fixo de tempo, enquanto o escravo gentio podia ser mantido para sempre” (*The Metaphor of Slavery*, p. 38).

61 HARRIS, *Slave of Christ*, p. 45.

62 P. ex., ao observar a influência dupla da teologia do Antigo Testamento e da cultura greco-romana sobre o pensamento de Paulo, Peter Garnsey explica que “Paulo era um teólogo cristão envolvido nas escrituras judaicas e na lei. Ele tb. extraiu ideias da filosofia clássica, mesmo que por empréstimo e de um modo suave. Essas influências, quando incorporadas à própria experiência histórica e percepção de Paulo do contexto social e ideológico, produziram a síntese distinta que é a teoria paulina sobre a escravidão” (*Ideas of Slavery from Aristotle to Augustine*. Nova York: Cambridge University Press, 1996. p. 186).

63 Cf. Romanos 1:1; Gálatas 1:10; Filipenses 1:1; Tito 1:1. Dale B. Martin, em *Slavery as Salvation*, tinha uma explicação importante sobre como o uso da expressão “escravos de Cristo” por Paulo não estava baseado somente no entendimento de um israelita do Antigo Testamento, mas tb. (e amplamente) no entendimento greco-romano sobre a escravidão (xvi).

64 Karl Heinrich Rengstorff escreveu: “Os gregos têm um forte senso de liberdade. A dignidade pessoal consiste em liberdade. Por esse motivo, existe uma aversão violenta à escravidão. Deve-se prestar serviço ao Estado, mas por livre opção. A escravidão é rejeitada e repelida” (*Theological Dictionary of the New Testament Abridged*, s.v. “Doúlos”, 183).

65 Cf. 2Coríntios 4:5; 5:9.

66 Cf. 2Pedro 1:1; Judas 1; Apocalipse 1:1.

67 Cf. Atos 4:29; 16:17; Colossenses 1:7; 4:12; 2Timóteo 2:24.

68 HARRILL, J. A. *Slaves in the New Testament*. Minneapolis: Fortress Press, 2006. p. 32. Harrill explicou antes que “a figura do escravo traz uma expressão idiomática poderosa e convincente por meio da qual se articulam a formação e a identidade da comunidade cristã, exatamente porque os cristãos primitivos compartilhavam, com a sociedade ‘pagã’ em geral, do mesmo conjunto de pressupostos culturais, conceitos literários e estereótipos sociais acerca da escravidão” (p. 31-32).



CAPÍTULO 3

O ESCRAVO BOM E FIEL

A verdade da Palavra de Deus sempre faz parte de uma contracultura, e a ideia de passar a ser um escravo não sai desse padrão. Na verdade, é difícil imaginar um contexto que fra mais a sensibilidade moderna do que a escravidão. A sociedade moderna em particular dá um grande valor à liberdade pessoal e à livre escolha. Portanto, apresentar o evangelho como o relacionamento do escravo com seu senhor opõe-se a tudo o que a nossa cultura admira. Essa abordagem é controvertida, conflitante e politicamente incorreta, mas, mesmo assim, é exatamente a forma como a Bíblia explica o significado de seguir a Cristo.

A ESCRAVIDÃO NO ENSINO DE JESUS

Ao apresentar o evangelho mediante o prisma da escravidão, estamos seguindo o exemplo do próprio Jesus. Nosso Senhor não defendeu nem denunciou a instituição da escravidão existente em sua época, mas viu nela uma analogia adequada para exemplificar alguns princípios sobre o evangelho e o Reino de Deus. Como explica um especialista:

Jesus evocava em seus ensinamentos a figura do escravo de forma rotineira. Para os comentaristas modernos, os conceitos de escravo e de escravidão têm sido sempre, antes de mais nada, metafóricos. Para Jesus, tanto os escravos quanto a escravidão faziam parte do seu dia a dia. Jesus não usou a figura do escravo no seu discurso porque o padrão da escravidão fazia parte de sua herança filosófica ou retórica, mas pelo fato de que os escravos estavam presentes no mundo em que ele viveu, seja cozinhando, seja colhendo grãos ou mesmo sendo agredidos.⁶⁹

Jesus extraiu muitas ilustrações e parábolas do mundo de sua época no qual se praticava a escravidão.⁷⁰ Era comum ver os escravos trabalhando no campo, colhendo uvas na vinha, convidando pessoas para um casamento, coordenando os deveres da casa ou ajudando nos eventos especiais da família,⁷¹ mas, independentemente da comparação específica, Cristo usava várias vezes comparações referentes à escravidão como a melhor analogia para esclarecer realidades espirituais profundas.

Com o ensino de Jesus⁷² aprendemos que os escravos não são maiores do que o seu senhor, nem têm prioridade sobre os planos dele. Eles prestam contas ao dono pelo modo como usam os recursos dele, até mesmo na ausência do dono. Também são responsáveis pelo modo como tratam seus coescravos, e são passíveis de castigo considerável se não forem compassivos com as pessoas. Espera-se deles que obedeçam e honrem a seu senhor sem reclamar, ainda que o escravo fiel seja honrado pelo seu serviço dedicado. Além disso, os escravos esperam ser tratados pelos estranhos como seu senhor é tratado. Se o senhor é tratado com desprezo, os escravos devem esperar receber tratamento igual.

Jesus também usou a linguagem da escravidão para definir o que realmente significa segui-lo. O discipulado, como a escravidão, envolve uma vida de negação completa de si mesmo, uma postura humilde diante das pessoas, uma devoção exclusiva de todo o coração ao seu senhor, uma disposição de obedecer a seus mandamentos em tudo, um anseio de servi-lo mesmo estando ele ausente, e a motivação que vem de saber que ele se agradou muito.⁷³ Apesar de antes terem sido escravos do pecado, os seguidores de Cristo recebem liberdade

espiritual e descanso para suas almas por meio de seu relacionamento salvador com ele.⁷⁴

O nosso chamado para o sacrifício pessoal fica bem mais nítido quando se considera o cenário histórico da escravidão.⁷⁵ A vida do escravo era de entrega completa, submissão e serviço ao seu senhor – e as pessoas da época de Jesus reconheciam imediatamente a comparação. O convite de Jesus para segui-lo era um convite para o mesmo tipo de vida.

PERSONALIZANDO

Por todo o Novo Testamento, os cristãos são chamados várias vezes a assumir a perspectiva daqueles que pertencem a Cristo e, portanto, a submeter-se amavelmente a ele como Senhor. Esse tipo de perspectiva tem consequências sérias na maneira como nós, sendo cristãos, pensamos e agimos. Considere, por exemplo, as cinco comparações seguintes entre o cristianismo bíblico e a escravidão do primeiro século:

PROPRIEDADE EXCLUSIVA

Como vimos no capítulo 2, a lei romana considerava os escravos como “propriedade sob o controle absoluto de um dono”.⁷⁶ O servo contratado, como o empregado moderno, podia escolher seu senhor e pedir demissão se quisesse, mas o escravo não tinha essa opção.⁷⁷ O escravo por aquisição e o escravo por nascimento pertenciam completamente àquele que detinha sua posse.

O Novo Testamento escolhe esse tema ao explicar tanto o passado pecaminoso do cristão quanto o relacionamento presente com Cristo. Embora tenhamos nascido como escravos do pecado, quando herdamos de Adão um estado de escravidão, fomos comprados por Cristo por meio de sua morte na cruz.⁷⁸ Fomos comprados por alto preço; portanto, não estamos mais sob a autoridade do pecado. Em vez disso, somos propriedade exclusiva de Deus.⁷⁹ O nosso Senhor é Cristo.⁸⁰ Como Paulo disse aos romanos: “Mas, graças a Deus, porque, embora vocês tenham sido escravos do pecado, passaram a obedecer de coração à forma de ensino que lhes foi transmitida. Vocês

foram libertados do pecado e tornaram-se escravos da justiça” (Romanos 6:17,18).

Como cristãos, fazemos parte de “um povo particularmente seu” (Tito 2:14), estando unidos à multidão daqueles que “pertencem a Cristo Jesus” (Gálatas 5:24) e que o adoram como nosso “Senhor nos céus” (Colossenses 4:1). Assim como o escravo do primeiro século recebia um novo nome do seu senhor terreno,⁸¹ Cristo dará um novo nome a cada um de seus servos. Ele mesmo prometeu isso ao que vencer, em Apocalipse 3:12: “Escreverei nele o nome do meu Deus e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce dos céus da parte de Deus; e também escreverei nele o meu novo nome”. Os cristãos no estado eterno servirão ao Senhor como escravos para sempre, “e o seu nome estará em suas testas” (Apocalipse 22:4). Não há como fugir do simbolismo, como um comentarista explica: “Escrever o nome sobre algo é uma expressão figurada em hebraico para denotar a posse completa e não compartilhada”.⁸² Nós receberemos o nome de Cristo porque seremos sua propriedade exclusiva para sempre.

SUBMISSÃO COMPLETA

Ser escravo não significava apenas pertencer a outra pessoa; queria dizer também estar a total dispor para obedecer a essa pessoa no que fosse necessário. O único dever do escravo era realizar os desejos do seu senhor, e o escravo fiel se dispunha a fazer isso sem hesitar nem reclamar. Afinal de contas, “a única lei que o escravo conhecia era a palavra do seu senhor. Ele não tem direito particularmente seu: é propriedade completa do seu senhor, e é obrigado a prestar-lhe obediência sem questionar”.⁸³

Baseado nessas comparações, o Novo Testamento apela várias vezes ao cristão para que obedeça ao Senhor. Como um escritor explica:

Como Cristo é Senhor, o cristão passa a ser um escravo, que lhe deve uma obediência inquestionável. Paulo compara claramente a escravidão espiritual com a literal (p. ex., Colossenses 3:22-24), fala de marcas de escravo e selos da propriedade de Cristo, e explica com detalhes o conceito do cristão como alguém comprado, pertencente ao Senhor: “Vocês não são de si mesmos [...] Vocês foram comprados por alto preço”. Estar vivo no

todo “significa trabalho frutífero” – o escravo só existe para trabalhar! (1Coríntios 6:19,20; Filipenses 1:22). Com essa representação, a consagração consiste na submissão moral completa à declaração e à posse de Cristo.⁸⁴

A marca essencial das pessoas que são verdadeiramente convertidas é a submissão ao senhorio de Cristo – a atitude do coração que coopera com ele em obediência. A passagem de 1João 2:3 é explícita nesse aspecto: “Sabemos que o conhecemos, se obedecemos aos seus mandamentos”.

Como seus escravos, espera-se que vivamos “para a obediência a Jesus Cristo” (1Pedro 1:2), nos apresentemos “em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o [nosso] culto racional” (Romanos 12:1), e obedeçamos “aos seus mandamentos e [façamos] o que lhe agrada” (1João 3:22). Paulo disse aos coríntios: “Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo” (1Coríntios 6:20), acrescentando posteriormente: “Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus” (1Coríntios 10:31).

Aqueles que dizem pertencer a Cristo, mas insistem no comportamento desobediente, estão faltando com a verdade nessa declaração. O apóstolo João explicou: “Se afirmarmos que temos comunhão com ele, mas andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade” (1João 1:6). Isso é especialmente verdadeiro com relação aos falsos mestres, os quais o Novo Testamento descreve como “escravos da corrupção” (2Pedro 2:19), “pois essas pessoas não estão servindo a Cristo, nosso Senhor, mas a seus próprios apetites” (Romanos 16:18). Eles são “ímpios, e transformam a graça de nosso Deus em libertinagem e negam Jesus Cristo, nosso único Soberano e Senhor” (Judas v. 4; cf. 2Pedro 2:1). O verdadeiro homem de Deus, pelo contrário, é “escravo do Senhor”, tornando-se “útil para o Senhor e preparado para toda boa obra” (2Timóteo 2:24,21).

DEVOÇÃO ÚNICA

A vida de um escravo na época do Novo Testamento até pode ter sido difícil, mas era relativamente simples. Os escravos só tinham uma preocupação básica: realizar a vontade do seu senhor. Nas áreas em

que eles recebiam ordens diretas, era exigido que obedecessem. Nas áreas em que não recebiam ordens assim, deviam encontrar maneiras de agradar ao seu senhor ao máximo.

Esse tipo de esforço concentrado que era marcante na escravidão do primeiro século também caracteriza o cristianismo bíblico. Como somos escravos, devemos nos dedicar de forma total e singular ao nosso Senhor. O nosso maior interesse se resume nas palavras de Cristo: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças” (Marcos 12:30). Essa devoção exclusiva exclui totalmente a possibilidade de servir a outros senhores ao mesmo tempo em que se serve a Deus. Não podemos servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo, adorar a Deus e aos ídolos, ou viver de acordo com a carne e o Espírito ao mesmo tempo.⁸⁵

Em todas as coisas, devemos fazer “o que lhe é agradável” (Hebreus 13:21). Essa era a motivação por trás das palavras de Paulo aos Coríntios: “Por isso, temos o propósito de lhe agradar, quer estejamos no corpo, quer o deixemos” (2Coríntios 5:9). Os cristãos devem andar “para que em tudo possam agradá-lo” (Colossenses 1:10), “viver a fim de agradar a Deus” (1Tessalonicenses 4:1) e fazer aquilo que é “agradável a Deus” (Romanos 14:18). Somos chamados para buscar a sua glória em tudo o que fazemos, com o desejo profundo de nos comportarmos de um modo digno do seu nome.⁸⁶ A única coisa que acaba importando é a aprovação e a recompensa do Senhor. Essa é a motivação suficiente para o escravo fiel.

DEPENDÊNCIA TOTAL

Já que faziam parte da casa do seu senhor, os escravos eram completamente dependentes de seus donos quanto às necessidades básicas da vida, inclusive comida e abrigo. As refeições geralmente consistiam em milho, embora cereais ou pão às vezes lhes fossem oferecidos.

Com o milho ou o pão, era comum fornecer sal e azeite. A carne e os vegetais não faziam parte da dieta regular dos escravos, mas eles recebiam de vez em quando uma pequena quantidade de vinagre, de peixe salgado ou de azeitonas, quando não se tinha muitos figos ou outras frutas.⁸⁷

Quanto ao abrigo, os escravos domésticos geralmente moravam com seus senhores, fosse em um espaço separado para os escravos ou – quando a casa era menor – em qualquer espaço disponível.⁸⁸ Apesar de tudo isso parecer básico na perspectiva moderna, essa provisão era geralmente adequada. Além disso, ela proporcionava ao escravo uma vantagem significativa sobre o homem livre. Ao contrário da pessoa livre, o escravo não precisava preocupar-se quanto a encontrar comida ou ter um lugar para dormir. Por serem bem-cuidados, toda a sua atenção se voltava a servir seu senhor.

Ressalto que as comparações com a vida cristã são impressionantes. Por sermos cristãos, podemos nos concentrar nas coisas que Deus nos chamou para fazer, confiando que ele suprirá nossas necessidades. Jesus disse aos seus seguidores:

Portanto, não se preocupem, dizendo: “Que vamos comer?” ou “Que vamos beber?” ou “Que vamos vestir?” [...] o Pai celestial sabe que vocês precisam delas. Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas (Mateus 6:31-33).

Aqueles que colocam como sua prioridade máxima agradar a Deus podem ter certeza do seu cuidado.⁸⁹

Nenhuma pessoa entendeu isso melhor do que o apóstolo Paulo. Por ser “escravo de Cristo”, ele abriu mão de tudo para servir a seu Senhor. Seu ministério não era fácil, humanamente falando. Ele passou pelos açoites, pela prisão, por perigos e ameaças de morte, mas, apesar de tudo, Deus sempre providenciou a Paulo tudo o que ele precisava para cumprir fielmente seu ministério. Ele escreveu aos filipenses: “Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus” (Filipenses 4:6). Logo depois nesse capítulo, ele explicou que tinha aprendido o segredo de viver contente, independentemente das circunstâncias. Por isso, podia excluir: “Tudo posso naquele que me fortalece” (4:13). O contentamento de Paulo vinha tanto da confiança em Cristo quanto da avaliação correta das suas necessidades. Como ele explicou a Timóteo: “por isso, tendo o que comer e com que vestirmos, estejamos com isso satisfeitos” (1Timóteo 6:8).

Com base em toda uma vida de confiança no Senhor, Paulo podia dizer com certeza aos filipenses: “O meu Deus suprirá todas as necessidades de vocês, de acordo com as suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus” (4:19). Semelhantemente, ele disse aos coríntios: “Deus é poderoso para fazer que lhes seja acrescentada toda a graça, para que em todas as coisas, em todo o tempo, tendo tudo o que é necessário, vocês transbordem em toda boa obra” (2Coríntios 9:8). O próprio Paulo confiava cada dia a Cristo, descansando na promessa que lhe foi direcionada: “Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Coríntios 12:9). Mesmo em meio a circunstâncias aparentemente terríveis, Paulo permanecia confiante e grato.⁹⁰ O simples fato de saber que estava sob os cuidados do Senhor tornava possível enfrentar qualquer dificuldade, como ele escreveu aos cristãos de Roma:

Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? [...] Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Romanos 8:35,38,39).

Paulo conseguia fazer essa lista de possíveis ameaças por experiência própria.⁹¹ Ele sabia como ninguém que nenhuma delas poderia romper o amor que o Senhor tinha por ele.

RESPONSABILIDADE PESSOAL

Em tudo o que fazia, o escravo do primeiro século assumia total responsabilidade diante do seu dono, já que a avaliação do senhor acabava sendo o que realmente importava para ele. Se o dono ficasse satisfeito, o escravo seria recompensado de forma adequada; portanto, uma vida de fidelidade acabava sendo recompensada com uma possível alforria, ou seja, a liberdade; porém, se o dono não se agradasse, o escravo já sabia que lhe esperava o castigo adequado, que geralmente incluía o açoite. As punições mais extremas que incluíam “crucificação, quebra de ossos, amputação, tortura com piche quente, colar de metal e cavalete”⁹² eram raras, mas aceitáveis segundo a lei

romana. Esse sistema avassalador de recompensas e castigos trazia um estímulo poderoso para que os escravos trabalhassem com dedicação e excelência.

O cristão deve ser igualmente motivado pela percepção de que um dia prestará contas diante de Cristo. O desejo de agradar ao Senhor aumenta com o conhecimento de que “cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus” (Romanos 14:12). “Pois todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba de acordo com as obras praticadas por meio do corpo, quer sejam boas, quer sejam más” (2Coríntios 5:10). Cada um de nós, como o escravo diligente retratado em Mateus 25, anseia ouvir do Senhor estas palavras alegres: “Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco; eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!” (25:21, 23). Achamos consolação em saber que todos que perseveraram na fidelidade receberão a “coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, [...] dará [...] a todos os que amam a sua vinda” (2Timóteo 4:8).

No contexto da Igreja Primitiva, um número significativo de crentes tinha passado pela escravidão romana em algum momento de sua vida. Paulo encorajou esses cristãos lembrando-os que, ao servir seus senhores terrenos, eles acabavam servindo ao Senhor. Nesses casos, a motivação para a obediência ia além de um incentivo terreno; era a recompensa celestial. Paulo escreveu aos escravos de Colossos:

Escravos, obedeçam em tudo a seus senhores terrenos, não somente para agradá-los quando eles estão observando, mas com sinceridade de coração, pelo fato de vocês temerem o Senhor. Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo” (Colossenses 3:22-24; cf. Efésios 6:5-8).

Os senhores cristãos também precisavam lembrar-se de que tinham um Senhor celestial. Paulo prosseguiu exortando os donos de escravos de Colossos com estas palavras: “Senhores, deem aos seus escravos o que é justo e direito, sabendo que vocês também têm um Senhor nos céus” (Colossenses 4:1; cf. Efésios 6:9).

Lembrar-se do Senhor nos céus era uma força poderosa para os cristãos primitivos – fossem escravos ou fossem livres; portanto, isso

também deve motivar-nos. Não importa se somos recompensados ou não nesta vida, porque um dia estaremos diante de Cristo para receber a recompensa completa. Que dia glorioso será! Nas palavras de Charles Spurgeon:

[Nesse dia,] o Senhor concederá a seu povo uma recompensa abundante por tudo o que eles fizeram. Não que eles mereçam qualquer recompensa, mas Deus lhes deu primeiro a graça para a prática das boas obras, depois usou suas boas obras como prova de um coração renovado e, finalmente, deu-lhes uma recompensa pelo que fizeram. Que prazer será ouvir as palavras “Muito bem, servo bom e fiel” – e descobrir que você trabalhou para Cristo mesmo sem ninguém saber e que ele levou em conta todo esse esforço – [que prazer] para você, que serviu ao Senhor sob afronta, descobrir que o Senhor separou o joio do trigo e que o reconheceu como um dos seus servos preciosos. Para ele, então, dizer: “Venha e participe da alegria do seu Senhor.” Oh, que prazer será para você!⁹³

69 GLANCY, J. A. *Slavery in Early Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 2006. p. 129. Nos evangelhos, p. ex., tanto o centurião gentio (Lucas 7:2-10) quanto o sumo sacerdote judeu (Mateus 26:51; Marcos 14:47; Lucas 22:50; João 18:10,17,18,26) são conhecidos por serem senhores de escravos.

70 Karl Heinrich Rengstorf escreveu: “Isso é verdade também nas parábolas, mas o compromisso total dos *douloi* e a propriedade total do *kýrios* servem aqui para ilustrar o senhorio incondicional de Deus e a responsabilidade incondicional dos cristãos diante dele” (KITTEL, G.; FRIEDEICH, G. (eds.). Trad. Geoffrey Bromiley. *Doúlos*. In: *Theological Dictionary of the New Testament Abridged in One Volume*. Grand Rapids: Eerdmans, 1985. p. 184).

71 Cf. Mateus 13:27,28; 21:34-36; 22:3-10; 24:45; Marcos 12:2-4; 13:34; Lucas 14:17-23; 15:22; 20:10,11.

72 Cf. Mateus 10:24; 18:23,26-33; 24:45-50; 25:14-30; Lucas 6:40; 12:37-47; 17:7-10; 19:13-22; João 13:16; 15:15-20.

73 Cf. Mateus 24:44-46; 25:21; Marcos 10:44; Lucas 6:46; 12:37; 14:26-33; 16:13; João 14:15,21.

74 Cf. João 8:34,36 e Mateus 11:28-30.

75 Como Michael Card explica: “‘Tome a cada dia sua cruz e siga-me’. Jesus nessas palavras utiliza como símbolo o escravo, porque a crucificação era uma pena de morte para escravos (Mateus 10:38; 16:24). ‘Tomem sobre vocês o meu jugo’, Jesus convida. Tome o seu lugar ao

lado de outros que são meus escravos e que também são escravos do evangelho” (*A Better Freedom*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009. p. 23).

76 WIEDERMAN, T. *Greek & Roman Slavery*. Nova York: Routledge, 1988. p. 15.

77 S. Scott Bartchy fez esta observação sobre a diferença entre escravos e livres: “Claro que, se a pessoa livre não firmasse um contrato restritivo como preço de sua liberdade, ela teria uma vantagem sobre o escravo, porque podia pedir demissão” (*First Century Slavery & 1 Corinthians 7:21*. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 2002. p. 74).

78 Romanos 5:18,19; Efésios 2:1-3; cf. 1Pedro 1:18,19; Apocalipse 5:9.

79 Romanos 6:14; 1Coríntios 7:23.

80 Cf. RYKEN, L.; WILHOIT, J. C.; LONGMAN III, T. (eds.). *Slave, Slavery*. In: *The Dictionary of Biblical Imagery*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998. p. 797. O artigo observa que, “na perspectiva bíblica, todas as pessoas são sujeitas à escravidão, seja ao pecado, seja a Deus”. John J. Pilch reflete esse pensamento em “Slave, Slavery, Bond, Bondage, Oppression”. Ele observa que, “na Bíblia, ninguém realmente é ‘livre’, mas, em vez disso, sempre é escravo de alguém. Israel aceitou com gratidão seu novo *status* de ‘escravo de Deus’. Paulo sugere o mesmo para os cristãos” (GOWAN, D. E. (ed.). *Westminster Theological Wordbook of the Bible*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2003. p. 475-76).

81 BLAIR, W. *An Inquiry into the State of Slavery amongst the Romans*. Edinburgh: Thomas Clark, 1833; reimpr. Detroit: Negro History Press, 1970. p. 116. Blair explica que o “dono, logo que adquiria um escravo, dava-lhe o nome que parecesse mais adequado: sendo ele escravo comprado, costumava levar o nome do seu país, ou do seu local de nascimento, ou algum dos nomes mais frequentes naquela área, ou, ainda, o nome do local de compra; e o escravo que era despojo de guerra recebia o nome daqueles que o capturaram”.

82 PLUMMER, A. *The Revelation of St. John the Divine, The Pulpit Commentary*. reimpr. Grand Rapids: Eerdmann, 1978. p. 113.

83 BARCLAY, W. *The Letters of James and Peter*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2003. p. 39.

84 WHITE, R. E. O. *Christian Ethics*. Macon, GA: Mercer University Press, 1994. p. 166. Reginald White é ex-diretor da Faculdade Teológica Batista da Escócia.

85 Cf. Mateus 6:24; Romanos 7:5,6; 6:11-18; 1Tessalonicenses 1:9.

86 Cf. 1Coríntios 10:31; Colossenses 2:12; 3:17; 1Tessalonicenses 2:12.

87 BLAIR, *An Inquiry into the State of Slavery*, p. 95.

88 Cf. GLANCY, *Slavery in Early Christianity*, p. 45.

89 RYKEN; WILHOIT; LONGMAN, *Slave, Slavery, The Dictionary of Biblical Imagery*, p. 798. O artigo observa que “o relacionamento entre escravo e senhor é semelhante ao nosso relacionamento com Deus porque somos chamados à responsabilidade diante dele. [Em contrapartida,] ele também assume a responsabilidade por nós: ‘Assim como os olhos dos servos estão atentos à mão de seu senhor [...] também os nossos olhos estão atentos ao SENHOR, ao nosso Deus, esperando que ele tenha misericórdia de nós’” (Salmos 123:2).

90 Cf. Atos 16:25; 1Tessalonicenses 5:18.

91 Para consultar uma lista com algumas tribulações que Paulo enfrentou em nome de Cristo, cf. 2Coríntios 11:23-33.

92 HARRIS, M. J. *Slave of Christ*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999. p. 42.

93 SPURGEON, C. The Great Assize: sermon n. 1.076. *Metropolitan Tabernacle Pulpit*. Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1984, 18:587.



CAPÍTULO 4

O SENHOR E MESTRE [PARTE 1]

Até agora consideramos a metáfora bíblica da escravidão do ponto de vista do escravo, com o foco na palavra *doulos* e na sua aplicação para a vida cristã. Neste capítulo, vamos voltar nossa atenção para o outro lado do relacionamento escravo/senhor, buscando entender o que a Bíblia quer dizer quando chama Jesus Cristo de nosso “Senhor” e “Mestre” (ou *kyrios*, no grego). Começaremos estudando a verdade de que ele é Senhor e Mestre de sua Igreja. Mais adiante, nos dois capítulos seguintes, vamos ampliar nosso estudo para refletir sobre o lugar merecido de Cristo como Senhor de todas as pessoas e de todas as coisas que existem no universo.

« »

Era manhã de 6 de julho de 1415. O maior pregador daquela geração – e um dos principais da história da Igreja – foi levado mais uma vez a julgamento, mas essa seria a última vez.

Ele já tinha enfrentado mais de sete meses de prisão injusta. Apesar de receber a promessa de um salvo-conduto de segurança para entrar e

sair do seu julgamento, ele foi detido e lançado na prisão logo depois da sua chegada. A princípio, tinha sido lançado em uma masmorra escura e nefasta que ficava bem próxima do esgoto, em um ambiente tão insalubre, que acabou fazendo com que ele contraísse uma doença grave. Isso o teria levado à morte se não o tivessem tirado de lá, mas os aposentos para os quais foi levado posteriormente não eram muito melhores. Em pouco tempo, ele se achou em uma torre alta do castelo, com pés e mãos acorrentados à parede todas as noites.

Embora tenha sido interrogado por várias vezes, nunca teve oportunidade de se defender publicamente ou de explicar suas opiniões. Os procedimentos oficiais contra ele, que começaram em 5 de junho, não passaram de um julgamento falso. Quando tentou explicar seus escritos, sua voz foi suplantada pelos gritos zangados de seus acusadores, que exigiam que seus livros fossem queimados. Mesmo tendo recorrido à voz da consciência e até à Palavra de Deus, suas palavras não receberam a mínima atenção. Por esse motivo, ele acabou calando-se, ao perceber que nada que dissesse teria algum proveito. Até mesmo seu silêncio, distorcido pelos seus inimigos, foi usado contra ele como uma declaração de culpa.

Assim, na manhã do dia 6 de julho, esse inocente homem de Deus foi levado em desfile para a catedral local a fim de enfrentar sua condenação final. Seus acusadores lhe colocaram vestes sacerdotais e lhe puseram um cálice de comunhão na mão, mas somente com o propósito de zombar dele. Imediatamente, tiraram esses trajes um por um, em uma demonstração simbólica de sua excomunhão final e vergonha pública.

Depois de ser tachado como herege e de ser denunciado pelo tribunal, ele foi conduzido para o local da execução – um campo fora da cidade. Quando, mais uma vez, ele se recusou a retratar-se, foi preso a uma estaca com cordas molhadas, enquanto uma corrente era amarrada a seu pescoço. Madeira e feno foram colocados aos seus pés, e lhes atearam fogo, enquanto os insultos de seus carrascos se alternavam com os sussurros da multidão de curiosos. Porém, quando as chamas o envolveram, o mártir fiel bradou – não em desespero, mas entoando as palavras de um hino: “Ó Cristo, Filho do Deus vivo, tem misericórdia de nós! Ó Cristo, Filho do Deus vivo, tem misericórdia

de mim, tu que nasceste de Virgem Maria [...]”. Quando ele começou a cantar pela terceira vez, o vento direcionou a chama para seu rosto e, desse modo, orando silenciosamente, e movendo seus lábios e sua cabeça, ele expirou no Senhor”.⁹⁴

No entanto, as chamas acesas naquele dia de verão, em 1415, ficaram bem pálidas em comparação com o fogo da reforma desencadeada pela vida de Jan Huss.⁹⁵ Sua influência já tinha expandido-se por toda a Boêmia e por outras partes do Sacro Império Romano Germânico; por fim, chegou a uma parte desconhecida da Alemanha, onde moldaria o pensamento de um monge chamado Martinho Lutero. Ao descobrir os textos de Huss, Lutero exclamou: “Fui tomado pelo espanto, porque não conseguia entender o motivo pelo qual eles mandaram à fogueira um homem tão grandioso, que explicou as Escrituras com tanta seriedade e habilidade”.⁹⁶ Apesar do século que os separa, Huss acabaria sendo um dos maiores mentores de Lutero – a ponto de o próprio Lutero ser chamado de “Jan Huss saxônico”.⁹⁷

Mas por que a Igreja Católica Romana condenou Jan Huss à morte? Se ele era um estudioso nobre e um mestre hábil da Escritura, o que teria causado a sua condenação e a sua execução?

A princípio, Huss não discordava da igreja. Na verdade, ele quis ser sacerdote desde a sua juventude. Nasceu por volta de 1370 em uma família pobre de camponeses em Husinec, na Boêmia.⁹⁸ Vindo da pobreza extrema, Huss seguiu a carreira sacerdotal em parte porque sua mãe o incentivou, mas principalmente porque lhe garantia uma vida digna. Ele acabou sendo ordenado em 1402.

Em sua juventude, frequentou a Universidade de Praga, na qual obteve vários diplomas: o de Licenciatura em Artes (em 1393), o de Bacharel em Teologia (em 1394) e o de Mestre em Teologia (em 1396). Em 1398, começou a lecionar na universidade. Seu sucesso foi tão imediato que, em 1401, já era o diretor da Faculdade de Filosofia e, em 1402, foi promovido à diretoria de toda a universidade. Foi nessa época que Huss foi grandemente influenciado pelas obras de John Wycliffe – o grande reformador inglês da geração que o antecedeu. As opiniões de Wycliffe, especialmente sobre a autoridade

da Escritura e a corrupção do papado, acabaram deixando uma marca indelével na vida desse jovem brilhante.

Logo depois da sua ordenação (além de suas responsabilidades acadêmicas), Huss passou a ser o pregador da Capela de Belém – a igreja principal de Praga, com instalações capazes de acomodar 3 mil pessoas.⁹⁹ Ele pregava em boêmio em vez de em latim, uma prática que o destacou e o popularizou entre os leigos, e que o desacreditou entre o clero.

O método de ensinar por meio das Escrituras causou um impacto dramático em sua vida, a ponto de ele começar a reconhecer a falência do sistema católico-romano. Huss escreveu sobre sua transformação espiritual: “Quando era jovem na idade e no entendimento, eu também pertencia à seita absurda [do catolicismo romano], mas, quando o Senhor me deu o conhecimento da Bíblia, eu descartei esse tipo de estupidez da minha mente insensata”.¹⁰⁰ Foi esse compromisso com a Bíblia que caracterizou seu ministério. Em outro lugar, afirmou: “Eu humildemente coloco minha fé, isto é, minha confiança, nas Sagradas Escrituras, desejando guardar, crer e defender tudo o que se encontra nelas, enquanto eu viver”.¹⁰¹

Quando a Igreja Católica Romana autorizou a venda de indulgências em Praga, Huss denunciou publicamente essa prática – o que acabou levando-o à excomunhão. Entretanto, mesmo depois de ser repreendido pelo papa, continuou a pregar na Capela Belém. Quanto mais pregava, mais se apoiava na Bíblia, claramente proclamando-a como autoridade final. Como um historiador explica:

Não é à toa que a Capela Belém ficava cheia de gente, porque o seu púlpito não se ocupava de abstrações teológicas. A espada do Espírito, que é a Palavra de Deus, estava na mão do pregador como uma arma afiada, usada adequadamente para revelar os pecados e os enganos da consciência. Era a Palavra de Vida trazendo o consolo da graça salvadora. Huss era um pregador de acordo com sua época, com as congregações que se comprimiam para ouvi-lo. Suas mensagens ardiam com o zelo pela religião pura e com a compaixão pelo ser humano. Ele pregava com todo o seu coração. A comissão principal de Cristo, conforme a recordação que trouxe ao arcebispo de Praga, era de pregar o evangelho a toda criatura, e, quando ele foi proibido pelo arcebispo e pelo papa de ocupar seu púlpito,

declarou solenemente em uma carta aos oficiais civis principais da Boêmia que ele teve a ousadia de não obedecer a essas ordens, porque isso seria uma ofensa “contra Deus e contra a sua própria salvação”.¹⁰²

Para forçá-lo a parar de pregar, as autoridades eclesiásticas aprovaram um edito proibindo que os cidadãos recebessem a comunhão ou fossem enterrados nas propriedades da igreja enquanto Huss continuasse a pregar. Por isso, para poupar as pessoas desse prejuízo, ele finalmente cedeu. Em 1412, mudou-se para o interior, onde estudou e escreveu freneticamente.

A principal obra de Huss, *De Ecclesia* [A Igreja], resumia suas principais discordâncias a respeito do sistema católico-romano do seu tempo. Foi lida publicamente em Praga em 1413, e continha pensamentos radicais. Por exemplo, Huss ensinava que a Igreja era composta de todos os cristãos predestinados de todas as épocas. Isso era totalmente contra a posição oficial da Igreja Católica Romana, que ensinava que o “papa era a cabeça e os cardeais eram o corpo da Igreja”.¹⁰³ O leigo comum não era considerado membro de verdade, mas somente tinha comunhão com a Igreja verdadeira pela Mesa do Senhor (que, para eles, se limitava somente ao pão).

Nesse livro, Huss também dizia que a autoridade da Bíblia é maior que a autoridade da Igreja. Essa ideia também era radical para a época, e lhe foi apresentada por John Wycliffe. Cem anos depois, Martinho Lutero espelharia exatamente essa mesma convicção. Contudo, a razão principal pela qual Jan Huss foi condenado à morte foi esta: ele ensinou que só Jesus Cristo é o cabeça da Igreja. Huss denunciou os sacerdotes, cardeais e papas corruptos de sua época, desqualificando-os para qualquer tipo de liderança espiritual, defendendo, em vez disso, que a verdadeira autoridade só pertence a Cristo e à sua Palavra. Por isso ele exclamou:

Se as declarações do papa concordarem com a lei de Cristo, elas devem ser obedecidas. Se discordarem, então os discípulos de Cristo devem levantar-se fielmente e corajosamente a favor dele e totalmente contra todas as bulas papais e estar prontos a enfrentar a maldição e a morte. Quando o papa usa seu poder de forma contrária às Escrituras, resistir a ele não é pecado, é uma obrigação.¹⁰⁴

Ao resumir o ensino de Huss, o historiador Matthew Spinka escreveu:

Em um sermão a respeito de Pedro, Huss afirma que a Igreja não se baseia nele [Pedro], mas “no fundamento mais firme, isto é, Cristo Jesus”. Para apoiar sua afirmação, ele cita a passagem de Paulo: “Ninguém pode colocar outro alicerce além do que já está posto, que é Jesus Cristo” [...] O papa, que usurpou esse poder, não quer ouvir que Cristo perguntou três vezes, antes de lhe dar as chaves, se ele o amava. Só depois de Pedro declarar seu amor a Cristo é que ele recebe o mandamento de “apascentar suas ovelhas”. Na atualidade, o papa e muitos sacerdotes não amam a Deus nem apascentam as ovelhas; no entanto, arrebatam as chaves para possuir o poder terreno.¹⁰⁵

Essas afirmações “atingiram a base da autoridade da igreja”¹⁰⁶; reagindo a isso, Roma queimou Huss em uma estaca.

Não é de admirar que a principal característica do livro *De Ecclesia* é “o tema de Cristo como o único cabeça da Igreja. Ninguém, nenhum homem comum pode ocupar essa posição com o mesmo sentido [...] Nenhum apóstolo jamais reivindicou ser cabeça da Igreja, mas somente servo do cabeça, Jesus Cristo”.¹⁰⁷ Ao falar da liderança católico-romana condenada, Huss exclamou:

Que os discípulos do anticristo, aqueles que vivem de modo oposto a Cristo, falando de si mesmos como os maiores e mais orgulhosos da santa Igreja de Deus, se envergonhem. Eles são chamados publicamente de cabeça e corpo da santa Igreja, mesmo sendo corrompidos pela avareza e pela arrogância do mundo. De acordo com o evangelho de Cristo, eles são considerados os menores.¹⁰⁸

No final do livro *De Ecclesia*, ao concluir sua obra principal, Jan Huss encerra agradecendo a Deus o fato de que a Igreja não depende do papa para viver, porque Jesus Cristo é o seu Senhor e Mestre verdadeiro.¹⁰⁹

A Igreja Católica assassinou Jan Huss porque ele resistiu à autoridade do papa, ensinando que só Jesus Cristo é o cabeça da Igreja. Apesar de o papa e os cardeais reivindicarem essa posição para si mesmos, Huss não se deixou convencer nem desistiu, e, por sua pregação, ele os expôs como usurpadores. Como um historiador

observa: “A carreira de Huss inaugurou o movimento de [...] revolta contra a autoridade absoluta do papa e da Igreja Católica Romana”.¹¹⁰ O compromisso que Huss tinha com o senhorio soberano de Cristo e com a supremacia da sua Palavra custou-lhe a vida, mas Deus usou sua resistência para impactar a história da Igreja para sempre.

JESUS CRISTO: O SENHOR DA SUA IGREJA

Os reformadores protestantes que seguiram a Jan Huss tinham o mesmo compromisso com o senhorio de Cristo. Suponho que isso se percebe mais claramente nos princípios do *Solus Christus* (somente Cristo) e do *Sola Scriptura* (somente a Escritura). Os reformadores insistiram no fato de que Jesus Cristo, não o papa, é o cabeça da Igreja. Logo, a Palavra de Cristo, e não o magistério, é a autoridade final quanto à fé e à prática.

Essa convicção foi a principal motivação de Martinho Lutero para romper sua comunhão com Roma. No seu livro *Conversas à mesa*, Lutero explicou:

A principal razão pela qual rompi com o papa foi esta: o papa se orgulhava de ser o cabeça da Igreja, e condenava tudo que não estivesse sob seu poder e autoridade [...] Além disso, arrogou a si o poder, o governo e a autoridade sobre a igreja cristã e sobre as Escrituras Sagradas, a Palavra de Deus, [declarando que] ninguém tem o direito de explicar as Escrituras, exceto ele, e conforme seus caprichos ridículos; assim, ele se apropriou do senhorio da Igreja.¹¹¹

A arrogância intrínseca ao sistema papal¹¹² era tanta, que Lutero comentou:

Estou convencido de que se, em nossa época, São Pedro, em pessoa, pregasse todos os artigos da Escritura Sagrada, e somente negasse a autoridade, o poder e o primado do papa, ou seja, que o papa não é o cabeça de toda a cristandade, eles fariam com que ele fosse condenado à força. De fato, se o próprio Cristo viesse à Terra novamente e pregasse, sem dúvida o papa o crucificaria de novo.¹¹³

João Calvino levantou protestos parecidos, observando que os sacerdotes estavam mais interessados em defender a autoridade do papa do que em honrar a Cristo ou à sua Palavra. Não se importavam “se a glória de Deus pudesse ser desrespeitada com flagrantes blasfêmias, contanto que não se levantasse um dedo contra a primazia da Sé Apostólica [o papa] ou contra a autoridade de sua Santa Madre Igreja”.¹¹⁴ Em oposição a isso, Calvino afirmava que “Cristo é o cabeça da Igreja”,¹¹⁵ defendendo que “só quando a Cabeça, que provê aos vários membros tudo o que têm, receber a proeminência sem impedimento algum é que a constituição do corpo [a Igreja] será colocada no lugar certo”.¹¹⁶ Afinal de contas:

É a vontade de Deus governar e defender sua Igreja pela mediação do seu Filho. Essa é a explicação que Paulo dá aos efésios, que ele está “assentado à direita de Deus para ser o cabeça sobre todas as coisas da Igreja, a qual é o seu corpo” [...] Pelo mesmo motivo, a Escritura geralmente o chama de Senhor, porque o Pai lhe deu autoridade sobre nós.¹¹⁷

Nenhum papa nem igreja alguma podem tirar essa autoridade de Cristo: “Já que ele é o cabeça da Igreja, todos os que forem ordenados para governar a Igreja são subordinados a ele”.¹¹⁸

Poderíamos citar muitos outros além de Huss, Lutero e Calvino: líderes cristãos como o reformador John Knox, o puritano escocês Samuel Rutherford e o teólogo americano Jonathan Edwards. Esses crentes fiéis se recusaram a reconhecer outra pessoa no lugar de Jesus Cristo como Senhor da Igreja – independentemente de o candidato a usurpador ser um papa ou um rei.¹¹⁹ Resumindo a perspectiva protestante do seu jeito inimitável, Charles Spurgeon declarou:

De todos os sonhos que jamais iludiram os homens, e provavelmente de todas as blasfêmias jamais pronunciadas, nunca houve nenhuma que seja mais absurda e mais frutífera em todos os sentidos do prejuízo do que a ideia de que o bispo de Roma possa ser o cabeça da Igreja de Jesus Cristo! Não, esses papas morrem, e não o são! E como viveria a Igreja se sua cabeça estivesse morta? O verdadeiro cabeça vive para sempre e a Igreja vive sempre através dele!¹²⁰

No sermão intitulado “Jesus, nosso Senhor”, Spurgeon explicou a questão de forma cristalina:

A Igreja de Deus, de uma forma muito especial, chama Jesus de “nosso Senhor”, pois *não há e não pode haver qualquer cabeça da Igreja exceto o Senhor Jesus Cristo*. É blasfêmia terrível para qualquer homem na terra chamar a si mesmo “Vigário de Cristo e o cabeça da Igreja”. E é uma usurpação dos direitos da coroa do Rei Jesus para qualquer rei ou rainha ser chamado de cabeça da Igreja, porque a verdadeira Igreja de Jesus Cristo não pode ter cabeça que não o próprio Jesus Cristo! Sou grato porque não há cabeça para a Igreja da qual sou membro senão Jesus Cristo, ele mesmo; e nem ousa ser um membro de qualquer igreja que se contenta com qualquer cabeça que não ele.¹²¹

Assim como Charles Spurgeon, os fiéis por toda a história da Igreja têm sempre preservado, pelo Espírito Santo, uma devoção total ao verdadeiro cabeça, Jesus Cristo. Só ele é o Senhor da sua Igreja, e essa posição não pode ser ocupada por outra pessoa. Jan Huss e os reformadores que vieram depois dele entenderam isso, razão pela qual romperam seu vínculo com o sistema católico-romano corrupto. O resultado histórico foi a Reforma Protestante.

Mas quais são as consequências práticas do senhorio de Cristo para nós, que somos cristãos na Igreja atual? Como esse senhorio se encaixa no paradigma escravo/senhor apresentado no Novo Testamento? Estudaremos essas questões nos próximos dois capítulos. E, com isso, vamos descobrir como essa verdade é fundamental não só para o nosso entendimento da Igreja como um todo, mas também para nossa própria identidade individual como cristãos.

94 SPINKA, M. *John Hus at the Council Constance*. Nova York: Columbia University Press, 1968. p. 233. O sobrenome “Huss” às vezes se escreve “Hus”.

95 Para saber mais sobre a vida de Jan Huss, cf. a obra de Allen W. Schattschneider, *Through Five Hundred Years* (Bethlehem, PA: Comenius Press, 1974), e a de Oscar Kuhns, *John Huss: The Witness* (Nova York: Eaton and Mains, 1907).

96 LUTERO, M. Mon. Hus. v. 1. Prefácio. In: WORKMAN, H. B.; POPE, R. M. (eds.). *The Letters of John Hus*. London: Houlder & Stoughton, 1904. p. 1.

97 OLSON, R. *The Story of Christian Theology*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999. p. 349.

98 Husinec situa-se atualmente na República Tcheca. O sobrenome de Huss veio da cidade em que nasceu. Ele o abreviou para “Huss” (ou “Hus”), que queria dizer “ganso”, em boêmio, e acabou tornando-se uma espécie de apelido para Jan Huss. As referências da história da Igreja (por Lutero e outros) ao “ganso que foi cozido” dizem respeito a ele e à sua execução.

99 A capela foi chamada de “Belém” ou “Casa do Pão” de propósito, porque era o lugar onde as pessoas comuns podiam alimentar-se diretamente da Palavra de Deus.

100 SPINKA, M. *John Hus’ Concept of the Church*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1966. p. 10.

101 *550 years of Jan Hus’ Witness*. Geneva: World Alliance of Reformed Churches, 1965. p. 1-2.

102 SCHAFF, D. S. *John Huss: His Life, Teachings and Death after Five Hundred Years*. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 1915. p. 41.

103 SPINKA, *John Hus’ Concept of the Church*, p. 261.

104 Ibid., p. 121.

105 SPINKA, *John Hus’ Concept of the Church*, p. 63.

106 SCHAFF, *John Huss*, p. 225.

107 SPINKA, op. cit., p. 259.

108 Ibid., p. 261, citando *De Ecclesia*, p. 33.

109 SCHAFF, *John Huss*, p. 289.

110 Ibid, p. 302-303.

111 LUTERO, M. *Conversas à mesa*. Brasília: Ed. Monergismo, 2017.

112 Deve-se observar que o catolicismo romano ainda ensina a autoridade infalível do papa sobre a igreja. O teólogo católico Ludwig Orr, em seu livro *Fundamentals of Catholic Dogma* (Charlotte, NC: Tan Books, 1974), explica o pensamento católico: “Por ser o juiz supremo da Igreja, o papa tem o direito de trazer todas as questões legislativas da Igreja diante do tribunal e de receber apelações em todas as disputas da Igreja; contudo, ele mesmo não é julgado por ninguém (CIC 1556; *Prima sedes a nemine judicatur*), porque na terra não existe juiz superior a ele. Pela mesma razão, não existe apelação a uma instância superior contra nenhuma decisão do papa” (p. 286).

113 LUTERO, *Conversas à mesa*.

114 CALVINO, J. *Institutes of Christian Religion*. 2 vols. Trad. para o inglês por John Allen. Philadelphia: Presbyterian Board of Education, 1921. 1:25.

115 CALVINO, J. *Institutes of Christian Religion*. 2 vols. Trad. para o inglês por John Allen. Philadelphia: Presbyterian Board of Education, 1921. 1:155.

116 CALVINO, J. *Calvin’s Commentaries*. 22 vols. Grand Rapids: Baker, s.d. 21:198. Calvino estava comentando Colossenses 2:19.

117 CALVINO, *Institutes of Christian Religion*, 1:451-452.

118 CALVINO, J. *Calvin’s Commentaries*. Joseph Haroutunian (ed.). Louisville: Westminster John Knox Press, 1958. p. 362. Calvino estava comentando João 12:12-15.

119 P. ex., a Coroa Inglesa tentou exercer o controle total sobre a igreja da Escócia durante o século 17. Para saber mais sobre a história desses acontecimentos, cf. BLANKIE, W. G. *The Preachers of Scotland*. Edinburgh: T&T Clark, 1888. Na página 97, Blankie explica: “A tentativa do partido do governo de impor cujo uso seria obrigatório sob as mais altas penalidades, indicou a determinação em se deixar de lado a autoridade de Cristo e em se tyrannizar a sua herança, mesmo na esfera mais sagrada de adoração. Como reação, a igreja recorreu a uma afirmação mais completa das declarações de Cristo como cabeça da Igreja e ao privilégio glorioso da igreja de seguir seu divino Senhor.

120 SPURGEON, C. *O cabeça da Igreja*. Sermão n. 839. Disponível em: <https://files.comunidades.net/cclogos/livroebookocabecadaigreja.Spurgeonpdf.pdf>. Acesso em: 9 jun 2020.

Em outra ocasião, Spurgeon observou que “Cristo não redimiou sua Igreja por meio do seu sangue para que o papa viesse e lhe roubasse a glória. De modo algum ele veio do céu à Terra e derramou seu próprio coração para comprar seu povo a fim de que um pobre pecador, um homem qualquer, fosse colocado no lugar mais sublime para ser admirado por todas as nações e se autoproclamar representante de Deus na Terra. Cristo sempre foi o cabeça da Igreja” (SPURGEON, C. Christ Glorified. *In: Metropolitan Tabernacle Pulpit*, 60:592).

121 SPURGEON, C. *Jesus, nosso Senhor*. Sermão n. 2.806. Disponível em: <http://www.projeto>

[spurgeon.com.br/wp-content/uploads/2012/05/ebook_jesus_nosso_senhor_spurgeon.pdf](http://www.projeto-spurgeon.com.br/wp-content/uploads/2012/05/ebook_jesus_nosso_senhor_spurgeon.pdf).

Acesso em: 9 jun 2020.



CAPÍTULO 5

O SENHOR E MESTRE [PARTE 2]

Os heróis da história da Igreja não defenderam a chefia de Cristo com base em alguma opinião arbitrária ou por ambição pessoal, mas porque encontraram essa verdade claramente revelada nas Escrituras. Temos em Efésios 5:23 a afirmação de que “Cristo [...] é o cabeça da Igreja”, e Colossenses 1:18 reafirma: “Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia”. No primeiro capítulo de Efésios, Paulo explicou que Deus Pai “colocou todas as coisas debaixo de seus pés [de Cristo] e o designou cabeça de todas as coisas para a igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que enche todas as coisas, em toda e qualquer circunstância” (1:22,23). Outras referências do Novo Testamento falam de crescer “naquele que é a cabeça, Cristo” (Efésios 4:15) e “unido à Cabeça, a partir da qual todo o corpo [...] efetua o crescimento dado por Deus (Colossenses 2:19).

Mas o que o Novo Testamento quer dizer quando fala de Cristo como “cabeça da Igreja”? A palavra grega para “cabeça” (*kephale*) designa algo que está “na primeira posição, ou em posição superior”,¹²² ou “algo *supremo, principal, [ou] proeminente*”.¹²³ Seu significado coincide com a palavra *kyrios* (“Senhor”)¹²⁴ e “aponta

para a posição ou a situação superior de Cristo”.¹²⁵ Dizer que Cristo é o cabeça da Igreja é dizer que ele é Senhor e Mestre sobre toda a Igreja.

Na época do Império Romano, o cabeça da casa tinha “um poder quase total sobre as pessoas da casa, especialmente sobre os adultos (inclusive sobre os descendentes adultos) e sobre os escravos”.¹²⁶ Já que participamos da “casa da fé” e da “casa de Deus”,¹²⁷ nossa fidelidade pertence ao nosso Senhor, o “cabeça da casa” (cf. Mateus 10:24,25) – ou seja, aquele a quem “foi [...] dada toda a autoridade nos céus e na terra” (Mateus 28:18).

O Novo Testamento indica que o Pai deu essa autoridade suprema ao seu Filho, “ressuscitando-o dos mortos e fazendo-o assentar-se à sua direita, nas regiões celestiais, muito acima de todo governo e autoridade, poder e domínio, e de todo nome que se possa mencionar, não apenas nesta era, mas também na que há de vir” (Efésios 1:20,21).¹²⁸ Depois da humilhação e da morte de Cristo, “Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai” (Filipenses 2:9-11). Ele é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores; sua exaltação será eterna e sua autoridade subsistirá para todo o sempre.¹²⁹ Como o profeta Daniel explicou: “A ele foram dados autoridade, glória e reino; todos os povos, nações e homens de todas as línguas o adoraram. Seu domínio é um domínio eterno que não acabará, e seu reino jamais será destruído” (Daniel 7:14).

O testemunho contundente da Escritura é o de que Jesus é “Senhor de todos” (Romanos 10:12) e “cabeça de todas as coisas” (Efésios 1:22), inclusive do seu corpo, a Igreja.¹³⁰ Logo, a igreja verdadeira é formada por aqueles que “em toda parte, invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Coríntios 1:2). Enquanto os falsos mestres rejeitem seu comando, pelo menos na prática, os ministros fiéis se submetem alegremente à autoridade de Cristo e da sua Palavra – encarando a si mesmos como escravos na obra do Sumo Pastor.¹³¹

De um modo surpreendente, apesar do ensino claro da Escritura e do testemunho fiel da história da Igreja Protestante, a maioria das

tendências evangélicas contemporâneas, na verdade, ataca o senhorio de Cristo sobre a sua Igreja. Alguns desses ataques são ostensivos e teológicos, como a posição da ausência de senhorio ensinada pelo grupo chamado “Movimento da Graça Livre”. Esse movimento gozou de grande popularidade há alguns anos, razão pela qual escrevi os livros *O evangelho segundo Jesus* (em 1988) e *O evangelho segundo os apóstolos* (em 1993). O conceito da “graça livre” distorce a mensagem do evangelho, afirmando que nem o arrependimento do pecado nem a submissão a Cristo fazem parte da fé salvadora. Ao promover um tipo de “fideísmo fácil”, os defensores da graça livre negam abertamente a necessidade de arrepender-se do pecado e de confessar Jesus como Senhor e Mestre no sentido bíblico de submissão total. Desse modo, ensinam um evangelho completamente diferente, que “não é o evangelho”, mas é uma tentativa óbvia de “perverter o evangelho de Cristo” (Gálatas 1:7).

No entanto, hoje em dia as ameaças são bem mais sutis, principalmente porque o movimento evangélico contemporâneo perdeu seu interesse na doutrina. A corrente evangélica dominante é guiada por interesses pragmáticos, não teológicos. Os gurus do crescimento da igreja se preocupam com o que motiva a multidão, não com o que a Bíblia diz. Pelo fato de se dirigirem com sucesso à carne não redimida, os pregadores da prosperidade tornam *o homem* senhor de todas as coisas, como se Cristo fosse um tipo de gênio da garrafa, obrigado a conceder saúde, riqueza e felicidade àqueles que lhe enviarem dinheiro suficiente. Mesmo dentro dos círculos conservadores, usam-se os métodos mundanos pragmáticos (incluindo o humor grosseiro e a linguagem vulgar) e defendem-se agressivamente as adaptações quase ilimitadas do pior da música mundana, contanto que se percebam resultados visíveis. A triste realidade é que a popularidade, não a fidelidade a Cristo e à sua Palavra, tornou-se o novo padrão de medida e a sua versão atual de ideologia da negação ao senhorio de Cristo.

Por causa disso, as Escrituras têm sido substituídas sistematicamente por qualquer coisa que seja considerada mais importante ou divertida. O empreendedorismo do movimento da igreja independente popularizou para milhares de “pretensos cristos” a construção de seus

próprios impérios midiáticos, chamando a si mesmos de *pastores* e às suas empresas de *igrejas*. Mas esses milionários do ministério não estão interessados em edificar a igreja verdadeira, fato evidenciado pela sua indiferença à verdade proposicional e pela sua ânsia de chamar a atenção das massas minimizando a Palavra de Deus e o senhorio de Cristo. Eles suavizam o evangelho, encurtam suas pregações, que já são superficiais, e adaptam para o ministério uma estratégia que é voltada para o mercado. Dessa maneira, eles se rebelam contra Cristo!

O Senhor expressa seu governo em sua igreja à medida que a Escritura é pregada, explicada, aplicada e obedecida. Minimizar o papel dominante da Escritura na vida da igreja é tratar o Senhor da igreja como se a sua revelação fosse opcional. É nada menos que um motim. E a gravidade de tal revolta não pode ser dimensionada. O ministério antibíblico, a pregação que não é expositiva e o ensino alheio à doutrina usurpam o comando de Cristo, silenciando-lhe a voz para suas ovelhas. Esse tipo de abordagem devastadora arrebatava a mente de Cristo do seu corpo, cria indiferença quanto à sua Palavra, além de extinguir a obra do seu Espírito. Expõe a igreja ao erro e ao pecado, elimina a transcendência e a clareza, engessa a adoração e semeia a mediocridade. Desvia a honra que se deve à cabeça verdadeira da igreja, e o Senhor não trata com brandura aqueles que roubam a sua glória.¹³²

SALVADOR PESSOAL. SENHOR PESSOAL

A afirmação inquestionável da Bíblia é que Jesus Cristo é Senhor da Igreja – ainda que muitos dentre os evangélicos em geral se omitam de refletir essa realidade em suas atividades. Entretanto, o senhorio de Cristo não é simplesmente um conceito coletivo, mas também é extremamente pessoal. Assim como ele é coletivamente Senhor e Mestre da sua igreja, também é Senhor e Mestre de cada cristão em particular. Quando afirmamos sua administração sobre toda a igreja, nós reconhecemos de forma simultânea e necessária o seu senhorio sobre nós mesmos e sobre todos os membros do seu corpo.¹³³

Na época do Império Romano, não era difícil ver dezenas ou até centenas de escravos servirem ao mesmo senhor.¹³⁴ Como membros de sua extensa família, eram responsáveis diante do senhor tanto coletiva quanto individualmente. Essa verdade também se verifica na igreja, em que Cristo é o cabeça não somente do corpo coletivo, mas também de cada cristão em particular. Ele é Salvador e Senhor de cada pessoa que invoca seu nome (Atos 2:21).

Quando chamamos Jesus de “Senhor”, nós claramente o estamos reconhecendo como nosso Senhor único. A palavra grega para “Senhor” é *kyrios*, que aparece cerca de 750 vezes no Novo Testamento. Seu significado fundamental é “senhor” ou “dono”, constituindo-se par relacional da palavra escravo (*doulos*).¹³⁵ Como Murray Harris explica:

Quando nós, cristãos, cantamos ou recitamos a confissão “Jesus Cristo é Senhor”, estamos afirmando sua supremacia absoluta não apenas sobre o universo físico e moral (Mateus 28:18; 1Pedro 3:22), nem somente sobre a história humana (Romanos 9:5), nem somente sobre todos os seres humanos (Atos 10:36; Romanos 10:12), quer estejam vivos ou mortos (Romanos 14:9), não somente sobre a igreja (Efésios 1:22), mas também sobre nossas próprias vidas como seus escravos voluntários. A ideia simples, porém básica, é que as duas palavras, “Senhor” e “escravo”, *kyrios* e *doulos*, são correlatas.¹³⁶

Kyrios e *doulos* são os dois lados do mesmo relacionamento. Ter um senhor fazia parte de ser *doulos*, e vice-versa, de modo que *kyrios*, por definição, era o dono de escravos. Portanto, confessar Jesus como “Senhor” implica simultaneamente confessá-lo como dono e a nós mesmos como seus escravos.

Na época do Novo Testamento, o *kyrios* tinha autoridade total sobre a vida dos seus escravos¹³⁷ – tanto dos que trabalhavam nos campos quanto dos que trabalhavam na casa do seu senhor. Ele tinha a liberdade de propor qualquer tarefa a seus escravos, como enviá-los a pequenas viagens ou confiar-lhes a administração dos seus bens durante sua ausência. Se tinham um bom desempenho, facultava a ele recompensá-los, ou simplesmente não fazer nada, já que tinham feito somente o que era esperado deles. Se deixavam a desejar, cabia ao

dono puni-los adequadamente, possivelmente dando-lhes uma boa surra, ou mesmo vendendo-os, se assim quisesse. A supremacia completa do senhor sobre o escravo estava tão arraigada culturalmente, que até Jesus usava isso como lugar comum nos seus ensinamentos – observando que nenhum escravo era maior que seu *kyrios*.¹³⁸

De um modo importante, o termo *kyrios* não só tinha muitos significados em comum com a palavra grega *kephale* (“cabeça”), como também era sinônimo da palavra *despotes*,¹³⁹ da qual vem nossa palavra “déspota”. O Novo Testamento usa *despotes* para se referir tanto a senhores humanos quanto ao Senhor divino.¹⁴⁰

[O termo em questão] originalmente se referia a um “dono” ou “possuidor” de pessoas ou coisas dentro de uma casa – sentido evidenciado pela palavra composta *oiko-despotes*, “o senhor da casa”. Quando o termo se aplica a Deus ou a Jesus, destaca a plenitude de posse, autoridade e poder.¹⁴¹

Entender o significado de *kyrios* e dos seus sinônimos é fundamental, porque ressalta para nós o que significa ser escravo de Cristo. Os leitores modernos, distanciados por dois milênios do ambiente social do antigo Império Romano, podem ignorar facilmente os termos “senhor”, “mestre” e “escravo”, sem examinar a verdade que eles transmitem,¹⁴² mas, para os que viviam no primeiro século, não havia confusão sobre o que significava ser chamado de *escravo* e de chamar alguém de *Senhor* e *Mestre*.

Quando Paulo disse a seus leitores que eles “foram comprados por um alto preço” (1Coríntios 7:23), e que, apesar de terem sido “escravos do pecado” anteriormente, passaram a ser “escravos da justiça” (Romanos 6:17,18), eles tinham a ideia exata do que Paulo queria dizer. Com certeza, a declaração de Paulo em Romanos 14 ressalta o princípio: “Pois nenhum de nós vive apenas para si, e nenhum de nós morre apenas para si. Se vivemos, vivemos para o Senhor; e, se morremos, morremos para o Senhor. Assim, quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor” ((Romanos 14:7,8). Comentando esses versículos, Murray Harris observou:

São notáveis as três vezes que a palavra *kyrios* é empregada no versículo 8: o Senhor é o foco da vida do escravo; tudo se avalia em relação ao prazer e ao benefício do Senhor. A plenitude é ilustrada em termos materiais – o bem do Mestre reina acima de tudo, tanto no restante da vida do escravo quanto em sua morte. Os crentes são propriedade de Deus, dedicados à vontade irrestrita do Mestre para a sua glória.¹⁴³

O escravo era totalmente submisso ao senhor, vivendo em “um estado de sujeição absoluta [...] Sua própria identidade é imposta pelo dono que lhe concede um nome”.¹⁴⁴

“Confessar com sua boca que Jesus é Senhor” (Romanos 10:9) é reconhecer ao mesmo tempo a obrigação de obedecer-lhe com submissão total. Sua vontade é absolutamente soberana, e espera-se que seus escravos obedeçam, independentemente do nível de sacrifício exigido. Nesse contexto, as palavras de Cristo em Lucas 9:23 assumem todo o peso do seu significado: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me”. Seguir o Mestre é morrer para si mesmo e submeter-se completamente à vontade dele. Todo aquele que deseja ser seu discípulo também deve ser seu escravo. Aquele que não está disposto a abrir mão de tudo para segui-lo não é digno dele, como o próprio Senhor disse:

Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim. Quem acha a sua vida a perderá, e quem perde a sua vida por minha causa a encontrará (Mateus 10:37-39).

Quando os escritores do Novo Testamento referiram-se a si mesmos como “escravos de Cristo”, eles ressaltaram sua submissão total ao senhorio de Jesus Cristo. Para o apóstolo Paulo, isso envolvia uma vida de sacrifício próprio diário, totalmente investida em nome do seu Senhor, como um especialista explica:

Já que o escravo não era legalmente uma pessoa, não podia ser dono de propriedade alguma e nem mesmo tinha poder sobre si mesmo. Só fazia o que lhe era mandado. De certo modo, isso indica a extensão da renúncia de

Paulo a seu Senhor [...] Para Paulo, “o escravo de Cristo”, todos os seus bens, todo o seu tempo, ambições e propósitos estavam subordinados à determinação de Cristo. Paulo não era diferente do escravo comum: estava à disposição do Senhor *de forma exclusiva*. Como o homem só pode servir a um senhor (Mateus 6:24; Lucas 16:13), ele assumia a responsabilidade somente diante do seu Mestre (Romanos 14:4), um pensamento libertador para aqueles que são perseguidos pelas opiniões dos outros.¹⁴⁵

Por esse motivo, Paulo podia perguntar aos cristãos de Roma: “Quem é você para julgar o servo alheio? É para o seu senhor que ele está em pé ou cai. E ficará em pé, pois o Senhor é capaz de o sustentar” (Romanos 14:4), além de dizer aos filipenses que “viver é Cristo” (Filipenses 1:21) e que “o que para mim era lucro, passei a considerar perda, por causa de Cristo” (Filipenses 3:7). Paulo podia exclamar aos gálatas: “Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gálatas 2:20), e podia declarar aos coríntios transformados pelo evangelho que eles “não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Coríntios 5:15). Em outra passagem, ele exortou seus leitores com estas palavras: “Acaso não sabem [...] que vocês não são de si mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo” (1Coríntios 6:19,20).

Semelhantemente, Paulo acabou destacando as consequências totalmente abrangentes do senhorio soberano de Cristo: “Tudo o que fizerem, seja em palavra ou em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai” (Colossenses 3:17), até mesmo dizendo aos escravos daquela congregação: “Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens” (Colossenses 3:23). Por várias vezes, provavelmente mais do que qualquer outro tema, os escritos de Paulo provam um conhecimento íntimo do relacionamento submisso entre Cristo e o crente – ou seja, que Jesus é seu Senhor e que o crente não passa de um escravo.

122 FRIBERG, T.; FRIBERG, B.; MILLER, N. F. *Léxico do Novo Testamento grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1984. Para um estudo detalhado sobre o significado

de *kephale*, especialmente no que se relaciona à academia evangélica, cf. GRUDEM, W. The Meaning of κεφαλή ('Head'): An Evaluation of New Evidence, Real and Alleged, *Journal of the Evangelical Theological Society* 44/1, Mar. 2001. p. 25-65.

123 GRIMM, C. L. W. *Greek-English Lexicon of the New Testament*. Trad. Joseph Henry Thayer. Grand Rapids: Zondervan, 1970. p. 345.

124 Ibid. Grimm observa que, “quando se refere a pessoas”, *kephale* significa “senhor”. Seguindo a mesma linha de pensamento, Douglas J. Moo, em *Colossians, Pillar New Testament Commentary* (Grand Rapids: Eerdmans, 2008), comentando Colossenses 1:18, observa que “o conceito básico [de *kephale*] novamente é uma evolução bem direta da metáfora, baseada no conceito cristão padrão de Cristo como Senhor de seu povo. No mundo antigo, a cabeça era vista como o membro que governa o corpo, que tanto o controlava quanto lhe trazia vida e sustento” (p. 128).

125 KLEIN, W. W. *Ephesians, Expositor's Bible Commentary*. rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2006. p. 61.

126 GLANCY, J. A. *Slavery in Early Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 2006. p. 47. Aqui a escritora estuda o termo *paterfamilias*, que se traduz como “pai de família”, ou, de forma mais geral, “o cabeça da casa”.

127 Gálatas 6:10; Efésios 2:19; 1Timóteo 3:15; 1Pedro 4:17.

128 Cf. Mateus 11:27; João 3:35; 17:2; Atos 2:36.

129 Apocalipse 5:12,13; 17:14; 19:16.

130 As referências da igreja como corpo de Cristo (*soma*) podem incluir um senso de subserviência da nossa parte como escravos dele. Murray Harris, em *Slave of Christ* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999), explica: “A palavra *soma* (*corpo*) tem uma variação de significado, na literatura grega, de ‘cadáver’ a ‘pessoa’, com destaque na parte física, mas desde o século 3 a.C. essa palavra, sem nenhum adjetivo que a qualifique, era usada para descrever um escravo (cf. LSJ, p. 1.749), que era visto basicamente como um ‘corpo’, que é propriedade do seu dono para seu uso exclusivo”. Aristóteles (Pol. 125, 4a. 16) foi um pouco mais além: “O escravo faz parte do senhor, no sentido de ser parte viva separada do seu corpo” (p. 111-112).

131 P. ex., 2Timóteo 2:24; 1Pedro 5:3,4.

132 Cf. Isaías 42:8; 48:11; Ezequiel 34:8-10; Atos 12:23.

133 Ao se referir à reforma escocesa do século 17, William G. Blaikie observou a correlação total entre essas duas doutrinas, ainda que de uma perspectiva reversa: “O homem daquela época não considerava suficiente, como muitos hoje em dia, reconhecer a soberania de Cristo sobre si mesmo de forma pessoal; ele agregava a isso, com todo o fervor que tinha, a soberania de Cristo sobre toda a Igreja. Negar o lugar de Cristo como Rei em Sião era colocar em risco o relacionamento pessoal com ele tanto quanto negar a expiação ou a mediação de Cristo” (*The Preachers of Scotland*. Edinburgh: T&T Clark, 1888. p. 98).

134 SMITH, W.; WILKINS, A. S. *A Dictionary of Greek and Roman Antiquities*. London: John Murray, 1891. s.v. “Servus”. p. 664. Os escritores explicam que, “sob o Império [Romano], o número de escravos da casa aumentou muito, e em toda família importante

havia escravos específicos para atender a todas as necessidades da vida doméstica. Era considerado uma vergonha não ter um número considerável de escravos [...] Horácio (*Sat.* i. 3, 12) parece falar de dez escravos como o número mínimo que uma pessoa deveria manter em condições aceitáveis [...] [enquanto] um homem livre no reinado de Augusto, que tinha perdido muitas propriedades nas guerras civis, deixou, ao morrer, 4.116 escravos (Plin. *H. N.* xxxiii § 135). Era comum que uma pessoa tivesse 200 escravos (Hor. *Sat.* i. 3, 11), e Augusto permitia até que uma pessoa que estivesse no exílio tivesse 20 escravos ou livres trabalhando para ele (Dio Cass. Ivi. 27)” (p. 656-667).

135 Nos contextos sociais, o termo poderia tb. servir como uma saudação respeitosa (parecida com “senhor”), indicando a superioridade ou a supremacia da pessoa a quem se dirigia. No entanto, sua associação social principal era com a palavra *doulos* (“escravo”). Por definição, *kyrios* é “o proprietário e o administrador de algo [ou alguém]; o dono; aquele que domina uma pessoa, o mestre” (*Strong’s Enhanced Lexicon*, verbete 2962). Segundo a perspectiva teológica, essa conexão entre senhor e servo é inconfundível quando se usa *kyrios* no sentido de divindade. Por isso, Werner Foerster explica que “κύριος, então, é usado particularmente para expressar um relacionamento pessoal entre o homem e a divindade, seja em oração, em ação de graças ou em algum voto, e como correlato de δοῦλος, na medida em que o homem mencionado descreve como κύριος o Deus a cujas ordens está sujeito” (KITTEL, G. (ed.). *Theological Dictionary of the New Testament*, versão integral. Trad. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1965, s.v. “κύριος”, 3:1052). De modo semelhante, Gottfried Quell observa que, “na esfera religiosa, *kýrios* é reservado para Deus” (*Theological Dictionary of the New Testament* [versão abreviada], s.v. “κύριος”, p. 488).

136 HARRIS, *Slave of Christ*, p. 90.

137 Cf. Mateus 8:9; 13:27,28; 18:31-34; 21:34-36; 24:45-51; 25:23,26-30; Marcos 13:34,35; Lucas 12:37; 14:16-24; 17:7-10.

138 Mateus 10:24; cf. João 13:16; 15:15,20.

139 Segundo Werner Foerster, “No koinê, δεσπότης [*despótes*] e κύριος [*kyrios*] são usados indistintamente. A palavra κύριος designa o dono dos escravos e dos bens” (*Theological Dictionary of the New Testament*, completo, s.v. “κύριος”, 3:1043).

140 1Timóteo 6:1,2; 2Timóteo 2:21; 2Pedro 2:1; cf. Lucas 2:29.

141 HARRIS, *Slave of Christ*, p. 111-12.

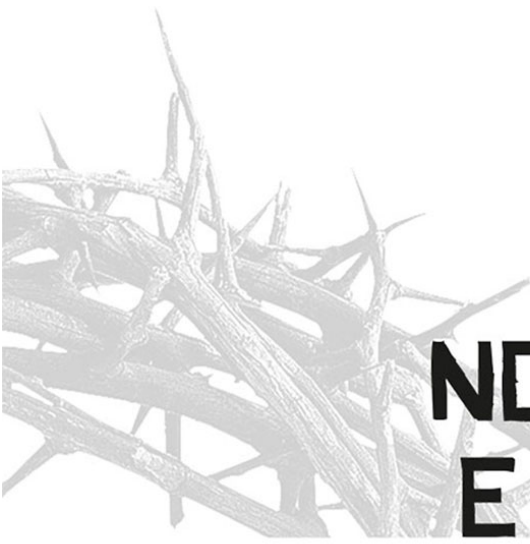
142 Francis Lyall observou que “o relacionamento de um escravo com seu dono, ou de um homem livre com seu ex-dono (seu benfeitor), tem aspectos e implicações que não fazem parte do nosso pensamento atual. Para nós, o conceito de escravo foi suavizado pela sua ausência em nosso cotidiano. A maioria nutre um pensamento romântico sobre a escravidão quando lê sobre ela nas Epístolas. Existe um certo encanto pitoresco em ser ‘escravo de Cristo’ porque nos acostumamos a nos identificar como ‘servos’ somente no sentido metafórico. A realidade era bem diferente” (*Slaves, Citizens, Sons: Legal Metaphors in the Epistles*. Grand Rapids: Academic Books, 1984. p. 28).

143 HARRIS, *Slave of Christ*, p. 112. Sobre essa passagem, ele observa: “Em nenhuma passagem do Novo Testamento a propriedade irrestrita do Senhor com relação a seus *douloi*

[escravos] é ilustrada de forma tão clara quanto em Romanos 14:7,8”.

144 WIEDEMANN, T. *Greek and Roman Slavery*. Nova York: Routledge, 1988. p. 1.

145 LYALL, *Slaves, Citizens, Sons*, p. 37-38.



CAPÍTULO 6

NOSSO SENHOR E NOSSO DEUS

A perspectiva de Paulo sobre o senhorio de Cristo com certeza não era somente dele. Como vimos no capítulo 2, os escritores do Novo Testamento falaram várias vezes de si mesmos ou de seus companheiros na fé como escravos de Cristo. Desde o momento em que proferiram a confissão salvadora “Jesus é Senhor”, não havia dúvida de que ele era o dono deles – de tal maneira que tinham a obrigação de se submeter a ele em tudo.

Mas os apóstolos entendiam que Jesus Cristo, por ser o Deus que se fez carne humana, está bem acima de qualquer *kyrios* deste mundo. Ele é Senhor acima de qualquer outro senhor, e Rei acima de qualquer outro rei.¹⁴⁶ De forma resumida, ele é o “Senhor de todos” (Atos 10:36), tendo todo o peso da autoridade divina, porque “em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade [...] e [ele] é o Cabeça de todo poder e autoridade” (Colossenses 2:9,10). Ele está assentado “à direita do Deus Todo-poderoso” (Lucas 22:69), e todas as coisas foram colocadas “debaixo de seus pés” (Efésios 1:22). O autor da carta aos Hebreus escreveu sobre ele: “O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. Depois de ter realizado a purificação

dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas” (Hebreus 1:3). Jesus Cristo é o “nosso grande Deus e Salvador” (Tito 2:13), a palavra divina que se fez carne,¹⁴⁷ e o Messias prometido, de quem foi profetizado: “Ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz” (Isaías 9:6). O cego de nascença não estava errado em adorá-lo depois de proclamar: “Senhor, eu creio” (João 9:38), nem Tomé quando se dirigiu a ele como “meu Senhor e meu Deus!” (João 20:28). Ele é o grande EU SOU,¹⁴⁸ e seu trono “subsiste para todo o sempre” (Hebreus 1:8), porque “seu Reino jamais terá fim” (Lucas 1:33). Por causa disso, quando os escritores do Novo Testamento se referem a Cristo como *kyrios*, não estão somente destacando sua autoridade como Senhor, mas também afirmam seu caráter glorioso como Deus.

Na época em que o Novo Testamento foi escrito, o nome *kyrios* (“Senhor”) já era um título conhecido para Deus. A Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento que era usada na época de Jesus) usava *kyrios* para traduzir dois nomes hebraicos diferentes que identificam Deus – *Adonai* e *Javé*. O título *Adonai* (que vem da raiz *adon*) quer dizer literalmente “senhor”, e é relacionado com a palavra hebraica para escravo (*éved*). “Denota seu poder soberano”¹⁴⁹ e destaca o relacionamento entre Deus como Senhor e seu povo como seus escravos (cf. Malaquias 1:6). Quando *kyrios* é usado para traduzir *Adonai* na Septuaginta, “destaca o fato de que, como Libertador do Egito, ou como Criador, Deus tem um direito válido de controlar seu povo e o universo. Ele é soberano no sentido absoluto”.¹⁵⁰

No entanto, a Septuaginta também usava *kyrios* para traduzir *Javé* – o nome da aliança de Deus. Por causa do respeito ao terceiro mandamento (Êxodo 20:7), os judeus se recusavam até a pronunciar o nome *Javé*, para evitar tomá-lo em vão. Em lugar dele, usavam *Adonai* em suas orações e pregações. Há uma boa chance de que os tradutores da Septuaginta, por esse motivo, tenham traduzido *Javé* com a mesma palavra que usaram para *Adonai*,¹⁵¹ mas, seja qual for a explicação, permanece o fato de que *kyrios* é usado de forma constante por toda a Septuaginta para traduzir tanto *Adonai* quanto *Javé*.¹⁵²

Os escritores do Novo Testamento baseavam-se muito na Septuaginta, citando-a frequentemente quando faziam referência ao Antigo Testamento. Por causa disso, eles conheciam muito bem a função dupla que *kyrios* desempenhava com referência a Deus, como termo que significava “Senhor” (equivalente a *Adonai*) e também como tradução grega do nome divino *Javé*.¹⁵³ É com essa dupla função em mente que os apóstolos alegremente aplicaram o título *kyrios* a Jesus Cristo – aquele que eles reconheciam ser tanto *Adonai* quanto *Javé*. O termo era abrangente o suficiente para “expressar o senhorio completo de Jesus”, de modo que as “passagens do Antigo Testamento [da Septuaginta] que falavam do κύριος [*kyrios*] podiam referir-se a Jesus. É nele que Deus age, do mesmo modo que o κύριος é identificado no AT”.¹⁵⁴ Eles também, ao atribuir o nome *kyrios* a Cristo, destacavam várias vezes sua autoridade divina e sua igualdade com Deus.¹⁵⁵ Para os cristãos da Igreja Primitiva, o título *kyrios* denotava Cristo não somente como seu Senhor absoluto, mas também como Deus. Quando confessamos Jesus como Senhor, reconhecemos de forma semelhante o nosso dever de obedecer-lhe como Rei e de adorá-lo como divindade.

Assim como os santos do Antigo Testamento viam a si mesmos como escravos de *Javé*, temos de nos enxergar como escravos de Jesus Cristo. Como um escritor destaca:

A devoção total e exclusiva dos fiéis a Cristo correspondia à posse absoluta e exclusiva de Cristo. Lemos em Isaías 44:5 uma indicação de que, depois do exílio, alguns judeus fiéis diziam sem nenhum acanhamento: “Eu pertenço a *Javé*”, enquanto outros de fato escreviam “propriedade de *Javé*” em suas mãos, para indicar de quem eram escravos. A maioria dos cristãos não porta nenhuma “marca de Jesus” (Gálatas 6:17) como Paulo portava, mas eles podem dizer com verdade: “Eu sou de Cristo” (cf. 1Coríntios 1:12), e podem, em sentido figurado, escrever “propriedade de Cristo” em suas mãos, para indicar a quem pertencem como escravos.¹⁵⁶

Em 1Coríntios 12:3, o apóstolo Paulo faz uma afirmação impressionante: “Ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’, a não ser pelo Espírito Santo”. Com certeza, há muitas pessoas que declaram o senhorio de Cristo de forma superficial, mas nunca experimentaram a

obra vivificante do Espírito Santo (cf. Mateus 7:21-23). No entanto, o reconhecimento verdadeiro do senhorio de Cristo envolve tanto a disposição de obedecer-lhe como dono quanto o anseio de adorá-lo como Deus, e isso só acontece em um coração transformado pelo Espírito de Deus, razão pela qual a conversão verdadeira sempre inclui a confissão sincera de que Jesus é Senhor.¹⁵⁷

POR QUE ME CHAMAM "SENHOR. SENHOR"?

Por confessarem o senhorio de Cristo, os cristãos são obrigados, pelo senso do dever, a obedecer-lhe em tudo. Seguindo essa linha de pensamento, o *Dicionário Teológico do Novo Testamento* explica:

Com sua obra de redenção, Cristo tornou os cristãos sua propriedade exclusiva e agora lhes dá os objetivos que moldam suas vidas. Esse novo compromisso, que envolve a justiça (Romanos 6:19), a santidade (1 Tessalonicenses 3:13) e a novidade de vida (Romanos 6:4), é expresso na descrição dos cristãos como *doúloi* [escravos] de Cristo (1 Coríntios 7:22; Efésios 6:6).¹⁵⁸

Os escravos de Cristo devem ser “sempre dedicados à obra do Senhor” (1 Coríntios 15:58), tentando aprender a “discernir o que é agradável ao Senhor” (Efésios 5:10), e sempre buscando “compreender qual é a vontade do Senhor” (Efésios 5:17).¹⁵⁹ Considerando-se corretamente como um “povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras” (Tito 2:14), obedecem à Palavra de Deus com entusiasmo.¹⁶⁰ Entendem e adotam as consequências éticas de ser um escravo de Cristo, sabendo que “os olhos do Senhor estão sobre os justos e os seus ouvidos estão atentos à sua oração, mas o rosto do Senhor volta-se contra os que praticam o mal” (1 Pedro 3:12). Por causa disso, cultivam uma vida de santidade, desejando ser aptos para o serviço do Mestre.¹⁶¹

Como Paulo explicou a Timóteo:

Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece inabalável e selado com esta inscrição: “O Senhor conhece quem lhe pertence” e “afaste-se da iniquidade todo aquele que confessa o nome do Senhor”. Numa grande casa há vasos não apenas de ouro e prata, mas também de madeira e barro;

alguns para fins honrosos, outros para fins desonrosos. Se alguém se purificar dessas coisas, será vaso para honra, santificado, útil para o Senhor e preparado para toda boa obra. Fuja dos desejos malignos da juventude e siga a justiça, a fé, o amor e a paz, com aqueles que, de coração puro, invocam o Senhor (2Timóteo 2:19-22).

Como escravos da justiça, os cristãos estão “em dívida” (Romanos 8:12; cf. 6:18), sob a obrigação de honrar a Deus na sua maneira de viver, ainda que a motivação para obedecer seja bem mais profunda do que o simples senso do dever. Jesus disse a seus discípulos: “Se vocês me *amam*, obedecerão aos meus mandamentos” (João 14:15, destaque nosso); e também: “Se alguém me ama, obedecerá à minha palavra” (João 14:23). O apóstolo João repetiu as palavras de Cristo em suas epístolas: “Porque nisto consiste o amor a Deus: em obedecer aos seus mandamentos. E os seus mandamentos não são pesados” (1João 5:3), “E este é o amor: que andemos em obediência aos seus mandamentos” (2João v. 6). Os cristãos verdadeiros são caracterizados por um amor profundo a Cristo, e esse amor inevitavelmente se manifesta pela obediência.¹⁶² Em contrapartida, aqueles que não amam ao Senhor, tanto em suas palavras quanto em sua vida, demonstram o fato de que não pertencem a ele.¹⁶³

A única forma certa de corresponder ao senhorio de Cristo envolve a submissão incondicional, a obediência amável e a adoração fervorosa. Aqueles que reconhecem verbalmente que ele é Deus, mas vivem em padrões de desobediência irredutível, acabam revelando a hipocrisia de sua declaração, e fazem cair sobre si o peso terrível da pergunta de Cristo: “Por que vocês me chamam ‘Senhor, Senhor’ e não fazem o que eu digo?” (Lucas 6:46), como no aviso que deu às multidões no final do Sermão do Monte, depois de descrever os perigos da hipocrisia:

Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’ Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal! (Mateus 7:21-23).

De um modo claro, nem todos os que afirmam conhecer o Senhor o conhecem de verdade. Aqueles que verdadeiramente “pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos” (Gálatas 5:24). Em vez de andarem pela carne, eles agora “andam pelo Espírito” (Gálatas 5:25), sendo caracterizados por um desejo crescente de obedecer à Palavra de Deus. Como Jesus disse às multidões em João 8:31: “Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos”.¹⁶⁴ Afinal de contas, “toda árvore é reconhecida por seus frutos” (Lucas 6:44); a conversão verdadeira sempre é marcada pelos frutos do arrependimento e pelo fruto do Espírito.¹⁶⁵ A obediência amável é a prova definitiva da salvação, tanto que as duas estão ligadas de forma inseparável; como o escritor de Hebreus explica: “[Jesus] tornou-se a fonte da salvação eterna para todos os que lhe obedecem” (5:9).¹⁶⁶

O restante do Novo Testamento faz advertências semelhantes para todo aquele que afirma pertencer a Cristo, mas persiste no pecado impenitente.¹⁶⁷ A primeira epístola de João é especialmente clara nesse aspecto. Nela, João escreveu: “Se afirmarmos que temos comunhão com ele, mas andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade” (1João 1:6). Mais adiante, escreve ainda: “Filhinhos, não deixem que ninguém os engane. Aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo. Aquele que pratica o pecado é do Diabo [...] Todo aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado [...] Desta forma sabemos quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do Diabo: quem não pratica a justiça não procede de Deus, tampouco quem não ama seu irmão” (1João 3:7-10). Ainda que muitos se autointitulem “cristãos”, a condição real do coração acaba sendo vista pela maneira como eles vivem. Como diz o ditado, ações falam mais que palavras. Uma fé professada que nunca se evidencia em um comportamento justo é uma fé “morta” (Tiago 2:17), que não é em nada melhor que a dos demônios (Tiago 2:19). Isso não quer dizer que os verdadeiros cristãos nunca tropeçam. Isso obviamente acontece, mas o seu padrão de vida é de contínuo arrependimento e crescente devoção, à medida que evoluem em santificação e semelhança com Cristo.

NA COMPANHIA DO REI

Ser escravo de Jesus Cristo é a maior bênção que se pode imaginar. Além de o Senhor ser bondoso e gracioso, ele é o Deus do universo. Seu caráter é perfeito, seu amor é infinito, seu poder é inigualável, sua sabedoria é insondável, e sua bondade está acima de qualquer comparação.¹⁶⁸ Portanto, não é de admirar que o nosso relacionamento com ele como nosso Senhor traga-nos grande favor e honra.

Na época dos romanos, a experiência de um escravo dependia quase exclusivamente do caráter de seu senhor. O escravo de um senhor bom ou benevolente tinha a expectativa de ser bem cuidado e desfrutar de uma vida segura e pacífica. Como um historiador explica:

A vida material do escravo no mundo romano, como nas sociedades escravagistas posteriores, era determinada [em grande parte] [...] pelo grau de responsabilidade com que o senhor cumpria suas obrigações materiais com relação ao escravo [...] Em comparação com os pobres que eram livres, portanto, os escravos com certa frequência devem ter gozado de alguma vantagem material: dado que, até certo ponto, lhes era fornecido algum cuidado, em muitos casos eles devem ter desfrutado, em suas vidas, de uma segurança que os pobres livres talvez jamais tivessem conhecido.¹⁶⁹

Assim como os senhores maldosos geralmente tornavam a vida dos escravos insuportável, um senhor amável poderia tornar a situação agradável e até mesmo desejável para os que habitavam em sua casa.¹⁷⁰ Um senhor assim despertava a lealdade e o amor da parte de seus escravos, e eles poderiam servi-lo por pura devoção, não só pelo dever. Além disso:

O bom dono tomava conta de seus escravos e dava-lhes atenção por toda a vida, até a aposentadoria. Ele não buscava desvencilhar-se do escravo que não lhe era mais útil por causa da idade ou de alguma enfermidade. É axiomático e animador o fato de que Deus é um bom “dono” de seus “escravos”.¹⁷¹

Como o Senhor é nosso Mestre, podemos confiar que ele cuidará de nós em cada situação e em cada fase da vida. Mesmo nas circunstâncias mais difíceis, ele providenciará tudo de que precisamos para sermos fiéis a ele.¹⁷² Podemos deixar de “andar ansiosos” (Filipenses 4:6) porque sabemos que “Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (Romanos 8:28). Agimos corretamente quando confiamos completamente nele, porque ele é soberano não somente sobre a nossa vida, mas sobre tudo o que existe.¹⁷³ “Porque Deus mesmo disse: ‘Nunca o deixarei, nunca o abandonarei’. Podemos, pois, dizer com confiança: ‘O Senhor é o meu ajudador, não temerei. O que me podem fazer os homens?’” (Hebreus 13:5,6).

Essas promessas têm sido a base do consolo e da esperança para todas as gerações do povo de Deus. Como Davi declarou em seu salmo mais famoso:

O SENHOR é o meu pastor; de nada terei falta. Em verdes pastagens me faz repousar e me conduz a águas tranquilas; restaura-me o vigor. Guia-me nas veredas da justiça por amor do seu nome. Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, pois tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me protegem (Salmos 23:1-4).

Alguns versos depois, ele concluiu com esta esperança impactante: “Sei que a bondade e a fidelidade me acompanharão todos os dias da minha vida, e voltarei à casa do SENHOR enquanto eu viver” (Salmos 23:6). Só o cristão pode ter esse tipo de esperança segura – uma confiança que tranquiliza, que tem sua base no consolo incalculável, na alegria e na “paz de Deus, que excede todo o entendimento” (Filipenses 4:7), mas as bênçãos de ser escravo dele vão além da simples *provisão*, já que ser escravo de Cristo também é uma posição de alto *prestígio*, porque estamos na companhia de ninguém menos que o Rei do Universo! Obviamente, não há companhia melhor do que essa!

A esta altura, é possível fazer novamente a comparação com os escravos da Roma Antiga. Na época do Novo Testamento, a posição dos escravos vinha da situação social dos seus senhores, a tal ponto que “ser escravo de uma pessoa importante outorgava ao escravo

certo grau de prestígio e poder, um ‘*status* pela simples associação’”.¹⁷⁴ Ter um senhor influente e bem-respeitado conferia uma posição de respeito, a ponto de os escravos sempre incluírem o nome de seus donos em suas lápides funerárias. Como Dale Martin explica:

As informações sobre os donos mencionadas nas inscrições [das lápides] demonstram que os escravos tinham noção de que sua influência vinha de seus senhores. Com frequência o escravo mencionava o nível do dono no Senado ou no Consulado ou simplesmente o seu título como *primipilus*, o centurião sênior de uma legião. Um escravo chamado [provavelmente] Pragmateutes, em 247-248 D.C., escreveu na lápide da família que seu mestre tinha sido “asiarca três vezes”. Em outra lápide, Agathopous, um agente de escravos, omitiu os nomes de sua mulher e de seus filhos (talvez ainda não os tivesse), mas foi cuidadoso em mencionar o nome de seu senhor. Em cada um desses casos, o escravo percebia os símbolos de *status* do seu dono e se beneficiava de seu prestígio.¹⁷⁵

Os escravos romanos se alegravam em ser associados a seus senhores – até mesmo nas inscrições nas lápides de seus túmulos –, visto que reconheciam que sua própria posição social vinha da reputação deles. Afinal de contas:

Declarar ser escravo de um senhor importante era um meio de declarar o próprio *status* [...] Os escravos e os livres não hesitavam em se identificar dessa forma. Eles usavam o termo [“escravo”] como título e como uma oportunidade de ser vinculados a pessoas mais poderosas. Não pareciam ter vergonha de sua escravidão, contanto que pudessem gozar desse *status* por associação”.¹⁷⁶

Segundo a perspectiva secular romana, não poderia haver mestre maior do que o imperador, razão pela qual os escravos de César obtinham a mais alta distinção.

Quem sabe o escravo de um sapateiro gozasse de algum prestígio, mas o escravo de um funcionário público local ou de um aristocrata respeitável poderia, por outro lado, desfrutar de poder e respeito consideráveis. Um escravo de César tinha *status* ainda maior, potencialmente detendo poder e desfrutando de uma posição informal comparável à de importantes províncias livres.¹⁷⁷

Ser escravo pessoal de César era estar em uma posição exclusivamente influente e respeitável:

O *status* diferenciado do imperador dava a seus escravos e a seus homens livres uma posição privilegiada – esses escravos podiam casar-se com cidadãs, e seu *status* era tal, que as pessoas podiam inscrever-se voluntariamente na casa real. Evidências da literatura e inscrições esclarecem as tarefas domésticas e administrativas específicas dos escravos e livres dessa casa.¹⁷⁸

Entretanto, se já era considerado uma honra ser escravo de um dos césares, a honra de ser escravo de Cristo – o Rei dos reis e o Senhor dos senhores – é infinitamente maior! Será que nos causa alguma surpresa o fato de os escritores do Novo Testamento atribuírem com entusiasmo o título “escravo de Cristo” a si mesmos e aos outros? Não era apenas uma afirmação de submissão completa ao Senhor, mas era também uma declaração da posição privilegiada que todo cristão desfruta em sendo associado ao Senhor. Nenhum vínculo pode ser maior que esse!

Por serem escravos, os cristãos não têm nenhuma glória intrínseca em si mesmos, mas, por sermos membros da casa do Senhor, somos honrados simplesmente por causa do nosso vínculo com ele, pois ser seu *doulos* é uma honra incomparável.¹⁷⁹ Por isso, o apóstolo Paulo pode instruir seus leitores dizendo que, se quiserem orgulhar-se, só devem orgulhar-se no Senhor.¹⁸⁰

Que alegria e que privilégio é ser escravo do Rei eterno! Para sempre cantaremos seus louvores, desfrutando do brilho de sua glória e adorando-o com os corações cheios de reverência e amor. O seu nome está acima de todos os outros, e o seu nome será escrito em nossa testa por toda a eternidade.¹⁸¹ Com os santos de todas as épocas, nunca cessaremos de nos maravilhar diante do fato de que, apesar de nossos defeitos e fragilidades, o Senhor nos escolheu para sermos dele.¹⁸²

Por esse motivo, nós exultamos com o salmista:

Venham! Cantemos ao SENHOR com alegria!
Aclamemos a Rocha da nossa salvação.
Vamos à presença dele com ações de graças;
vamos aclamá-lo com cânticos de louvor.

Pois o SENHOR é o grande Deus,
o grande Rei acima de todos os deuses [...]
Venham! Adoremos prostrados
e ajoelhemos diante do SENHOR, o nosso Criador;
pois ele é o nosso Deus,
e nós somos o povo do seu pastoreio,
o rebanho que ele conduz. (Salmos 95:1-3,6,7).

146 Cf. Apocalipse 17:14; 19:16.

147 João 1:1; cf. 5:18.

148 João 8:58; cf. Êxodo 3:14; João 17:5,24.

149 QUELL, G. In: KITTEL, G.; GOTTFRIED, G. W. (ed.). *Theological Dictionary of the New Testament* (completo). Grand Rapids: Eerdmans, 1965, s.v. “κύριος”, 3:1060. A contribuição de Quell foi incluída no verbete maior do dicionário. (Cf. no cap. 5, nota 18.)

150 QUELL, G. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (ed.). *Theological Dictionary of the New Testament Abridged in One Volume*. Trad. Geoffrey Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1985, no verbete “Kyrios”. p. 491. Seguindo o mesmo raciocínio, John Byron observou: “A designação ‘meu povo’, dada aos israelitas por Deus, é uma reivindicação de propriedade que antecede e substitui quaisquer reivindicações de Faraó. A recusa de Faraó em obedecer representa a sua rejeição em reconhecer a autoridade de Deus sobre ele e sobre o povo que ele tinha escravizado. O Egito sofre com pragas, e o rei do Egito permanece determinado em não libertar os escravos; em vez disso, oprime-os ainda mais (5:3-21) [...] O acontecimento do êxodo representa a transferência de propriedade de Israel: do rei do Egito para o rei do Céu, Deus” (*Slavery Metaphors in Early Judaism and Pauline Christianity*. Tübingen, Germany: J. C. B. Mohr, 2003. p. 49).

151 Séculos depois, no século 8 d.C., os massoretas, de modo semelhante, aplicariam os pontos vocálicos de *Adonai* ao nome divino *Javé*.

152 QUELL. *Theological Dictionary of the New Testament* (completo), s.v. “κύριος”, 3:1058. Quell observa que “a palavra κύριος [*kyrios*], ‘senhor’, como nome de Deus na LXX [Septuaginta] é uma tradução rigorosa somente quando usada para אֲדֹנָי [*Adon*] ou אֲדֹנָי [*Adonai*] (no *ketib*). No entanto, via de regra, é usada uma palavra expositiva equivalente ao nome divino יהוה (*Javé*)”.

153 Os exemplos de passagens em que a palavra *kyrios* é usada para traduzir *Adonai* incluem: Mateus 9:38; 11:25; Atos 17:24; 1Timóteo 6:15; Apocalipse 4:11. As passagens em que a palavra *kyrios* é usada para traduzir *Javé* incluem: Mateus 4:7; 22:37; Marcos 12:11; Hebreus 7:21.

154 FOERSTER, *Theological Dictionary of the New Testament* (completo), s.v. “κύριος”, 3:1094.

- 155 P. ex., Mateus 7:21; 12:8; 22:44,45; João 1:23; 9:38; Romanos 14:9; Atos 10:36; Filipenses 2:10,11; 1Coríntios 2:16; Hebreus 1:10.
- 156 HARRIS, M. J. *Slave of Christ*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999. p. 113.
- 157 Cf. Romanos 10:9-13; cf. Atos 2:21; 16:30,31. Ao comentar 1Coríntios 12:3, Murray Harris observou: “O apóstolo está dizendo que, sem o poder do Espírito Santo para iluminar a mente e manter cativa a vontade, nenhuma pessoa pode fazer essa confissão simples com entendimento e compromisso” (*Slave of Christ*, p. 88-89).
- 158 RENGSTORF, K. H. Doulos. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (eds.). Trad. Geoffrey Bromiley. *Theological Dictionary of the New Testament Abridged in One Volume*, s.v. p. 185.
- 159 Cf. 1Coríntios 7:32,35; 8:6; Colossenses 1:10; 3:22.
- 160 Cf. Tiago 1:21-25; 1Pedro 2:9.
- 161 Cf. Romanos 12:11; Colossenses 2:6; 1Pedro 1:16.
- 162 1Coríntios 8:3; Efésios 6:24; 1Pedro 1:8; cf. Marcos 12:30; João 21:15-17; 1João 2:3.
- 163 1Coríntios 16:22; cf. João 8:42; Romanos 8:9.
- 164 Cf. João 6:66-69; Mateus 24:13; Colossenses 1:22,23; 1Timóteo 4:16; Hebreus 3:14; 10:38,39; 1João 2:19.
- 165 Lucas 3:8; Gálatas 5:22,23.
- 166 Cf. João 3:36; Romanos 1:5; 6:16; 15:18; 16:19,26; 1Pedro 1:2,22.
- 167 Romanos 8:9; 1Coríntios 6:9,10; Efésios 5:5,6; Hebreus 6:4-8; Tiago 2:17-19.
- 168 João 10:11,14,28; Romanos 8:38,39; 11:33-36; 1Coríntios 15:25,26; 1Pedro 1:19; 1João 3:3.
- 169 BRADLEY, K. *Slavery and Society at Rome*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994. p. 89, 92.
- 170 Scott Bartchy dá exemplos da literatura romana antiga tanto da extrema crueldade quanto da grande bondade demonstrada pelos senhores por seus escravos (*First-Century Slavery*. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 2002. p. 68-69).
- 171 LYALL, F. *Slaves, Citizens, Sons: Legal Metaphors in the Epistles*. Grand Rapids: Academic Books, 1984. p. 38.
- 172 Cf. Mateus 6:31-33; Filipenses 4:19; 2Coríntios 9:8.
- 173 Cf. Mateus 28:18; Romanos 14:7-9; Efésios 1:20-23; Colossenses 2:10; Tiago 4:13-15.
- 174 MARTIN, D. B. *Slavery as Salvation*. New Haven, CT: Yale University Press, 1990. p. xxii.
- 175 Ibid., p. 18.
- 176 MARTIN, D. B. *Slavery as Salvation*. New Haven, CT: Yale University Press, 1990. p. 47.
- 177 Ibid., p. 48.
- 178 WIEDEMANN, T. *Greek and Roman Slavery*. Nova York: Routledge, 1988. p. 9.
- 179 RENGSTORF, *Theological Dictionary of the New Testament* (abridged), s.v. “doulos,” p. 183. Ao falar da Septuaginta, o escritor observa: “A única atitude correta para o povo eleito é o serviço exclusivo ao Senhor (Juízes 10:16; Salmos 2:11 etc.). Por essa razão, *douloi* se trata de um título de honra quando é conferido a figuras importantes como Moisés (Josué

14:7), Josué (Juízes 2:8), Abraão (Salmos 105:42), Davi (Salmos 89:3) e Jacó (representando Israel, Isaías 48:20). O antônimo de *douleúein* é desobediência”.

180 1Coríntios 1:31; 2Coríntios 10:17; Filipenses 3:8.

181 Filipenses 2:9-11; Apocalipse 22:4.

182 Cf. Efésios 1:3,4; 1Pedro 2:9; Tito 2:14.

O MERCADO DE ESCRAVOS DO PECADO

Para entender completamente o que significa tornar-se escravo de Cristo, precisamos entender a realidade universal da escravidão que tínhamos antes sob o pecado. Um bom ponto de partida é lembrar John Newton, compositor de *Amazing Grace*, o hino mais famoso que já foi escrito em inglês. A letra fala de um pecador que estava anteriormente perdido, que era cego e miserável antes de ser encontrado e resgatado, sem nenhum esforço ou mérito próprio. Essas palavras profundas e pessoais captam tanto o sofrimento do pecado quanto a alegria da salvação. Elas expressam, em poucos versos, a experiência espiritual do compositor, um homem cujo testemunho é uma evidência exatamente desta realidade: da graça maravilhosa de Deus.

Newton nasceu em 1725, em Londres. Sua biografia é uma das mais conhecidas da história da igreja – a história de como Deus transformou um marinheiro blasfemo e comerciante de escravos em um pastor piedoso e um abolicionista influente. Porém, o que muitos não sabem é que John Newton experimentou o tráfico de escravos do século 17 sob duas perspectivas diferentes. Ele não foi somente capitão de um navio negreiro britânico (um trabalho do qual depois se

arrependeu amargamente), mas também tinha sido um escravo sob o controle de um senhor cruel e violento quando morou na África por um ano e três meses. O fato de ter conhecido a escravidão de perto, tanto como escravo como traficante de escravos, deu a Newton uma percepção diferenciada desse ambiente – constatações que o impactariam profundamente como reformador social e como teólogo.

A história começa em 1744, quando Newton se alistou na Marinha Real da Inglaterra contra sua vontade e se viu em direção à Índia como marinheiro a bordo do HMS Harwich. Ele estava acostumado aos navios (seu pai era capitão da marinha mercante), mas sua experiência na marinha foi insuportável, principalmente por causa de sua própria rebeldia e da sua falta de disciplina. Logo que surgiu a oportunidade de dar baixa, Newton não hesitou. O biógrafo Iain Murray relata o que aconteceu:

Enquanto a esquadra, seguindo rumo ao Sul pelo Atlântico, alcançava a Ilha da Madeira, Newton estava deitado certa manhã em sua rede quando um aspirante veio e a cortou, levando-o ao chão. Insatisfeito, Newton foi ao convés, onde encontrou um colega marinheiro prestes a ser transferido do Harwich para um navio mercante. As escoltas navais, ele descobriu, haviam solicitado dois marinheiros treinados e os pegaram de um navio mercante. Dois membros da tripulação do Harwich seriam levados em troca, mas somente um tinha sido selecionado para esse propósito no momento em que Newton viu o que se passava. Na mesma hora, ele implorou para ser transferido com o marinheiro que estava para deixar o navio, e, provavelmente, o capitão, agradecido por livrar-se dele, lhe deu baixa. Poucos minutos se passaram entre o momento em que ele estava dormindo na sua rede e a sua partida apressada, com uma bagagem que consistia simplesmente em um livro e um punhado de roupas.¹⁸³

Foi dessa maneira que John Newton fugiu da marinha britânica e da longa viagem para a Índia. Ele passou a fazer parte da tripulação de um navio mercante, uma posição que ele conhecia muito bem velejando com seu pai, mas essa experiência seria diferente em pelo menos um aspecto, porque:

Ele não tinha embarcado em um navio qualquer, mas sim em um navio que ia para a África, um navio negreiro. Ele só tinha 19 anos e não fazia ideia de que o tempo que passaria envolvido no tráfico de escravos duraria nove

longos anos, e que ele viveria coisas que moldariam e transformariam sua vida para sempre.¹⁸⁴

Pelos meses que se seguiram, o navio adquiriu escravos por toda a Costa Oeste da África, com o intuito de transportá-los para as Índias Ocidentais e para os Estados Unidos, antes de retornar à Grã-Bretanha, mas Newton não chegou a acompanhá-lo até a América. Depois de encontrar um dos passageiros do navio – um homem que ficou rico por seus interesses comerciais na costa africana –, Newton decidiu ficar na África e trabalhar para ele. Ele tinha certeza de que, se permanecesse lá, enriqueceria tão rapidamente quanto o homem que o contratou.

O que se seguiu foi, segundo relato do próprio Newton, o período mais sombrio e miserável da sua vida. Devido a vários acontecimentos, incluindo uma doença grave, ele desagradou ao seu novo chefe e à amante dele. Por causa disso, foi tratado como um escravo desprezado – “destituído de roupas e comida, abatido a um nível bem mais baixo do que o da miséria comum”¹⁸⁵ –, tão baixo, que até mesmo os nativos “se achavam bons demais para falar comigo”.¹⁸⁶ Como Newton recordaria mais tarde: “Eu era, mesmo sem ter sido chamado assim, um prisioneiro e, de fato, um escravo; fui abatido ao nível mais sórdido da miséria humana”.¹⁸⁷

Anos depois, em uma de suas cartas, Newton refletiu sobre esse momento de sua vida:

Houve ocasiões em que tive uma dificuldade extrema de obter um pouco de água fria quando estava ardendo em febre. Minha cama era uma esteira aberta sobre uma tábua ou uma prancha, e meu travesseiro era uma tora de madeira. Quando a febre me deixou e meu apetite voltou, até comeria com prazer, mas não havia quem me desse comida [...] Enquanto me recuperava bem lentamente (da doença), essa mulher [a amante do meu senhor] me visitava de vez em quando – não por pena, nem para me ajudar, mas sim para me insultar. Ela me chamava de inútil e preguiçoso, e me forçava a andar; quando eu conseguia andar com dificuldade, ela instruía seus criados para que imitassem meus movimentos, batessem palmas, dessem risada e jogassem limões em mim. Se escolhessem jogar pedras (como acho que aconteceu uma ou duas vezes), eles não eram repreendidos por isso; mas, em geral, embora todos os que dependiam dos favores dela

devessem participar dos maus-tratos, ainda assim, quando ela se afastava, os escravos [de nível mais baixo] mais se compadeciam de mim do que me desprezavam.¹⁸⁸

Enquanto viajava de navio com seu senhor, Newton continuou a receber maus-tratos parecidos:

Sempre que ele [meu senhor] saía do navio, eu era trancado no convés, com um punhado de arroz como minha ração diária; se ele permanecesse fora por mais tempo, não tinha alívio até a volta dele. Na verdade quase morri de fome, exceto por alguma oportunidade que tinha, de vez em quando, de pegar algum peixe [...] Só tinha para vestir uma camisa, uma calça, um lenço de algodão que servia de boné e um tecido de algodão de quase dois metros, para servir de agasalho; vestido dessa maneira, ficava exposto por vinte, trinta, até mesmo por quarenta horas seguidas a chuvas que não paravam, acompanhadas por fortes ventanias, sem abrigo algum quando meu senhor estava em terra. Até hoje sinto algumas leves sequelas das dores violentas que contraí naquela época. O frio e a umidade extremos que enfrentei naquela viagem, logo depois de ter saído de uma doença bem longa, quase minaram minha estrutura e meu ânimo. Meu ânimo voltou logo, mas os efeitos sobre meu corpo continuam comigo, como uma lembrança necessária da escravidão e do salário do pecado.¹⁸⁹

Sua situação era tão grave – “vivendo com fome e sede, praticamente sem roupa, carente de tudo”¹⁹⁰ –, que Newton muitas vezes se escondia de qualquer pessoa que o visitasse. Ele tinha, segundo seu próprio relato, “uma aparência tão pobre, que, quando um barco do navio chegava à ilha, a vergonha geralmente me constrangia a me esconder no mato, para que os estranhos não me vissem”.¹⁹¹ Finalmente, depois de cerca de um ano, a situação de Newton melhorou quando seu senhor permitiu que ele trabalhasse para um novo empregador; mas esse combinado só durou poucos meses, pois o jovem logo seria resgatado.

Como seu pai tinha muitos amigos que eram capitães de navios, ele rogou àqueles que estavam comerciando no litoral africano que lhe dessem informações sobre seu filho. Em fevereiro de 1747, o capitão do navio Greyhound acabou por encontrá-lo e o trouxe a bordo.¹⁹²

Como Newton explicou em suas cartas: “Foi assim que, de repente, fui liberto de um cativo de cerca de quinze meses”.¹⁹³

Nessa época, Newton ainda não era cristão. Na verdade, , ele manteve a reputação de malícia e palavras grosseiras em excesso, mesmo entre seus colegas marinheiros! Mas Deus estava de olho nele. Alguns meses depois, enquanto o Greyhound estava viajando para a Irlanda, uma tempestade violenta restabeleceu o juízo do rebelde impenitente, e, em um momento de pânico, ele clamou pela misericórdia de Deus. O navio sobreviveu de uma forma praticamente milagrosa, e a tripulação finalmente voltou para casa. Escrevendo sobre sua experiência espiritual, Newton relataria anos depois:

Estava sinceramente impactado pela consciência da graça imerecida que eu tinha recebido de voltar são e salvo mesmo tendo passado por tantos perigos. Estava arrependido da minha vida malvivida, e almejava uma reforma imediata [...] Reconhecia a misericórdia do Senhor em perdoar o que tinha se passado, mas minha motivação principal vinha da minha própria decisão de melhorar a partir daquele momento. Eu não tinha nenhum amigo cristão, nenhum ministro fiel para me avisar que a minha força era do tamanho da minha justiça [...] Portanto, eu considero esse momento como o início do meu retorno para Deus, ou mesmo do retorno dele para mim, mas acho que só me tornei um crente (no sentido completo da palavra) muito tempo depois disso.¹⁹⁴

Quando Newton voltou para a Inglaterra, ele continuou a exercer o tráfico de escravos. Na verdade, logo iniciou sua carreira como capitão de um navio de escravos. Tendo em conta tudo o que ele havia passado, sua decisão de exercer essa profissão questionável fica difícil de entender. A consciência do jovem marinheiro ainda era bem imatura¹⁹⁵ (de acordo com seu próprio relato, ele ainda não era um cristão sincero), e o seu tempo na África, aliado a seus anos de experiência na navegação, lhe deu qualificações únicas para a função. Além disso, ao conseguir um emprego fixo como capitão de um navio, naquele ponto ele estava apto a pedir em casamento o amor de sua vida, Polly. No entanto, a despeito de sua racionalização na época, Newton veria posteriormente sua participação no tráfico de escravos com vergonha e com uma tristeza profunda.

Nos anos seguintes, ele acabou liderando quatro expedições de tráfico de escravos – a primeira como primeiro-oficial e as outras três como capitão de seu próprio navio. Apesar de ter feito o máximo “para tratar os escravos sob seus cuidados de forma gentil e proporcionar-lhes conforto e bem-estar”,¹⁹⁶ Newton admitiu estar “chocado com um trabalho que convivia perpetuamente com correntes, ferrolhos e algemas”.¹⁹⁷ Até mesmo nessa fase da vida, ele “rogava frequentemente em [suas] orações que o Senhor, a seu tempo, se dignasse a engajá-lo em uma vocação mais humana”.¹⁹⁸ Quando problemas de saúde inesperados o forçaram a parar de navegar, Newton conseguiu um emprego na alfândega no porto de Liverpool. Nove anos depois, ele seria consagrado pastor, o chamado que seguiria fielmente até a idade de 82 anos.

Em 1788, 32 anos depois de largar o tráfico de escravos, Newton o denunciou publicamente (e pediu desculpas por participar dele) em um folheto intitulado *Thoughts upon the Slave Trade* [Pensamentos sobre o tráfico de escravos]. Esse folheto foi bastante lido e contribuiu muito para o movimento abolicionista britânico do final do século 18. Nele, Newton escreveu:

Minha consciência me constrange a passar vergonha por meio de uma confissão pública, a qual, mesmo sendo sincera, não foi realizada em tempo hábil para evitar ou consertar a tristeza e o prejuízo dos quais fui cúmplice anteriormente. Espero que seja sempre assunto de reflexão humilhante da minha parte ter exercido uma participação tão ativa em um negócio que atualmente faz meu coração estremecer.¹⁹⁹

Newton também pregou contra a escravidão e solicitou sua abolição. Em um sermão de 1794, enquanto relatava os males sociais da sua época, Newton disse ao seu rebanho:

Seria indesculpável, considerando a participação que tive anteriormente naquele comércio infeliz, se, nesta oportunidade, deixasse de mencionar o tráfico de escravos africanos. Não o considero um pecado nacional, porque espero e creio que a maioria esmagadora da nação deseje muito acabar com ele, mas, até agora, interesses mesquinhos e tendenciosos têm prevalecido sobre a voz da justiça, da humanidade e da verdade. Esse crime hediondo, no entanto, não é levado a sério o suficiente. Se estais

escandalizados com toda a razão ao ouvirdes sobre as crueldades perpetradas pela França, quem sabe vos scandalizaríeis ainda mais se tivésseis uma noção completa dos males e dos sofrimentos vinculados a esse tráfico, do qual entendo não de ouvir falar, mas de minha própria observação, que tem o mesmo nível de atrocidade, ou talvez tenha uma escala maior no passar de um ano, do que todas as piores ações ou qualquer ação em particular de que se tenha notícia sobre a França desde o início da sua revolução.²⁰⁰

Vários anos depois, em 1797, ele diria novamente à sua congregação: “Já confessei neste púlpito várias vezes, com vergonha, o cuidado [a participação] que tive por muito tempo no tráfico de escravos africanos”.²⁰¹

A influência de Newton, além da sua amizade com William Wilberforce, ajudou a causa abolicionista na Grã-Bretanha a alcançar seu objetivo. Em uma carta de 1804 para Wilberforce, o idoso pastor expressou o seu apoio:

Sou motivado a expressar minha gratidão a Deus e dar meus parabéns a Vossa Senhoria pelo sucesso que ele dignou dar até o momento a vossos esforços incansáveis pela abolição do tráfico de escravos [...] Somente aquele em cujas mãos estão o nosso tempo e o nosso caminho sabe se eu, que estou próximo de completar oitenta anos, viverei para ver o sucesso dessa empreitada, mas creio que a perspectiva esperançosa da sua realização me trará satisfação a cada dia, enquanto minhas condições de saúde permitirem.²⁰²

Em fevereiro de 1807, dez meses antes da morte de Newton, o Parlamento finalmente passou o Ato contra o Comércio de Escravos, criminalizando esse comércio terrível por todo o Império Britânico. O fato de Newton ter vivido o bastante para ver essa vitória extraordinária é um ponto culminante oportuno ao seu legado. O epitáfio de Newton, que ele mesmo escreveu antes de morrer, destacou sua valorização profunda àquilo a que ele atribuía todas as coisas: a maravilhosa graça de Deus:

JOHN NEWTON, escriturário
Antes um infiel e um libertino
Mercador de escravos na África

Foi, pela rica graça
De nosso Senhor e Salvador
JESUS CRISTO,
Guardado, restaurado, perdoado
E chamado para pregar a fé
Que tanto trabalhou para destruir.

ESCRavidÃO AO PECADO

Ninguém entendeu os horrores e os abusos do tráfico de escravos do século 17 tão bem como John Newton. Ele experimentou a escravidão dos dois lados – por ter vivido como escravo na África e por ter participado do tráfico de escravos depois de voltar para casa. No seu período de pastorado, escreveu sobre os abusos da escravidão e acabou desempenhando um papel importante na abolição do tráfico de escravos na Grã-Bretanha. Os cristãos nos dias de hoje podem alegrar-se pelo fato de Deus ter usado John Newton de forma providencial – não somente salvando pessoalmente sua vida de seu passado perverso, mas também o usando (com William Wilberforce e outros) para encerrar uma das maiores injustiças da história moderna.

Como Newton veio a perceber, o tráfico de escravos realizado pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos na sua época era completamente injusto e antibíblico. O sequestro ou o “roubo de homens” no qual se baseava todo esse sistema era proibido claramente tanto no Antigo quanto no Novo Testamento (Êxodo 21:16; 1Timóteo 1:10). Além disso, o preconceito racial que ele criou não tem lugar na igreja, na qual todos os cristãos são coparticipantes do corpo de Cristo (1Coríntios 12:13; Gálatas 3:28). Portanto, não é de admirar que, com o passar de anos do seu ministério, John Newton tenha ficado cada vez mais indignado com aquela instituição maligna e com a sua participação nela.

Seja como for, o testemunho inigualável de Newton lhe deu um senso profundo de valorização da misericórdia restauradora de Deus na sua vida. Suas experiências anteriores o ajudaram a entender o verdadeiro significado de ser escravo do pecado – ser perdidamente oprimido e explorado por um dono ímpio. Mesmo próximo ao

final de sua vida, com 75 anos, Newton ainda escrevia sobre seu “estado de maldade e miséria na África”, dizendo que “isso raramente fica duas horas fora dos meus pensamentos no tempo que passo acordado”.²⁰³ Ele sempre refletia sobre a dura realidade da escravidão de que foi vítima, fazendo comparações de sua experiência com a realidade espiritual da escravidão do pecado. Talvez não haja um paralelo mais impactante, pelo menos nos últimos séculos, do que o que existe entre a cruel maldade do tráfico de escravos efetuado por ingleses e norte-americanos e a opressão da escravidão ao pecado.

Ao longo de suas cartas e de seus hinos, Newton várias vezes expôs o contraste entre a escravidão ao pecado e a redenção que recebeu por meio de Jesus Cristo. Ele se descrevia, em sua condição de perdido, como “escravo voluntário de todos os males”²⁰⁴ e como “escravo cego de Satanás”²⁰⁵, de quem, se Cristo não o tivesse resgatado, “ainda seria prisioneiro”.²⁰⁶ Os hinos de Newton – que chegam a cerca de trezentos – ressoam com o tema glorioso da libertação de sua própria impiedade.²⁰⁷ Apesar de ele ter sido escravo “da maldade, do veneno [e] da morte” do pecado, tinha sido liberto pela graça de Deus.

Newton lembrava como era sua vida antes de se converter, de ser um daqueles que “faziam o que Satanás queria”, preso por “grilhões de culpa e de pecado”. Ele sabia exatamente como são aqueles que não creem:

*Natureza pervertida
Inclinada a todo mal
Comprometem sua vida
Ao diabo, que fatal!*

Sua existência lamentável é “descuidada durante o tempo em que vivem no pecado, escravizados pelo poder de Satanás”. Porque, no “castelo do [descrente] coração humano:”

*[Satanás] reina,
E a alma pequena pensa estar certa
Com grilhões à mostra, orgulha-se e gosta
Não quer ser liberta*

Mas Newton também sabia que:

*Bem mais forte que ele é o Salvador
Aparece bem na hora certa*

*Ele surge e o seu povo liberta
Do poder do usurpador*

Newton se alegrava no fato de que “Jesus resgata os escravos de Satanás”, porque:

*Ele nos encontra como escravos
Presos ao poder do diabo
Mas ele aparece na hora certa
Com seu braço nos liberta*

Nós fomos “libertos do pecado e da escuridão” porque Jesus nos “tirou da escravidão”. Embora estivéssemos mortos em nossos pecados, Deus nos deu vida, de modo que “passamos a viver de verdade, desfrutando essa liberdade”.

Ao mesmo tempo, Newton também entendeu as consequências éticas de sua liberdade em Cristo. Mesmo tendo sido resgatado da opressão perversa do pecado, ele já tinha um novo dono, o Senhor Jesus Cristo, mas, em contraste com o pecado – o mais impiedoso e cruel de todos os opressores –, Cristo é o Mestre perfeito, por ser justo, misericordioso e bom. Submeter-se à sua vontade é a alegria verdadeira. Newton podia exclamar:

*Adeus, mundo; teu ouro é escória
Agora trago a cruz à memória
P’ra me libertar Jesus morreu
Da lei, do pecado e do poder teu
Comprou minh’alma com amor
Aceita e toma tudo, Senhor,
Deixo tudo por tua vontade
Para ser só teu de verdade*

Ele escreveu em outra parte:

*Teu somente agora sou
Toma posse, meu Senhor
Porque tens me libertado
Dos desmandos do diabo
Meus talentos preparei
P’ra servir a ti, meu Rei*

Portanto,

Aquele rebelde que resistia

*Ao chamado do Salvador
Agora serve com alegria
Tua graça o conquistou*

Por ter sido resgatado dos laços da escravidão ao pecado, Newton estava motivado para obedecer a Cristo com todo o seu coração. Em um hino intitulado *We Were Pharaoh's Bondsmen* [Éramos escravos de Faraó], Newton comparou a libertação que o cristão teve do pecado à libertação que Israel teve do Egito. Como Faraó, o pecado é o mais severo dos mestres. Mas os cristãos, como os israelitas, podem alegrar-se por terem sido resgatados pela graça de Deus.

*Satanás nos subjugou
Quanto tempo de horror!
Então Jesus nos libertou
Ao cansado aliviou
Que momento especial
Em que teu braço sem igual
Nos resgatou com gran poder
E nos chamou p'ra dele ser
Adeus, morte e pecado atroz
Em sabedoria andamos nós
Que todo o nosso respirar
Seja p'ra te agradar
Muito em breve, no céu de luz,
No além estaremos com Jesus
Anunciemos com vigor
Como é rico o teu amor*

183 MURRAY, I. H. *Heroes*. Carlisle, PA: Banner of Truth, 2009. p. 90-91.

184 GORDON, G. The Earlier Years of Newton and Ryland. In: NEWTON, J. *Wise Counsel: John Newton's Letters to John Ryland Jr.* Carlisle, PA: Banner of Truth, 2009. p. 1-10.

185 NEWTON, J. Letter 5. In: CECIL, R. (ed.). *An Authentic Narrative*. Edinburgh: John Anderson, 1825. p. 44.

186 Ibid., letter 5, p. 39.

187 NEWTON, J. *The Works of John Newton*. 4 vols. New Haven: Nathan Whiting, 1824. 4:553. Essa citação em particular vem do folheto de Newton intitulado "Thoughts upon the African Slave Trade" ["Pensamentos sobre o tráfico de escravos africanos"].

188 NEWTON, *An Authentic Narrative*, letter 5, p. 42-43.

189 NEWTON, *An Authentic Narrative*, letter 5, p. 43-44.

- 190 Ibid., letter 6, p. 47.
- 191 Ibid., p. 46.
- 192 MURRAY, *Heroes*, p. 92.
- 193 NEWTON, op. cit., letter 6, p. 51.
- 194 Citação de Gordon, “The Earlier Years of Newton and Ryland”, p. 2.
- 195 Ao refletir sobre esses anos, Newton admitiu: “Na época em que me dediquei ao tráfico de escravos, nunca parei para pensar se o que fazia era legítimo” (*The Works of John Newton*, 1:65).
- 196 Citado de Gordon, “The Earlier Years of Newton”, p. 2.
- 197 NEWTON, *Authentic Narrative*, letter 13, p. 96.
- 198 Ibid.
- 199 Newton, *The Works of John Newton*, 4:533.
- 200 NEWTON, J. *The Works of the Rev. John Newton: Complete in One Volume*. London: Thomas Nelson, 1853. p. 860-61.
- 201 NEWTON, J. *The Works of the Rev. John Newton: Complete in One Volume*. London: Thomas Nelson, 1853. p. 869.
- 202 De uma carta com data de 5 de junho de 1804, em: BELMONTE, K., *William Wilberforce: A Hero for Humanity*. Grand Rapids: Zondervan, 2007. p. 146.
- 203 NEWTON, *Wise Counsel*, p. 380.
- 204 NEWTON, *The Works of John Newton* (Whiting), 1:27, extraído de uma carta com data de 17 de janeiro de 1763.
- 205 NEWTON, J. I Will Trust and Not Be Afraid. Book III, Hymn 37. In: *Olney Hymns: In Three Parts*. London: Thomas Nelson, 1855. p. 289.
- 206 NEWTON, J. The Legion Dispossessed. Book I, Hymn 92. In: *Olney Hymns*. p. 105-106.
- 207 As citações que se seguem neste capítulo vêm dos hinos de John Newton em *Olney Hymns*. Os hinos citados são do Livro I: hinos 109, 101, 118, 121, 122, 123; do Livro II: hinos 21, 25, 29, 39, 56, 100; e do Livro III: hinos 76, 87.



CAPÍTULO 8

PRESO, CEGO E MORTO

Já observamos algumas diferenças significativas entre a escravidão do imperialismo britânico do século 18 e a praticada no mundo romano no primeiro século. De forma mais importante, a escravidão romana não tinha um cunho racial, de modo que o escravo do primeiro século geralmente não apresentava nem características físicas nem roupas diferentes da pessoa livre. Além disso, o escravo romano geralmente tinha a oportunidade de alcançar a liberdade – passando a ser finalmente um cidadão ou até mesmo um senhor. Isso sem falar que o escravo de um senhor bom gozava de uma vida estável e relativamente confortável, e o escravo de uma pessoa importante geralmente participava, até certo ponto, do seu prestígio e influência. Em alguns casos, o escravo do primeiro século tinha educação primorosa e era treinado como especialista de sua área de atuação, com a permissão de trabalhar em igualdade de condições com a pessoa livre. Na verdade, alguns escravos até trabalhavam como médicos, professores ou filósofos no ofício de seus donos. Apesar de a sociedade romana nunca ter visto a escravidão como um ideal, a instituição geralmente não carregava o mesmo estigma associado ao tráfico de escravos do século 18.²⁰⁸

Mesmo assim, a literatura romana traz exemplos de injustiças infligidas aos escravos por donos cruéis e injustos. Assim como as experiências de John Newton afetaram sua perspectiva teológica,²⁰⁹ relatos como esses teriam dado aos cristãos do primeiro século uma compreensão bem clara da dor e do sofrimento que vêm da escravidão sob um tirano cruel. O professor de história S. Scott Bartchy nos dá esse exemplo:

Ao estudar a inutilidade da ira, Sêneca relata que um homem livre bem rico, chamado Vedius Pollio, jogou seus escravos aos peixes carnívoros. Um dia, quando um escravo, por falta de cuidado, quebrou um vaso de cristal na presença de alguns convidados, incluindo César Augusto, Vedius ordenou que o escravo fosse lançado no tanque de peixes. Em resposta ao clamor do escravo pedindo ajuda, Augusto ordenou que todo cristal pertencente a Vedius fosse colocado diante dele, quebrado e lançado no tanque de peixes, em vez do escravo.²¹⁰

Apesar de esse relato representar uma exceção, e não a regra, ele traz um retrato claro da crueldade extrema que mestres perversos poderiam infligir a seus escravos.

Com o passar do tempo, o direito romano começou a proteger os escravos dessas circunstâncias. Por volta do ano 61 d.C., a *Lex Petronia* proibia os donos de lançar seus escravos a animais selvagens sem permissão do magistrado local (a aprovação só era dada quando se provava uma péssima conduta). Antonino Pio, imperador em meados do século 2 d.C., proclamou que, se algum escravo buscasse asilo em uma estátua do Imperador, o governador da província deveria abrir um inquérito. Se ele constataste a crueldade do dono, esse dono seria obrigado a vender todos os seus escravos.²¹¹

No entanto, a necessidade de leis como essas indica que a crueldade com relação aos escravos era uma realidade no mundo romano.²¹²

Os cristãos primitivos tinham uma boa noção dos abusos que o escravo podia sofrer nas mãos de um senhor injusto. Muitos fiéis do primeiro século eram escravos,²¹³ e alguns deles recebiam um tratamento duro e injusto. Diante dessa situação, Pedro os instruiu: “Escravos, sujeitem-se a seus senhores com todo o respeito, não apenas aos bons e amáveis, mas também aos maus. Porque é louvável

que, por motivo de sua consciência para com Deus, alguém suporte aflições sofrendo injustamente” (1Pedro 2:18,19).

É dentro desse contexto cultural que o Novo Testamento fala sobre a escravidão ao pecado e sobre o reinado do pecado no coração humano. O pecado é o senhor mais infame e terrível que se pode imaginar (cf. Gênesis 4:7) – uma realidade que não passava despercebida pelos cristãos do primeiro século.²¹⁴ Eles naturalmente faziam comparações com os piores abusos em sua cultura, entendendo a subordinação total que fazia parte dessa escravidão.

Conforme vimos no capítulo 2, eles também podiam recorrer ao Antigo Testamento para encontrar exemplos dessa opressão, tendo como principal a opressão de Faraó no Êxodo. Por volta do primeiro século, não era incomum pensar em redenção em termos da libertação de Israel do Egito.²¹⁵ Tratava-se de uma comparação natural com a redenção cristã do pecado. Assim como Faraó era um tirano brutal, afligindo diariamente a mão de obra israelita com sofrimento e amargura, “o pecado também é um mestre severo que impiedosamente usa [seus escravos], mas se omite de dar qualquer recompensa real”.²¹⁶ Por isso, sempre que consideravam os maus-tratos infligidos aos escravos de sua própria cultura ou a situação dos escravos israelitas no Egito Antigo, os cristãos do primeiro século entendiam facilmente a simbologia da escravidão ao pecado.

O pecado é um tirano cruel. É o poder mais devastador e degenerativo que aflige a raça humana, de tal modo que toda a criação “geme até agora, como em dores de parto” (Romanos 8:22). Ele corrompe a pessoa como um todo – infectando a alma, poluindo a mente, pervertendo a consciência, contaminando os sentimentos e envenenando o poder de decisão.²¹⁷ É o câncer que destrói a vida e condena a alma, que deteriora cada coração perdido e prolifera-se como uma gangrena incurável. No entanto, os descrentes não são somente infectados pelo pecado, também são escravizados por ele. Jesus disse aos que o ouviam, em João 8:34: “Digo-lhes a verdade: Todo aquele que vive pecando é escravo do pecado”. O apóstolo Pedro descreveu de forma semelhante os falsos mestres como “escravos da corrupção, pois o homem é escravo daquilo que o domina” (2Pedro 2:19). Usando o mesmo simbolismo, Paulo

relembrou aos romanos que, antes da salvação, eles eram “escravos do pecado” (Romanos 6:17). Cada ser humano, até o momento da redenção, está sob o domínio do pecado. O incrédulo corrompe-se totalmente pela escravidão de sua condição decaída e é totalmente incapaz de libertar-se dela.

Não é de admirar que até o conceito dessa escravidão absoluta (uma doutrina comumente conhecida como “depravação total” ou “incapacidade total”²¹⁸) é repugnante para o coração humano decaído. Na verdade, nenhuma doutrina é mais odiada pelos incrédulos do que essa, e mesmo alguns cristãos a atacam veementemente.²¹⁹ Embora a doutrina da depravação total costume ser a mais atacada e subestimada dentre as doutrinas da graça, é a mais distintivamente cristã, porque é a base do entendimento correto do evangelho (Deus tudo inicia e recebe toda a glória). A negligência dessa doutrina dentro do contexto evangélico norte-americano causou todos os tipos de erros, incluindo tanto o evangelho “água com açúcar” quanto o pragmatismo impulsionado pelos que buscam o movimento de crescimento de igrejas. Mas a Escritura é clara: se o Espírito Santo não der vida espiritual, nenhum pecador é capaz de transformar sua natureza decaída ou de resgatar a si próprio do pecado e do julgamento divino. Ele não consegue nem iniciar nem efetivar nenhum aspecto da redenção. Até mesmo as “coisas boas” que os incrédulos fazem são como trapos de imundícia diante do Deus santo (Isaías 64:6). Perceba como isso é diferente de todos os outros sistemas religiosos, nos quais as pessoas são ensinadas que *conseguem* alcançar algum nível de justiça pelos seus próprios esforços, cooperando, desse modo, com a própria salvação. Isso foge completamente à verdade.

Uma das características predominantes da queda humana universal é o engano da mente do pecador sobre a sua condição verdadeira. Motivada pelo orgulho, a mente depravada pensa de si muito mais do que realmente é; mas a Palavra de Deus atravessa esse engano como uma espada afiada, diagnosticando o homem como um doente incurável, rebelde por natureza e incapaz de fazer qualquer coisa boa espiritualmente falando.

Como escravos do pecado, os incrédulos são hostis em relação a Deus e não conseguem agradá-lo em nenhum aspecto.²²⁰ Essa incapacidade total é ressaltada não apenas pelo fato de estarem presos ao pecado, mas também de serem mantidos *cegos* e *mortos* por ele. Eles são “obscurecidos no entendimento” (Efésios 4:18) e não conseguem compreender a verdade espiritual porque “o deus desta era [Satanás] cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (2Coríntios 4:4).²²¹ Além disso, os incrédulos estão “mortos em suas transgressões e pecados” (Efésios 2:1); ainda que estejam vivos, estão mortos (1Timóteo 5:6). Do mesmo modo que um cego não pode dar vista a si mesmo, ou que um morto não pode ressuscitar a si mesmo, o pecador é totalmente incapaz de comunicar a si mesmo o entendimento espiritual e a vida eterna. Como Lázaro, que jazia inerte no túmulo, a alma que não foi redimida continua sem vida até que a voz de Deus ordene: “Saia!”. Charles Spurgeon observou, ao examinar as comparações entre a ressurreição de Lázaro e o milagre da salvação:

A ressurreição de Lázaro encabeça a série maravilhosa de milagres com os quais nosso Senhor surpreendeu e instruiu as pessoas, porém não estou equivocado quando afirmo que esse é o tipo de milagre que o Senhor Jesus tem feito constantemente nos dias de hoje na esfera da mente e do espírito. Assim como ele ressuscitou os mortos fisicamente, ele também ressuscita os mortos espiritualmente! Assim como ele traz de volta o corpo da corrupção, ele ainda livra o homem dos pecados abomináveis!²²²

A história de Lázaro não demonstra somente o poder divino de Cristo sobre a morte (tanto física quanto espiritual), mas ilustra também a verdade teológica inversa – isto é, que os mortos não conseguem ressuscitar a si mesmos. Se não fosse pela intervenção de Cristo, o corpo de Lázaro teria permanecido morto no túmulo. Toda a humanidade é uma raça de Lázaros.²²³ Até o momento em que Deus passe a intervir de forma milagrosa, todos continuam mortos espiritualmente, escravizados perdidamente ao poder e à corrupção do pecado, “sem esperança e sem Deus no mundo” (Efésios 2:12), ou, como disse Spurgeon:

Por causa da queda e por causa do nosso próprio pecado, a natureza do homem tornou-se tão degradada, tão depravada e tão corrupta, que lhe é impossível chegar a Cristo sem a ajuda do Espírito Santo de Deus [...] A natureza [do homem] é tão corrupta, que ele não tem nem vontade nem poder de vir a Cristo, a menos que seja atraído pelo Espírito.²²⁴

Para complicar as coisas, a Bíblia ensina que os descrentes amam o pecado de todo o coração. Eles não são somente *incapazes* de se libertar de sua corrupção; eles também não têm *disposição* para isso. Como Jesus disse aos religiosos da época: “Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; contudo, vocês *não querem* vir a mim para terem vida” (João 5:39,40, destaque nosso). Por terem herdado uma natureza decaída de Adão, os seres humanos pecadores são “por natureza filhos da ira” (Efésios 2:3, ARC), caracterizados pelo coração duro, pela mente depravada, pela consciência contaminada e por ações arrogantes que ofendem a Deus.²²⁵ Como o Senhor explicou aos seus seguidores:

O que sai do homem é que o torna “impuro”. Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem “impuro” (Marcos 7:20-23).

O apóstolo Paulo descreveu de modo parecido a condição do incrédulo, em Romanos 3:10-12, destacando a relutância do pecador de vir a Deus:

Não há nenhum justo, nem um sequer;
Não há ninguém que entenda,
ninguém que busque a Deus.
Todos se desviaram,
tornaram-se juntamente inúteis;
não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer.

Em vez de buscar a Deus e a sua justiça, os pecadores que não foram redimidos trocam com prazer “a verdade de Deus pela

mentira” (Romanos 1:25), entregando-se “à depravação, cometendo com avidez toda espécie de impureza” (Efésios 4:19). São “egoístas [...] soberbos [e] mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus” (2Timóteo 3:2,4), buscando perpetuamente satisfazer os desejos de sua carne. Além disso, eles estão sob o controle e o domínio de Satanás, como Martinho Lutero explicou no seu tratado *A escravidão da vontade*:

Satanás é o príncipe do mundo, e, de acordo com os testemunhos de Cristo e de Paulo, governa a vontade e a mente desses homens que são seus prisioneiros e servos [...] É claramente demonstrado por passagens bíblicas, as quais de modo algum são ambíguas nem sequer obscuras, que Satanás é, de longe, o príncipe mais poderoso e mais astuto deste mundo; [como eu disse antes,] sob o seu poder governante, a vontade humana, sem liberdade alguma nem poder próprio, mas escrava do pecado e de Satanás, não almeja nada senão o que seu príncipe quer. E ele não permitirá que ela deseje nada de bom: ainda que Satanás não reinasse sobre ela, o próprio pecado, do qual o homem é escravo, a endureceria o suficiente para impedir que ela desejasse o bem.²²⁶

Com certeza, as pessoas que estão sob o domínio de Satanás terão o mesmo fim de destruição eterna. Apesar de o pecado prometer satisfação e vida para seus escravos, sua recompensa, na verdade, é completamente oposta – sofrimento nesta vida e condenação na próxima.²²⁷

A realidade impressionante é que, mesmo que o pecador pudesse transformar a condição do seu coração – o que a Escritura ensina ser impossível (Jeremias 13:23) –, nenhum descrente teria vontade de fazer isso. Quando é deixado à mercê da sua razão e da sua vontade natural, o pecador não redimido sempre vai preferir ser escravo do pecado a obedecer a Deus. Até o momento em que o Senhor intervém, o pecador não é capaz de (nem está disposto a) abandonar seu pecado ou de servir a Deus em justiça. Tanto sua vontade quanto sua razão estão completamente corrompidas. Lutero elabora a tese com uma série de perguntas retóricas:

O que a razão [do pecador] pode propor que seja correto, se é assim tão cega e ignorante? O que a vontade pode escolher de bom, se é tão má e

impotente? Além do mais, o que a vontade pode buscar, se a razão nada pode propor senão a escuridão de sua própria cegueira e ignorância? Para concluir, se a razão é tão errada, e a vontade tão contrária, o que o homem [incrédulo] pode fazer ou tentar que seja bom?²²⁸

A resposta, obviamente, é *nada*! A mente contaminada e a vontade corrupta do coração que não se converteu só são capazes de escolher o pecado. Por isso, a alma que não foi redimida “está presa compulsivamente ao serviço do pecado, e não pode desejar nada de bom”.²²⁹ Sem a intervenção divina, o escravo do pecado continua em um estado de completo desamparo e perdição. Ele não somente é incapaz de se libertar, mas também usa seus grilhões com grande disposição.

208 Segundo esse raciocínio, S. Scott Bartley observa: “O primeiro século d.C., portanto, foi uma época em que as condições de vida dos escravos estavam melhorando. A ação legal e a opinião pública apoiavam um tratamento melhor dos escravos [...] A maioria dos escravos no primeiro século tinha nascido na casa de seus donos, e eles recebiam treinamento para tarefas pessoais e públicas com importância e sofisticação cada vez maiores. Eles eram tratados de acordo com tudo isso” (*First-Century Slavery*. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 2002. p. 71).

209 No livro *Sixty-Six Letters to a Clergyman and His Family* (London: Simpkin, Marshall, & Co., 1844), Newton reconheceu o sofrimento que os escravos de senhores injustos teriam suportado na época do Novo Testamento: “Os servos, no tempo dos apóstolos, eram escravos [...] Os servos cujos donos eram gentios sem dúvida sofriam muito. Mesmo assim, o apóstolo esperava que esses pobres escravos dessem bom exemplo da doutrina de Deus, seu Salvador, e seguissem seu exemplo em todas as coisas” (p. 160-61).

210 BARTCHY, *First-Century Slavery*, p. 69. Em sua nota de rodapé (n235), o escritor explica que “essa é uma história incomum que não somente mostra o lado lamentável e terrível da escravidão, como também o interesse oficial de colocá-la sob controle”. Ele prossegue explicando que, simplesmente por uma questão econômica, os senhores tinham muito mais lucro tratando bem seus escravos do que tratando-os de forma cruel.

211 BARTCHY, *First-Century Slavery*, p. 71, nota 247.

212 Para um estudo sobre os escritos greco-romanos que provam a crueldade com a qual os escravos vez por outra eram tratados, cf. WIEDEMANN, T. *Greek & Roman Slavery*. Nova York: Routledge, 1988. p. 9-11, 167-187.

213 Cf. Efésios 6:5-9; Colossenses 3:22-25; Tito 2:9,10; Filemom 1:15,16.

214 Ao comentar Romanos 6, Leon Morris (em *Romans, Pillar New Testament Commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998. p. 261) escreve sobre os leitores de Paulo: “Eles tinham

conhecimento da escravidão, e Paulo argumentava com base no fato bem conhecido de que o escravo ficava completamente à disposição do seu senhor [...] Para Paulo, a premissa básica era de que todos são escravos antes de se tornarem cristãos, não são livres para fazer o que querem, porque estão sujeitos à escravidão do pecado”.

215 F. Büchsel, no verbete “*λυτρόω*”, em *Theological Dictionary of the New Testament*, editado por Gerhard, traduzido e editado por Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1967), explica que “redenção no uso judaico posterior sempre se refere à redenção do domínio dos povos gentios, geralmente o êxodo do Egito, mas também se refere às muitas outras libertações na história judaica – por exemplo, da opressão de Antíoco Epifânio IV” (4:350). Para saber mais sobre a conexão entre os israelitas como escravos no Egito e os incrédulos como escravos do pecado, cf. BYRON, J. *Slavery Metaphors in Early Judaism and Pauline Christianity*. Tübingen, Germany: J. C. B. Mohr, 2003. p. 229.

216 RICHARDS, L. O. *Bible Reader's Companion*. Colorado Springs: David C. Cook, 1991. p. 53.

217 Cf. Jeremias 44:15-17; João 3:19-21; Romanos 1:21; 2Coríntios 7:1; Tito 1:15.

218 É importante observar que a “depravação total” não quer dizer que o pecador seja o mais cruel ou violento possível. É óbvio que não se trata disso. Nem todo pecador é um assassino em série ou um esturpador. De fato, alguns pecadores parecem ser pessoas relativamente boas em comparação com outras, mas a Bíblia é clara a respeito da extensão da queda na vida do pecador. Não há nenhuma parte da natureza ou do ser do pecador que não tenha sido completamente manchada pelo pecado. Por esse motivo, quando falamos sobre “depravação total”, estamos falando sobre a dimensão total da contaminação do pecador pelos efeitos do pecado. Essa contaminação define o pecador como morto espiritualmente, completamente incapaz de reagir de forma positiva à verdade espiritual.

219 Para saber mais sobre a doutrina da depravação total, consulte o capítulo que escrevi no livro *Proclamando uma teologia centrada na cruz* (Ed. Tempo de Colheita, 2011) e o capítulo “Man's Radical Corruption” [A corrupção radical do homem] (p. 129-40), em *John Calvin: A Heart for Devotion, Doctrine, & Doxology* (Orlando: Reformation Trust, 2008).

220 Cf. Jeremias 13:23; Romanos 8:7,8; 14:23; Hebreus 11:6. Seguindo esse raciocínio, *A Confissão de Fé de Westminster* (cap. IX, § 3) declara: “O homem, caindo em um estado de pecado, perdeu totalmente a capacidade de desejar qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação, de sorte que um homem natural, inteiramente adverso a esse bem e morto no pecado, é incapaz de, pelo seu próprio poder, converter-se ou mesmo preparar-se para isso.”

221 Cf. João 8:43,44; 1Coríntios 2:14. Satanás é o governante do sistema perverso deste mundo (João 12:31; 2Coríntios 4:4; Efésios 2:2) e é o pai de todos “os que vivem na desobediência” (Efésios 5:6; cf. Mateus 13:38; 1João 3:10). Conhecido como “homicida desde o princípio”. (João 8:44), “pai da mentira” (João 8:44), “Maligno” (João 17:15; 1João 5:19; cf. Mateus 13:19) e “filho da perdição”/“filho da destruição” (João 17:12; 2Tessalonicenses 2:3), ele “anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar” (1Pedro 5:8). Apesar de o diabo se manifestar como “anjo de luz” (2Coríntios 11:14), propondo conceder satisfação em troca da obediência às suas exigências (cf. Mateus

4:8-10), suas tentações não passam de flechas ardentes de destruição espiritual (Efésios 6:16; cf. 1João 2:15-17).

222 SPURGEON, C. Unbinding Lazarus. Sermão n. 1.776. *Metropolitan Tabernacle Pulpit*. Pasadena, TX: Pilgrim Press, 1985. 30:219.

223 Sobre esse tema, o escritor Duane Edward Spencer observou: “Assim como Lázaro nunca poderia ter ouvido a voz de Jesus, nem poderia ter ‘vindo a Jesus’ sem ter primeiro recebido vida de nosso Senhor, todos os homens que estão ‘mortos em transgressões e pecados’ têm de ser vivificados por Deus antes de ‘virem a Cristo’. Já que os homens mortos não podem querer receber vida, mas podem ser ressuscitados somente pelo poder de Deus, o homem natural não pode, pelo seu (mítico) ‘livre-arbítrio’, *querer* ter a vida eterna (cf. João 10:26-28)” (SPENCER, *Tulip: The Five Points of Calvinism in the Light of Scripture*. Grand Rapids: Baker. p. 28).

224 SPURGEON, C. Human Inability. In: *New Park Street Pulpit*. 4 vols. London: Alabaster and Passmore, 1859. 4:138.

225 Quanto à natureza humana pecaminosa, cf. Salmos 51:5; Romanos 3:23; 5:12,15-17; 1Coríntios 15:21. Quanto aos efeitos corruptores do pecado, cf. Salmos 143:2; Jeremias 17:9; Romanos 1:28; 5:10; 8:7; Efésios 2:1-3; 4:18; Tito 1:15; 3:1-3.

226 LUTERO, M. *Nascido escravo*. São José dos Campos: Ed. Fiel, 2007. Cf. Gálatas 4:8; Efésios 2:2.

227 Cf. Ezequiel 18:4; Mateus 5:29; Romanos 6:23; 8:13; Gálatas 6:8; Tiago 1:15; Apocalipse 20:10-15.

228 LUTERO, M. *On the Bondage of Will*. Trad. Henry Cole. London: T. Bensley, 1823. p. 320.

229 Ibid., p. 125. Nessa seção, Lutero está demonstrando a falácia, por parte de Erasmo, do uso do termo “livre-arbítrio”. Enquanto faz isso, Lutero revela seu próprio entendimento sobre a depravação total.

SALVO DO PECADO, ESCRAVIZADO PELA GRAÇA

É da escravidão ao pecado que Deus salva os eleitos, resgatando-os do domínio da escuridão e transferindo-os para o Reino do seu Filho (Colossenses 1:13). Na época em que só amávamos a nós mesmos e ao nosso pecado, Deus nos amou primeiro, de tal maneira que tivemos a chance de corresponder a ele com fé.²³⁰ Como o apóstolo João explica: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados [...] Nós amamos porque ele nos amou primeiro (1João 4:10,19). Ao salvar-nos do pecado, Deus iniciou e efetuou tudo. Se não fosse por sua intervenção proposital, ainda estaríamos desamparados nessa escravidão.

É importante observar que, na época do Império Romano, os escravos não escolhiam seus senhores; em vez disso, eram os senhores que escolhiam seus escravos. Essa questão é bastante esclarecida pelas descrições sobre o mercado romano de escravos, no qual os escravos eram completamente sujeitos às opiniões e às decisões dos compradores potenciais.²³¹ Como Francis Lyall explica:

Já que escravos eram vistos como coisas, como mercadorias simples, eles podiam ser comprados e vendidos, ou ter sua propriedade transferida, sem nenhum poder de decisão da parte deles. A transferência de um escravo era uma questão técnica, mas costumava ser realizada por meio de uma compra. Portanto, é interessante encontrar dois exemplos dessa simbologia em 1Coríntios, uma carta dirigida à igreja em uma cidade que abrigava um mercado importante de escravos. Em 1Coríntios 6:20 e 7:23, aprendemos que somos “comprados por alto preço” [...] [De forma importante,] nas questões relacionadas à compra de escravos, a vontade do escravo não tinha importância alguma.²³²

No mercado romano de escravos, as decisões referentes ao futuro dos escravos ficavam somente nas mãos do comprador, não daquele que era vendido. De modo semelhante, a Bíblia ensina que Deus escolheu seus escravos pela sua vontade soberana, independente e eletiva. De fato, ele os escolheu para serem seus escravos antes de nascerem, e até mesmo antes de o mundo ter sido criado.²³³

Por terem sido escolhidos por Deus, aqueles que creem foram comprados “pelo seu [de Cristo] próprio sangue” (Atos 20:28),²³⁴ predestinados a serem livres da escravidão ao pecado e conduzidos para a casa de Deus.²³⁵ Ele nos procurou apesar de nós não o buscarmos, trazendo-nos para si mesmo e nos tirando das muletas e da condenação do pecado. Como Paulo, fomos “alcançados por Cristo Jesus” (Filipenses 3:12), e passamos a ser seus cativos voluntários, seus prisioneiros alegres e parte do povo de sua propriedade particular.²³⁶ Fazemos parte daqueles que pertencem a ele não porque o escolhemos, mas porque ele nos escolheu.

No entanto, ao contrário do mercado de escravos romanos – em que os escravos eram escolhidos por suas características positivas, como força, saúde e aparência física –, Deus escolheu seus escravos tendo o conhecimento completo de suas fraquezas e defeitos. Dentre nós, “poucos eram sábios segundo os padrões humanos; poucos eram poderosos; poucos eram de nobre nascimento. Mas Deus escolheu o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios, e escolheu o que para o mundo é fraqueza para envergonhar o que é forte” (1Coríntios 1:26,27). De fato, ele nos elegeu por misericórdia para a

salvação, salvando-nos não porque sejamos bons em nós mesmos, mas de acordo com os seus próprios propósitos eternos e em nome da sua glória.

O Novo Testamento está cheio de exemplos da obra de eleição e da iniciativa de Deus na salvação. Em João 15:16, Jesus disse a seus discípulos: “Vocês não me escolheram, mas eu os escolhi para irem e darem fruto, fruto que permaneça, a fim de que o Pai lhes conceda o que pedirem em meu nome”. Em Atos 2:39, Pedro destacou que a promessa da salvação se aplicava “para todos quantos o Senhor, o nosso Deus, chamar”. Lemos no relato de Atos 13:48 que, em resposta à obra missionária de Paulo entre os gentios, “creram todos os que haviam sido designados para a vida eterna”. Três capítulos depois, ficamos sabendo que Lídia creu somente depois que “o Senhor abriu seu coração para atender à mensagem de Paulo” (Atos 16:14). Em cada exemplo, foi Deus que fez a obra de escolher, chamar, nomear e abrir o coração, e ainda é isso que acontece quando a alma é salva, porque o novo nascimento sempre vem não “por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas [...] de Deus” (João 1:13).

A vontade de Deus na salvação é singular, sem se basear em nada senão na sua escolha eletiva, que é livre e não sofre influência alguma. Por isso, o Espírito Santo opera onde quer, o filho vivifica a quem deseja, e nenhum incrédulo consegue vir a Deus sem que o Pai o conduza.²³⁷ Quando estávamos presos a nossos pecados, o Filho nos libertou (João 8:36). Quando estávamos cegos por causa da incredulidade, Deus “brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2Coríntios 4:6). Quando estávamos mortos em nossas transgressões e em nossos pecados, ele “deu-nos vida com Cristo” (Efésios 2:5). Ele é quem teve a iniciativa de cada aspecto da obra de salvação em nosso coração, de tal modo que não temos mérito algum por nada em nossa salvação.²³⁸ Toda a glória vai para ele.

Na salvação, o Deus trino opera soberanamente sobre aqueles que ele quer resgatar, transmitindo vida aos corações mortos e visão às mentes obscurecidas. Portanto, a salvação “não depende do desejo ou do esforço humano, mas da misericórdia de Deus” (Romanos 9:16).

Do mesmo modo que não escolhemos nascer no sentido físico, não escolhemos ser nascidos do alto (João 3:3-8). Nem eu nem você cremos no evangelho por sermos mais sábios ou justos do que os outros, mas porque Deus interveio de forma amável. Não há margem para qualquer orgulho sutil da nossa parte, somente para gratidão. A obra exclusiva de Deus na redenção dos pecadores mostra que ele merece todo o louvor.

De fato, a doutrina da eleição soberana não nega nem contradiz a responsabilidade do pecador de deixar o pecado e de crer em Cristo como Salvador e Senhor.²³⁹ O evangelho chama todos os homens para a fé e para o arrependimento, mas, como vimos, o coração pecaminoso odeia a Deus, e, quando tem a oportunidade de escolher, sempre escolherá o pecado. Felizmente, a graça soberana de Deus não inclui somente o dom da salvação, mas também a fé que leva ao arrependimento e que é necessária para se receber esse dom.²⁴⁰ Por isso, embora os pecadores sejam totalmente responsáveis por rejeitar o evangelho, só o Senhor tem o mérito pela salvação dos que creem – por ter tomado a iniciativa, realizado e providenciado tudo, inclusive os meios pelos quais os fiéis conseguem corresponder ao evangelho. “Então, deixe a palavra ‘merecido’ ser escrita no chão do inferno, mas que seja escrita na porta do céu e da vida a expressão ‘dom gratuito’.”²⁴¹

O apóstolo Paulo destacou várias vezes a realidade da predestinação divina em suas epístolas, observando tanto a escolha eletiva de Deus quanto seu chamado eficaz.²⁴² Ele incentivou os tessalonicenses, por exemplo, com estas palavras:

Mas nós devemos sempre dar graças a Deus por vocês, irmãos amados pelo Senhor, *porque desde o princípio Deus os escolheu para serem salvos mediante a obra santificadora* do Espírito e a fé na verdade. Ele os *chamou para isso por meio de nosso evangelho*, a fim de tomarem posse da glória de nosso Senhor Jesus Cristo (2Tessalonicenses 2:13,14, destaque nosso).

Nas suas cartas para Timóteo e Tito, o apóstolo até citou a obra eletiva de Deus como incentivo para sua própria perseverança. Ele disse a Timóteo: “tudo suporte por causa dos eleitos” (2Timóteo 2:10), e da mesma forma explicou a Tito que ele era escravo de Deus e

apóstolo de Cristo “para levar os eleitos de Deus à fé” (Tito 1:1). Paulo também se incluiu na companhia dos eleitos de Deus, observando que Deus “nos salvou e nos chamou com uma santa vocação, não em virtude das nossas obras, mas por causa da sua própria determinação e graça. Esta graça nos foi dada em Cristo Jesus desde os tempos eternos” (2Timóteo 1:9).

Paulo não estava sozinho em seu entendimento da obra eletiva na salvação. Outros escritores do Novo Testamento destacaram essa mesma realidade. O autor de Hebreus explicou que Cristo morreu “para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna” (9:15). Tiago observou que nossa salvação veio “por sua decisão” quando “ele nos gerou pela palavra da verdade” (Tiago 1:18). Pedro escreveu sua primeira carta “aos eleitos de Deus [...] escolhidos de acordo com o pré-conhecimento de Deus Pai, pela obra santificadora do Espírito, para a obediência a Jesus Cristo e a aspersão do seu sangue” (1Pedro 1:1,2).²⁴³ João se referiu a uma senhora como “eleita” (2João v. 13), e Judas, de forma semelhante, iniciou sua carta com estas palavras: “aos que foram chamados, amados por Deus Pai e guardados por Jesus Cristo” (Judas v. 1).

O refrão marcante da Escritura confirma essa conclusão inevitável: Deus é aquele que escolhe ter “misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer” (Romanos 9:18). Ele é quem toma a iniciativa e realiza a obra da salvação por aqueles a quem predestinou desde o eterno passado. Ele os chama para si mesmo, concedendo a fé e o arrependimento, redimindo-os da sua escravidão ao pecado. Por causa disso, os fiéis são chamados, acertadamente, de “eleitos por ele escolhidos” (Marcos 13:20), porque não conseguíamos amá-lo sem que ele nos amasse primeiro.

COMPRADOS POR ALTO PREÇO

Como, porém, Deus resgata esses escravos do pecado que ele escolheu para si mesmo? O Novo Testamento responde a essa pergunta com a doutrina da redenção – o conceito que recorre tanto à linguagem do mercado romano de escravos quanto ao êxodo de Israel da escravidão do Egito.

A Bíblia utiliza duas palavras gregas para transmitir a verdade da redenção.²⁴⁴ A primeira é *agorazo*, que, com seu termo derivada *exagorazo*, significa “comprar” ou “adquirir”. A palavra tem como raiz *agora*, que significa “mercado”, e fala de compra ou comércio, e “especialmente da aquisição de um escravo com o propósito de libertá-lo”.²⁴⁵ Usada no sentido figurado, seu significado era “baseado na comparação da lei religiosa que, na realidade, concedia liberdade a um escravo adquirido por um deus”.²⁴⁶ Teologicamente falando, refere-se à aquisição espiritual da redenção, na qual um preço foi pago para libertar os pecadores da sua escravidão. Por isso, no Novo Testamento, “é expresso que Cristo adquiriu seus discípulos, fazendo deles, desse modo, sua propriedade particular [...] Fala-se também que ele os comprou para Deus ao derramar seu sangue”.²⁴⁷

O outro termo grego para redenção é *lytroo* (e seus derivados), que se refere especificamente ao “dinheiro de resgate [pago] para a alforria de escravos”.²⁴⁸ Para aqueles que foram “vendidos como escravos ao pecado” (Romanos 7:14), uma categoria que inclui todos os descendentes decaídos de Adão, a redenção é o único meio de resgate do domínio maldito do pecado. Somente aqueles que foram comprados por alto preço, ao serem resgatados por meio da morte substitutiva de Cristo na cruz,²⁴⁹ podem alegrar-se em saber que foram totalmente perdoados. Pela graça de Deus, por conta do sacrifício expiatório de Cristo, eles foram libertos do pecado, de Satanás e da morte.²⁵⁰ Como o autor de Hebreus explica, o Filho de Deus veio para que, “por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo, e libertasse aqueles que durante toda a vida estiveram escravizados pelo medo da morte” (2:14,15).

O tema glorioso da redenção – que os cristãos foram comprados pelo nosso Senhor por meio de sua morte – ecoa por todo o Novo Testamento,²⁵¹ mas, de modo diferente da época romana, “não foi por meio de coisas perecíveis como prata ou ouro que [fomos] redimidos da [nossa] maneira vazia de viver, transmitida por [nossos] antepassados” (1Pedro 1:18), nem fomos redimidos pelo “sangue de bodes e novilhos” (Hebreus 9:12). Em vez disso, nossa redenção é o próprio Senhor Jesus Cristo,²⁵² que na morte “se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um

povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras” (Tito 2:14). Agora, como propriedade particular dele, nós, que fomos antes escravos do pecado, passamos a ser escravos de um novo Senhor e Mestre.

Nossa redenção em Cristo gera tanto *libertação* do pecado quanto *perdão* do pecado. Não somos somente libertos da escravidão do nosso antigo senhor, mas também fomos libertos das consequências mortais do pecado – isto é, a ira eterna de Deus. Como Paulo exclamou em Romanos 8:1,2: “Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, porque por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida me libertou da lei do pecado e da morte”. Porque estamos nele, todos os nossos pecados – do passado, do presente e do futuro – foram “perdoados, graças ao nome de Jesus” (1João 2:12).²⁵³

SALVOS DO PECADO. ESCRAVIZADOS PELA GRAÇA

O dom divino da redenção traz salvação tanto da opressão do pecado quanto das suas consequências – e, um dia, até mesmo da sua existência. Logo, não precisamos mais ter medo de nosso antigo senhor, nem temer a ira de Deus.²⁵⁴ Cristo venceu o pecado e Satanás na cruz, e também levou sobre si todo o castigo da ira de Deus por todos os que creem nele. Sua morte nos libertou do pecado, da condenação e do medo.²⁵⁵

No entanto, não podemos pensar que nossa redenção de alguma maneira nos dê alguma permissão para pecar. Na verdade, acontece justamente o contrário.²⁵⁶ Quando éramos escravos do pecado, estávamos “livres da justiça” (Romanos 6:20), mas agora somos “escravos da justiça” (6:18), fomos “libertos do pecado e nos tornamos escravos de Deus” (6:22).²⁵⁷ Fomos libertos *do pecado* no sentido de que somos agora livres para obedecer, para viver de um modo justo e para buscar a santidade. Somos escravos de Cristo, “mas aqui está a coisa maravilhosa e bem surpreendente: *a verdadeira liberdade é ser escravo de Cristo*”.²⁵⁸ Murray Harris observou:

Um dos paradoxos cristãos mais clássicos é que a liberdade leva à escravidão, e a escravidão leva à liberdade. Logo que as pessoas são libertas por Cristo da escravidão do pecado, iniciam uma escravidão nova e permanente a ele. De fato, uma escravidão termina a fim de permitir que a outra comece. Embora essa emancipação aconteça individualmente, as pessoas que são libertas não são “escravos de Cristo” simplesmente isoladas. Elas fazem parte de uma comunidade mundial de “coescravos”, todos pertencentes ao Senhor que comprou sua liberdade, e todos comprometidos a obedecer-lhe e agradá-lo.²⁵⁹

Ao contrário do pecado, Cristo é o Senhor perfeito – um tema que já estudamos com detalhes, e não há como exagerar esse contraste, porque é o maior possível. O pecado é o senhor mais cruel e injusto de todos, enquanto Cristo é o mais amável e compassivo. O fardo do pecado é pesado e repugnante, ao passo que o fardo de Cristo “é leve” e seu “jugo é suave” (Mateus 11:30). O pecado retém seus escravos na escuridão e na morte, mas Cristo traz luz e vida para todos aqueles que foram “vivificados com ele” (Colossenses 2:13). O pecado desvia, engana e destrói, porém Cristo é “o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6). Na medida em que a escravidão ao pecado consiste em tudo o que é abominável, danoso, terrível e desprezível, a escravidão a Cristo, pelo contrário, envolve tudo o que é bom, glorioso, alegre e justo.

Servir a Deus “sob a graça” é uma experiência libertadora, totalmente diferente da escravidão ao pecado, e não há somente uma grande diferença no caráter das duas formas de serviço; também existe uma grande diferença entre o destino ao qual elas levam. O pecado paga um salário a seus servos: a morte. Deus não se limita a pagar salários a seus servos; ele lhes dá algo melhor e bem mais generoso. Na sua graça, ele lhes dá a vida eterna como um dom gratuito – da qual eles tomam posse por sua união com Cristo.²⁶⁰

A liberdade em Cristo, portanto, não é liberdade *para* o pecado, mas liberdade *do* pecado – liberdade para viver como Deus quer, em verdade e santidade (cf. 1Pedro 1:16): “A liberdade do cristão não consiste na liberdade para fazer o que ele ou ela quiser, mas na liberdade para obedecer a Deus – de forma voluntária, alegre e

prática”.²⁶¹ Afinal de contas, para os cristãos, “o pecado não será mais seu senhor, porque eles passaram a ser propriedade de outro dono, a saber, Cristo”.²⁶² Como um comentarista explica:

A liberdade em Cristo não é um convite para um egocentrismo esplêndido. Todo aquele que está livre em Cristo se torna escravo da justiça. Está livre do pecado para se entregar completamente a causas nobres [...] Os libertos não vagam em um vácuo moral. São *escravos da justiça*”.²⁶³

A verdadeira liberdade começa quando termina a escravidão ao pecado, e a escravidão ao pecado somente termina quando passamos a ser escravos de Deus. Somos também seus cidadãos, amigos e membros da sua família. Tudo isso se torna possível porque ele nos escolheu e nos chamou para si mesmo, redimindo-nos de nossa escravidão ao pecado e concedendo-nos a vida eterna por meio de seu Filho.

No capítulo 7, observamos a vida e a teologia de John Newton – um homem que entendeu tanto os terrores da escravidão ao pecado quanto as alegrias da obediência irrestrita a Cristo. Como notamos, o domínio que Newton tinha dessa verdade profunda se reflete nos muitos hinos que ele escreveu. Outro compositor de hinos famoso, contemporâneo de Newton, é Charles Wesley. Poeta produtivo, Wesley compôs mais de 6 mil hinos, e muitos deles ainda são cantados. A quarta estrofe de um de seus hinos mais conhecidos, *And Can It Be?* [E pode ser?], resume a realidade gloriosa da redenção do pecado que Deus realiza, além do dever subsequente, por parte do cristão, de seguir e obedecer a seu novo Senhor:

*Minh'alma estava na prisão
Na noite escura do pecar
Tua luz me deu a salvação
Assim eu pude despertar
Levantei-me p'ra te seguir
Agora posso então sorrir*

O hino termina com a verdade impactante da esperança gloriosa que todos os remidos têm em Cristo:

*Não temo mais condenação
Jesus é meu fiel Pastor*

*Vestido em santa retidão
Aproximo-me do Senhor
Certo que coroa eu terei
Por meio de Jesus, meu Rei*

230 Passagens como João 4:10; Atos 11:17,18; Efésios 2:8; Filipenses 1:29; 2Pedro 1:1; 2Timóteo 2:25 e Tito 3:5 indicam que a fé salvadora e penitente é dom de Deus, e não fruto do esforço do homem.

231 Keith Bradley explica que, sem participarem da questão em momento algum, os escravos “parecem, na maioria dos casos, ter acompanhado os procedimentos em silêncio” (*Slavery and Society at Rome*. Cambridge University Press, 1994. p. 56).

232 LYALL, F. *Slaves, Citizens, Sons: Legal Metaphors in the Epistles*. Grand Rapids: Academie Books, 1984. p. 38-39. Além disso, Murray J. Harris traça um paralelo entre 1Coríntios 6:20 e 7:23 e “o conceito do Antigo Testamento de ‘redenção e aquisição’ do povo de Israel por Deus depois da escravidão egípcia (p. ex., Êxodo 6:6; Salmos 74:2) para que eles se tornassem sua propriedade valiosa (Êxodo 19:5,6; Deuteronômio 26:18; Malaquias 3:17)” (*Slave of Christ*. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 1999. p. 122).

233 Cf. Romanos 9:11; Efésios 1:4; 2Tessalonicenses 2:13; 2Timóteo 1:9; Tito 1:2.

234 Cf. tb. 1Pedro 1:18,19; Apocalipse 5:9; 14:4.

235 Cf. Gálatas 6:10; Efésios 2:19; Hebreus 3:6; 1Pedro 2:5; 4:17.

236 Cf. Romanos 16:7; 2Coríntios 2:14; Efésios 3:1; Colossenses 4:10; 2Timóteo 1:8; Tito 2:14; Filemom vv. 1,9,23 e 1Pedro 2:9. O termo “coprisioneiro” em Romanos 16:7, Colossenses 4:10 e Filemom v. 23 significa literalmente “coprisioneiro de guerra”. Provavelmente Paulo o estava usando em sentido figurado, para incluir a si mesmo e a esses homens como prisioneiros no serviço de Cristo (cf. HARRIS, *Slave of Christ*, p. 117).

237 João 3:7; 5:21; 6:44,65; cf. Mateus 11:27.

238 Cf. Filipenses 1:6 e 1Coríntios 1:29-31.

239 Cf. Ezequiel 18:23,32; 33:11; João 3:18,19,36; 5:40; 2Tessalonicenses 2:10-12; Apocalipse 22:17.

240 Tanto a fé (Efésios 2:8) quanto o arrependimento (2Timóteo 2:25) são dons de Deus.

241 BAXTER, R. *The Saints' Everlasting Rest*, citado em MACARTHUR, J. *The Glory of Heaven*. Wheaton, IL: Crossway, 1996. p. 171.

242 Cf. Romanos 8:29,30,33; Efésios 1:3-11; Colossenses 3:12; 1Tessalonicenses 1:4.

243 A palavra *pré-conhecimento* não se refere somente a uma noção do que acontecerá no futuro, mas a uma determinação prévia do que acontecerá. Fala de planejar, não simplesmente de observar (cf. Jeremias 1:5; Atos 2:23). Nesse contexto, ela indica que Deus pensou previamente e predestinou cada parte do relacionamento do cristão com ele.

244 O *Evangelical Dictionary of Theology* (EDT) explica que redenção “é expressa na Escritura pelos grupos de palavras *agorazo* e *lyo*. Esses termos pressupõem o contexto de uma

negociação no mercado, referindo-se à aquisição de bens ou à libertação de escravos. Ao usar essas palavras, os escritores do Novo Testamento buscaram representar a atividade salvadora de Cristo em termos que evocam a libertação da escravidão. A maioria dessas palavras remete à libertação da prisão pelo pagamento de um preço de resgate” (RIGHTMIRE, R. D. Redeem, Redemption. In: ELWELL, W. A. (ed.). EDT. Grand Rapids: Baker, 1996. p. 664-65).

245 W. E. Vine, comentando o termo “*exagorazo*” no *Expository Dictionary of New Testament Words* (Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell Company, 1966. p. 263).

246 William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich comentando o termo “*agorazo*” em *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Chicago: Chicago University Press, 1969. p. 12).

247 Carl Ludwig Wilibald Grimm comentando o termo “*agorazo*” em *Greek-English Lexicon of the New Testament*. Trad. Joseph Henry Thayer (Grand Rapids: Zondervan, 1970. p. 8). Cf. João 17:9,10; 1Coríntios 6:20; Gálatas 3:13; Apocalipse 5:9; 14:3,4.

248 Arndt e Gingrich comentando o termo “*λύτρον*” em *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, p. 483.

249 Cf. Mateus 20:28; Marcos 10:45; 1Coríntios 6:20; 7:23; 2Coríntios 5:21; Colossenses 2:14; 1Timóteo 2:6.

250 Devemos ser cuidadosos para não levar a metáfora do resgate longe demais, a ponto de concluir que Cristo pagou algum tipo de resgate ao pecado ou a Satanás para libertar os escravos do pecado. Foi para Deus que Cristo morreu, de modo que sua morte substitutiva apaziguou a ira de Deus e satisfaz a justiça de Deus, fazendo, por meio disso, a expiação completa pelos pecados daqueles pelos quais ele morreu. F. Büchsel, comentando o termo “*λύτρον*” em *Theological Wordbook of the New Testament*, editado por Gerhard Kittel, traduzido e editado por Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1967) (IV, 344), observa que não há “dúvida de que Deus é quem recebe o resgate. Jesus serve a Deus quando morre, e Deus exige implacavelmente o sofrimento de seu Filho. Deus o fere. Toda a possibilidade de Satanás receber o resgate é descartada desse modo [...] [Os pecadores têm de] ser libertos da dívida para com Deus”.

251 P. ex., Romanos 3:24; Efésios 1:7; Colossenses 1:14.

252 1Coríntios 1:30; cf. Mateus 26:28.

253 Cf. Efésios 4:32; Colossenses 2:13. Apesar de não estarmos mais sob o poder do pecado (Romanos 6:14-19), a realidade é que, como a nova criação está encarcerada pela carne humana não redimida, nós ainda temos dificuldades com o pecado nesta vida (Romanos 7:21-24; 1João 1:8), até a redenção completa do corpo (Romanos 8:18-23). A obra redentora que Cristo realizou na salvação nunca precisará ser repetida – a expiação e a justificação foram realizadas de forma completa naquele momento, mas todos aqueles que foram limpos pela justificação graciosa de Deus precisam estar, no sentido vivencial, sendo sempre lavados, à medida que lutam pelo pecado e crescem na santificação. Como o Senhor disse a Pedro: “Quem já se banhou precisa apenas lavar os pés; todo o seu corpo está limpo” (João 13:10). Portanto, somos chamados a confessar nossos pecados regularmente (1João 1:9), pedindo o perdão da limpeza diária que recoloca a intimidade espiritual e a utilidade no seu nível máximo (cf. Mateus 6:12,14,15). Ao serem rápidos em se confessar e em se afastar do pecado,

os cristãos podem desfrutar das bênçãos espirituais profundas, sejam as que vêm da redenção do pecado, sejam as que vêm da comunhão com Deus, da qual eles participam através de Cristo (1João 1:3; cf. Hebreus 10:19) enquanto aguardam a redenção total da presença do pecado na glória.

254 Cf. 1Coríntios 15:56,57; 1João 4:17,18.

255 Cf. João 8:34-36; Romanos 8:15,33,34; Hebreus 2:14,15.

256 Cf. Romanos 6:1,2,15. F. Büchsel descreve a ética semelhante a Cristo que acompanha a fé salvadora dos remidos: “Aceitar o perdão de Jesus consiste em aceitar o dom de Cristo, que em obediência voluntária tornou toda a sua existência, vida e morte em uma oferta a Deus, de modo que aqueles que aceitam esse perdão não descansam até que prestem a mesma obediência a Deus” (s.v. “λυτρόω” em *Theological Dictionary of the New Testament* [versão completa], 4:348).

257 Comentando Romanos 6:18, Douglas Moo escreveu: “O verbo passivo nessa passagem (como nos vv. 17 e 22) chama novamente a atenção para a iniciativa de Deus” (*The Wycliffe Exegetical Commentary, Romans 1-8*. Chicago: Moody Press, 1991. p. 419).

258 BOICE, J. M. *Romans*, 4 vols. Grand Rapids: Baker, 1991. 2:690.

259 HARRIS, *Slave of Christ*, p. 153.

260 BRUCE, F. F. *Romans, Tyndale New Testament Commentary*. reimpr. Grand Rapids: Eerdmans, 2002. p. 133.

261 MOO. *The Wycliffe Exegetical Commentary, Romans 1-8*. p. 415. Moo acrescentou: “Ninguém está livre de um senhor, e os não cristãos que pensam ser livres estão sob uma ilusão criada e sustentada por Satanás. A escolha que as pessoas precisam encarar não é: ‘Devo manter minha liberdade ou entregá-la e sujeitá-la a Deus?’, mas sim ‘Devo servir ao pecado ou servir a Deus?’”.

262 CRANFIELD, C. E. B. *The Epistle to the Romans*. 2 vols. Edinburgh: T&T Clark, 1975. 1:319. Na página 321, o escritor observa que o uso que Paulo faz da metáfora da escravidão “expressa de fato a posse completa, a obrigação total e a responsabilidade total que caracterizam a vida sob a graça, com uma força e uma vivacidade que nenhuma outra comparação parece ser capaz de igualar”.

263 MORRIS, L. *The Epistle to the Romans, Pillar New Testament Commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998. p. 264.



CAPÍTULO 10

DE ESCRAVOS A FILHOS [PARTE 1]

Já estudamos as doutrinas da graça com alguns detalhes e observamos a maneira como a Escritura usa a simbologia do escravo para exemplificar esses temas gloriosos. Percebe-se a doutrina da *depravação total* no fato de serem os descrentes escravos do pecado. Eles não podem nem querem libertar-se da escravidão do pecado sobre todas as áreas de sua vida. Sem que haja uma intervenção divina, eles são prisioneiros do pecado desamparados e perdidos, sob o domínio da escuridão e fadados à destruição eterna.

A doutrina da *eleição soberana* ensina que Deus, em sua infinita misericórdia, escolhe salvar os pecadores que tinha determinado amar no eterno passado. Mesmo quando éramos inimigos dele, Deus nos buscou, trazendo-nos a si mesmo por meio da sua *graça irresistível*. Ele nos resgatou do pecado, transformou nosso coração e nos transferiu para o Reino do seu Filho. Apesar de termos sido escravos do pecado, agora somos escravos de Cristo e da justiça. O escravo romano não escolhia seu dono. Em vez disso, o senhor sempre escolhia o escravo. No que depende de nosso raciocínio decaído, você e eu nunca teríamos escolhido a Deus, mas, segundo a graça do

Senhor, ele nos escolheu – tomando a iniciativa e operando tudo o que é necessário para nossa salvação.

A doutrina da *redenção particular* também é revelada pelo simbolismo do comércio na Escritura, em que se retrata um negócio ou um resgate. A morte de Cristo na cruz realmente paga a pena do pecador eleito, redimindo-o do pecado e resgatando-o da ira de Deus. Na época do Império Romano, o dono pagava somente pelos escravos que ele estava comprando. Da mesma forma, os benefícios salvadores da obra redentora de Cristo são aplicados somente àqueles que Deus escolheu para si mesmo. Aquele que crê é propriedade particular de Cristo, por ter sido comprado por um alto preço: o seu sangue precioso.

Em tudo isso, não há mérito em nós por sermos crentes. Estávamos totalmente sujeitos à escravidão do pecado quando Deus interveio pela sua vontade soberana e nos resgatou com base na obra redentora de Cristo. Deus não somente nos salvou do pecado, mas prometeu e promete guardar-nos como sua propriedade – completando a obra que começou dentro de nós no momento da conversão, até que ela tenha o seu ponto máximo na glorificação.²⁶⁴ A promessa protetora de Deus para o seu povo, conhecida como *a perseverança dos santos* (ou também como *a segurança eterna do crente*), garante que aqueles que ele escolheu no eterno passado serão salvos no presente e glorificados no futuro. Como Paulo resumiu o processo em Romanos 8:30: “E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou”. O escravo que ele resgatou do pecado e comprou para si permanecerá na sua casa para sempre.

É esse último ponto, a nossa colocação permanente na casa de Deus, que vamos examinar nas páginas seguintes. Como já vimos, quando Deus resgata os incrédulos do pecado, torna-os seus próprios escravos, mas não para por aí. Na salvação, os remidos não somente se tornam seus escravos, mas também seus amigos (João 15:14,15), bem como cidadãos do seu Reino e, de modo mais extraordinário, filhos adotivos na sua família. Os cristãos foram transformados de escravos do pecado em filhos e filhas da justiça. O pai da igreja do século 4, João Crisóstomo, se maravilhou há muitos séculos:

Primeiro acontece a libertação do pecado, e depois a formação de escravos da justiça, o que é melhor do que qualquer liberdade. Porque Deus agiu como alguém que acolhe um órfão que havia sido raptado por selvagens para o seu país, não se limitando a libertá-lo da escravidão, mas sendo uma espécie de pai dele, dando-lhe uma criação digna. Isso é o que acontece no nosso caso, porque Deus não somente nos libertou dos nossos males anteriores, mas também nos guiou para uma vida de anjos. Ele nos abriu o caminho para desfrutar de uma vida melhor, encaminhando-nos ao abrigo da justiça e matando nossos males pregressos, mortificando o nosso velho homem e trazendo-nos à vida eterna.²⁶⁵

O PAI DOS QUE SÃO ÓRFÃOS

George Müller tinha cerca de trinta anos quando ele e sua mulher, Mary, começaram seu ministério com os órfãos de Bristol, na Inglaterra. George tinha começado a pastorear em Bristol alguns anos antes (em 1832); agora, ele e Mary abriam sua própria casa para as crianças necessitadas. Como o biógrafo Arthur T. Pierson explicou, “o coração amável [de Müller] fora atraído para a pobreza e para a miséria em todos os lugares, mas especialmente no caso das crianças órfãs de pai e mãe”.²⁶⁶

O trabalho, que começou com trinta órfãos, logo cresceu. Foram preparadas outras casas, e foram recebidos mais cem, mas a necessidade era ainda maior. Portanto, em 1849, um prédio foi construído em separado, podendo abrigar trezentos órfãos. Por volta de 1870, havia cinco prédios grandes, abrigando um total de 2 mil crianças. Em uma época na qual os órfãos compunham perto de sessenta por cento da população de criminosos da Inglaterra,²⁶⁷ o ministério de Müller tirou milhares de jovens das ruas e da prisão, mas, de forma mais importante, seu destaque evangelístico dava a entender que essas mesmas crianças foram salvas do pecado e de suas consequências eternas. Como seu biógrafo explicou, “a esperança principal [de Müller] era ser um instrumento para a saúde espiritual dessas crianças”. Mesmo assim, “ele se alegrava em ver como Deus usava também essas casas para a promoção do seu bem-estar físico e,

em muitos casos, para a renovação total do seu corpo fraco e doente”.²⁶⁸

Em seu trabalho, George Müller não era motivado somente pela compaixão pelos menores abandonados, mas também por uma convicção profunda baseada nas doutrinas da graça. Ele já tinha uns vinte e poucos anos quando começou a estudar essas realidades bíblicas profundas – inclusive a depravação total do homem e a eleição soberana de Deus na salvação. A princípio, ele as rejeitou categoricamente, mas, como ele mesmo contaria depois: “Antes desse período, eu era muito contrário às doutrinas da eleição, da redenção particular e da graça perseverante final, de tal modo que [...] eu cheguei a chamar a eleição de doutrina de demônios”.²⁶⁹ No entanto, à medida que o jovem Müller começou a examinar as Escrituras, seu entendimento mudou dramaticamente. O que parecia “doutrina de demônios” logo passou a ser uma verdade preciosa:

Recorri à Palavra, lendo o Novo Testamento desde o começo, dando uma atenção particular a essas verdades. Para meu grande espanto, descobri que havia quatro vezes mais passagens que falam decisivamente sobre a eleição e a graça perseverante do que aquelas que falam aparentemente contra essas verdades; e, mesmo essas poucas, logo depois, quando as examinei e entendi, serviram para me firmar nessas doutrinas.²⁷⁰

Desse modo, George Müller acreditou que:

O Pai nos escolheu antes da fundação do mundo [...] que também designou todos os meios pelos quais [nossa redenção] deveria vir [...] que o Filho, para nos salvar, tinha cumprido a lei [e] levou o castigo devido pelos nossos pecados [...] [e] que só o Espírito Santo pode ensinar-nos sobre nosso estado natural, mostrar nossa necessidade de um salvador [e] nos capacitar a crer em Cristo.²⁷¹

Tendo investigado de forma abrangente a Palavra de Deus, ele, agora, adotava de todo o coração as doutrinas da depravação total, da eleição soberana, da graça irresistível, da redenção particular e da perseverança dos santos.

Boa parte da oposição inicial a essas doutrinas vinha de sua concepção errada de que elas abafariam seu zelo evangelístico. Para

sua surpresa, e grande alegria, o efeito delas foi exatamente o contrário. Por causa delas, ele podia dizer:

Com o passar do tempo [...] aprouve a Deus mostrar-me as doutrinas da graça de um modo que não tinha visto antes. A princípio eu as odiava: “Se isso fosse verdade, eu não poderia fazer nada para a conversão dos pecadores, já que tudo dependeria de Deus e da obra do seu Espírito”, mas, quando agradou a Deus me revelar essas verdades, meu coração foi levado a um ponto tal que pude dizer: “Não me contento somente em ser um martelo, um machado ou uma serra nas mãos de Deus, mas sinto-me honrado em ser escolhido e usado por ele de alguma maneira, e, já que sou usado como instrumento para que os pecadores sejam convertidos, darei a ele toda a glória”. O Senhor fez com que eu desse fruto, e que esse fruto fosse abundante. Os pecadores se converteram aos montes, e pelo fato de Deus ter-me usado de algum modo em sua obra.²⁷²

O entendimento de Müller sobre essas doutrinas bíblicas reformadas serviu também para fortalecer sua caminhada pessoal com Deus. Ao refletir sobre sua própria santificação progressiva, ele observou:

Quanto ao efeito que essas doutrinas tiveram em mim, sou forçado a afirmar, para a glória de Deus, que, mesmo sendo extremamente fraco, e não tão morto assim para a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, como era de se esperar e como não poderia deixar de ser, mesmo assim, pela graça de Deus, tenho aproximado-me cada vez mais dele nesse período. Minha vida nunca foi tão diferente, e posso dizer que vivi muito mais para Deus do que antes.²⁷³

Motivado por um novo entendimento sobre a graça de Deus na salvação, George Müller embarcou num caminho de um profundo e sacrificial ministério. No decurso de sua vida, ele supervisionou a assistência de 100 mil órfãos na Inglaterra do século 19 – sustentando-os e educando-os, a ponto de ser acusado de elevar as crianças pobres acima de sua posição na vida. Como guerreiro fervoroso de oração, ele nunca pediu dinheiro para suas casas de órfãos, mas, em vez disso, dirigiu todos os seus pedidos diretamente ao Senhor. Como evangelista itinerante, uma obra que ele iniciou com determinação aos setenta anos, viajou mais de 320 mil quilômetros árduos e lentos, pregando nos Estados Unidos, na Austrália, na Índia, na China, no Japão e em

outras dezenas de países. Em tudo isso, o coração de Müller estava fascinado por um desejo incansável de servir e glorificar ao seu Senhor. Por ter sido resgatado da escravidão ao pecado, passou a ser um escravo voluntário de Jesus Cristo. Como D. Martyn Lloyd Jones observou:

Uma declaração que o grande George Müller fez certa vez sobre si mesmo parece ilustrar isso bem claramente. Ele escreve deste modo: “Houve um dia em que morri completamente para George Müller e para as suas opiniões, preferências, gostos e vontade; morri para o mundo, para sua aprovação ou crítica, e também para a aprovação ou a acusação até mesmo dos meus irmãos e amigos; e desde aquele dia tenho estudado somente para me apresentar aprovado diante de Deus”. Essa é uma declaração que deve ser analisada profundamente.²⁷⁴

Sobre esse incansável trabalhador em prol do evangelho, “foi observado, de um modo comovente, no culto fúnebre [de Müller] que a primeira confissão por ele feita de sentir-se fraco e cansado foi na última noite de sua caminhada terrena”.²⁷⁵ Na manhã seguinte, um pouco antes das sete horas, Deus o levou para seu lar no céu. Sua última pregação, que ele fez vários meses antes, tinha adequadamente como destaque a esperança da ressurreição futura. Seu texto era 2Coríntios 5:1: “Sabemos que, se for destruída a temporária habitação terrena em que vivemos, temos da parte de Deus um edifício, uma casa eterna nos céus, não construída por mãos humanas”. Guarnecido da certeza dessa esperança e confiante na graça soberana de Deus, George Müller iniciou seu descanso eterno em 10 de março de 1898.

De uma perspectiva teológica, George Müller é notável não somente por causa do seu compromisso com as doutrinas da graça, mas também pelo modo como essas doutrinas o impulsionaram a orar, evangelizar e cuidar do próximo. Ele entendeu que era escravo de Cristo, e foi fiel para cumprir essa vocação. Além disso, seu ministério também serve, modestamente, como exemplo de outra grande realidade espiritual. Sua compaixão pelas crianças necessitadas retrata a bondade e o amor que Deus derrama sobre aqueles a quem ele salva. As crianças que Müller resgatou das ruas da Inglaterra não tinham

sustento, nem proteção, nem futuro além de uma vida de sofrimento e de crime, mas ele as trouxe aos seus cuidados e foi um segundo pai para elas – mesmo sem que elas pudessem dar nada em troca. É assim que Deus resgata os pecadores da opressão e da infelicidade do pecado. Ele troca seus trapos de imundícia por vestes de justiça, recebe-os na sua casa e os convida para sentar-se à sua mesa, além de prometer-lhes um futuro glorioso.

DE ESCRAVOS A FILHOS

O fato de Deus, na sua graça, nos libertar do pecado e nos fazer seus escravos é uma verdade maravilhosa e difícil de compreender. Que privilégio é, para nós, conhecer e obedecer ao Senhor celestial! Conforme observamos no capítulo 6, a dignidade do escravo vinha do poder e da posição do seu dono. Na época antiga, os escravos do rei eram os mais respeitados de todos. Nós pertencemos ao Rei dos reis – o próprio Deus. Não existe honra maior do que essa. E, ainda, o Senhor concedeu uma distinção maior para nós que somos de sua propriedade.

Ao nos libertar da miséria do pecado, Deus não se limita a nos receber como servos, mas também nos acolhe na sua casa e nos faz membros da sua própria família. Ele não somente nos resgatou, mas comprou, criou laços de amizade e nos recebeu; ele também nos adotou, transformando os que eram antes filhos da ira (Efésios 2:3) em filhos e filhas da justiça. Tudo isso é possível pela obra redentora de Cristo, que é “o Filho Unigênito” (João 3:16) e “o primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8:29; cf. Apocalipse 1:5).²⁷⁶

A própria palavra “adoção” é cheia de conotações referentes à compaixão, à bondade, à graça e ao amor; porém, para entender completamente as nuances da metáfora do Novo Testamento, é útil recorrer mais uma vez à Roma Antiga.²⁷⁷ Apesar de a adoção formal de escravos ser um tanto incomum, era aceita pela lei romana,²⁷⁸ além de acontecer de fato em alguns momentos.²⁷⁹ O caráter extraordinário dessa prática faz do amor adotivo de Deus por nós algo bem mais impressionante – que ele tenha agido de forma inesperada, adotando todos os seus escravos como filhos²⁸⁰ e nos

nomeando seus herdeiros (Romanos 8:17). Na Roma Antiga, o ato de adoção concedia imediatamente ao ex-escravo sua liberdade, colocando-o para sempre na família do seu senhor.²⁸¹ Além disso, podemos descansar confiantemente sabendo que nos foi dado um lugar permanente na família de Deus.

A adoção, na época do Império Romano, simbolizava um novo começo: a entrada em uma nova família, de modo que se quebravam todos os laços e obrigações anteriores da família. O processo de adoção consistia em vários procedimentos legais específicos. O primeiro passo cortava completamente o relacionamento e o vínculo legal da criança adotada com sua família natural. O passo seguinte fazia dela membro permanente de sua nova família.²⁸² Em acréscimo, todas as obrigações financeiras anteriores eram eliminadas, como se nunca tivessem existido.²⁸³ Era exigida a presença de sete testemunhas de reputação para que o procedimento fosse formalizado legalmente. Se fosse necessário, o testemunho delas refutaria qualquer questionamento possível contra a adoção depois que o pai morresse.²⁸⁴

Uma vez que fosse terminada a adoção, o novo filho ou filha estava então totalmente sob o cuidado e sob o controle do novo pai. O pai antigo não tinha mais nenhuma autoridade sobre seu ex-filho. Nas casas romanas, a autoridade do *paterfamilias* (“pai de família”) era final e absoluta, e essa autoridade se estendia aos que eram adotados naquela casa, a partir do momento de sua adoção. Como explica um especialista:

A partir daquele momento, o *paterfamilias* passava a ter sobre seu novo “filho” o mesmo controle que já exercia sobre seus filhos naturais. Passava a ser dono de todos os bens e aquisições da pessoa adotada, controlava seus relacionamentos pessoais e tinha direitos de disciplina.²⁸⁵

Essa simbologia com certeza reforça a instrução do Novo Testamento sobre como “as pessoas devem comportar-se na casa de Deus” (1Timóteo 3:15).²⁸⁶ Também explica as referências bíblicas à disciplina paterna: “Ora, qual o filho que não é disciplinado por seu pai?” (Hebreus 12:7), mas, ao contrário dos pais terrenos, que às vezes tendem a se irritar e a ser severos, Deus é um Pai perfeito. Além

disso, por causa da nossa posição em Cristo, Deus agora nos vê e nos trata como trata o seu próprio Filho – com amor infinito.²⁸⁷ O Pai não pode dar nada além do melhor para seu Filho. Semelhantemente, ele não dará nada senão o melhor para aqueles dentre nós que estão em Cristo – razão pela qual “sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (Romanos 8:28). Um especialista explica: “Embora a distinção entre Jesus como Filho único e os cristãos como filhos e filhas de Deus em Cristo não deixe de existir (p. ex., João 20:17), os fiéis mesmo assim se tornam em um sentido real e espiritual irmãos e irmãs de Jesus, bem como um do outro”.²⁸⁸ O escritor aos hebreus se expressa deste modo: “Tanto o que santifica quanto os que são santificados provêm de um só. Por isso Jesus não se envergonha de chamá-los irmãos” (Hebreus 2:11), e, mais adiante, diz que “Cristo é fiel como Filho sobre a casa de Deus; e esta casa somos nós, se é que nos apegamos firmemente à confiança e à esperança da qual nos gloriamos” (3:6).

Paulo conhecia muito bem os costumes da adoção romana e provavelmente os tinha em mente quando usou a linguagem da adoção em suas epístolas. Em Gálatas 4, ele destacou que aqueles que eram escravos antes do legalismo judaico tinham sido libertos pela adoção da graça:

Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da Lei, a fim de redimir os que estavam sob a Lei, para que recebêssemos a adoção de filhos. E, porque vocês são filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho ao coração de vocês, e ele clama: “Aba, Pai”. Assim, você já não é mais escravo [do legalismo da lei mosaica], mas filho; e, por ser filho, Deus também o tornou herdeiro” (Gálatas 4:4-7).

Em Romanos 8:14-17, o apóstolo afirma algo parecido – dessa vez destacando que a adoção nos liberta da escravidão do pecado e do medo da morte:²⁸⁹

Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temerem, mas receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos: “Aba, Pai”. O próprio Espírito testemunha ao nosso

espírito que somos filhos de Deus. Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo, se de fato participamos dos seus sofrimentos, para que também participemos da sua glória.

Essas duas passagens ressaltam verdades importantes sobre a adoção do cristão na família de Deus. Embora anteriormente escravizados pelo pecado e pela condenação da Lei, fomos libertos de forma permanente por meio da nossa adoção na família de Deus. Como seus filhos adotivos, desfrutamos do privilégio profundo de um relacionamento íntimo com nosso Pai celestial, a quem clamamos com afeto similar ao de criança: “Aba!”

Abba é uma palavra aramaica informal para “pai”, um termo de carinho íntimo. Expressa doçura, dependência e uma segurança infantil sem ansiedade ou medo. O próprio Jesus usou esse termo no jardim do Getsêmani quando derramou o coração diante do seu Pai (Marcos 14:36). Poder chegar ao Pai da mesma forma feita por Jesus destaca a realidade magnífica da nossa adoção. Ser considerado “herdeiro de Deus e coerdeiro com Cristo” é uma verdade notável, que nunca devemos ignorar.

Esta é a alegria e este é o encanto da salvação: pensar que nós, que antes éramos escravos do pecado, súditos de Satanás e filhos da desobediência, agora e para sempre somos escravos de Cristo, cidadãos do céu e filhos de Deus. Quando éramos seus inimigos, nem merecíamos ser seus escravos; ainda assim, ele nos fez tanto seus escravos como seus filhos. A realidade incomparável da adoção é esta: se Deus é nosso Senhor, também passa a ser nosso Pai. Como Alexander Maclaren, o grande pregador escocês, explicou: “Se somos escravos, então somos filhos e herdeiros de Deus por Jesus Cristo”.²⁹⁰

264 João 6:39; 10:27-29; Filipenses 1:6; Romanos 8:38,39.

265 CRISÓSTOMO, J. *Patrística: comentário às cartas de São Paulo*. São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

266 PIERSON, A. T. *George Müller of Bristol*. London: James Nisbet & Co., 1899. p. 116.

267 Baseado nos relatos de E. C. Tufnell, inspetor das escolas paroquiais da união em 1853-54, citado em PETERS, L. *Orphan Texts*. Nova York: Manchester University Press, 2000. p. 9.

268 PIERSON, *George Müller of Bristol*, p. 226.

269 MÜLLER, G. *A Narrative of Some of the Lord's Dealing with George Müller, Written by Himself, Jehovah Magnified. Addresses by George Müller Complete and Unabridged*. 2 vols. Muskegon, MI: Dust and Ashes, 2003. 1:46.

270 Ibid., 1:46.

271 MÜLLER, G. *The Life of Trust*. Nova York: Thomas Y. Crowell, 1898. p. 70.

272 MÜLLER, *Narrative*, 1:752.

273 MÜLLER, *Narrative*, 1:46.

274 LLOYD-JONES, D. M. *Studies in the Sermon on the Mount*. 2 volumes em 1. Grand Rapids: Eerdmans, 1976. 1:257.

275 PIERSON, *George Müller of Bristol*, p. 290.

276 O termo *primogênito*, quando se aplica a Jesus Cristo, não quer dizer que ele foi criado (como algumas seitas afirmam). Pelo contrário, tanto na cultura judaica quanto na greco-romana, o “primogênito” era o filho que tinha a maior importância, ao qual era dado o direito da herança, tendo ele nascido primeiro ou não. Portanto, o título “primogênito” significa “o mais sublime” ou “proeminente”.

277 Para estudar a razão pela qual a lei romana, em vez da grega, está por trás de boa parte da linguagem da adoção do Novo Testamento, cf. LYALL, F. *Slaves, Citizens, Sons: Legal Metaphors in the Epistles*. Grand Rapids: Academie Books, 1984. p. 95-99.

278 Cf. LYALL, *Slaves, Citizens, Sons*, p. 125-126. Apesar de a adoção, em geral, ser razoavelmente comum, a adoção formal de escravos, em particular, era muito rara. Informalmente, qualquer escravo alforriado veria em seu senhor – isto é, aquele que o libertou – uma figura paterna ou *patrono* (cf. JEFFERS, J. S. *The Greco-Roman World of the New Testament*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999. p. 239). Devido ao fato de Deus nos libertar da escravidão ao pecado, essa analogia tb. pode aplicar-se ao cristão. No entanto, a linguagem de adoção do Novo Testamento pressupõe o processo legal formal, no qual se concedem todos os privilégios da filiação e da herança.

279 Cf. BUCKLAND, W. W. *A Text-Book of Roman Law*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1963. p. 127-128; DODD, B. J. *In: The Problem with Paul*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996. Dodd dá o exemplo de um menino macedônico chamado Vitalis, que nasceu na escravidão, mas depois foi liberto e adotado pelo seu dono (p. 97).

280 O Novo Testamento se refere aos cristãos como filhos de Deus em várias passagens (p. ex., Gálatas 3:16,26,29; Efésios 5:1,8; Filipenses 2:15; 1 Tessalonicenses 5:5; Hebreus 2:10; 12:5-11; 1 João 3:1-3).

281 Por isso lemos, na introdução do livro *The Institutes of Gaius and Justinian*: “A adoção de escravos por seus senhores lhes dá liberdade” (MEARS, T. L. Clark, NJ: Lawbook Exchange, 2005. xxxvii).

282 Francis Lyall explica que “havia duas etapas no procedimento da *adoptio*. A primeira era a destruição do *potestas* antigo, o pátrio poder do pai ‘anterior’. O segundo estágio era a definição do pátrio poder do pai ‘novo’ [...]. A partir desse momento, o adotado estava para

todos os efeitos sujeito à autoridade e à direção do seu novo *paterfamilias*” (*Slaves, Citizens, Sons*, p. 86-87).

283 Cf. FERGUSON, E. *Backgrounds of Early Christianity*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003. p. 65-66.

284 Apesar de os processos romanos de adoção terem a intenção inicial de beneficiar o novo pai (garantindo-o de um novo herdeiro), o destaque do Novo Testamento é ao benefício que ela traz aos cristãos – ressaltando o caráter maravilhoso da provisão bondosa de Deus (cf. WALTERS, J. C. Paul, Adoption, and Inheritance. In: SAMPLEY, J. P. *Paul in the Greco-Roman World*. Harrisburg, PA: Trinity Press, 2003. p. 42-76).

285 LYALL, *Slaves, Citizens, Sons*, p. 83.

286 Cf. Gálatas 6:10; Efésios 2:19-22; 1Pedro 4:17.

287 Como J. I. Packer explica: “O estado de adoção dos cristãos significa que, em Cristo e por meio de Cristo, Deus os ama como ama a seu Filho unigênito e transmitirá a eles toda a glória que no momento é de Cristo” (*Concise Theology*. Wheaton, IL: Tyndale House, 1993. p. 167).

288 KOSTENBERGER, A. J.; JONES, D. W. *God, Marriage, and Family*. Wheaton, IL: Crossway, 2004. p. 150. O tema é explicado de forma mais profunda por Walter Elwell: “A adoção deixa claro que a nossa filiação é um dom, diferentemente da filiação de Cristo, que faz parte da sua natureza” (*The Shaw Pocket Bible Handbook*. Wheaton, IL: Harold Shaw, 1984. p. 346).

289 Como John Byron observou: “A ideia da adoção em [Romanos] 8:15 não é elaborada para contrastar da escravidão em si mesma, mas de um tipo de escravidão em particular, isto é, da escravidão ao pecado” (*Slavery Metaphors in Early Judaism and Pauline Christianity*. Tübingen, Germany: J. C. B. Mohr, 2003. p. 228).

290 MACLAREN, A. *Expositions of Holy Scripture, the Acts*. Bibliolife, 2007. p. 149.



CAPÍTULO 11

DE ESCRAVOS A FILHOS [PARTE 2]

Nas duas últimas décadas, uma quantidade imensa de livros lançados tem documentado a alegria e o encanto da adoção.²⁹¹ Até mesmo uma observação rápida das experiências tanto dos pais quanto dos filhos adotivos é suficiente para aquecer o coração. Relato após relato, órfãos presos por situações desesperadoras são resgatados por pessoas que se importam profundamente com eles, apesar de nunca se terem conhecido. Os candidatos a pais, dispostos a demonstrar amor e compaixão a uma criança necessitada, preenchem centenas de formulários e viajam milhares de quilômetros para completar suas famílias. Embora o processo leve meses, tudo muda para a criança em um instante – no momento em que o juiz finalmente a declara herdeira legal de seus pais adotivos. Se a criança tivesse sido esquecida em um orfanato ou estivesse sob o cuidado de pais biológicos violentos ou negligentes, o resultado provavelmente teria sido trágico, mas agora, pela intervenção daqueles que antes eram estranhos, o menino ou a menina recebe uma casa nova repleta do amor de uma família e de esperança para o futuro. Esse é o milagre da adoção.

O Novo Testamento se baseia na alegria e no encanto da adoção humana, usando-a como analogia para descrever o amor paternal de

Deus por nós. Éramos órfãos espirituais, sob a opressão cruel do pecado e de Satanás. Segundo a descrição da Escritura, éramos “filhos da ira” (Efésios 2:3, ARC), “filhos da desobediência” (Efésios 2:2; 5:6, ARC), “escravos do pecado” (Romanos 6:17) e seguidores do nosso “pai, o Diabo” (João 8:44). Nosso único lar era este mundo, nosso único guardião era Satanás, e nosso único futuro era o inferno. Se fôssemos abandonados nessa condição, teríamos morrido em nossos pecados e pereceríamos eternamente. “Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões – pela graça vocês são salvos” (Efésios 2:4,5). Pagando um alto preço, Deus interveio para nos resgatar do pecado e nos trazer à comunhão com ele. Nesse momento, o Juiz do universo declarou-nos justos, vestindo-nos na perfeição sem pecado de Jesus Cristo.²⁹² Ele nos fez seus escravos, ele nos trouxe para o seu Reino e nos recebeu na sua família. Esse é o milagre da nossa adoção espiritual.

ADOÇÃO E ANTIGO TESTAMENTO

Como vimos no capítulo anterior, a doutrina da adoção, do Novo Testamento, começa a despertar quando entendemos os procedimentos legais da Roma do primeiro século, mas, assim como fizemos com a metáfora da escravidão, temos de considerar também a história do Israel Antigo, reconhecendo o cenário que o Antigo Testamento fornece para o Novo. Quando fazemos assim, descobrimos uma riqueza profunda que se incorpora ao nosso entendimento da linguagem bíblica.

Uma das primeiras adoções registradas no Antigo Testamento é a de Moisés,²⁹³ cuja vida foi poupada quando sua mãe o fez flutuar pelo rio Nilo em uma cesta impermeável. Quando a filha de Faraó veio ao rio e o encontrou, teve pena dele. Miriã – irmã de Moisés, que o tinha observado de perto – se ofereceu para encontrar uma ama adequada para o bebê, e a filha do Faraó concordou. Por causa disso, Moisés foi devolvido à sua mãe biológica até que tivesse idade suficiente para morar no palácio. Naquela ocasião, ele foi trazido “à filha do faraó, que o adotou” (Êxodo 2:10). Foi assim que Moisés –

filho de escravos – passou a fazer parte da família real do Egito (cf. Atos 7:20,21).

Ester é outro exemplo notável de adoção. Quando seus pais morreram, ela foi adotada por Mardoqueu, seu primo mais velho. Ele cuidou dela como pai, fazendo questão de zelar pelo seu bem-estar (cf. Ester 2:5-11). Mesmo depois de se tornar rainha, Ester continuou a recorrer a Mardoqueu para receber a orientação e o incentivo de um pai.

Um dos relatos mais animadores do Antigo Testamento é o de Mefibosete, que, para todos os efeitos práticos, foi adotado pelo rei Davi.²⁹⁴ Mefibosete era o filho paraplégico de Jônatas, o melhor amigo de Davi, e o único descendente de Saul que sobreviveu. Ao receber notícias de Mefibosete, Davi o convidou para jantar regularmente em sua mesa real. Deu-lhe também as terras que pertenceram ao seu avô Saul (2Samuel 9:1-13).

Como a adoção de Mefibosete por Davi foi fruto exclusivo de um amor generoso, seu gesto nos dá um exemplo do amor adotivo de Deus por quem crê nele. Por exemplo, Davi tomou toda a iniciativa, procurou Mefibosete e o recebeu no palácio, mesmo sendo ele neto e herdeiro de Saul – o rei anterior de Israel e o maior perseguidor de Davi. Como deficiente físico, Mefibosete nada poderia fazer para corresponder ao que Davi fez, nem lhe oferecer nenhum serviço significativo. Até mesmo o nome de Mefibosete, que significa “coisa vergonhosa”, ressalta o fato de que ele era um excluído, mas Davi o trouxe para sua família, convidou-o à sua mesa e até lhe concedeu uma herança de terras sobre as quais não tinha nenhum direito legal.

Que retrato magnífico da adoção espiritual que Deus realizou por nós! Nós não o buscávamos, mas, ainda assim, ele nos encontrou e nos salvou. Éramos seus inimigos, mas mesmo assim ele nos fez seus amigos. Não poderíamos dar nada em troca, mas ele da mesma maneira nos concedeu uma herança que não merecíamos. Temos acesso a tudo isso pela graça, por meio da fé no seu Filho unigênito, Jesus Cristo. Deus declara a todo aquele que crê: “Eu os receberei, e lhes serei Pai, e vocês serão meus filhos e minhas filhas” (2Coríntios 6:17,18).

O apóstolo Paulo muito provavelmente conhecia cada um desses relatos do Antigo Testamento, e também sabia que a adoção de escravos, em particular, não tinha ocorrido somente em Roma, mas também na sociedade judaica.²⁹⁵ Nessas circunstâncias,

o escravo adotado sempre era considerado membro autêntico da família, e seu nome era registrado como tal não somente no registro da família, mas nos arquivos da cidade, com os outros membros da família; o livro no qual se fazia esse registro era chamado, em Jerusalém, de “Livro da Vida”, ou “Livro dos Vivos”. Então, o nome de todos aqueles que são adotados pelo Senhor são registrados no Livro da Vida da Jerusalém celestial; a beleza disso é que ele está registrado na família do *Rei*, não na família de um morador de rua, e é recebido na mesa do rei.²⁹⁶

Um exemplo importante da adoção de escravos é a própria nação de Israel como um todo. No Êxodo, essa nação foi liberta da escravidão no Egito e adotada por Deus. Sendo um especialista no Antigo Testamento, Paulo facilmente poderia replicar passagens como Êxodo 4:22; Deuteronômio 14:1,2; 32:5,6 e Oseias 1:10; 11:1 – textos que descrevem os israelitas como filhos adotivos de Deus.²⁹⁷ Paulo entendia que, assim como “Israel foi liberto do controle de Faraó para servir a Deus, o cristão foi liberto do controle do pecado para servir a Deus. Os dois são declarados por Deus como seus filhos”.²⁹⁸ Assim como Israel foi adotado por Deus (Romanos 9:4), os cristãos do Novo Testamento foram recebidos como filhos em sua família.²⁹⁹

Por causa da sua cidadania romana e do seu treinamento rabínico, não é de admirar que Paulo tenha baseado sua simbologia da adoção na prática de adoção romana e na prática judaica.³⁰⁰ Tudo isso ressalta a riqueza da metáfora da adoção – especialmente à luz da situação anterior do cristão como inimigo de Deus e escravo do pecado. Haveria honra ou privilégio maior do que ser filho adotivo de Deus? “A adoção nos traz todos os benefícios da filiação, inclusive o direito de chegarmos a Deus em oração. Ela nos garante o amor e a proteção de Deus. Ela contribui para a nossa certeza de que somos salvos”.³⁰¹ Não é à toa que Paulo exclamou em Efésios 1:3-5:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo. Porque

Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença. Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade.

Na eternidade passada, Deus graciosa e soberanamente escolheu cada um dos cristãos para fazer parte da sua família para sempre! Como somos “herdeiros, tendo a esperança da vida eterna” (Tito 3:7), passaremos toda a eternidade em alegre adoração e numa comunhão íntima com o Deus que nos salvou. Como Davi se alegrou em Salmos 16:5: “SENHOR, tu és a minha porção e o meu cálice; és tu que garantes o meu futuro”. Nosso futuro incrível também incluirá um aspecto maravilhoso da nossa adoção – a ressurreição do nosso corpo em um estado glorificado sem pecado algum. Paulo observou isso em Romanos 8:23 quando escreveu: “Gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo”.³⁰²

Em sua visão registrada no livro de Apocalipse, o apóstolo João ouviu:

uma forte voz que vinha do trono e dizia: “Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor [...] O vencedor herdará tudo isto, e eu serei seu Deus e ele será meu filho” (Apocalipse 21:3-4,7).

Que promessa gloriosa!

PARA SEMPRE NA FAMÍLIA

Um dos aspectos mais animadores da doutrina da adoção é que ela fala de um relacionamento permanente. Desse modo, a doutrina bíblica da adoção é “análoga ao procedimento, no Direito moderno, pelo qual um marido e uma mulher se tornam pais adotivos de filhos que não são seus descendentes”.³⁰³ A mudança de situação é sempre permanente,³⁰⁴ seja quando estudamos a adoção nos dias de hoje, seja quando estudamos a doutrina bíblica da adoção.

Enquanto o relacionamento entre senhor e escravo pode ser temporário, o relacionamento entre pai e filho não é assim. Como Jesus disse aos descrentes fariseus, destacando o caráter óbvio dessa realidade: “O escravo não tem lugar permanente na família, mas o filho pertence a ela para sempre” (João 8:35). No contexto, Jesus estava avisando aos fariseus (que se consideravam filhos de Deus por meio de Abraão) que eles eram, na realidade, escravos do pecado (8:34), com uma necessidade urgente de libertação pelo Filho de Deus (8:36). Como acontece com todos aqueles que são escravos do pecado, seu futuro era transitório e sombrio. Somente pela fé em Cristo eles poderiam ser libertos do pecado, e, com essa libertação, seriam adotados na família verdadeira de Deus – trocando algo temporário por uma posição *eterna*.

A doutrina da adoção define a realidade de que o cristão, uma vez salvo, é salvo para sempre. Um especialista, comentando o uso que Paulo faz do simbolismo da adoção, explicou:

A palavra importante “adoção” se relaciona com a justificação no sentido de que é declaratória e forense (já que é um termo jurídico). A adoção concede uma posição objetiva: assim como a justificação, é uma declaração que não se repete, *que tem validade permanente*. Como a justificação, a adoção se baseia no propósito amoroso e na graça de Deus.³⁰⁵

O conhecido pregador britânico D. Martin Lloyd-Jones explicou o mesmo princípio quando escreveu: “Se Deus o adotou na família, você é filho de Deus, o seu destino está seguro, é certo [...] É uma garantia. Se Deus me recebeu na família, eu não sou somente filho, sou herdeiro, e nada nem ninguém pode roubar a minha herança”.³⁰⁶

Se nossa adoção não fosse permanente, teríamos uma boa razão para ter medo, porque o nosso pecado ainda nos poderia condenar, mas:

oposta a essa sensação de medo diante de Deus, o justo juiz, está a sensação de paz e segurança diante de Deus, nosso Pai celestial, que é produzida pelo Espírito de Deus no coração dos cristãos. Paulo não poderia ter escolhido uma palavra melhor do que “adoção” para caracterizar essa paz e essa segurança.³⁰⁷

É por essa razão que a ideia principal de Romanos 8:15 é que o *espírito de adoção* lança fora o *espírito de temor* que vem da escravidão ao pecado.³⁰⁸ O Espírito Santo testifica a nosso espírito que somos filhos de Deus (Romanos 8:16), e, se temos o Espírito Santo, temos o selo inviolável de Deus que garante nossa herança futura.³⁰⁹ Além disso, “a adoção não depende de nenhum mérito nosso, mas do favor imerecido. Tudo é de graça”.³¹⁰ Não fizemos coisa alguma para ganhar nossa adoção na família de Deus, nem podemos fazer nada para perdê-la.

Um pouco mais adiante, no capítulo 8 de Romanos, Paulo ressaltou de forma mais profunda o caráter permanente da nossa adoção. Nos versículos 29-31, Paulo explicou que todos aqueles que Deus justificou ele glorificará; ninguém se perderá. Nos versículos 32-34, ele encorajou os cristãos com a verdade de que nenhuma acusação feita contra os eleitos de Deus será recebida, porque tudo foi perdoado por Cristo. Por fim, nos versículos 35-39, o apóstolo observou que não há absolutamente nada que possa separar os filhos de Deus de seu amor eterno. Com a conclusão do processo de adoção, nossa segurança na família de Deus permanece para sempre. A realidade impressionante da adoção é que os cristãos recebem “um lugar na família de Deus tão eterno e seguro quanto o seu Filho unigênito”.³¹¹

O restante do Novo Testamento confirma a verdade de que os cristãos, uma vez salvos, são salvos para sempre. Essa doutrina, conhecida como *segurança eterna dos cristãos* ou como *perseverança dos santos*, que eu mencionei no capítulo anterior, ensina que “todos aqueles que de fato nasceram de novo serão guardados pelo poder de Deus e perseverarão como cristãos até a morte, e que somente aqueles que perseveram até o fim são realmente nascidos de novo”.³¹² Em outras palavras, o cristão verdadeiro nunca pode perder sua salvação. A partir do momento em que é adotado na família de Deus, ele se torna filho de Deus para sempre.³¹³ Por outro lado, aquele que confessa que foi salvo, mas se desvia posteriormente, demonstra que a fé por ele professada nunca foi verdadeira (1João 2:19).

A segurança da nossa salvação é declarada em vários textos bíblicos. Em João 6:39,40, Jesus prometeu que não perderia nenhum dos que o Pai lhe tinha dado, e que no último dia ele ressuscitaria “todo aquele

que olhar para o Filho e nele crer”. Em João 10:27-29, nosso Senhor fez uma declaração parecida: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão; ninguém as poderá arrancar da minha mão. Meu Pai, que as deu para mim, é maior do que todos; ninguém as pode arrancar da mão de meu Pai”. Em cada um desses textos, aquele que deixa o pecado e crê em Cristo, confiando sinceramente nele, recebe a promessa irrestrita da vida eterna.³¹⁴

Por esse motivo, os cristãos podem ser descritos como aqueles para os quais “não há condenação” (Romanos 8:1). Foram selados com o Espírito Santo, simbolizando a natureza irrevogável da garantia divina. São “protegidos pelo poder de Deus” (1Pedro 1:5), de tal modo que “aquele que começou boa obra em vocês vai completá-la até o dia de Cristo Jesus” (Filipenses 1:6). Essa é a razão pela qual Paulo fez esta oração pelos tessalonicenses: “Que o próprio Deus da paz os santifique inteiramente. Que todo o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam preservados irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. *Aquele que os chama é fiel, e fará isso*” (1Tessalonicenses 5:23,24, destaque nosso). Ele repetiria essas palavras em sua segunda carta para a mesma igreja: “Mas o Senhor é fiel; ele os fortalecerá e os guardará do Maligno” (2Tessalonicenses 3:3). Judas encerrou de forma semelhante a sua epístola com esta doxologia triunfante:

Àquele que é poderoso para *impedi-los de cair e para apresentá-los diante da sua glória sem mácula e com grande alegria*, ao único Deus, nosso Salvador, sejam glória, majestade, poder e autoridade, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor, antes de todos os tempos, agora e para todo o sempre! Amém” (Judas 1:24,25; destaque nosso).

Promessas como essa destacam o que já aprendemos no nosso estudo sobre a adoção. Passando a fazer parte da família de Deus, os cristãos serão salvos até o fim. Como o escritor aos hebreus mencionou de Cristo, nosso Advogado: “Portanto, ele é capaz de salvar definitivamente aqueles que, por meio dele, aproximam-se de Deus, pois vive sempre para interceder por eles” (Hebreus 7:25; 1João 2:1).

Apesar de a salvação do cristão ser garantida, a doutrina da *segurança eterna* não deve ser usada como desculpa para o pecado (Romanos 6:1). Não fomos libertos do pecado para continuar nele. Em vez disso, nós nos tornamos livres para viver “como filhos da luz” (Efésios 5:8), sendo “imitadores de Deus, como filhos amados” (5:1). Além disso, somos filhos de um novo Pai, sujeitos à sua autoridade e constrangidos, ainda que por amor, a obedecer a seus mandamentos. Somos, para retornarmos à nossa metáfora inicial, *escravos* da justiça.

Em contraste, aquele que persiste no pecado sem arrependimento demonstra que nunca foi verdadeiramente adotado na família de Deus, independentemente do que declarar (1João 2:4,5). O filho verdadeiro de Deus manifesta inevitavelmente os traços característicos de sua nova família. Além disso, por ter sido resgatado do pecado e adotado por Deus, seu coração está cheio de gratidão e amor pelo Pai que o salvou. Como o teólogo do século 18, John Gill, explicou:

Nada tem uma força maior para promover a santidade no coração e na vida do que as promessas absolutas de Deus, referentes à graça e à glória, à segurança da adoção, à certeza da perseverança até o fim e ao completo desfrutar da vida eterna [...] Que absurda e irracional para um homem que se vê como filho de Deus, e acredita que perseverará até o fim, essa consideração de entregar-se a toda espécie de pecado.³¹⁵

AO MESMO TEMPO FILHOS E ESCRAVOS

A doutrina maravilhosa da adoção garante-nos que, como pessoas que creem em Jesus Cristo, somos agora e para todo o sempre membros com plenos direitos da família de Deus. Pense nisso! O Filho unigênito de Deus tomou a forma de escravo (Filipenses 2:7) para que o escravo do pecado possa tornar-se escravo da justiça e filho de Deus! Como Alexander Maclaren explica:

O Servo-Filho nos torna escravos e filhos [...] se porventura vos entregardes a ele, e derdes vossos corações a ele, e pedirdes que ele vos guie, ele guiará a vós, e se acaso vós abandonardes vossa falsa liberdade, a qual é escravidão, e assumirdes a liberdade sensata, a qual é obediência, nesse instante ele vos fará participar de suas bênçãos de serviço alegre; e até

poderemos ser capazes de dizer: “A minha comida e a minha bebida são fazer a vontade daquele que me enviou”, e, ao dizermos isso com verdade, teremos acesso a todos os prazeres.³¹⁶

Em Cristo, nós não somos mais filhos da ira e da desobediência, mas, pelo contrário, somos filhos da justiça, submetendo-nos ao nosso Pai celestial, cujo caráter somos chamados e capacitados a imitar.³¹⁷ Fomos libertos por Cristo. Não devemos mais nada ao pecado, nem ao medo da morte, nem à condenação da lei,³¹⁸ mas passamos a ser escravos *de* Deus, *por* Cristo, *para* a justiça.³¹⁹ Essa é a liberdade verdadeira. Então, somos simultaneamente filhos e escravos. As duas realidades não são mutuamente exclusivas – mesmo quando as metáforas são diferentes.³²⁰ Faremos parte de sua família e viveremos em sua escravidão gloriosa para sempre! (Apocalipse 22:3).

291 Uma fonte recomendada sobre esse tema em particular é o livro de Russell D. Moore, *Adopted for Life* (Wheaton, IL: Crossway, 2009).

292 No Novo Testamento, existe um paralelo bem próximo entre a justificação (a declaração de nossa justiça em Cristo) e a adoção (nossa colocação dentro da família de Deus). Como J. I. Packer explicou: “A justificação é a bênção básica na qual se baseia a adoção; ela abre caminho para essa bênção suprema”. (*Concise Theology*. Wheaton, IL: Tyndale House, 1993. p. 167).

293 Antes de Moisés, Abraão fez de Eliézer seu herdeiro (Gênesis 15:2), ao qual alguns comentaristas acreditam que foi atribuído algum tipo de adoção. Abraão tb. pode ter adotado seu sobrinho Ló (de acordo com Josefo, *Antiguidades dos judeus*, I.7.1). De forma semelhante, Jacó adotou Efraim e Manassés, seus netos por meio de José (Gênesis 48:5). Com isso, ele os fez os cabeças de duas tribos de Israel.

294 Apesar de a adoção formal, como instituição legal, não existir entre os hebreus antigos, o Antigo Testamento inclui vários “exemplos de adoção *essencial*, ainda que não sejam exemplos de adoção *formal* ou *técnica*” (HENDRICKSON, W. *Romans, New Testament Commentary*. Grand Rapids: Baker, 1981. p. 259). Mefibosete foi adotado por Davi nesse sentido.

295 Cf. HEZSER, C. *Jewish Slavery in Antiquity*. Oxford University Press, 2005. p. 138-139.

296 GADSBY, J. *Slavery, Adoption, and Redemption*. [S. l.]: Primitive Baptist Publishing House, 1865. p. 34.

297 Cf. SCOTT, J. M. *Adoption as Sons of God*. Tubingen, Alemanha: J. C. B. Mohr, 1992. Às vezes 2Samuel 7:14 tb. é interpretado dessa forma.

298 BYRON, J. *Slavery Metaphors in Early Judaism and Pauline Christianity*. Tubingen, Alemanha: J. C. B. Mohr, 2003. p. 228.

299 Seguindo esse raciocínio, Russell D. Moore escreveu: “Supomos com frequência que os gentios são os filhos ‘adotivos’ de Deus, e que os judeus são os filhos ‘naturais’, mas Paulo diz que Israel também foi adotado (Romanos 9:4). Deus disse sobre Israel: ‘Sua origem e seu nascimento foram na terra dos cananeus; seu pai era um amorreu e sua mãe uma hitita’ (Ezequiel 16:3). Os israelitas tb. haviam sido gentios. Deus recorda a Israel que ‘numa terra deserta ele o encontrou, numa região árida e de ventos uivantes’ (Deuteronômio 32:10). Israel era um bebê abandonado na poça do próprio sangue à beira da estrada (Ezequiel 16:5)” (*Adopted for Life*, p. 30).

300 William Hendrickson explicou da seguinte maneira essa influência dupla sobre o uso da metáfora da adoção por Paulo: “Quando, em Romanos 8:15 e Gálatas 4:5, Paulo usa a palavra ‘adoção’, a *palavra* e a *situação legal* foram extraídas da prática romana, mas a *essência* vem da revelação divina do Antigo Testamento” (*Romans*. Grand Rapids: Baker, 1991. p. 259). Cf. MOO, D. J. *The Epistle of Romans (New International Commentary on the New Testament)*. Grand Rapids: Eerdmans, 1996. p. 501, identificado a partir de agora como NICNT). Apesar de os comentaristas discordarem sobre qual prática predominava na mente de Paulo (a adoção romana ou a judaica), as duas não eram mutuamente exclusivas – e há grande chance de Paulo (como cidadão romano e rabino treinado) ter extraído essa simbologia desses dois mundos. Como Rupert Davies afirmou: “Tanto o costume romano quanto o judaico estavam presentes em sua mente” (RICHARDSON, A.; BOWDEN, J. (ed.). *Adoption*. In: *The Westminster Dictionary of Christian Theology*. Philadelphia: Westminster Press, 1983. p. 5).

301 BOICE, J. M.; RYKEN, P. G. *The Doctrines of Grace*. Wheaton, IL: Crossway, 2003. p. 151-152.

302 Ao comentarem esse versículo, Thomas R. Schreiner e Ardel B. Caneday observaram: “Como cristãos, nós fomos adotados na família de Deus, ainda que não experimentemos a consumação da nossa adoção até o dia da ressurreição” (*The Race Set Before Us*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001. p. 68). Isso explica em parte a razão de Paulo usar a simbologia da “herança”, já que ela destaca as consequências futuras de uma realidade atual (cf. MOO, D. *The Epistle to the Romans (NICNT)*. p. 504).

303 SHEPHERD, N. Adoption. In: ELWELL, W. A.; BEITZEL, B. J. (ed.). *Baker Encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids: Baker, 1988. I:31.

304 Em nossa época, e até no nível mais básico, a adoção é amplamente compreendida como um acordo permanente. Como um escritor secular expressou: “A adoção é uma opção *permanente*. Um filho adotivo tem os mesmos direitos e privilégios de um filho biológico. Ela não equivale ao *acolhimento familiar* ou à *guarda*, que geralmente são temporários (ou devem ser). Em vez disso, a adoção é para sempre. De fato, muitas famílias adotivas referem-se a si mesmas como ‘famílias eternas’” (ADAMEC, C. A. *The Complete Idiot’s Guide to Adoption*. Indianapolis: Alpha Books, 1998. p. 7).

305 HARRISON, E. F. *Romans, Expositor's Bible Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996. p. 93, destaque nosso.

306 LLOYD-JONES, D. M. *Great Doctrines of the Bible*. Wheaton, IL: Crossway, 2003. p. 189.

307 MOO, *The Epistle to the Romans (NICNT)*, p. 500-501.

308 Cf. Hebreus 2:14,15; 1João 4:13,18.

309 Cf. 2Coríntios 1:22; Efésios 1:13,14; 4:30.

310 LOCKYER, H. *All the Doctrines of the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1964. p. 203.

311 WUEST, K. S. *Wuest's Word Studies from the Greek New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997. p. 92.

312 GRUDEM, G. *Teologia Sistemática ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019. p. 734.

313 Nas palavras do Catecismo de Westminster, do século 19: “Como a perseverança deles procede da *adoção*? Resposta: Na medida em que aquele que os adotou como filhos é seu *Pai eterno*, Isaías 9:6; e, portanto, ele *permanecerá em sua casa para sempre*, João 8:35” (*The Westminster Assembly's Shorter Catechism Explained*. Philadelphia: William S. Young, 1840. p. 199).

314 P. ex., João 3:36; 5:24; 6:47; 17:2,12; 1João 5:13.

315 GILL, J. *The Cause of God and Man*. London: Thomas Tegg & Son, 1888. p. 364-365.

316 MACLAREN, A. *Expositions of Holy Scripture, the Acts*. [S. l.]: BiblioLife, 2007. p. 149, comentando Atos 4:26,27,29.

317 Cf. Mateus 12:50; João 12:36; Efésios 5:1,8; 2Timóteo 1:9; 1Pedro 1:14-16.

318 Cf. João 8:34-36; Romanos 8:15-17; Gálatas 4:3-7; Hebreus 2:15.

319 Romanos 6:18; 1Coríntios 7:23; Gálatas 5:24; cf. Tiago 1:1; Romanos 1:1.

320 Em João 15:15, durante o seu Sermão do Cenáculo, Jesus disse aos discípulos: “Já não os chamo servos [...] eu os tenho chamado amigos.” À primeira vista, ele parece estar eliminando completamente a metáfora do escravo, mas não se trata disso. A prova disso é o fato de que os discípulos continuaram a se identificar como “escravos de Cristo” muito tempo depois (p. ex., Pedro em 2Pedro 1:1 e João em Apocalipse 1:1). Além disso, Jesus definiu a amizade como submissão a ele: “Vocês serão meus amigos se fizerem o que lhes ordeno” (João 15:14). Em João 15:15, a intenção de Jesus era simplesmente revelar aos discípulos o que estava fazendo; ele não os estava tratando simplesmente como escravos, mas tb. como amigos e confidentes (já que os escravos não têm permissão para saber o que o Senhor está fazendo). O fato de Jesus ver aquele que crê como amigo e escravo é apoiado por várias passagens do Novo Testamento (Cf. tb. HARRIS. *Slave of Christ*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999. p. 144-146).

PRONTOS PARA IR AO ENCONTRO DO SENHOR

Quando Lamon, um escravo fazendeiro na ilha grega de Lesbos, soube que seu senhor estava chegando para uma visita, logo entrou em ação.

Lamon arrumou a casa de campo de seu senhor a fim de dar a tudo uma aparência agradável. Ele limpou as fontes para que tivessem água pura, tirou o esterco do quintal para que o cheiro não irritasse e trabalhou no jardim anexo para que pudesse ser visto em toda a sua beleza.³²¹

Lamon ainda instruiu seu filho “para que engordasse os bodes ao máximo, dizendo que seu senhor com certeza os notaria”. Nada poderia escapar. Embora Lamon e sua família sempre tivessem cuidado do terreno que o senhor tinha no interior, a expectativa era a máxima possível, porque o senhor estava vindo para inspecionar a fazenda.

Imagine o espanto de Lamon ao ficar sabendo que o jardim com árvores frutíferas, flores e vinhas tinha sido danificado por vândalos. O que o seu senhor diria quando visse a devastação? Com certeza, Lamon seria castigado severamente, quem sabe até mesmo seria enforcado. O senhor não era de fazer visitas frequentes, mas, quando fazia, não havia desculpa para a má administração.

A história de Lamon e de sua família, escrita por um dramaturgo grego do século 2, trata-se de uma ficção, mas, mesmo assim, capta de forma precisa a expectativa e “a ansiedade que uma visita de inspeção do dono de escravos podia trazer entre seus escravos”.³²² Para escravos rústicos, que não viam seus donos com tanta frequência, a chegada do mestre se revestia de uma importância especial. Por muitos meses, ou até mesmo anos, eles tinham a ordem de trabalhar na ausência dele. No momento de sua chegada, ou eles seriam recompensados ou seriam repreendidos pelos seus esforços. Tudo dependia da aprovação do senhor e da diligência ou negligência demonstrada pelos escravos enquanto ele estava longe.

O RETORNO DO MESTRE

No capítulo 25 de Mateus, Jesus pintou um quadro parecido para os seus discípulos. Ele começou a parábola assim:

E também será como um homem que, ao sair de viagem, chamou seus servos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois, e a outro um; a cada um de acordo com a sua capacidade. Em seguida partiu de viagem [...] Depois de muito tempo o senhor daqueles servos voltou e acertou contas com eles (Mateus 25:14,15,19).

Os escravos na história de Jesus eram escravos urbanos – os mordomos da casa que tinham recebido a responsabilidade de cuidar do patrimônio de seu senhor durante a sua ausência –, mas, ainda assim, a situação se parece com a do escravo rústico na expectativa da chegada de seu dono. Nos dois casos, o mestre se ausentou por um período prolongado. Enquanto está longe, ele espera que seus escravos supervisionem sua propriedade e promovam seus interesses. Quando ele voltar, inspecionará o trabalho deles e os elogiará ou castigará de acordo com o que fizerem.

Na parábola de Nosso Senhor, dois dos escravos se aplicaram com dedicação à tarefa. Cada um deles duplicou a quantidade que tinha recebido. Quando o mestre finalmente voltou, ele ficou muito satisfeito com a obra que tinham feito. Por isso, teceu este elogio: “Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco; eu o porei sobre

o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!” (Mateus 25:21,23).

No entanto, o terceiro desperdiçou sua oportunidade de investir – ele escondeu sua parte em um buraco na terra. O desagrado do senhor foi refletido em palavras de condenação: “Servo mau e negligente! [...] Você devia ter confiado o meu dinheiro aos banqueiros, para que, quando eu voltasse, o recebesse de volta com juros. Tirem o talento dele e entreguem-no ao que tem dez” (Mateus 25:26-28). Enquanto essas palavras ainda ressoavam em seus ouvidos, o escravo inútil foi lançado “nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 25:30).

O simbolismo é claro. O senhor representa Cristo, e a sua ausência prolongada retrata o tempo entre a ascensão e a sua segunda vinda. Os escravos são os cristãos confessos aos quais foram confiados, como mordomos, vários recursos, habilidades, bênçãos e oportunidades. Um dia, todos serão chamados para prestar contas da sua administração.³²³

Rapidamente se descobre que os dois primeiros escravos representam os cristãos verdadeiros. Apesar de terem recebido quantias diferentes de dinheiro para administrar, cada uma de acordo com sua habilidade, os dois investiram com sabedoria, trabalharam com dedicação e demonstraram sua fidelidade ao dono. De modo semelhante, aos cristãos foram confiadas várias habilidades e oportunidades diferentes. Fomos chamados para sermos fiéis com aquilo que recebemos, sabendo que “cada um será recompensado de acordo com o seu próprio trabalho” (1Coríntios 3:8). Ouvir nosso Mestre dizer “Muito bem!” e nos receber no céu é a maior recompensa que poderíamos obter. Como escravos fiéis nesta vida, receberemos oportunidades ainda maiores para servir no céu. Isso se deduz da parábola análoga em Lucas 19:11-27, em que o rei concede a seus escravos zelosos, como recompensa, autoridade para governarem sobre partes do seu reino (19:17,19). Semelhantemente, como parte da nossa recompensa celestial, nós desejamos reinar com Cristo.³²⁴

O terceiro escravo representa a pessoa que afirma ser cristã, mas na verdade só serve a si mesma. Preguiçoso e tolo, esse escravo

desperdiçou as oportunidades que tinha recebido. Sua resposta ao mestre demonstrou que ele não tinha amor nem por seu senhor nem por sua propriedade. Ele até acusou o mestre de ser severo (Lucas 19:21), mas suas ações traíram a veracidade dessa alegação.³²⁵ Se ele realmente tivesse tanto respeito por seu mestre, teria trabalhado com afinho enquanto o mestre estava longe. Em vez disso, serviu a si mesmo preguiçosa e egoisticamente, já que enterrou de forma irresponsável o dinheiro do seu mestre e se esqueceu disso. Embora ele não tivesse de fato desviado nenhum dinheiro, suas ações perversas prejudicaram bastante o mestre – já que seu investimento não teve lucro algum. Isso provou que ele não somente era infiel, mas também incrédulo – um descrente que finalmente é lançado no inferno.

As consequências são difíceis de ignorar – especialmente quando se leva em consideração a simbologia do escravo e do senhor do primeiro século, na qual se baseia a história. O senhor no momento está ausente, mas breve voltará.³²⁶ Existem muitas oportunidades, mas o tempo está acabando. Quando ele voltar, julgará seus escravos. Aqueles que demonstrarem sua fidelidade a ele (provando a sinceridade da sua conversão) serão recompensados com a aprovação do mestre e recebidos no céu. Aqueles que desperdiçarem todos os recursos (provando a situação verdadeira do seu coração) receberão a condenação e o castigo de Deus.

Apesar de não sabermos quando o Mestre voltará, sabemos algo com certeza: *um dia ele voltará* (Marcos 13:33-37). Esse fato simples deve motivar-nos a uma santidade e a um serviço maior.³²⁷ Isso também nos deve encorajar e entusiasmar, se estivermos vivendo em obediência. O escravo somente tem medo da volta do seu senhor quando é infiel, mas, para os escravos de Cristo que trabalham pesado e servem bem, a volta do Mestre é um momento de grande festa. Para eles, seu retorno representa a entrada na sua alegria e o início de uma grande recompensa.

O TRIBUNAL DE CRISTO

A parábola dos talentos em Mateus 25 refere-se especificamente ao julgamento que nosso Senhor fará na sua segunda vinda (cf. Apoca-

lipse 11:18), mas a Escritura ensina que todos os que creem de todas as gerações da história humana aparecerão diante de Cristo. Sabendo disso, o apóstolo Paulo tinha como seu objetivo, em toda a sua vida:

[...] lhe agradecer, quer estejamos no corpo, quer o deixemos. Pois todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba de acordo com as obras praticadas por meio do corpo, quer sejam boas, quer sejam más (2Coríntios 5:9,10).

Em outra passagem, ele disse aos cristãos de Roma:

Portanto, você, por que julga seu irmão? E por que despreza seu irmão? Pois todos compareceremos diante do tribunal de Deus. Porque está escrito: “Por mim mesmo jurei”, diz o Senhor, “diante de mim todo joelho se dobrará e toda língua confessará que sou Deus”. Assim, cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus” (Romanos 14:10-12, destaque nosso).

Seja pela morte ou pelo arrebatamento, todos os que creem vão um dia prestar contas ao Senhor celestial para serem avaliados e recompensados. Mais uma vez, o escravo obediente não tem nada a temer de seu encontro com o Senhor. Como R. C. H. Lenski observou: “Aquele que, como escravo de Cristo, submete sua vontade a ele em tudo o que faz ‘agrada a Deus’ e nunca precisará temer de se apresentar diante do seu tribunal”.³²⁸

Por outro lado, os cristãos que passam sua vida buscando o que é inútil e terreno não devem esperar muita recompensa de Cristo. Os pecados de todos os cristãos são, obviamente, perdoados para sempre por meio da cruz; a salvação não pode ser perdida, mas aqueles que desperdiçam as oportunidades que lhes foram dadas por Deus para o serviço espiritual constatarão, um dia, que suas obras consistem em pouco mais que madeira, feno e palha. Sem nenhum valor eterno, essas obras não passarão pelo fogo do julgamento divino (cf. 1Coríntios 3:12-15). O medo de sua desaprovação, equilibrado pela promessa da recompensa, é uma motivação poderosa para a fidelidade perseverante. Assim como os escravos do primeiro século prestavam contas a seus senhores humanos, os escravos de Cristo terão uma prestação de contas final diante dele.

O apóstolo Paulo usou essa mesma simbologia ao falar diretamente sobre os escravos físicos e sobre seus donos humanos. Ele escreveu em Efésios 6:5-9:

Escravos, obedecem a seus senhores terrenos com respeito e temor, com sinceridade de coração, como a Cristo. Obedecem-lhes, não apenas para agradá-los quando eles os observam, mas como escravos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus. Sirvam aos seus senhores de boa vontade, como servindo ao Senhor, e não aos homens, porque vocês sabem que o Senhor recompensará cada um pelo bem que praticar, seja escravo, seja livre. Vocês, senhores, tratem seus escravos da mesma forma. Não os ameacem, uma vez que vocês sabem que o Senhor deles e de vocês está nos céus, e ele não faz diferença entre as pessoas.

Todo aquele que crê, seja escravo, seja livre, tem um Senhor no céu. Ele é um Juiz perfeito e imparcial, e um dia cada um de nós se apresentará diante dele para prestar contas.

A certeza dessa realidade futura deu coragem a Paulo de pregar o evangelho independentemente das consequências. Afinal de contas, ele tinha sido escolhido para isso por ordem do próprio Deus (Tito 1:3). Mesmo sendo frequentemente rejeitado e perseguido, Paulo estava mais envolvido em obedecer ao seu chamado divino do que em obter a aprovação dos homens. Somente uma coisa importava – agradar ao Senhor.

Quando era acusado falsamente, sua reação era simples:

Pouco me importa ser julgado por vocês ou por qualquer tribunal humano; de fato, nem eu julgo a mim mesmo. Embora em nada minha consciência me acuse, nem por isso justifico a mim mesmo; o Senhor é quem me julga (1Coríntios 4:3,4).

Depois de preso, e aguardando a morte, “seus pensamentos [estavam] consumidos pelo destino glorioso que aguarda o ‘escravo de Cristo’”.³²⁹ No fim da vida, sentado solitário em um calabouço romano, Paulo ainda conseguia sorrir para o seu futuro. As palavras de esperança envolviam sua perspectiva porque seu padrão de sucesso era celestial. Por isso, ele escreveu a Timóteo: “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não

somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda” (2Timóteo 4:7,8).

Compare isso com aqueles que desperdiçam sua vida com interesses vãos. Em seu livro *Não jogue sua vida fora*, John Piper conta sobre um casal que se aposentou cedo para se estabelecer na Flórida e passar os dias velejando no seu iate, jogando softbol e catando conchas. Em resposta a esse tipo de vida, Piper comentou:

Pensei que era uma brincadeira, uma paródia do sonho americano, mas não era. Tragicamente, este era o sonho: chegue ao final da sua vida – sua vida única e preciosa dada por Deus – e deixe a última obra grandiosa da sua vida ser esta: jogar softbol e catar conchas. Imagine-os diante de Cristo no grande dia do julgamento: “Olhe, Senhor, veja minhas conchas”. Isso é uma tragédia, e as pessoas hoje estão gastando milhões de dólares para convencê-lo a adotar esse sonho trágico. Opondo-me a isso, eu torno público meu protesto: não aceite isso. Não jogue sua vida fora!³³⁰

Esse é um aviso oportuno – especialmente em nossa cultura voltada ao consumo – para todos que desejam viver “de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente” (Tito 2:12). Como escravos de Cristo, devemos andar “de maneira digna da vocação que recebemos” (Efésios 4:1). Nossa obediência e nosso serviço sacrificial nesta vida não passarão despercebidos nem serão desconsiderados pelo nosso Senhor soberano.³³¹ Apesar de a nossa fidelidade ser custosa e sofrida, podemos nos alegrar ao saber que “nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles” (2Coríntios 4:17). Nossa fé logo se concretizará, e veremos nosso Mestre face a face. Naquele dia, que alegria indescritível será ouvir suas palavras amáveis de boas-vindas: “Muito bem, servo bom e fiel! Venha e participe da alegria do seu senhor!”.

VIVENDO NA TERRA COMO CIDADÃOS DO CÉU

Como já vimos, o Novo Testamento utiliza uma série de metáforas para destacar a mudança de posição daquele que crê em Cristo – inclusive a simbologia do escravo e do filho. Éramos anteriormente escravos do pecado, mas agora somos escravos de Cristo. Éramos também filhos da desobediência, mas fomos adotados na família de Deus como filhos da justiça. Entretanto, existe um terceiro símbolo que também precisamos levar em conta – especialmente quando refletimos sobre o fato de que nossa casa verdadeira está no céu: o do *cidadão*.

Somos cidadãos do céu, mesmo sem ter ainda chegado lá. Andamos anteriormente segundo o príncipe deste mundo, mas no momento da conversão fomos transferidos para o Reino de Cristo. Por causa disso, não nos alinhamos mais com o sistema perverso deste mundo, para o qual nos tornamos estrangeiros e nômades. Em vez disso, nossa identidade pessoal se encontra na nossa fidelidade ao Rei dos reis e na nossa afinidade com seu povo.

DE ESCRAVOS A CIDADÃOS

Não era incomum no primeiro século que um escravo romano recebesse finalmente a liberdade e, por consequência, alcançasse a posição de cidadão.³³² Sob a lei romana, “a alforria dada por um cidadão romano normalmente concedia a cidadania para o ex-escravo”.³³³ Dessa forma, os escravos de cidadãos romanos, quando eram libertos, tornavam-se cidadãos romanos.

O escravo podia ser oficialmente alforriado ou, então, receber a liberdade formalmente de duas formas principais. O dono podia esperar até a morte para libertar seus escravos, incluindo nesse caso uma provisão para a libertação deles em seu testamento. Isso era conhecido como “alforria pelo testamento” (*testamenta*), ou, se algum senhor quisesse libertar seus escravos em vida, faria uso da “alforria pela vara” (*vindicta*).³³⁴ A alforria pela vara incluía uma cerimônia simbólica realizada diante do magistrado civil local, em que “um terceiro afirmava que o escravo era um homem livre e o tocava com uma vara (*vindicta*), rejeitando dessa forma a demanda de propriedade por parte do dono. O dono não apresentava defesa

alguma; o magistrado, então, concedia decisão em favor do reclamante e declarava o escravo um homem livre”.³³⁵

Apesar de o ex-escravo ter sido liberto, ele nunca ficava completamente independente daquele que o libertou. Como Murray J. Harris explica: “Ele tinha a obrigação de prestar alguns serviços (*operae*) a seu ex-dono, agora seu patrono (*patronus*), tarefas relacionadas à sua função anterior e realizadas em determinado número de dias por mês ou por ano”.³³⁶ Por sua vez, o patrono também tinha certos deveres legais para com seu ex-escravo. Se este passasse por miséria extrema, o patrono ficava obrigado a providenciar alimento e abrigo. Além disso, o patrono não podia ser testemunha de acusação em tribunal contra a pessoa que libertou.³³⁷ Acontecia ainda uma mudança radical no momento da alforria: “O escravo não tinha pai aos olhos da lei romana, portanto, quando ele era liberto, seu ex-dono era reconhecido oficialmente como seu pai”.³³⁸

Depois de ser emancipado e de receber a cidadania, o ex-escravo passava a gozar de muitos privilégios – inclusive dos direitos de aquisição e venda de propriedades, de se casar com um cidadão romano e de escrever um testamento sob a lei romana.³³⁹ A cidadania romana, em geral, implicava ter direito de voto e de propriedade, direito de fazer contratos, isenção da tortura, proteções especiais quanto à pena de morte e tratamento igualitário sob a lei romana”.³⁴⁰ A mudança de posição era imediata e impressionante: “Essa mudança repentina e dramática de posição era um fenômeno extraordinário. Da noite para o dia, por decreto, por assim dizer, um estranho completo passava a ser um verdadeiro privilegiado”.³⁴¹

A cidadania não só trazia consigo várias vantagens, mas também um senso de responsabilidade cívica – inclusive a possibilidade de inscrição no serviço civil ou militar.³⁴² Em troca de sua posição privilegiada, esperava-se que os cidadãos demonstrassem lealdade e obediência ao Estado: “Então, o que fazia parte de ser cidadão de Roma? Basicamente, a posição queria dizer que o indivíduo vivia sob a orientação e proteção da lei romana.”³⁴³ Além disso, no contexto da Roma Antiga, a cidadania envolvia muito mais do que um vínculo

superficial com o país de origem, mas se constituía, de fato, parte integral da identidade pessoal:

O conceito de cidadania entre os gregos e romanos da Antiguidade era mais profundo do que o nosso. Podemos conceber a existência humana e a vida independentemente da cidadania, mas, para o membro antigo da πόλις ou da *civitas* [“cidade”], os conceitos de vida e cidadania se confundiam. Isso explica a razão pela qual São Paulo às vezes utilizava πολιτεύεσθαι [*politeuesthai*, “comportar-se como cidadão”] praticamente no mesmo sentido de “viver” (Atos 23:1; Filipenses 1:27; cf. 3:20, πολίτευμα [*politeuma*, cidadania]). A vida da cidade é uma evolução da vida mais primitiva de uma comunidade de vilarejo (κώμη, *uicus*). A πόλις, na verdade, consistia em várias κομῆαι [*komai*, comunidades] formadas de várias famílias (οἶκος, *domus*). A unidade era geralmente baseada em laços de família.³⁴⁴

Em outras palavras, os relacionamentos familiares dos quais surgiam as comunidades e os vilarejos antigos – e, finalmente, as cidades e as nações – firmavam a lealdade dos cidadãos à sua pátria e a seus concidadãos. Ser cidadão era, de um modo bem real, ser parte de uma família extensa.

A COMPARAÇÃO COM A CIDADANIA CELESTIAL

O simbolismo da cidadania transmite várias verdades importantes sobre a vida cristã – especialmente quando se consideram a escravidão e a alforria do primeiro século. Declarados livres por Deus no momento da nossa salvação, fomos libertos do pecado instantaneamente e encaminhados para o privilégio maravilhoso da cidadania completa no Reino de seu Filho amado (Colossenses 1:13). Apesar de não termos mais nenhuma obrigação para com o nosso ex-dono (o pecado ou Satanás), ainda temos a obrigação de servir àquele que nos libertou – isto é, o próprio Cristo. Ele é o nosso *Patrono*, e nós somos os escravos que ele libertou;³⁴⁵ assim como o patrono não podia lançar acusações contra seus libertos, Cristo também nunca condenará aqueles que pertencem a ele.³⁴⁶

Embora tenhamos sido anteriormente inimigos e estrangeiros para Deus, agora somos cidadãos do céu³⁴⁷ e “concidadãos dos santos” (Efésios 2:19). Não estamos mais sujeitos a nossas paixões

pecaminosas; agora somos súditos do nosso Rei celestial. Ele é, ao mesmo tempo, nosso Senhor, nosso Patrono, nosso Pai e nosso Príncipe soberano.

Com certeza, nossa cidadania celestial não se baseia em nossa alforria do pecado, mas na realidade do nosso novo nascimento. Como Jesus explicou em João 3:3, a entrada no Reino de Deus somente é concedida àqueles que são “nascidos de novo”, ou, literalmente, “nascidos de cima”. É por meio desse novo nascimento que os pecadores passam a ser filhos de Deus, porque ele nos “gerou pela palavra da verdade” (Tiago 1:18).³⁴⁸ Aqueles que nasceram de Deus são identificados por terem vencido o mundo pela fé, terem amor ao próximo e demonstrarem obediência ao Senhor.³⁴⁹

Desse modo, somos cidadãos do céu tanto por emancipação como por nascimento, tudo isso pela graça. Então, desfrutamos de um privilégio infinito e também de uma grande responsabilidade. Temos todas as vantagens incontáveis de conhecer a Deus, andar nos seus caminhos, adorá-lo e de nos relacionarmos com ele como nosso Rei e Pai. A lei do céu passa a ser a nossa; somos movidos pelos interesses do céu, e os cidadãos do céu são nossos concidadãos. Sendo embaixadores do seu Reino,³⁵⁰ podemos ter uma atitude de confiança sobrenatural para com esta vida, que vem de uma mentalidade eterna. Como um escritor explicou:

O cristão está sujeito à jurisdição do céu e tem os privilégios dessa cidadania. Sua pátria protegerá a ele e a seus interesses, intervirá em seu favor e determinará seus direitos e deveres de forma soberana. Portanto, o cristão, em um sentido parcial e em um sentido total, está isento dos deveres impostos pela lei local do mundo, sua residência temporária, a qual, afinal de contas, existe somente devido à permissão do poder dominante do céu.³⁵¹

Do mesmo modo, existe uma responsabilidade imensa que vem de fazer parte do Reino de Deus. Como somos seus súditos, temos de representá-lo de forma digna. Somos instruídos adequadamente a viver “de maneira digna de Deus, que [...] chamou para o seu Reino e glória” (1 Tessalonicenses 2:12). O escritor aos hebreus escreveu de modo parecido: “Já que estamos recebendo um Reino inabalável,

sejamos agradecidos e, assim, adoremos a Deus de modo aceitável, com reverência e temor” (12:28).

Como cidadãos do céu, agora fazemos parte da Igreja de Cristo, a sua *ekklesia*. O próprio termo significa “aqueles que são chamados para fora”, e originalmente se referia aos cidadãos que eram “chamados para batalhar pela proteção da comunidade; a partir desse significado, acabou sendo usado com o sentido da assembleia de cidadãos que se encontram para deliberar sobre os negócios da comunidade”.³⁵² Quando aplicamos esse entendimento para a *ekklesia* cristã, aprendemos que “a igreja é a assembleia de cidadãos do céu, que se reúnem segundo o chamado do cidadão principal, e para agir tanto na resolução dos negócios da comunidade quanto na defesa dos seus interesses”.³⁵³ Simplificando, a reunião coletiva dos que creem é uma assembleia de cidadãos do céu e escravos de Cristo, unidos em propósito e na fidelidade amável a seu Senhor e Rei.

Nossa vida tem o mesmo significado da nossa cidadania. Nossas prioridades, paixões e interesses foram todos mudados devido ao fato de nossa própria identidade ter sido transformada (Filipenses 1:21). Como os santos da Antiguidade, não perseguimos os prazeres passageiros deste mundo.³⁵⁴ Pelo contrário, nossos olhos estão fixos no céu, nosso verdadeiro lar, o lugar onde Jesus está.³⁵⁵ Seja indo até ele pela morte ou com a vinda dele pelo arrebatamento, em pouco tempo estaremos com ele para sempre.³⁵⁶

Um dia estaremos em sua presença, como escravos diante do Senhor. Um dia nos curvaremos diante dele, como súditos diante do Rei. Como escravos e cidadãos, nós o serviremos e reinaremos com ele por toda a eternidade. O apóstolo João, em sua descrição final do estado eterno, destacou esses dois aspectos. Observando as glórias que aguardam àquele que crê, ele escreveu:

Já não haverá maldição nenhuma. O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade [a Nova Jerusalém], e os seus servos [*douloi*, literalmente escravos] o servirão. Eles verão a sua face, e o seu nome estará em suas testas. Não haverá mais noite. Eles não precisarão de luz de candeia, nem da luz do sol, pois o Senhor Deus os iluminará; e eles reinarão [com ele] para todo o sempre (Apocalipse 22:3-5).

321 Citado em BRADLEY, K. *Slavery and Society at Rome*. Cambridge University Press, 1994. p. 103.

322 BRADLEY, *Slavery and Society at Rome*, p. 103. O autor compara essa peça com os escritos de Plínio, o Jovem, demonstrando a precisão de “sua psicologia do servo [que] vem da realidade de sua época” (p. 105).

323 Como W. D. Davies e Dale C. Allison Jr. explicaram: “Essa parábola, como a anterior, está repleta de símbolos óbvios. O senhor é Jesus, e seus escravos representam a igreja [visível], cujos membros receberam várias responsabilidades. A partida do senhor é a partida do Jesus terreno. O longo período de ausência do senhor é a era da igreja. Sua volta é a *parousia* do Filho do Homem. As recompensas dadas aos servos bons representam as recompensas celestiais dadas aos fiéis no momento da grande prestação de contas, e a sua grande alegria simboliza o banquete messiânico” (*The Gospel According to Saint Matthew*. ICC. Edinburgh: T&T Clark, 2000. p. 402. v. 3).

324 Cf. Romanos 5:17; 2Timóteo 2:12; Apocalipse 2:26,27; 3:21.

325 Falando de todas as parábolas de Jesus que envolvem escravos, Michael Card observa: “As parábolas de Jesus sobre escravos ensinam que, sem a menor dúvida, o Mestre não é ‘duro’, mas sim alguém dotado de uma misericórdia imensurável, que perdoa dívidas milionárias com um aceno. Ele é o mestre que se veste para servir e lava os pés de seus escravos. É aquele que está disposto a sofrer até a morte pelos seus servos, mas, finalmente, que a verdade seja dita, é um Senhor que espera a obediência simples e confiante, que não é baseada no salário ou na recompensa, mas simplesmente no conhecimento de quem é o nosso Senhor” (*A Better Freedom*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009. p. 116).

326 Esse é o motivo da promessa de Apocalipse 3:11 e de Apocalipse 22:12,20.

327 1João 2:28; 3:2,3; cf. Tito 2:11-13.

328 LENSKI, R. C. H. *Interpretation of Saint Paul's Epistle to the Romans 8-16*. Minneapolis, Augsburg Fortress, 2008. p. 843.

329 EDWARDS, M. Paul, St. In: WILSON, N. G. (ed.). *Encyclopedia of Ancient Greece*. Nova York: Routledge, 2006. p. 542-543.

330 PIPER, J. *Não jogue sua vida fora*. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2013.

331 Mateus 5:12; 10:42.

332 A escritora Jane F. Gardner nota que essa prática só era observada na Roma Antiga: “O fato despertou comentários, tanto na época antiga quanto na moderna, de que, ao contrário de todo o mundo greco-romano, os romanos concediam normalmente a cidadania aos escravos mediante a alforria” (*Being a Roman Citizen*. Nova York: Routledge, 1993. p. 7).

333 HARRILL, J. A. *The Manumission of Slaves in Early Christianity*. Tubingen: J. C. B. Mohr Siebeck, 1995. p. 171. William D. Phillips, no livro *Slavery from Roman Times to the Early Transatlantic Trade* (University of Minnesota Press, 1985. p. 30), observa algumas exceções à regra. Jennifer A. Glancy nota exceções semelhantes, mas finalmente conclui: “Mesmo assim, muitos escravos chegavam a ter o privilégio de passar pelo menos os poucos

anos que lhes restavam não somente como pessoas livres, mas também como cidadãos” (*Slavery in Early Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 2006. p. 95).

334 Um terceiro tipo de alforria (a “alforria pelo censo”) só era possível quando os romanos faziam essa contagem, e incluía uma declaração da parte do dono de que o seu escravo seria contado não como escravo, mas como homem livre. No entanto, esse método não era mais utilizado na época do Novo Testamento (Cf. BARTCHY, S. *First-Century Slavery*. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 2002. p. 92).

335 GARDNER, *Being a Roman Citizen*, p. 9.

336 HARRIS, M. J. *Slave of Christ*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999. p. 72. Francis Lyall acrescenta sobre essa questão: “Existia uma diferença fundamental entre as pessoas que recebiam a liberdade e as que nasciam livres. O liberto ainda era de certo modo ligado a seu ex-dono – seu patrono” (*Slaves, Citizens, Sons: Legal Metaphors in the Epistles*. Grand Rapids: Academie Books, 1984. p. 43).

337 Cf. LYALL, *Slaves, Citizens, Sons*, p. 44.

338 JEFFERS, J. *The Greco-Roman World of the New Testament*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999. p. 239.

339 Eram utilizados vários outros métodos de emancipação, apesar de eles não concederem a cidadania legal ao ex-escravo (cf. HARRIS, *Slave of Christ*, p. 72).

340 CHUA, A. *Day of Empire*. Nova York: Doubleday, 2007. p. 45.

341 HARRIS, *Slave of Christ*, p. 72. Seguindo esse raciocínio, Keith Bradley observa que “a alforria formal fazia com que o escravo fosse liberto e recebesse simultaneamente a cidadania romana – que fosse admitido imediatamente, por assim dizer, à comunidade cívica do Império Romano, momento que consiste em uma mudança de posição bem radical” (*Slavery and Society at Rome*, p. 155).

342 Everett Ferguson, no livro *Backgrounds of Early Christianity* (Grand Rapids: Eerdmans, 2003), explica que, “na época da República (de 509 a.C. a 28 d.C.), a cidadania envolvia alguns deveres, especialmente a possibilidade do serviço militar, mas, na época do principado (de 27 a.C. a 284 d.C.), esses deveres foram cada vez mais desvinculados da cidadania” (p. 63).

343 HEATER, D. B. *A Brief History of Citizenship*. Nova York: New York University Press, 2004. p. 31.

344 SOUTER, A. Citizenship. In: HASTINGS, J. (ed.). *Dictionary of the Apostolic Church*. Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1919. p. 212. v. 1.

345 1Coríntios 7:22; cf. João 8:32,36; Romanos 8:2,12-14.

346 Cf. Romanos 8:1,33,34; Hebreus 7:25; 1João 2:1.

347 Filipenses 3:20; cf. 1Pedro 2:11.

348 Cf. João 1:12,13; 1Pedro 1:3,4,23.

349 1João 2:29; 4:7; 5:4.

350 Cf. 2Coríntios 5:18-21; Efésios 6:19,20.

351 LYALL, *Slaves, Citizens, Sons*, p. 63.

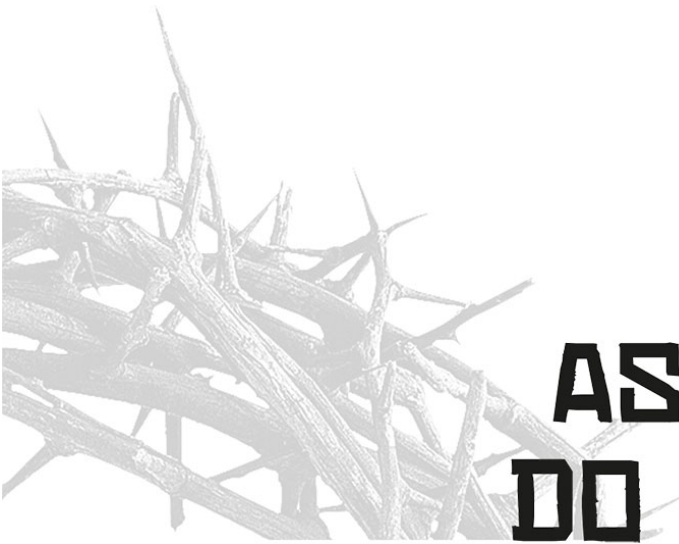
352 LYALL, *Slaves, Citizens, Sons*, p. 66.

353 Ibid.

354 Cf. Hebreus 11:16,26; 1João 2:16,17.

355 Cf. Hebreus 12:22-24; Colossenses 3:1.

356 Cf. 2Coríntios 5:8; 1Tessalonicenses 4:17.



CAPÍTULO 13

AS RIQUEZAS DO PARADOXO

Embora nada na Bíblia seja contraditório, boa parte das verdades mais provocativas e profundas pode parecer-nos paradoxal. Considere, por exemplo, a verdade que diz que a salvação tanto é gratuita quanto cara, ou que, para ser verdadeiramente rico, você deve ser pobre de espírito, ou, para encontrar sua vida, você deve perdê-la, ou que é sábio adotar a loucura do evangelho.³⁵⁷ A Escritura ensina que aqueles que choram serão consolados, que aqueles que dão recebem, que os menores serão os maiores, que os humilhados serão exaltados e que os últimos serão os primeiros.³⁵⁸ Indo mais longe, aprendemos que Deus usa o mal para o bem, que ele é três pessoas em uma, e que Jesus Cristo, a segunda pessoa da Trindade, é, ao mesmo tempo, totalmente Deus e totalmente homem.³⁵⁹ Tudo isso é somente uma amostra dos ministérios fascinantes que a Bíblia apresenta.

Com certeza acrescentaríamos a essa lista o ensino bíblico referente à escravidão em Cristo. Uma metáfora geralmente associada à zombaria, à opressão e à violência, a *escravidão* é gloriosamente transformada, em Cristo, para significar honra, liberdade e alegria eterna! Como um escritor explica:

Tal como a cruz, a escravidão é tanto um paradigma quanto um paradoxo. A cruz, o símbolo mais doloroso e difundido do sofrimento e da morte no primeiro século, veio a representar para os seguidores de Jesus o único caminho para a paz e para a vida. No mesmo sentido, a escravidão, que representa a negação total da liberdade, veio a representar o único meio para realizar essa liberdade [...] Jesus veio na forma de escravo não para oferecer-nos a isenção da escravidão, mas um novo tipo de escravidão que se traduz em liberdade.³⁶⁰

Nos últimos 12 capítulos, nós analisamos tanto a base bíblica quanto a base histórica para esse paradigma profundo. Consideramos a diferença fundamental entre *servo* e *escravo* – observando que, enquanto o servo é contratado, o escravo é comprado. Os cristãos não são simplesmente servos contratados de Cristo; eles são seus escravos, pertencendo a ele como sua posse. Ele é seu Dono e Senhor, digno de fidelidade inquestionável e de obediência absoluta. Sua Palavra lhes é a autoridade final; e sua vontade lhes é o mandato final. Ao tomarem sua cruz para segui-lo, eles morreram para si mesmos e podem agora dizer como Paulo: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gálatas 2:20). Como o apóstolo explicou em outra passagem: “[Cristo] morreu por todos para que aqueles que vivem já não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Coríntios 5:15).

Estudamos também o ensino bíblico sobre o senhorio de Cristo. Ele é tanto nosso Senhor quanto nosso Deus. Ele é Rei sobre cada cristão individualmente, sobre toda a Igreja e sobre toda criatura. Apesar de os incrédulos rejeitarem sua autoridade nesta vida, haverá um dia em que TODO JOELHO SE DOBRARÁ e toda língua confessará que Jesus Cristo é Senhor (Filipenses 2:10,11). Nós, também, um dia prestaremos contas diante dele, e ele nos recompensará por nossa fidelidade. Desejamos ouvir estas palavras de bênção e elogio: “Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco; eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!”.

Nosso estudo sobre a escravidão nos fez lembrar que fomos anteriormente escravos miseráveis do senhor mais cruel que se pode imaginar – o pecado. Como membros da raça humana decaída,

estávamos presos, cegos e mortos em nossa desobediência e rebelião. Foi em meio ao nosso abandono e à nossa perdição que Deus interveio. Sendo rico em misericórdia, ele nos escolheu, e nos fez alvo de seu amor, e nos resgatou das garras do nosso ex-dono. Por meio da morte sacrificial de Cristo, fomos remidos do mercado de escravos do pecado. Deus nos purificou da nossa iniquidade, ele nos vestiu da sua justiça e nos recebeu em sua casa para sempre.

No entanto, nosso Deus bondoso não parou nisso, porque ele não só nos transformou em escravos da justiça, como também nos fez cidadãos do seu Reino, amigos em volta da sua mesa e até filhos adotivos da sua família. Agora nós, que antes não éramos povo, nos tornamos povo de Deus; nós, que antes estávamos “longe, fomos aproximados mediante o sangue de Cristo” (Efésios 2:13); nós, que não tínhamos esperança, podemos aguardar ansiosamente pela herança eterna que ele prometeu a todos os que são seus. Tamanha transformação só se faz possível porque o próprio Cristo tomou “a posição de escravo” (Filipenses 2:7, NVT), para que pudesse entregar sua vida a fim de redimir os escravos do pecado e reconciliá-los com Deus. Para corresponder a isso, louvaremos seu nome para todo o sempre, participando dos corais celestiais, cantando:

Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue compraste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação [...] Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor! (Apocalipse 5:9,12).

QUATRO PARADOXOS IRRESISTÍVEIS

Obviamente, nunca conseguiríamos esgotar as verdades gloriosas da escravidão a Cristo. De fato, jamais isso será possível, porque, como vimos, nós adoraremos e serviremos como escravos por toda a eternidade (Apocalipse 19:5; 22:3). Como as facetas de um diamante refinado, todos os ângulos dessa metáfora bíblica profunda acrescentam novas dimensões, belezas e percepções. Infelizmente, suas riquezas ficam perdidas na tradução, porém, para aqueles que desejam ir além do superficial, existe um tesouro teológico à espera, que

apresenta as glórias da nossa salvação de forma impressionante. As doutrinas da graça assumem um significado mais pleno quando são vistas pela lente da escravidão, uma lente conhecida e utilizada pelos escritores do Novo Testamento.

Na verdade, toda a vida deve ser vista dessa perspectiva. Como cristãos, *somos escravos de Cristo*. Que diferença radical essa verdade deve causar em nossa vida diária! Não vivemos mais para nós mesmos. Pelo contrário, nosso objetivo é agradar ao Mestre em tudo. Com esse pensamento, vamos estudar os quatro paradoxos seguintes da escravidão a Cristo. Cada um traz uma nova dimensão à vocação gloriosa para a qual fomos chamados (Efésios 4:1).

A ESCRAVIDÃO TRAZ LIBERDADE

De um modo incrível e profundo, a Palavra de Deus ensina que a liberdade verdadeira só pode ser encontrada na escravidão a Cristo. Mesmo achando que é livre, todo incrédulo é, de fato, escravo do pecado – preso à sua malícia e atolado em suas transgressões. Na verdade, a Bíblia denota somente duas categorias de pessoa neste mundo: as que são escravas do pecado e as que são escravas da justiça. Paulo comparou esses dois grupos em Romanos 6:

Não sabem que, quando vocês se oferecem a alguém para lhe obedecer como escravos, tornam-se escravos daquele a quem obedecem: escravos do pecado que leva à morte, ou da obediência que leva à justiça? Mas, graças a Deus, porque, embora vocês tenham sido escravos do pecado, passaram a obedecer de coração à forma de ensino que lhes foi transmitida. Vocês foram libertados do pecado e tornaram-se escravos da justiça (6:16-18).

Como o apóstolo prova nessa passagem, não existe independência moral completa. Toda pessoa é escrava – seja do pecado, seja de Deus. James Montgomery Boice expressou essa realidade com estas palavras:

Não existe liberdade absoluta para ninguém. Nenhuma pessoa é livre para fazer tudo o que ele ou ela quer. É claro que existe um ser no universo que é totalmente livre, Deus, mas todos os outros são limitados ou escravizados por alguém ou por alguma coisa. Por causa disso, a única pergunta que faz sentido nesse particular é: A quem ou a que você está servindo? [...] Já que você e eu somos seres humanos, e não Deus, nunca poderemos ser autônomos. Ou somos necessariamente escravos do pecado, ou somos

escravos de Jesus Cristo, mas este é o fato maravilhoso e bem impressionante: *a verdadeira liberdade reside em ser escravo de Jesus Cristo*.³⁶¹

A escravidão a Cristo não significa somente a liberdade *do* pecado, *da* culpa e *da* condenação, mas também a liberdade *para* obedecer e agradar a Deus e *para* viver do modo como o Criador quis que vivêssemos – em íntima comunhão com ele. Por isso, “você foram libertados do pecado e se tornaram escravos de Deus” (Romanos 6:22; cf. 1Pedro 2:16). Então, a escravidão a Cristo é a única liberdade, porque, “se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres” (João 8:36). Como Alexander Maclaren explicou:

Essa escravidão é a única liberdade que existe. A Liberdade não significa fazer o que se quer, mas sim gostar do dever e praticá-lo. Só é livre quem se submete a Deus em Cristo, vencendo desse modo a si mesmo, o mundo e todo o antagonismo, sendo capaz de cumprir seu dever na vida [...] Vocês falam sobre a escravidão da obediência. Ah! “O peso de tanta liberdade” é um cativeiro bem mais doloroso. Esses são os escravos que dizem: “Vamos desfazer os laços [do Senhor] e jogar fora as correntes [do Senhor]”, e aquelas são as pessoas livres que dizem: “Senhor, põe tuas algemas abençoadas em meus braços, e estabelece tua vontade sobre a minha, e enche meu coração com teu amor; e, então, minha vontade e minhas mãos se moverão com liberdade e prazer”. “Se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres.”³⁶²

Embora os cristãos realmente cedam ao pecado de vez em quando, por meio de suas próprias escolhas desobedientes, eles nunca mais voltam a ser escravos do pecado, porque anteriormente foram resgatados e libertos por Cristo. O pecado não tem mais poder para os controlar. O pai da igreja do século 4, João Crisóstomo, exemplificou claramente essa questão quando escreveu:

É absurdo para aqueles que estão sendo guiados para o Reino de Deus deixar que o pecado reine sobre eles, ou para aqueles que são chamados para reinar com Cristo escolher ser prisioneiros do pecado, como se alguém pudesse tirar a coroa da sua cabeça e escolher ser escravo de uma mulher histérica que vem mendigar coberta de trapos [...] Como é que esse pecado pode reinar sobre você? Isso não vem de nenhum poder que ele tenha, mas sim da sua própria preguiça.³⁶³

Por terem sido redimidos por Cristo e capacitados pelo Espírito Santo, os cristãos têm tudo de que precisam para vencer a tentação e o pecado. O poder do pecado foi tirado para sempre. A liberdade para a obediência está à nossa disposição. Agora servimos “conforme o novo modo do Espírito” (Romanos 7:6). Quando nos tornamos escravos de Cristo, somos libertos de forma completa e final; no momento em que nos submetemos a ele, experimentamos a verdadeira emancipação, porque sua lei nos libertou para sempre da lei do pecado e da morte (Romanos 8:2).

A ESCRAVIDÃO ACABA COM O PRECONCEITO

A escravidão a Cristo não consiste somente no caminho para a liberdade verdadeira; é também a vereda para a reconciliação e para a unidade dentro do corpo de Cristo. Quando os cristãos percebem que são todos escravos, chamados para imitar a humildade do escravo verdadeiro (Filipenses 2:5-7), torna-se óbvia a maneira como eles devem tratar uns aos outros: “Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos” (Filipenses 2:3). Como o nosso Senhor disse a seus discípulos: “Quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos, pois nem mesmo o Filho do Homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Marcos 10:44,45). Depois de realizar o trabalho de um escravo ao lavar os pés dos discípulos, Jesus os fez lembrar:

Pois bem, se eu, sendo Senhor e Mestre de vocês, lavei-lhes os pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz. Digo-lhes verdadeiramente que nenhum escravo é maior do que o seu senhor, como também nenhum mensageiro é maior do que aquele que o enviou. Agora que vocês sabem estas coisas, felizes serão se as praticarem (João 13:14-17).

O serviço sacrificial e o amor de uns pelos outros devem caracterizar os seguidores de Cristo. Afinal de contas, cada um de nós é um escravo, chamado a imitar o próprio exemplo altruísta do nosso Mestre.

À medida que o evangelho se espalhou de Israel para Samaria e depois para os gentios, ele derrubou preconceitos anteriores entre várias classes sociais e grupos raciais. Judeu e gentio, homem e mulher, escravo e livre – todos foram recebidos na Igreja, e nela desfrutaram de uma mesma posição espiritual diante de Deus como cidadãos do céu e coescravos de Cristo. O evangelho tinha rompido todos os preconceitos anteriores. Como Paulo disse aos colossenses:

[...] e se revestiram do novo [homem], o qual está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador. Nessa nova vida já não há diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos (3:10,11).

E aqueles que foram transformados pelo evangelho passaram a ser mais do que coescravos. Tendo sido adotados por Deus como seus filhos, eles eram agora membros de uma mesma família. O novo relacionamento entre todos eles era mais forte do que quaisquer laços ou relacionamentos antigos. A igreja do Novo Testamento “parecia-se mais com uma família do que com uma associação ou organização eclesiástica. Esse sentimento de comunhão descarta quaisquer considerações sobre raça (Gálatas 3:28; cf. Colossenses 3:11). Paulo, o judeu, fala de Tito, o grego (Gálatas 2:3) como seu irmão (2Coríntios 2:13) e usa o mesmo termo com Filemom, outro grego, e com Onésimo, um escravo fugido (Filemom vv. 16,20)”.³⁶⁴

De todos esses exemplos, o tratamento dispensado por Paulo a Onésimo talvez seja o mais impressionante. O apóstolo acolheu esse escravo gentio fugido sem nenhum preconceito nem desprezo. Em sua carta a Filemom, dono de Onésimo, Paulo escreveu estas palavras de encorajamento e de reconciliação: “Talvez ele [Onésimo] tenha sido separado de você por algum tempo, para que você o tivesse de volta para sempre, não mais como escravo, mas, acima de escravo, como irmão amado. Para mim ele é um irmão muito amado, e ainda mais para você, tanto como pessoa quanto como cristão” (Filemom vv. 15,16). Pelo poder do evangelho, um ex-fariseu agora se considerava irmão de um escravo fugido gentio. De modo semelhante, ele instruiu Filemom a receber Onésimo de volta como se fosse parte da família. Mesmo tendo uma origem tão diferente da de Onésimo,

essas diferenças não constituíram obstáculo para a comunhão e para a amizade, já que todo cristão é nova criatura em Cristo (2Coríntios 5:16,17). Para Paulo, escravo de Cristo, sua alegria era servir de modo sacrificial a todos os membros da casa de seu Senhor (cf. 1Coríntios 9:19).

O apóstolo Tiago também abordou o preconceito em sua epístola – especificamente o que se verificava por parte dos ricos com relação aos pobres. No capítulo 2, ele instruiu:

Meus irmãos, como crentes em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo, não façam diferença entre as pessoas, tratando-as com parcialidade. Suponham que na reunião de vocês entre um homem com anel de ouro e roupas finas, e também entre um pobre com roupas velhas e sujas. Se vocês derem atenção especial ao homem que está vestido com roupas finas e disserem: “Aqui está um lugar apropriado para o senhor”, mas disserem ao pobre: “Você, fique em pé ali”, ou: “Sente-se no chão, junto ao estrado onde ponho os meus pés”, não estarão fazendo discriminação, fazendo julgamentos com critérios errados? [...] Mas se tratarem os outros com parcialidade, estarão cometendo pecado (Tiago 2:1-4,9).

Ainda é necessário que se faça essa advertência para a igreja atual. O preconceito e a parcialidade não devem existir dentro do corpo de Cristo. Éramos todos escravos indignos do pecado, até que Cristo nos resgatou sem nenhum mérito da nossa parte. Somos todos agora escravos de Cristo, chamados para obedecer-lhe e para seguir seu exemplo de amor e de sacrifício pessoal. Por causa disso, podemos servir uns aos outros em humildade e alegria, independentemente das nossas diferenças socioeconômicas, sabendo que todos nós prestaremos contas diante do mesmo Senhor celestial.

A ESCRAVIDÃO EXALTA A GRAÇA

O terceiro paradoxo que deve ser considerado é este: nossa escravidão a Cristo exalta a maravilha da sua infinita graça. Já discutimos que o fato de pertencer a Cristo como seu escravo é um privilégio infinito (capítulo 6), mas é importante entender que nosso serviço a ele também é um dom que não merecemos – o qual recebemos e obtemos por meio da sua graça. A nossa capacidade de servi-lo somente é possível porque ele nos capacita “com a força que Deus provê, de

forma que em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo” (1Pedro 4:11).

Com certeza, Deus não precisa do nosso serviço (Atos 17:25; cf. Marcos 10:45), mas ele nos concede o privilégio de pertencer a ele, de modo que possamos alegrar-nos completamente nele, experimentando desse modo a verdadeira satisfação e a alegria que vêm de conhecê-lo. Essa é a essência da vida eterna – conforme Jesus orou em João 17:3: “Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”. A vida eterna não consiste somente em quantidade, mas também em qualidade, a ponto de os cristãos desfrutarem as bênçãos inesgotáveis e insuperáveis que vêm da comunhão íntima com Deus, tanto nesta vida quanto na que virá.

Em Mateus 6:24, Jesus disse àqueles que o ouviam: “Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro”. Comentando esse versículo, John Piper observou:

Como poderemos “servir ao dinheiro”? Não é ajudando o dinheiro ou fornecendo algo para o dinheiro, mas calculando que toda a nossa vida seja beneficiada ao máximo por ele. Passamos a tomar nossas decisões de forma a maximizar os prazeres do dinheiro. E é assim com Deus. Portanto, por trás da palavra de Jesus sobre não servir ao dinheiro, mas servir a Deus, está a afirmativa de que servir a Deus significa viver de modo a experimentar a plenitude de Deus como nosso Tesouro [...] Este é o caráter particular da nossa escravidão cristã: o Senhor nos provê todas as coisas de forma tão abundante, que até mesmo o nosso próprio serviço é um dom da sua graça soberana.³⁶⁵

É por essa razão que o apóstolo Paulo podia dizer aos coríntios que, mesmo em seu trabalho sacrificial em favor de Cristo, tudo deve ser atribuído à graça de Deus. “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e sua graça para comigo não foi inútil; antes, trabalhei mais do que todos eles; contudo, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Coríntios 15:10). De forma parecida, todos os cristãos são chamados a “pôr em ação a salvação com temor e tremor”, enquanto reconhecem “que é Deus quem efetua [neles] tanto o querer quanto o realizar, de acordo

com a boa vontade dele” (Filipenses 2:12,13). A realidade surpreendente é que Deus não somente nos chama para sermos escravos zelosos; ele também nos chama para sermos fiéis a esse chamado. Além disso, ao nos capacitar para o servir, ele em seguida nos promete recompensar eternamente pela fidelidade com a qual bondosamente nos capacitou.

A metáfora da escravidão não apenas exalta a graça, mas também demonstra o amor. Como um escritor explicou: “O paradoxo da ‘escravidão na liberdade’ combina com o paradoxo do ‘amor em escravidão’. Dentro da liberdade cristã existem tanto a escravidão quanto o amor. Isso evita que a liberdade possa dar lugar à libertinagem e que a escravidão se torne subserviente”.³⁶⁶ A escravidão a Cristo é bem mais que mero *dever*; ela é motivada por um coração repleto de *devoção* amorosa e puro *prazer*. Como Deus nos amou primeiro e enviou seu Filho para nos remir do pecado, agora nós o amamos – desejando adorá-lo de coração, honrá-lo e obedecer-lhe em tudo. Nossa escravidão a ele não é um peso, mas um privilégio cheio de alegria possibilitado pela sua graça salvadora e pela obra contínua do Espírito em nossa vida. Como cidadãos leais e filhos gratos, agora servimos a nosso Rei e Pai com os corações transbordando de gratidão. Ser escravo de Cristo é uma realidade maravilhosa e abençoada; ser “*doulos* dele não se trata de algo agri-doce, mas totalmente doce”.³⁶⁷

Tudo isso destaca o caráter generoso do nosso amável Senhor. Sua escravidão é pura liberdade, seu jugo é suave, seu fardo é leve. Aquilo que o Senhor nos exige ele também faz brotar em nós pela sua graça, e ele nos chama à obediência não porque precise de nós, mas porque sabe que precisamos dele. Afinal de contas, é somente no relacionamento com ele que nossa alma pode satisfazer-se, e somente nos deleitando nele é que podemos experimentar o amor verdadeiro e a vida eterna. Conforme Agostinho proferiu em sua famosa oração que se encontra em suas *Confissões*: “Tu os incitas para que sintam prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em ti”.³⁶⁸

A ESCRAVIDÃO RETRATA A SALVAÇÃO

O quarto e último paradoxo se encontra nesta realidade gloriosa: Deus expressou as riquezas da nossa salvação usando o simbolismo da escravidão. Essa verdade, aliás, tem sido o tema de todo este livro. Na eternidade passada, Deus escolheu aqueles que ele salvaria. No nosso tempo de vida, ele nos resgatou da escravidão ao pecado e nos libertou para o Reino do seu Filho querido. A obra expiatória de Cristo na cruz nos remiu, de modo que fomos comprados por ele; e, tendo sido comprados por alto preço, somos agora propriedade dele. Fomos libertos do pecado, e agora, como escravos da justiça, temos uma liberdade que será nossa por toda a eternidade.

No entanto, a linguagem da escravidão faz mais do que simplesmente retratar o evangelho. Na verdade, ela é fundamental para a mensagem da salvação, porque aponta para a realidade do senhorio de Cristo, que é essencial para o evangelho bíblico.

A mensagem do evangelho não é simplesmente um *plano* de salvação; é um chamado para se aceitar a *Pessoa* da salvação. E ele é tanto Salvador quanto Senhor: os dois títulos não podem ser separados. Vir a Cristo de verdade é entregar o coração, a mente e a vontade – a pessoa como um todo – ao Senhor. Dedicar somente simples palavras ao senhorio de Cristo não passa de hipocrisia (Tito 1:16) – uma declaração falsa que não pode salvar (Mateus 7:23; Lucas 6:46). De modo semelhante, pregar a Cristo como Salvador, mas não como Senhor, é apresentar uma mensagem incompleta sobre o evangelho. Nas palavras do missionário-mártir Jim Elliot:

Uma heresia do século 20 é a de que Cristo é Senhor por “opção” daquele que crê. Essa negação do único Dono e Senhor prega somente metade da sua pessoa, declarando apenas parcialmente a verdade que se encontra em Jesus Cristo. O evangelho deve ser pregado envolvendo a pessoa dele na sua totalidade: tanto o Senhor que exige quanto o Salvador que liberta [...] Negar o senhorio de Cristo, *essa* é a desobediência que, de qualquer modo, amolece a exigência de Deus, porque não trata Deus como Deus.³⁶⁹

O evangelho, proclamado em sua plenitude, necessariamente inclui o senhorio de Jesus Cristo. Como Paulo disse aos romanos: “*Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo*” (Romanos 10:9,

destaque nosso). Quando lhe foi perguntado pelo carcereiro: “Que devo fazer para ser salvo?”, ele instruiu de modo semelhante: “Creia no *Senhor* Jesus, e serão salvos” (Atos 16:31, destaque nosso). Ao explicar o evangelho para os judeus no dia de Pentecoste, Pedro encerrou sua pregação com estas palavras: “Portanto, que todo o Israel fique certo disto: Este Jesus, a quem vocês crucificaram, Deus o fez *Senhor e Cristo*” (Atos 2:36, destaque nosso).

Nesse sentido, o Novo Testamento sempre enfatiza o arrependimento em seus apelos evangelísticos aos perdidos. O próprio Jesus pregou: “*Arrependam-se* e creiam nas boas novas!” (Marcos 1:15, destaque nosso; cf. Lucas 24:47). No dia de Pentecoste, Pedro proclamou: “*Arrependam-se*, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo” (Atos 2:38, destaque nosso; cf. Atos 5:31). Paulo disse aos filósofos no Areópago: “[Deus] ordena que todos, em todo lugar, *se arrependam*” (Atos 17:30, destaque nosso; cf. 20:21). Ao enfatizar o caráter obediente da fé salvadora, João escreveu: “E quem crê no Filho de Deus tem a vida eterna. Quem *não obedece* ao Filho não tem a vida eterna, mas a ira de Deus permanece sobre ele” (João 3:36, NVT, destaque nosso). O escritor aos hebreus disse de modo semelhante que Cristo “tornou-se a fonte da salvação eterna para todos os que lhe *obedecem*” (Hebreus 5:9, destaque nosso). Embora essa linguagem se oponha ao “evangelho barato” de alguns evangelistas contemporâneos, ela se encaixa perfeitamente no paradigma da escravidão do primeiro século.

De forma clara, a salvação é somente pela fé, mas a verdadeira fé salvadora nunca vem sozinha. Ela sempre produz “fruto que mostre o arrependimento” (Mateus 3:8), dando prova, com isso, de um coração transformado. Aquele que afirma conhecer a Cristo, mas continua em ciclos de pecado sem arrependimento, coloca em descrédito o professar da sua fé (1João 1:6). Do mesmo modo, aquele que afirma pertencer a Cristo, mas permanece completamente escravizado pelo pecado, engana a si mesmo no que se refere à sua condição espiritual. Os verdadeiros escravos de Cristo foram libertos do pecado com o propósito de praticar a justiça. Suas vidas são um testemunho dessa realidade. Por terem sido salvos pela graça, eles são “criação

em Cristo Jesus para [...] boas obras” (Efésios 2:10). Agora andam em alegre obediência, motivada por seu amor sincero pelo Senhor (João 14:15). Como Charles Spurgeon explicou:

E todo verdadeiro cristão pronuncia esta frase: “Jesus, nosso Senhor” com a ênfase da *integralidade*. Desejamos que Jesus Cristo seja o nosso Senhor em tudo – e Senhor de todas as partes do nosso ser [...] Quem ama verdadeiramente Jesus e quem sabe que é um dos que são redimidos por ele diz com todo o seu coração que Jesus é seu Senhor, seu Soberano absoluto, seu Déspota – se essa palavra pode ser usada no sentido cristão –, tem monarquia ilimitada e supremo poder sobre a alma! Sim, Ó “Jesus, nosso Senhor”, tu serás o autocrata, Mestre imperial do nosso coração e de todo o domínio da nossa humanidade!³⁷⁰

Encerramos o livro exatamente no ponto em que começamos – fazendo a pergunta: *O que significa ser cristão?* Quando examinamos a identidade nacional de Israel depois da saída do Egito, ou a identificação pessoal dos escritores apostólicos, ou a nomenclatura empregada pelos mártires cristãos primitivos, nós nos deparamos continuamente com um conceito que escapa à nossa mentalidade ocidental e é radical e profundo. No entanto, se quisermos compreender totalmente o que significa seguir a Cristo, temos de aceitar as consequências marcantes desse conceito essencial: ser cristão é ser um escravo de Cristo.

357 Cf. Mateus 5:3; 13:44-46; Lucas 17:33; 1Coríntios 3:18.

358 Cf. Mateus 5:4; 23:12; 20:16; Lucas 22:26; Atos 20:35.

359 Cf. Gênesis 50:20; Deuteronômio 6:4; Mateus 28:19; João 1:1,14; Hebreus 1:3; 4:15.

360 CARD, M. *A Better Freedom*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009. p. 23-24.

361 BOICE, J. M. *Romans*. 4 vols. Grand Rapids: Baker, 1991. 2:689-690, destaque no original. Cf. MOO, D. *The Wycliffe Exegetical Commentary, Romans 1-8*. Chicago: Moody Press, 1991. p. 415; nessa obra, ele escreveu: “Sempre estamos sob a autoridade de algum senhor, e as pessoas que não são cristãs e que acham que são livres estão sob uma ilusão criada e sustentada por Satanás”.

362 MACLAREN, A. *Expositions of Holy Scripture, the Acts*. [S. l.]: Bibliolife, 2007. p. 148.

363 CRISÓSTOMO, J. Homilias sobre a epístola aos romanos, 11. In: BRAY, G. (ed.). *Romans, Ancient Christian Commentary on Scripture*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1998. p. 163.

- 364 LYALL, F. *Slaves, Citizens, Sons: Legal Metaphors in the Epistles*. Grand Rapids: Academie Books, 1984. p. 129-130.
- 365 John Piper, em um *e-mail* datado de 9 de fevereiro de 2010. Usado com permissão.
- 366 HARRIS, M. J. *Slave of Christ*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999. p. 155.
- 367 HARRIS, *Slave of Christ*, p. 142.
- 368 AGOSTINHO. Confissões. Livro I. In: *Saint Augustine's Confessions*. Trad. Jay P. Green. LaVergne, TN: Lightning Source, 2001. p. 1.
- 369 ELLIOT, J. In: ELLIOT, E. (ed.) *The Journals of Jim Elliot*. Old Tappan, NJ: Revell, 1978. p. 253. A data desse registro no diário é 7 de junho de 1950.
- 370 SPURGEON, C. Jesus, nosso Senhor. *Projeto Spurgeon*. Disponível em: http://www.projeto-spurgeon.com.br/wp-content/uploads/2012/05/ebook_jesus_nosso_senhor_spurgeon.pdf. Acesso em: 16 jun 2020.

VOZES DA HISTÓRIA DA IGREJA

O PASTOR DE HERMAS [C. 130 D.C.]

O *Pastor de Hermas* é um dos documentos cristãos mais antigos dentre os que não fazem parte do Novo Testamento. Ele se refere aos fiéis como “escravos de Deus”, em várias passagens, como se percebe pelo trecho que se segue.³⁷¹ Outros documentos cristãos antigos demonstram um entendimento semelhante sobre a vida cristã. Por exemplo, a *Primeira epístola de Clemente de Roma* (escrita por volta de 95 d.C.) se refere a Deus como “Dono” em cerca de vinte páginas.³⁷² De modo semelhante, em sua carta aos filadelfos, Inácio (c. 50-110) escreveu sobre “o bispo, com o presbitério e os diáconos, meus coescravos”.³⁷³

Ao contar uma visão que Hermas tinha supostamente recebido, escreveu:

Respondi: “Senhor, que tipo de coisas más temos de nos abster de fazer?”. “Escute”, ele disse: “Abstenha-se do adultério e da imoralidade sexual, da bebedice sem lei, da luxúria perversa, da abundância de comida, da riqueza extravagante, da vanglória, do orgulho e da arrogância; da mentira, da

difamação e da hipocrisia, de guardar rancor e de falar qualquer blasfêmia. Esses são os gestos mais perversos da vida humana e, por causa disso, *o escravo de Deus deve abster-se de fazê-los*, porque aquele que não se abstém deles não pode viver para Deus. Ouça agora também sobre as coisas que se seguem a essas”. Perguntei: “Existem ainda outras obras perversas, Senhor?”. “Com certeza”, ele disse. “*Existem muitas coisas das quais o escravo de Deus tem de se abster*: do roubo, da mentira, da corrupção, de dar testemunho falso, da ganância, da concupiscência, do engano, da vaidade, da arrogância e de muitas coisas semelhantes a essas. Essas coisas lhe parecem perversas?” “Com certeza”, eu disse, “bem perversas para os escravos de Deus”. “Então é *necessário para aquele que é escravizado por Deus que se abstenha dessas coisas*.”³⁷⁴

POLICARPO [C. 69-155]

Em sua *Carta aos Filipenses*, Policarpo escreveu:

Pois vós sabeis que tendes sido salvos por um dom gratuito – não pelas obras, mas pela vontade de Deus por Jesus Cristo. Portanto, *cingi vossas vestes soltas e servi como escravos de Deus em temor reverente e verdade*, abandonando os vãos raciocínios e o erro que engana a muitos, e crendo naquele que ressuscitou o Senhor Jesus Cristo dentre os mortos e lhe deu glória e um trono à sua destra. *A ele estão sujeitas todas as coisas no céu e na terra; tudo o que tem fôlego o servirá*; ele está voltando como juiz dos vivos e dos mortos; e Deus responsabilizará aqueles que são desobedientes pelo seu sangue.³⁷⁵

OS MÁRTIRES DO SÉCULO 2

Em uma carta das igrejas de Lion e Viena para a igreja da Ásia:

Daqueles que habitam em Viena e Lion da Gália, escravos de Cristo, aos irmãos na Ásia e na Frígia que têm a mesma fé e esperança de redenção conosco, a paz, e graça, e glória de Deus, o Pai, e do nosso Senhor Jesus Cristo. Não somos capazes de expressar com precisão em palavras ou de abranger por escrito a magnitude dessa nossa tribulação, a fúria extrema dos gentios contra os santos e as coisas que os mártires bem-aventurados têm sofrido.³⁷⁶

AMBROSIASTRO [C. 366-384]

“Ele [o apóstolo Paulo] diz isso porque pela lei da fé ele morreu para a lei de Moisés, *pois aquele que é liberto dela ‘morre’ e vive para Deus, passando a ser seu escravo, comprado por Cristo.*”³⁷⁷

JOÃO CRISÓSTOMO [C. 347-407]

Nas coisas relacionadas a Cristo, tanto [escravos quanto senhores] são iguais: e és tão escravo de Cristo quanto é teu senhor [...]. É possível para alguém que é escravo não ser um escravo, e para aquele que é livre ser um escravo. “E como alguém pode ser escravo e não escravo?” Quando essa pessoa faz tudo para Deus: quando não faz nada por fingimento, nem age segundo a aparência diante dos homens: é assim que alguém que é escravo pode ser livre. Outrossim, como alguém que é livre se torna escravo [do pecado]? Quando presta aos homens qualquer serviço perverso, tanto para a glotonaria quanto ambicionando a riqueza ou fama. Pois tal homem, mesmo sendo livre, é mais escravizado do que qualquer outro [...]

O cristianismo é assim: ele concede liberdade em meio à escravidão [...] [Afinal de contas,] é o pecado que é a verdadeira escravidão, e, se não és escravo nesse sentido, sê valente e regozija-te. Ninguém tem o poder de lhe fazer mal algum quando tens um temperamento que não pode ser escravizado; se, todavia, és escravo do pecado, ainda que sejas 10 mil vezes mais livre, tua liberdade não lhe trará bem algum.³⁷⁸

Primeiro acontece a libertação do pecado, e depois a formação de escravos da justiça, o que é melhor do que qualquer liberdade. Porque Deus agiu como alguém que acolhe um órfão que havia sido raptado por selvagens para o seu país, não se limitando a libertá-lo da escravidão, mas sendo uma espécie de pai dele, dando-lhe uma criação digna. Isso é o que acontece no nosso caso, porque Deus não somente nos libertou dos nossos males anteriores, mas também nos guiou para uma vida de anjos. Ele nos abriu o caminho para desfrutar de uma vida melhor, encaminhando-nos ao abrigo da justiça e matando nossos

males pregressos, mortificando o nosso velho homem e trazendo-nos à vida eterna.³⁷⁹

AGOSTINHO [354-430]

Ao escrever sobre Agostinho, Gerald Bonner observou que “a experiência pessoal, conforme é relatada em *Confissões*, o convenceu de que, em última análise, a liberdade humana só podia ser relativa: somente sendo escravo de Deus alguém poderia escapar de ser escravo do pecado.”³⁸⁰ Seguem-se algumas passagens nas quais se pode perceber o destaque que Agostinho deu a esse conceito:

Será que teu Senhor não merece possuí-lo como seu escravo de confiança?
381

Então, se ele, que é um com o Pai, Deus de Deus, Deus com Deus, coeterno, imortal, igualmente imutável, igualmente eterno, igualmente criador e aquele que divide os tempos, se ele, por ter vindo na plenitude dos tempos, *tomou a forma de escravo, e foi achado na aparência de homem* (Filipenses 2:7), logo ele busca a glória do seu Pai, não a sua. Que deverias fazer tu, ó homem, tu que buscas tua própria glória sempre que fazes algo bom, ao passo que, quando fazes algo mau, engendas maneiras de culpar a Deus? Olha para ti mesmo! És criatura, reconhece o criador! És escravo, não desprezes teu dono! Foste adotado, mas não por teus méritos. Ó filho adotivo, busca a glória daquele de quem tens recebido essa graça! Busca a glória daquele cuja glória o seu Filho unigênito buscou!³⁸²

CHARLES HODGE [1797-1878]

Todos os cristãos [...] foram comprados por um alto preço, a saber, comprados por Cristo, pelo seu sangue mais precioso (1Pedro 1:18,19). Pertenceis a ele, sois seus escravos, e, portanto, deveis agir de maneira adequada, e não serdes escravos dos homens. O escravo de um senhor não pode ser escravo de outro. Aquele que é remido por Cristo, que sente que pertence a ele, que sua vontade é a regra suprema da prática, e que executa todas as suas tarefas não para agradar os homens, mas servindo ao Senhor e não aos homens (Efésios 6:6,7), é livre em seu interior, sejam quais forem seus relacionamentos terrenos [...] Eles [os cristãos coríntios] todos pertenciam a Cristo. Sua lealdade era devida a ele. Portanto, eles, escravos

ou livres, deviam agir em obediência a ele, e não em obediência aos homens.³⁸³

CHARLES SPURGEON [1834-1892]

Não tenhais reservas, não façais nenhuma escolha senão a de obedecer a seu mandamento. Quando sabeis o que ele manda, não hesiteis, nem questioneis, nem tenteis evitar, mas “fazei” imediatamente, de coração, com alegria, tudo o que ele mandar. Não é de somenos importância que, como nosso Senhor nos comprou com o preço de seu próprio sangue, devamos ser seus servos. Os apóstolos frequentemente identificam-se como escravos de Cristo. *Onde nossa Versão Autorizada* [King James] *coloca suavemente a palavra “servo” na verdade quer dizer “escravo”*. Os santos primitivos tinham prazer em se considerar propriedade exclusiva de Cristo, comprados por ele, possuídos por ele e totalmente à sua disposição. Paulo chegou ao ponto de se alegrar em ter no corpo as marcas do seu dono, e brada: “Ninguém me perturbe, pois trago em meu corpo as marcas de Jesus”. Ali encerrou todo o debate: ele era do Senhor, e as marcas, os flagelos, as varas e as pedras eram a marca do Rei que identificava o corpo de Paulo como propriedade do Senhor Jesus. Ora, se os santos da Antiguidade se gloriavam em obedecer a Cristo, rogo que vós, comigo, deixando de lado a seita à qual possamos pertencer, ou mesmo o país do qual fazemos parte, possamos sentir que nosso objetivo principal na vida é obedecer ao nosso Senhor, e não seguir a um líder humano ou promover algum partido político ou religioso. Isso é o que queremos fazer, seguindo desse modo o conselho de Salomão, quando diz: “Os teus olhos olhem direitos, e as tuas pálpebras olhem diretamente diante de ti”. Amados, esforçai-vos para ser obedientes nas cousas pequenas e grandes, pois é nos mínimos detalhes que melhor se percebe a verdadeira obediência.³⁸⁴

Devemos servir a nosso Senhor humildemente, reverentemente, sentindo-nos honrados em fazer qualquer coisa para ele. Devemos ser abnegados, entregues doravante ao Senhor; livres, porém mais verdadeiramente escravos desse Grande Imperador. Nunca somos tão livres como quando recebemos nossa escravidão sagrada [...] *Paulo se identifica várias vezes como servo do Senhor, e até mesmo como escravo de Cristo, e se gloria das marcas de ferro em brasa sobre sua carne*. Ele diz: “Trago em meu corpo as marcas do Senhor Jesus, desde

agora ninguém me inquiete”. *Consideramos como liberdade trazer as marcas de Cristo*. Calculamos que essa seja a liberdade mais sublime, pois cantamos com o salmista: “Sou teu servo, sou teu servo; soltaste as minhas ataduras”. “Atai o sacrifício com cordas, até as pontas do altar.” Tal é a conduta exigida pela nossa escravidão a Cristo.³⁸⁵

E todo verdadeiro cristão pronuncia esta frase: “Jesus, nosso Senhor” com a ênfase da *integralidade*. Desejamos que Jesus Cristo seja o nosso Senhor em tudo – e Senhor de todas as partes do nosso ser [...] Quem ama verdadeiramente Jesus e quem sabe que é um dos que são redimidos por ele diz com todo o seu coração que Jesus é seu Senhor, seu Soberano absoluto, seu Déspota – se essa palavra pode ser usada no sentido cristão –, tem monarquia ilimitada e supremo poder sobre a alma! Sim, Ó “Jesus, nosso Senhor”, tu serás o autocrata, Mestre imperial do nosso coração e de todo o domínio da nossa humanidade!³⁸⁶

ALEXANDER MACLAREN [1826-1910]

Então, a posição verdadeira para o homem é ser escravo de Deus. As características duras e repugnantes dessa instituição perversa assumem um caráter completamente diferente quando passam a ser as características do meu relacionamento com ele. A submissão absoluta e a obediência incondicional da parte do escravo; e o domínio absoluto da parte do Senhor, o direito de vida e morte, o direito de dispor de todos os bens e móveis, o direito de separar marido e mulher, pais e filhos, o direito de decretar mandamentos sem apresentar justificativa, o direito de esperar que esses mandamentos sejam obedecidos com rapidez, sem hesitação, de forma meticulosa e completa – essas coisas são corriqueiras em nosso relacionamento com Deus. Bem-aventurado o homem que aprende essa realidade e a aceita como a glória mais sublime e como a segurança de sua vida abençoadíssima! Pois, irmãos, tal submissão, absoluta e incondicional, a fusão e a absorção da minha vontade na vontade dele, é o segredo de tudo que faz a humanidade gloriosa, grande e feliz.

Lembre-se, no entanto, de que, no Novo Testamento, esses títulos de *escravo* e *dono* são transferidos respectivamente para os cristãos e Jesus Cristo. “O Servo” tem seus escravos, e aquele que é Servo de

Deus e não faz a própria vontade, mas a vontade do Pai, nos tem como seus servos, impõe sua vontade sobre nós, e somos obrigados a prestar a ele uma satisfação de obediência completa como aquela que ele depositou aos pés do Pai.

Essa escravidão é a única liberdade que existe. A liberdade não significa fazer o que se quer, mas sim gostar do dever e praticá-lo. Só é livre quem se submete a Deus em Cristo, vencendo desse modo a si mesmo, o mundo e todo o antagonismo, sendo capaz de cumprir seu dever na vida. A prisão da qual não desejamos sair não se trata de repressão, e a vontade que coincide com a lei é a única vontade que é realmente livre. Vós falais sobre a escravidão da obediência. Ah! “O peso de tanta liberdade” é um cativeiro bem mais doloroso. Esses são os escravos que dizem: “Vamos desfazer os laços [do Senhor] e jogar fora as correntes [do Senhor]”, e aquelas são as pessoas livres que dizem: “Senhor, põe tuas algemas abençoadas em meus braços, e estabelece tua vontade sobre a minha, e enche meu coração com teu amor; e, então, minha vontade e minhas mãos se moverão com liberdade e prazer”. “Se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres.”

Essa escravidão é a única nobreza que existe. Nos impérios perversos antigos, assim como hoje em alguns dos seus sucessores modernos, os vizires e os primeiros-ministros surgiram em sua maior parte das classes servis. No Reino de Deus acontece a mesma coisa. Aqueles que se submetem como escravos de Deus tornam-se reis e sacerdotes, e reinarão com ele na terra. Se somos escravos, somos, portanto, filhos e herdeiros de Deus por meio de Jesus Cristo [...]

O Servo-Filho nos torna escravos e filhos. Não me importa o fato de que Jesus tenha cumprido perfeitamente a lei de Deus; isso é muito bom para ele, mas para mim não tem nenhum valor, a menos que ele tenha o poder de me transformar à sua imagem. Como ele tem esse poder, se porventura vos entregardes a ele, e derdes vossos corações a ele, e pedirdes que ele vos guie, ele guiará a vós, e, se acaso vós abandonardes vossa falsa liberdade, a qual é escravidão, e assumirdes a liberdade sensata, a qual é obediência, nesse instante ele vos fará participar de suas bênçãos de serviço alegre; e até poderemos ser capazes de dizer: “A minha comida e a minha bebida são fazer a

vontade daquele que me enviou”; e, ao dizermos isso com verdade, teremos acesso a todos os prazeres.³⁸⁷

R. C. H. LENSKI [1864-1936]

Devemos apresentar a nós mesmos e a nossos membros como δουλοι [“escravos”] a Deus depois de termos sido libertos pelo domínio do pecado e transformados em escravos de Deus felizes e abençoados. Aqui temos as palavras de Lutero: “vivam sob ele e no seu Reino e o sirvam” etc. O particípio [em Romanos 14:18] significa: “ser escravo e trabalhar como escravo”. O significado não é o mesmo de διακονειν [“servir”], que é o de prestar serviço a Cristo, fazendo o que podemos por ele, mas sim o de não termos vontade própria em tudo o que fazemos, sendo dirigidos e controlados somente pela vontade de Cristo, sendo ele nosso Κύριος, nosso único Senhor e Dono [...] *Aquele que, como escravo de Cristo, submete sua vontade a ele em tudo que faz “agrada a Deus” e nunca precisará temer apresentar-se diante do seu tribunal.*³⁸⁸

J. CAMPBELL WHITE [1870-1962]

Falando na conferência internacional de 1906 do Movimento Voluntário Estudantil para as Missões Estrangeiras, J. Campbell White desafiou os que o ouviam com estas palavras:

É fato ou não que Jesus Cristo é o único dono legítimo e Senhor de nossas vidas? Martinho Lutero achava que isso era um fato quando disse: “Se alguém batesse à porta do meu coração e dissesse: ‘Quem mora aí?’, eu não responderia ‘Martinho Lutero’, mas diria ‘O Senhor Jesus Cristo’”. Paulo expressou essa realidade sublime de sua vida quando disse: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”; e “Para mim o viver é Cristo”. E ele não somente se considerava escravo de Cristo, mas considerava essa atitude normal e correta para todo discípulo de Cristo. “Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo.” “Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês.” E nosso próprio Senhor considerava isso a única atitude correta de todos os seus seguidores para

com ele: “Vocês me chamam ‘Mestre’ e ‘Senhor’, e com razão, pois eu o sou”.

Esse senhorio e esse direito de propriedade de Jesus Cristo não se aplicam somente à nossa vida, mas envolvem todos os nossos bens e direitos [...] Não há como questionar que Jesus Cristo se considera dono e Senhor da nossa vida. A pergunta prática para nós é: será que reconhecemos o seu direito de propriedade e o seu senhorio, *e será que demonstramos essa atitude para com ele?*

[...] Eu me pergunto, como pergunto a vocês nesta noite, se existe algo tão divino que possamos fazer com a nossa vida quanto dedicá-la em escravidão voluntária perpétua a Jesus Cristo em favor da humanidade perdida, e dizer-lhe: “Se Deus me mostrar alguma coisa que eu possa fazer para a redenção deste mundo que não tenha tentado ainda, pela sua graça me empenharei imediatamente nisso, porque não posso, não ousarei apresentar-me diante do tribunal antes de fazer o máximo que Deus espera de mim para divulgar sua glória por todo o mundo”.³⁸⁹

JIM ELLIOT [1927-1956]

Jim Elliot foi um dos cinco missionários norte-americanos enviados para o Equador que foram martirizados pelos índios Huaorani. Ele é famoso pela sua afirmação: “Não é tolo aquele que dá o que não pode guardar para ganhar o que não pode perder”.³⁹⁰ Em outro registro do seu diário, comentando os versículos iniciais de Judas, ele escreveu:

Alguns homens do grupo a quem Judas escreveu tinham-se afastado da graça de Deus para assumir uma vida desregrada, negando o único Mestre e Senhor, Jesus Cristo. Isso foi escrito para a minha época, pois atualmente ouço falar de homens pregando que a graça significa liberdade para uma vida desenfreada sem nenhum padrão de pureza moral, declarando que “não estão sob a lei, mas estão sob a graça”. A graça se transformou em ἀσελγεια (“libertinagem”)! Uma heresia do século 20 alinhada com essa é a de que Cristo é Salvador somente por direito, Senhor por “opção” daquele que crê. Essa negação do único Dono e Senhor prega somente metade da sua pessoa, declarando apenas parcialmente a verdade que se encontra em Jesus Cristo. O evangelho deve ser pregado envolvendo a pessoa dele na

sua totalidade: tanto o Senhor que exige quanto o Salvador que liberta [...] Negar o senhorio de Cristo é a desobediência que, de qualquer modo, amolece a exigência de Deus, porque não trata Deus como Deus.³⁹¹

371 Segundo James S. Jeffers, “Hermas identifica a si mesmo e aos outros cristãos como escravos de Deus (*Vis.* 1.2.4; 4.1.3; *Mand.* 3.4; *Sim.* 8.6.5). A implicação dessas passagens é a de que os cristãos devem a Deus a mesma obediência que os senhores exigem de seus escravos” (Jewish and Christian Families in First-Century Rome. In: DONFRIED, K. P.; RICHARDSON, P. (eds.). *Judaism and Christianity in First-Century Rome*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998. p. 148).

372 James Aloysius Kleist observa esse aspecto sobre a *Primeira epístola aos coríntios*, de Clemente: “Em cerca de vinte passagens nessa epístola, Clemente fala sobre Deus como ‘Dono’, uma identificação que não é comum na fala moderna. A ideia é a mesma que levou Paulo a se chamar de *doulos*, ou ‘escravo’ de Cristo” (*The Epistles of St. Clement of Rome and St. Ignatius of Antioch*. Mahwah, NJ: Paulist Press, 1946. p. 106-107n35).

373 INÁCIO. Letter to the Philadelphians, IV. In: *The Apostolic Fathers*. Trad. Bart D. Ehrman. Cambridge, Mass.: Harvard University, 2003. I:287.

374 SHEPHERD OF Hermas: Exposition on the Eighth Commandment, 38.3-6. In: EHRMAN. *The Apostolic Fathers*. Cambridge, Mass.: Harvard, 2005. II:269-71.

375 POLICARPO, Letter to the Philippians, I-II. In: EHRMAN. *The Apostolic Fathers*. 2003. I:335.

376 EUSÉBIO. Ecclesiastical History, book 5,1-4. In: GILES, J. A. (trad.). *The Writings of the Early Christians of the Second Century*. London: John Russell Smith, 1857. p. 222.

377 *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, 81.3:28.21-3, nas notas críticas de Eric Plumer, no livro *Augustine’s Commentary on Galatians* (Nova York: Oxford University Press, 2003. 30n153).

378 CRISÓSTOMO, J. *Patrística: comentário às cartas de São Paulo*. São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

379 Ibid.

380 BONNER, G. Anti-Pelagian Works. In: FITZGERALD, A. (ed.). *Augustine through the Ages: An Encyclopedia*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999. p. 43.

381 AGOSTINHO. Sermon 159. In: ROTTELLE, J. E. (trans.). *Sermons*. Hyde Park, NY: New City Press, 1992. p. 124.

382 AGOSTINHO. *Homilies on the Gospel of John 1-40*. Homily 29. Traduzido para o inglês por Edmund Hill. Hyde Park, NY: New City Press, 2009. p. 495.

383 HODGE, C. *Exposition of the First Epistle to the Corinthians*. Nova York: Robert Carter & Brothers, 1878. p. 125.

384 SPURGEON, C. Eyes Right. In: *Metropolitan Tabernacle Pulpit*. Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1974. 34:689.

- 385 SPURGEON, C. The Way to Honor, sermon n. 1.118. In: *Metropolitan Tabernacle Pulpit*. Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1981. 19:356-357.
- 386 SPURGEON, C. Jesus, nosso Senhor. *Projeto Spurgeon*. Disponível em: http://www.projetospurgeon.com.br/wp-content/uploads/2012/05/ebook_jesus_nosso_senhor_spurgeon.pdf. Acesso em: 17 jun 2020.
- 387 MACLAREN, A. *Expositions of Holy Scripture, the Acts*. [S. l.]: Bibliolife, 2007. p. 148-149.
- 388 LENSKI, R. C. H. *Interpretation of Saint Paul's Epistle*. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2008. p. 843.
- 389 WHITE, J. C. The Ownership and Lordship of Jesus Christ. In: *Students and the Modern Missionary Crusade*. Nova York: Student Volunteer Movement for Foreign Missions, 1906. p. 29, 36.
- 390 ELLIOT, J. In: ELLIOT, E. (ed.). *The Journals of Jim Elliot*. Old Tappan, NJ: Revell, 1978. p. 253. A data desse registro no diário é 28 de outubro de 1949.
- 391 ELLIOT, J. *The Journals of Jim Elliot*, p. 253. A data desse registro no diário é 7 de junho de 1950.



GUIA DE ESTUDO

CAPÍTULO 1

UMA PALAVRA OCULTA

O rapaz não disse nada ao comparecer diante do governador romano, mesmo arriscando a própria vida. Seus acusadores o pressionaram novamente, esperando fazê-lo tropeçar ou forçando-o a negar a fé, mas ele respondeu mais uma vez com a mesma frase curta: “Sou cristão”.

RELEMBRE

Os mártires primitivos eram bem claros quanto ao que significava ser cristão, mas tenho certeza de que, se perguntarmos o que significa ser cristão nos dias atuais, teremos uma ampla variedade de respostas, até mesmo por parte daqueles que se identificam dessa forma.

Para algumas pessoas, ser “cristão” é algo cultural e tradicional, uma denominação herdada de uma geração anterior, que se limita basicamente a evitar alguns comportamentos e ir à igreja de vez em quando. Para outras, trata-se de uma questão mais política, uma

busca para defender os valores morais diante da sociedade ou para preservar esses valores afastando-se totalmente dela. Outros ainda definem o cristianismo como uma experiência religiosa do passado, uma crença genérica em Jesus, ou como o desejo de ser uma pessoa boa. Mas tudo isso fica lamentavelmente aquém do que realmente significa ser cristão na perspectiva bíblica.

O que as pessoas à sua volta pensam sobre o que é ser cristão?

Baseado em João 10:27, como as expectativas de Jesus com relação a seus seguidores se comparam com o que o mundo entende ser um “cristão”?

REPENSE

Além do nome “cristão”, a Bíblia usa uma infinidade de termos diferentes para identificar os seguidores de Jesus. A Escritura nos descreve como estrangeiros, cidadãos do céu e luzes do mundo. Somos herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo, membros do seu corpo, ovelhas do seu pasto, embaixadores ao seu serviço e amigos ao redor da sua mesa. Somos chamados para competir como atletas, lutar como soldados, permanecer como galhos em uma videira e até para desejar sua Palavra do mesmo modo que os bebês recém-nascidos anseiam por leite. Todas essas descrições – cada qual com sua forma única – nos ajudam a entender o que significa ser cristão.

Entretanto, há uma metáfora que a Bíblia usa com mais frequência do que todas as outras, uma figura de linguagem que você nem pode imaginar, mas que é absolutamente essencial para entender o que significa seguir a Jesus: é a figura de um *escravo*.

Cite algumas características que você associa normalmente ao termo *escravo*.

Como essas características se comparam com o conceito de “cristão” mencionado na primeira pergunta?

Os cristãos primitivos sabiam que seguir a Cristo equivalia a ser um escravo. Por que o conceito da escravidão é ofensivo para alguns

cristãos nos dias de hoje?

Muitos cristãos contemporâneos agem como se Jesus viesse satisfazer suas ambições e fazer com que seus sonhos se tornem realidade, mas essa atitude egocêntrica se encontra em discordância com o evangelho verdadeiro. O cristianismo bíblico gira em torno de Cristo. Com esse pensamento, qual é a sua posição no intervalo abaixo?

TUDO GIRA AO MEU REDOR $\longleftrightarrow$ TUDO GIRA EM TORNO DE CRISTO

Na Bíblia, a palavra *escravo* é quase invisível, porém está presente nas páginas da Escritura disfarçada na palavra *servo*. Para muitas pessoas, o termo *escravo* é ofensivo, e isso é compreensível, mas a Bíblia ensina claramente que fomos comprados por Deus – somos sua propriedade. Quais são as consequências dessa verdade para a nossa vida diária?

REFLITA

O cristianismo verdadeiro não consiste em acrescentar Jesus à *minha* vida. Em vez disso, trata-se de dedicar minha vida completamente a ele – submetendo-me completamente à sua vontade e buscando sobretudo agradar a ele. Exige morrer para si mesmo e seguir ao Senhor, independentemente do preço a ser pago. Em outras palavras, ser cristão é ser *escravo* de Cristo.

Quando Cristo diz “Siga-me!”, que nível de compromisso ele está esperando? Qual deve ser a prioridade dele em nossa vida?

Como nos resguardar de ver nosso relacionamento com Cristo como apenas algo a mais em nossa agenda?

Como você decide suas prioridades diárias? Que passos práticos você pode seguir para garantir que o Senhor está no centro da sua rotina diária?

Será que o seu dia inclui automaticamente um tempo para Deus, ou o seu tempo para Deus é opcional? Explique seu raciocínio.

REAJA

O nosso mundo tende a ver a fé como um passatempo ou uma atividade social. Hoje em dia, muitas igrejas não se sentem à vontade para cobrar das pessoas os compromissos que fizeram quando aceitaram a Cristo. Muitos frequentadores de igreja estão mais preocupados em ter uma boa vaga no estacionamento, ou um bom local para deixar as crianças, ou um assento confortável na igreja do que em servir a Deus. Isso acaba fazendo com que as igrejas enfraqueçam espiritualmente.

Quando você vai à igreja, quais são seus principais interesses? Eles se relacionam mais com você ou com Deus?

O que sua atitude na igreja tem a dizer a respeito de como você entende ser um escravo de Cristo? Que dizer da sua atitude em casa ou no trabalho?

De quais atividades, interesses ou desejos você poderia considerar-se escravo? Como você deveria ver essas coisas à luz de sua escravidão a Cristo?

Qual é a posição do seu relacionamento com Cristo na sua lista de prioridades?

- ☐ Primeiro lugar
- ☐ Em algum lugar entre _____ e _____
- ☐ Deus fica com o tempo que sobra

CAPÍTULO 2

HISTÓRIA ANTIGA. VERDADE ETERNA

A escravidão era uma estrutura social difundida por todo o Império Romano. Na verdade, ela era tão comum, que sua existência como instituição nunca foi questionada por ninguém. Escravos de todas as idades, gêneros e etnias constituíam uma classe socioeconômica importante na Roma Antiga. Aproximadamente um quinto da população do Império era de escravos, totalizando 12 milhões no

início do primeiro século d.C. Não é de admirar que toda a economia romana dependia em grande escala desse grupo de trabalhadores, qualificados ou não.

RELEMBRE

A escravidão também trazia certa proteção social e econômica para aqueles que tinham senhores bondosos e bem-respeitados. Os escravos não tinham de se preocupar quanto à sua alimentação e moradia. Seu único cuidado era o de servir aos interesses do seu senhor. Em troca, o senhor supria suas necessidades. Além disso, se o senhor fosse um membro de prestígio e poder na comunidade, como um oficial do governo, seus escravos também eram respeitados por causa do seu relacionamento com ele. Dava-se grande honra aos escravos de pessoas que gozavam de alta estima na sociedade romana.

Ao ler a descrição do significado de ser um escravo, que benefícios você acha que a escravidão trazia para o escravo?

A experiência do escravo dependia da bondade do seu dono ou da sua dona. Já que Deus é o nosso dono, que tipo de experiência devemos esperar dele como seus escravos?

REPENSE

A escravidão no mundo romano era tão diversa quanto o número de senhores que tinham escravos. Se os escravos trabalhavam na cidade ou no campo, se eram fazendeiros, administradores da casa ou desempenhavam outra função, se chegavam a alcançar a liberdade ou não, e se a sua qualidade de vida diária era positiva ou negativa, tudo isso estava nas mãos do dono. Cada senhor de escravos definia como a vida do escravo seria. Por sua parte, os escravos só tinham um objetivo essencial: agradar seu senhor em tudo, por meio da obediência fiel.

O objetivo de um escravo era agradar a seu mestre em tudo o que fazia. Portanto, como escravos de Deus, devemos agradar-lhe em tudo. Em que áreas da sua vida você não está agradando ao Senhor como deveria?

As condições de trabalho dos escravos geralmente eram afetadas por sua atitude. Um escravo trabalhador e submisso seria recompensado, enquanto um escravo obstinado e murmurador seria castigado. Descreva uma situação na qual você relutou em fazer o que sabia que Deus queria que fizesse.

Como o resultado final dessa situação teria sido diferente se sua atitude tivesse sido mais positiva?

O êxodo do Egito não deu aos israelitas uma autonomia completa. Pelo contrário, ele os levou a um tipo diferente de escravidão. Aqueles que anteriormente tinham sido propriedade de Faraó se tornaram propriedade do Senhor. Leia Êxodo 19:1-8. Como você teria reagido se estivesse lá ao pé do monte Sinai?

Desde o êxodo até o exílio, e até depois dele, a identidade coletiva de Israel como escravo de Deus era parte integrante da história da nação. Muitos heróis de Israel – inclusive Abraão, Moisés, Josué, Davi, Elias e os profetas – são chamados especificamente de *seus escravos*. Como esse fato altera seu modo de entender o significado de ser um escravo de Deus?

Ser escravo é estar sob a autoridade completa de outra pessoa. Significa rejeitar a autonomia pessoal e adotar a vontade de outro alguém. Explique a razão pela qual esse conceito é tão ofensivo para aqueles que vivem em uma sociedade como a nossa. De que modo a metáfora do escravo destaca o caráter de contracultura do evangelho?

REFLITA

Quando o apóstolo Paulo referia-se a si mesmo como “escravo de Cristo” e como “escravo de Deus”, seus leitores sabiam exatamente o que ele queria dizer. Nas cidades para as quais Paulo escreveu, valorizava-se a liberdade pessoal, depreciava-se a escravidão, bem como desprezava-se e repelia-se a escravidão voluntária, mas, para Paulo, “escravo” era uma identificação adequada. Sua vida girava em

torno do Mestre, e nada mais – nem seu interesse pessoal – era importante.

Antes de sua conversão, Paulo (então chamado de “Saul”) via a si mesmo, de forma arrogante e hipócrita, como religiosamente superior aos outros. O que aconteceu a ele que lhe permitiu enxergar-se como escravo? Veja Atos 9 para conhecer o relato de sua conversão.

Descreva a sua experiência de conversão. Como Deus transformou seu coração, seu propósito e suas prioridades?

Leia Tiago 1:1. Embora pudesse primeiro referir-se a si mesmo como irmão de Jesus, Tiago escolheu chamar a si mesmo de escravo. O que isso nos diz a respeito da perspectiva de Tiago sobre a vida cristã?

Leia Tiago 4:13-15. Como essa passagem se encaixa na metáfora do escravo? De que modo ela descreve a atitude dos cristãos verdadeiros?

Como a sua atitude diante da vida pode comparar-se com a atitude de Tiago?

REAJA

Quando estudamos o Novo Testamento, descobrimos rapidamente que a expressão “escravo de Cristo” não se limitava aos crentes de baixa patente ou aos novos convertidos. Com entusiasmo, os apóstolos adotavam para si esse título, e também o usavam para se referir aos colegas de ministério. Portanto, não é surpresa alguma encontrar expressões relacionadas à escravidão sendo usadas frequentemente por todas as suas epístolas para explicar a vida cristã.

Nosso relacionamento atual e futuro com Deus se estabelece no contexto da escravidão. Devemos ser seus escravos agora e seremos seus escravos no céu (cf. Apocalipse 22:3,4). Como devemos corresponder ao nosso papel de escravos dele?

É fácil para nós ver os cristãos primitivos como gigantes espirituais, mas eles se viam como escravos. Que efeito isso teve sobre a vida

deles? O que aconteceria com seu ânimo na vida cristã se você adotasse a ideia de ser escravo de Cristo?

O escravo não tinha direito à própria vida, porque estava completamente à mercê do seu dono. A ideia de estar à mercê de Deus é reconfortante ou assustadora para você? Por quê?

Para o escravo, não havia nenhuma área de sua vida fora do controle do seu senhor. Que áreas da sua vida você precisa submeter completamente a Deus? O que aconteceria se você fizesse isso?

Escreva uma oração pedindo a Deus para ajudá-lo a se tornar um escravo dele em todas as áreas da sua vida.

CAPÍTULO 3

O ESCRAVO BOM E FIEL

A verdade da Palavra de Deus sempre faz parte de uma contracultura, e a ideia de se tornar um escravo não sai desse padrão. Na verdade, é difícil imaginar um contexto mais desagradável para a sensibilidade moderna do que a escravidão. A sociedade moderna em particular dá um grande valor à liberdade pessoal e à livre escolha. Portanto, apresentar as boas novas em termos do relacionamento do escravo com seu senhor opõe-se a tudo o que a nossa cultura admira. Essa abordagem é controvertida, conflitante e politicamente incorreta, mas, mesmo assim, é exatamente a forma como a Bíblia explica o significado de seguir a Cristo.

RELEMBRE

Jesus usou a linguagem da escravidão para definir a realidade do significado de segui-lo. O discipulado, como a escravidão, envolve uma vida de negação completa de si mesmo, uma postura humilde diante das pessoas, uma devoção exclusiva de todo o coração ao seu senhor, uma disposição de obedecer aos seus mandamentos em tudo, um anseio de servi-lo mesmo estando ele ausente, e a motivação que

vem de saber que ele se agradou muito. Apesar de antes terem sido escravos do pecado, os seguidores de Cristo recebem a liberdade espiritual e o descanso para suas almas por meio de seu relacionamento salvador com ele.

O que significa deixar de ser escravo do pecado para ser escravo de Jesus Cristo? De que modo sua vida mudou por causa dessa transformação?

Se Jesus, nosso Senhor celestial, fosse avaliar sua vida neste exato momento, qual seria o grau de satisfação dele com relação à sua atitude de amar a Deus e ao próximo?

- ☐ Insatisfeito
- ☐ Satisfeito em alguns momentos
- ☐ Geralmente satisfeito
- ☐ Sempre satisfeito

REPENSE

Por todo o Novo Testamento, os cristãos são chamados várias vezes a adotar a perspectiva daqueles que pertencem a Cristo e, portanto, a submeter-se amavelmente a ele como Senhor. Esse tipo de perspectiva tem consequências sérias para o modo como nós, sendo cristãos, pensamos e agimos.

Leia Romanos 6:17,18 e o estudo sobre a propriedade exclusiva. Qual é a diferença entre ser escravo de Cristo e ser empregado de Cristo? Por que essa diferença é importante?

Leia 1João 2:5. A obediência sincera a Cristo demonstra que tivemos a experiência de conhecê-lo. Com base em sua obediência a Cristo, você pode dizer com certeza que o conhece? Justifique sua resposta.

O escravo só tinha um interesse fundamental: executar a vontade do dono. Nas áreas em que recebia instruções diretas, exigia-se a sua obediência. Nas áreas nas quais não se davam instruções diretas, ele devia encontrar maneiras de agradar o dono o máximo possível. Leia

Colossenses 3:17,23. Que partes da sua vida se encontram fora dos limites desses versículos?

Como cristãos, podemos estar centrados nas coisas que Deus nos chamou para fazer, confiando que ele suprirá nossas necessidades. Leia Mateus 6:31-33. O que faz você ficar preocupado?

Leia Filipenses 4:6. Qual deve ser sua atitude com respeito aos aspectos da vida mencionados anteriormente?

REFLITA

Em tudo o que fazia, o escravo do primeiro século assumia total responsabilidade diante do seu dono, já que a avaliação do senhor acabava sendo o que realmente importava para ele. Se o dono ficasse satisfeito, o escravo seria recompensado de forma adequada; portanto, uma vida de fidelidade acabava sendo recompensada com uma possível alforria, ou seja, a liberdade; porém, se o dono não se agradasse, o escravo já sabia que lhe esperava o castigo adequado, que geralmente incluía o açoite.

Leia Romanos 14:12 e 2Coríntios 5:10. Como você se sente ao ler esses versículos? De que modo eles nos fazem sentir gratos pelo perdão amoroso de Deus? (cf. 1João 4:15-18).

Ao servir ao nosso senhor terreno, nós também servimos ao Senhor. Qual deve ser a atitude do cristão no trabalho?

De acordo com Colossenses 4:1, os senhores cristãos devem refletir piedade em suas atitudes e ações com relação aos seus escravos, e, por extensão, esse mesmo princípio se aplica a todos que exercem autoridade sobre alguém (como empregadores, gerentes, líderes e pais). O que você pode fazer para refletir melhor a Cristo para aqueles que estão sob a sua supervisão?

REAJA

Lembrar-se do Senhor no céu era uma força poderosa para os cristãos primitivos – escravos ou livres. Isso também deve motivar-nos. Não importa se somos recompensados ou não nesta vida, porque um dia estaremos diante de Cristo para receber a recompensa completa.

Você vive mais para receber recompensas terrenas ou para receber recompensas eternas? Por quê?

É fácil viver em busca do elogio e da admiração dos outros. O que acontece ao fervor espiritual quando visamos à aceitação das pessoas?

Muitos cristãos resistem à ideia da prestação de contas. Eles preferem um modelo de fé que se adapte ao seu estilo de vida e aos seus interesses. Muitos cristãos frequentam igrejas esperando receber um tratamento especial. Como você avaliaria atitudes e comportamentos desse tipo à luz da mentalidade de escravo apresentada no Novo Testamento?

CAPÍTULO 4

O SENHOR E MESTRE [PARTE 1]

Até agora consideramos a metáfora bíblica da escravidão do ponto de vista do escravo, com o foco na palavra *doulos* e em suas consequências sobre a vida cristã. Nesta seção, vamos voltar nossa atenção para o outro lado do relacionamento escravo/senhor, buscando entender o que a Bíblia quer dizer quando chama Jesus Cristo de nosso “Senhor” e “Mestre” (ou *kyrios*, no grego). Começaremos estudando a verdade de que ele é Senhor e Mestre de sua Igreja.

RELEMBRE

Jan Huss foi condenado à morte porque ensinou que só Jesus Cristo é o cabeça da Igreja. Essas declarações ofendiam os líderes das instituições religiosas da sua época. Mesmo tendo acesso à Palavra de Deus escrita, eles escolheram trilhar o caminho da tradição em vez do

caminho da obediência. A mesma decisão está sendo tomada por muitos líderes religiosos nos dias de hoje.

Que tradições Jan Huss estava tentando derrubar? Com que autoridade ele desafiava essas tradições?

Por que é importante que sempre avaliemos nossas tradições à luz da Palavra de Deus? O que devemos fazer se nossas tradições não se enquadrarem no padrão das Escrituras?

REPENSE

Quando Jan Huss tentou explicar seus escritos, sua voz foi suplantada pelos gritos zangados de seus acusadores, que exigiam que seus livros fossem queimados. Mesmo tendo recorrido à voz da consciência e até à Palavra de Deus, suas palavras não receberam a mínima atenção.

O que acontece em nosso mundo quando os cristãos falam em defesa da causa de Cristo?

Quais são as provas de que nossa cultura não tem o mínimo interesse na mensagem da Bíblia?

Quais são as pessoas que você costuma ouvir (da televisão, do rádio ou do seu convívio)? Qual a perspectiva que elas têm a respeito de Deus? Como essa perspectiva afeta o conselho que elas dão?

Jan Huss argumentava contra o fato de qualquer pessoa comum ser considerada cabeça da Igreja. Só Cristo é o verdadeiro cabeça. O que podemos fazer para manter Jesus Cristo como o centro do nosso culto?

Huss se manteve firme porque valorizava mais a aprovação de Deus do que o reconhecimento dos homens. Reflita sobre as duas últimas semanas que você passou. Será que a sua atenção estava mais voltada para Deus do que para você mesmo?

REFLITA

Huss disse que a autoridade da Bíblia é maior do que a autoridade da igreja, uma ideia radical para aquela época, apresentada a ele por John Wycliffe. Cem anos depois, Martinho Lutero espelharia essa mesma convicção.

Muitas “autoridades” em nossa cultura têm mais popularidade do que conhecimento. Como você reconhece as autoridades às quais deve escutar? Qual é a autoridade final para nós, os cristãos?

A verdade está contida nas páginas da Escritura. Descreva seu plano para conhecer a Palavra de Deus e aplicá-la em sua vida.

REAJA

Jan Huss estava disposto a tomar posição para defender o evangelho verdadeiro, ainda que isso lhe custasse a vida. Sua coragem era motivada por um coração dedicado totalmente a Deus e encantado por sua Palavra. Apesar do alto preço, Huss estava mais interessado em agradar ao Senhor do que em cuidar da própria segurança.

Jan Huss se mostrou fiel mesmo quando enfrentou forte perseguição. Como devemos reagir, como cristãos, quando somos ridicularizados ou rejeitados pelos incrédulos?

Que pessoas você conhece que são firmes na fé, e que se recusam a abrir mão dela em todas as áreas da vida? Que lições você tem aprendido observando o exemplo delas?

Se você recebesse uma ameaça de prisão por causa da sua fé em Deus, como você reagiria?

CAPÍTULO 5

O SENHOR E MESTRE [PARTE 2]

No primeiro capítulo de Efésios, Paulo explicou que Deus Pai “colocou todas as coisas debaixo de seus pés [de Cristo] e o designou

cabeça de todas as coisas para a igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que enche todas as coisas, em toda e qualquer circunstância” (Efésios 1:22,23). Outras referências do Novo Testamento falam de crescer “naquele que é a cabeça, Cristo” (Efésios 4:15), e “unido à Cabeça, a partir da qual todo o corpo [...] efetua o crescimento dado por Deus (Colossenses 2:19).

RELEMBRE

Apesar do ensino claro da Escritura e do testemunho fiel da história da Igreja Protestante, a maioria das tendências evangélicas contemporâneas na verdade ataca o senhorio de Cristo sobre a sua Igreja. Alguns desses ataques são ostensivos e teológicos. O conceito da graça livre distorce a mensagem do evangelho, afirmando que nem o arrependimento do pecado nem a submissão a Cristo têm parte alguma na fé salvadora. Ao promover um tipo de “fideísmo fácil”, os defensores da graça livre negam abertamente que é necessário ao pecador arrepender-se do pecado e confessar Jesus como Senhor e Mestre no sentido bíblico de submissão total. Desse modo, ensinam um evangelho completamente diferente, que “não é o evangelho”, mas uma tentativa óbvia de “perverter o evangelho de Cristo” (Gálatas 1:7).

De que maneira você tem visto o evangelho de Cristo ser distorcido? Como os cristãos nos dias de hoje podem proteger-se contra as versões distorcidas do evangelho?

Leia Gálatas 1:6-9. Qual é o perigo de acreditar em uma versão distorcida do evangelho?

REPENSE

Hoje em dia, o movimento evangélico contemporâneo perdeu seu interesse na doutrina. A corrente evangélica dominante é guiada por interesses pragmáticos, não teológicos. Os gurus do crescimento da igreja se preocupam com o que motiva a multidão, não com o que a Bíblia diz. Como se dirigirem com sucesso à carne não redimida, os pregadores da prosperidade tornam o *homem* senhor de todas as

coisas, como se Cristo fosse um tipo de gênio da garrafa – obrigado a conceder saúde, riqueza e felicidade àqueles que lhe enviarem dinheiro suficiente. Mesmo dentro dos círculos conservadores, os métodos mundanos pragmáticos são aplicados (incluindo o humor grosseiro e a linguagem vulgar), e defendem-se agressivamente as adaptações quase ilimitadas do pior da música mundana, contanto que se percebam resultados visíveis. A triste realidade é que a popularidade, não a fidelidade a Cristo e à sua Palavra, tornou-se o novo padrão de medida e uma versão de ideologia da negação ao senhorio de Cristo.

Quando você vai à igreja, está mais interessado em assistir a um *show* de qualidade ou em ouvir a verdade de Deus, mesmo que ela lhe incomode? Explique a sua resposta.

Algumas mensagens que se ouvem na televisão, no rádio ou pela Internet – até mesmo dos chamados ministros “cristãos” – são refutadas por doutrinas bíblicas fundamentais. Como distinguir a verdade do erro?

O Senhor manifesta seu governo sobre sua Igreja à medida que a Escritura é pregada, explicada, aplicada e obedecida. Pense em sua experiência na igreja e dê uma nota de 1 a 10 para cada uma destas áreas:

- ☐ Pregação da Bíblia
- ☐ Explicação da Bíblia
- ☐ Aplicação da Bíblia
- ☐ Obediência à Bíblia

De que modo Cristo é o cabeça da sua vida? Em que áreas você ainda não conseguiu submeter-se à sua autoridade?

Leia 1Coríntios 7:23 e Romanos 6:17,18. No espaço abaixo, escreva um resumo do que essas passagens dizem sobre o relacionamento do cristão com Deus.

Leia Romanos 14:7,8. O que essa passagem diz sobre o papel do Mestre na vida do cristão?

REFLITA

Quando os escritores do Novo Testamento referiram-se a si mesmos como “escravos de Cristo”, eles ressaltaram sua submissão total ao senhorio de Jesus Cristo. Para o apóstolo Paulo, isso envolvia uma vida de sacrifício próprio diário, totalmente investida no nome do seu Senhor.

Leia Filipenses 1:21. Como você explicaria a perspectiva que Paulo tinha sobre a vida? Por que ele podia dizer que morrer é lucro?

Os cristãos são tentados várias vezes a abrir mão do seu compromisso inicial com Cristo, a envergonhar-se dele e a desobedecer-lhe. Como você pode manter uma atenção fervorosa no Senhor? O que você deve fazer quando deixa de obedecer-lhe (cf. 1João 1:9)?

Leia Marcos 12:50. Quais são as consequências desse versículo para a sua vida diária?

REAJA

Paulo se tornou prisioneiro de Cristo a caminho de Damasco. Sua vida foi transformada para sempre. Apesar de sua personalidade continuar a mesma, houve uma redefinição do seu propósito de vida. Sua paixão foi redirecionada para as coisas que são importantes para Deus. Sua coragem se tornou um instrumento que conquistaria muitas pessoas para a fé em Cristo.

Leia Colossenses 3:17,23. Como você pode fazer com que a obediência a essas instruções seja uma realidade na sua vida?

Deus criou você com uma personalidade específica, com o propósito de glorificá-lo por meio da sua vida. De que modo você está usando seus dons e talentos para a glória de Deus?

Jesus é o Senhor, e nós somos os escravos. Como essa verdade afeta sua vida diária?

CAPÍTULO 6

NOSSO SENHOR E NOSSO DEUS

Os apóstolos entendiam que Jesus Cristo, por ser o Deus que se fez carne humana, está bem acima de qualquer *kyrios* deste mundo. Ele é Senhor acima de qualquer outro senhor, e Rei acima de qualquer outro rei. De forma resumida, ele é o “Senhor de todos” (Atos 10:36), tendo todo o peso da autoridade divina, porque “em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e [...] [ele] é o Cabeça de todo poder e autoridade” (Colossenses 2:9,10). Ele está assentado “à direita do Deus Todo-poderoso” (Lucas 22:69), e todas as coisas foram colocadas “debaixo de seus pés” (Efésios 1:22). O autor da carta aos Hebreus escreveu sobre ele: “O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas” (1:3). Jesus Cristo é o “nosso grande Deus e Salvador” (Tito 2:13), a Palavra divina que se fez carne e o Messias prometido, de quem foi profetizado: “Ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz” (Isaías 9:6). O cego de nascença não estava errado em adorá-lo depois de proclamar: “Senhor, eu creio” (João 9:38).

RELEMBRE

Os escritores do Novo Testamento, ao atribuir o nome *kyrios* a Cristo, destacavam várias vezes sua autoridade divina e sua igualdade com Deus. Para os cristãos da Igreja Primitiva, o título *kyrios* denotava Cristo não somente como seu Senhor absoluto, mas também como Deus. Quando confessamos Jesus como Senhor, reconhecemos de forma semelhante nosso dever de obedecer-lhe como Rei e de adorá-lo como divindade.

Temos o dever de obedecer e de adorar a Deus. Leia Romanos 12:1-2. Qual a relação entre a nossa adoração e a nossa obediência?

Como o título *kyrios* se relaciona com o fato de que Jesus Cristo é Deus? Por que esse título é tão importante em termos de seu senhorio e de sua divindade?

Se lhe pedissem para defender a divindade de Cristo com base no Novo Testamento, como você faria isso? Além de utilizar passagens como João 1:1; 5:18; 20:28 e muitas outras, como o entendimento adequado da palavra *kyrios* ajuda na argumentação bíblica?

REPENSE

Por confessarem o senhorio de Cristo, os cristãos são obrigados, pelo senso de dever, a obedecer-lhe em tudo. Já que são escravos da justiça, os cristãos estão “em dívida” (Romanos 8:12; cf. 6:18), sob a obrigação de honrar a Deus na sua maneira de viver, ainda que a motivação para obedecer seja bem mais profunda do que o simples senso do dever. Jesus disse a seus discípulos: “Se vocês me *amam*, obedecerão aos meus mandamentos” (João 14:15, destaque nosso); e também: “Se alguém me ama, obedecerá à minha palavra” (14:23).

Como somos escravos, exige-se que obedeçamos a Cristo em tudo. Por que isso é tão difícil para muitos cristãos? Qual é a motivação adequada para nossa obediência a ele?

Leia João 14:15. Os cristãos verdadeiros têm como característica um amor profundo por Cristo, e esse amor inevitavelmente se manifesta por meio da obediência. Por que é impossível dizer amar a Deus e, ao mesmo tempo, desobedecer-lhe?

A única resposta certa ao senhorio de Cristo é a submissão incondicional, a obediência amável e a adoração fervorosa. Em suas próprias palavras, descreva como esses três conceitos se relacionam um com o outro. Por que eles constituem a resposta adequada à autoridade de Cristo?

Leia Lucas 6:46. O que você diria se Jesus lhe fizesse essa pergunta? Existe alguma área da sua vida em que essa pergunta se aplicaria?

REFLITA

Ainda que muitos se autointitulem cristãos, a condição real do coração acaba sendo vista pela maneira como essas pessoas vivem. Como diz o ditado, ações falam mais que palavras. Uma fé professada que nunca se evidencia em um comportamento justo é uma fé “morta” (Tiago 2:17), que não é em nada melhor que a dos demônios (2:19). Isso não quer dizer que os verdadeiros cristãos nunca tropecem. Isso obviamente acontece, mas o seu padrão de vida é de contínuo arrependimento e crescente devoção, à medida que evoluem em santificação e semelhança com Cristo.

Já que os gestos falam mais que as palavras, o que seu estilo de vida diz a respeito do seu amor a Deus?

Você está satisfeito com sua resposta à pergunta anterior? Justifique.

REAJA

Como o Senhor é nosso Mestre, podemos confiar que ele cuidará de nós em cada situação e em cada fase da vida. Mesmo nas circunstâncias mais difíceis, ele providenciará tudo de que precisamos para sermos fiéis a ele.

A vida do escravo proporciona a experiência suprema da paz e da alegria. Leia Filipenses 4:6. Já que a sua paz e a sua alegria são os indicadores do seu nível de confiança em Deus, como vai a sua confiança nele em todas as coisas?

Quais são as decisões e os desafios que você está enfrentando? Como você pode confiar na presença de Deus em meio a essas situações?

A maior glória para um escravo é perceber que ele está honrando seu senhor. Quando orar, peça a Deus que lhe dê fervor para servi-lo com alegria e transmitir sua verdade com confiança. Escreva essa oração no espaço abaixo.

CAPÍTULO 7

O MERCADO DE ESCRAVOS DO PECADO

Ninguém entendeu tão bem os horrores e os abusos do tráfico de escravos do século 17 como John Newton. Ele experimentou a escravidão dos dois lados – por ter vivido como escravo na África e participado do tráfico de escravos depois de voltar para casa. No seu período de pastorado, ele escreveu sobre os abusos da escravidão e acabou desempenhando um papel importante na abolição do tráfico de escravos na Grã-Bretanha. Os cristãos nos dias de hoje podem alegrar-se pelo fato de Deus ter usado John Newton de forma providencial – não somente salvando pessoalmente sua vida de seu passado perverso, mas também o usando (com William Wilberforce e outros) para encerrar uma das maiores injustiças da história moderna.

RELEMBRE

O testemunho inigualável de Newton lhe deu um senso profundo de valorização da misericórdia restauradora de Deus na sua vida. Suas experiências anteriores o ajudaram a entender o verdadeiro significado de ser *escravo do pecado* – ser perdidamente oprimido e explorado por um dono ímpio. Ele sempre refletia sobre a dura realidade da escravidão de que foi vítima, fazendo comparações de sua experiência com a realidade espiritual da escravidão do pecado.

De que modo o seu testemunho particular ajuda você a perceber o significado de ser escravo do pecado?

Sendo alguém que crê em Jesus Cristo, como você se sente quando reconhece que foi liberto do pecado?

REPENSE

Newton várias vezes expôs o contraste entre a escravidão ao pecado e a redenção que recebeu por meio de Jesus Cristo. Ele se descrevia, em sua condição de perdido, como um escravo que, se não tivesse sido resgatado por Cristo, continuaria no cativeiro. Os hinos de Newton

ressoam com o tema glorioso da libertação de sua própria impiedade. Newton se lembrava de como ele era antes da sua conversão, de como era um daqueles que estavam sob o controle completo de Satanás.

Compare sua escravidão ao pecado com a redenção que recebeu quando foi salvo. Como você pode descrever a diferença entre esses dois momentos de sua vida?

Se sua vida fosse contada em um hino, qual seria o tema dele? Por que você acha que o hino de Newton *Amazing Grace* [Maravilhosa graça] tem tido um apelo tão grande para tantas pessoas?

A verdade é que nunca somos pessoas livres; a nossa vida sempre está sob o controle de algo ou de alguém. Quando éramos incrédulos, vivíamos sob o poder do pecado, mas agora vivemos sob o poder de Deus. Quais são as diferenças que você vê em sua vida por causa dessa transformação radical?

Leia Romanos 8:1. Por crermos em Jesus, fomos libertos da opressão do pecado e também das suas consequências mortais. Como você se sente ao considerar a diferença entre o salário do pecado e o dom gratuito da vida eterna?

REFLITA

Newton entendeu as consequências éticas de sua liberdade em Cristo. Mesmo tendo sido resgatado da opressão perversa do pecado, ele já tinha um novo dono, o Senhor Jesus Cristo, mas, em contraste com o pecado – o mais impiedoso e cruel de todos os opressores –, Cristo é o Mestre perfeito, por ser justo, misericordioso e bom. Submeter-se à sua vontade é a alegria verdadeira.

Se a submissão a Deus é a alegria verdadeira, por que tantos cristãos relutam em obedecer à vontade de Deus em suas vidas?

Cite algumas consequências éticas de sua liberdade em Cristo.

Leia Efésios 5:3-10. Como os cristãos devem reagir àqueles que, com o pretexto de amizade, acabam exercendo uma influência negativa

sobre eles?

Como se preserva a pureza moral em um mundo que não parece ter padrões morais?

Cite algumas coisas que você tirou de sua vida para se proteger das influências imorais e antiéticas.

REAJA

Newton comparou a libertação que o cristão teve do pecado à libertação que Israel teve do Egito. Como Faraó, o pecado é o mais severo dos mestres. Mas os cristãos, como os israelitas, podem alegrar-se por terem sido resgatados pela graça de Deus.

De que modo a libertação física de Israel do Egito retrata a libertação espiritual que os pecadores experimentam quando são tirados da escravidão do pecado?

Leia Romanos 6:23. Você concorda que o pecado é um mestre severo? Justifique.

Depois de serem libertos da escravidão, os israelitas voltaram para o cativeiro da desobediência. De que forma o seu conhecimento da Palavra de Deus preserva você do cativeiro da desobediência?

CAPÍTULO 8

PRESO, CEGO E MORTO

Os cristãos primitivos tinham uma boa noção dos abusos que o escravo podia sofrer nas mãos de um senhor injusto. Muitos fiéis do primeiro século eram escravos, e alguns deles recebiam um tratamento duro e injusto. Diante dessa situação, Pedro os instruiu: “Escravos, sujeitem-se a seus senhores com todo o respeito, não apenas aos bons e amáveis, mas também aos maus. Porque é louvável que, por motivo

de sua consciência para com Deus, alguém suporte aflições sofrendo injustamente” (1Pedro 2:18,19).

RELEMBRE

É dentro desse contexto cultural de pleno conhecimento e aceitação da escravidão que o Novo Testamento fala sobre a escravidão ao pecado e sobre o reinado do pecado no coração humano. O pecado é o senhor mais infame e terrível que se pode imaginar – uma realidade que não passava despercebida pelos cristãos do primeiro século. Eles naturalmente faziam comparações com os piores abusos em sua cultura, entendendo a subordinação total que fazia parte dessa escravidão.

Leia 1Pedro 2:18,19. Como os escravos físicos na Igreja Primitiva eram instruídos a reagir a seus senhores terrenos? Como um senhor duro poderia servir como exemplo da opressão que caracteriza o pecado?

Os escravos romanos estavam à mercê de seus donos. Antes da salvação, nós também estávamos à mercê de um dono – o pecado. Como sua vida mudou desde que você foi liberto da escravidão ao pecado?

Como somos cristãos, agora também somos escravos de Deus, que é o dono mais maravilhoso que se pode imaginar. Por que a escravidão a Deus é uma verdade libertadora? Em que ela é diferente da escravidão ao pecado?

REPENSE

O pecado corrompe a pessoa como um todo – infectando a alma, poluindo a mente, pervertendo a consciência, contaminando os sentimentos e envenenando o poder de decisão. É o câncer que destrói a vida e condena a alma, que deteriora cada coração perdido e se prolifera como uma gangrena incurável.

Em nossa cultura, temos a tendência de minimizar o pecado, suavizando seus efeitos. Como a Palavra de Deus, de modo contrário, descreve a seriedade do pecado?

Leia João 8:34. Jesus estava explicando que os incrédulos são escravizados pelo seu pecado. Agora leia o versículo 36. Qual é a única esperança de liberdade do pecado para o pecador? Veja novamente os versículos 31,32. Como Jesus define a verdadeira liberdade?

Como a descrição que Jesus faz da liberdade em João 8:31,32 se encaixa em seu entendimento pessoal de liberdade? Em que aspectos o seu entendimento sobre a liberdade precisa mudar?

A Escritura é clara: se o Espírito Santo não der vida espiritual, nenhum pecador é capaz de transformar sua natureza decaída ou de resgatar a si próprio do pecado e do julgamento divino. Ele não consegue nem iniciar nem efetivar nenhum aspecto da redenção. Você concorda com essa afirmação, à luz de passagens como Efésios 2:1-10? Justifique.

O orgulho nos faz pensar que não somos tão pecadores quanto realmente somos. Racionalizamos o nosso pecado ao dar uma importância maior aos pecados dos outros. Leia Lucas 18:10-14. Como Deus reage às pessoas orgulhosas ou presunçosas?

REFLITA

A Bíblia ensina que os descrentes amam o pecado de todo o coração. Eles não são somente *incapazes* de se libertar de sua corrupção; eles também não têm *disposição* para isso. Como Jesus disse aos religiosos da época: “Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; contudo, vocês *não querem* vir a mim para terem vida” (João 5:39,40, destaque nosso).

Jesus se dirigiu a pessoas que estavam envolvidas na atividade religiosa, mas se apegavam de um modo hipócrita ao pecado no seu

coração. Aquilo em que afirmavam crer estava em conflito com a maneira como viviam. Qual é a relação entre a fé que você declara e o seu modo de vida?

Leia Romanos 3:10-12. À luz das palavras de Paulo, como você e eu (ou qualquer outro pecador) podemos permanecer inculpáveis diante de Deus?

Caso seja deixado à mercê da sua razão e da vontade natural, o pecador não redimido sempre vai preferir ser escravo do pecado a obedecer a Deus. Até o momento em que o Senhor intervém, o pecador não é capaz de (nem está disposto a) abandonar seu pecado ou de servir a Deus em justiça. Leia Romanos 6:1,2. Se alguém afirma ser cristão, mas continua a viver como escravo do pecado, qual é a atitude real dessa pessoa com relação à graça de Deus?

Quando passamos a crer em Cristo, o poder do pecado sobre nossa vida é destruído, mas ainda temos dificuldades na batalha contra a nossa carne pecaminosa, precisando sempre confessar nossos pecados e nos arrepender deles (1João 1:9). Cite três áreas nas quais você é tentado com frequência em sua luta contra o pecado.

Qual é a sua estratégia para resistir a essas tentações? A quem você deve prestar contas para manter sua integridade nessas áreas?

REAJA

Sem a intervenção divina, o escravo do pecado continua em um estado de completo desamparo e perdição. Ele não somente é incapaz de se libertar, mas também usa seus grilhões com grande disposição.

No espaço abaixo, liste algumas pessoas que você conhece que, por serem incrédulas, demonstram abertamente sua escravidão ao pecado.

Em todos os relacionamentos, ou você influencia ou é influenciado. No que diz respeito às pessoas que mencionou acima, será que você está exercendo algum impacto positivo sobre elas? Ou será que elas

estão levando você a um estilo de vida que você alega ter abandonado?

De que maneira específica você pode orar pelas pessoas que listou? Somente a verdade do evangelho pode libertá-las do pecado. Gostaria de firmar o compromisso de transmitir as boas novas da salvação para essas pessoas?

CAPÍTULO 9

SALVO DO PECADO. ESCRAVIZADO PELA GRAÇA

Deus salva os eleitos da escravidão ao pecado, resgatando-os do domínio da escuridão e transferindo-os para o Reino do seu Filho (Colossenses 1:13). Na época em que só amávamos a nós mesmos e ao nosso pecado, Deus nos amou primeiro, de tal maneira que tivemos a chance de corresponder a ele com fé. Como o apóstolo João explica: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados [...] Nós amamos porque ele nos amou primeiro (1João 4:10,19). Deus tomou a iniciativa e completou todo o nosso processo de salvação da escravidão do pecado. Se não fosse por sua intervenção proposital, ainda estaríamos desamparados nessa escravidão.

RELEMBRE

Tendo sido escolhidos por Deus, aqueles que creem foram comprados “com o seu próprio sangue (de Cristo)” (Atos 20:28), predestinados a serem livres da escravidão ao pecado e conduzidos para a casa de Deus. Ele nos procurou, apesar de nós não o buscarmos, trazendo-nos para si mesmo e nos tirando das muletas e da condenação do pecado. Como Paulo, fomos “alcançados por Cristo Jesus” (Filipenses 3:12), e passamos a ser seus cativos voluntários, seus prisioneiros alegres e parte do povo de sua propriedade particular. Fazemos parte daqueles

que pertencem a ele não porque o escolhemos, mas porque ele nos escolheu.

Como você se sente ao saber que Deus o escolheu, mesmo sem você merecer?

Se Deus nos predestinou para sermos libertos do pecado, por que muitas pessoas que se declaram cristãs permanecem envolvidas em um estilo de vida pecaminoso? Leia 1João 2:4,5. Qual é a validade de se professar uma fé que não resulta em uma vida transformada?

REPENSE

A vontade de Deus na salvação é singular, sem se basear em nada senão na sua escolha eletiva, que é livre e não sofre influência alguma. Por isso, o Espírito Santo opera onde quer, o filho vivifica a quem deseja e nenhum incrédulo consegue vir a Deus sem que o Pai o conduza. Leia as seguintes passagens bíblicas e faça um breve resumo de cada uma delas:

- João 8:36
- 2Coríntios 4:6
- Efésios 2:4,5

A graça soberana de Deus inclui não somente o dom da salvação, mas também a fé que leva ao arrependimento e que é necessária para se receber esse dom. Diante disso, que proporção da nossa salvação pode ser atribuída a nós? Qual deve ser nossa resposta a Deus por ter ele tomado a iniciativa e executado tudo o que se refere à nossa salvação?

Leia 2Tessalonicenses 2:13,14. O que essa passagem diz sobre você e sobre o propósito de Deus para a sua vida?

A única razão pela qual nós pudemos responder a Deus em amor é porque ele nos amou primeiro. Leia João 3:16. Como você pode

ajudar os amigos que não creem a entender a grandeza do amor de Deus?

REFLITA

Nossa redenção em Cristo gera tanto *libertação* do pecado quanto *perdão* do pecado. Não somos somente libertos da escravidão do nosso antigo senhor, mas também fomos libertos das consequências mortais do pecado – isto é, a ira eterna de Deus. Como Paulo exclamou em Romanos 8:1,2: “Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, porque por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida me libertou da lei do pecado e da morte”. Porque estamos nele, todos os nossos pecados – do passado, do presente e do futuro – foram “perdoados, graças ao nome de Jesus” (1João 2:12).

Leia Romanos 8:1,2. Qual é a lei que controla a sua vida? Como você sabe disso?

O dom da redenção, que vem de Deus, traz salvação tanto da opressão quanto das consequências do pecado – e, um dia, até da sua própria existência. Apesar de sermos livres das consequências eternas do pecado, ainda estamos sujeitos às consequências terrenas do pecado. Reflita sobre sua vida e sobre as tentações que você enfrenta. Se você cedesse a essas tentações, quais poderiam ser as consequências terrenas dessa fraqueza?

De que modo o medo dessas consequências passa a ser um empecilho para o pecado?

Preencha as lacunas com a palavra *Cristo* ou com a palavra *pecado*.

Ao contrário do _____, _____ é o Senhor perfeito. O _____ é o senhor mais cruel e injusto de todos; _____ é o Senhor mais amável e misericordioso. O jugo do _____ é pesado e repugnante; o jugo de _____ é suave, e o seu fardo é leve. O _____ prende seus escravos na escuridão e na morte,

enquanto _____ traz luz e vida a todos que foram ressuscitados. O _____ distrai, engana e destrói. _____ é o caminho, a verdade e a vida. Ao mesmo tempo que a escravidão ao _____ consiste em tudo o que é odioso, danoso, terrível e desprezível, a escravidão a _____ envolve tudo de bom, glorioso, alegre e correto.

Com base na sua vida, você é escravo de Cristo ou do pecado?

O que seus amigos ou sua família dizem sobre você, respondendo à pergunta anterior?

Leia Romanos 6:23. Qual é o salário do pecado? Qual é o dom que vem pela fé em Cristo? Qual deles oferece o melhor resultado? Por quê?

REAJA

A verdadeira liberdade começa quando termina a escravidão ao pecado, e a escravidão ao pecado somente termina quando passamos a ser escravos de Deus.

As pessoas libertas em Cristo não ficam sem rumo ou sem propósito. Elas foram libertas do pecado para que pudessem dedicar-se totalmente à obra de Deus. Como você está servindo a Deus – com seu tempo, energia, talentos e dinheiro?

Quais são as atividades que você deve adaptar ou eliminar para investir sua vida de um modo agradável a Deus?

Nossa liberdade em Cristo não nos dá o direito de decidir o que é certo ou errado. Somos obrigados a buscar a justiça e a vida correta, como nos é definido pela Palavra de Deus. Cite alguns limites bíblicos que você precisa estabelecer ou reforçar na sua própria vida.

CAPÍTULO 10

DE ESCRAVOS A FILHOS [PARTE 1]

Quando Deus resgata os incrédulos do pecado, torna-os seus próprios escravos, mas não para por aí. Na salvação, os remidos não somente se tornam seus escravos, mas também seus amigos (João 15:14,15) e cidadãos do seu Reino; de modo mais extraordinário, filhos adotivos na sua família. Os cristãos foram transformados de escravos do pecado em filhos e filhas da justiça.

RELEMBRE

O pai da Igreja do século 4, João Crisóstomo, disse há muitos séculos:

Primeiro acontece a libertação do pecado, e depois a formação de escravos da justiça, o que é melhor do que qualquer liberdade. Porque Deus agiu como alguém que acolhe um órfão que havia sido raptado por selvagens para o seu país, não se limitando a libertá-lo da escravidão, mas sendo uma espécie de pai dele, dando-lhe uma criação digna. Isso é o que acontece no nosso caso, porque Deus não somente nos libertou dos nossos males anteriores, mas também nos guiou para uma vida de anjos. Ele nos abriu o caminho para desfrutar de uma vida melhor, encaminhando-nos ao abrigo da justiça e matando nossos males pregressos, mortificando o nosso velho homem e trazendo-nos à vida eterna.

Refleta sobre sua vida e descreva como você experimentou cada um destes itens:

- Libertação do controle do pecado
- Transformação em escravo da justiça
- Percepção de que é filho de Deus

Nossa salvação mortifica o velho homem e traz uma vida nova. Seus amigos diriam que você apresenta mais provas do velho homem ou da vida nova? Por quê?

REPENSE

Ao nos libertar da miséria do pecado, Deus não se limita a nos receber como servos – mas também nos acolhe na sua casa e nos faz membros da sua própria família. Ele não somente nos resgatou, comprou, criou laços de amizade e nos recebeu; ele também nos adotou, transformando os que eram antes filhos da ira (Efésios 2:3) em filhos e filhas da justiça.

Fomos adotados na família de Deus. Por que a adoção humana é uma metáfora tão poderosa para essa realidade espiritual? Que pensamentos lhe vêm à mente quando pensa no amor de Deus por nós?

Leia Romanos 8:14-17. Explique esses versículos em suas próprias palavras.

Como filhos adotivos de Deus, podemos descansar seguros, sabendo que recebemos um lugar permanente na família de Deus. Qual é a sua atitude para com Deus, em resposta a essa verdade bíblica?

Leia Efésios 5:18 e Hebreus 12:7. À luz do fato de que somos filhos de Deus e de que ele é nosso Pai, como temos de nos comportar neste mundo?

REFLITA

Ao contrário dos pais terrenos, que às vezes tendem a se irritar e a ser severos, Deus é um Pai perfeito. Além disso, por causa da nossa posição em Cristo, Deus agora nos vê e nos trata como o seu próprio Filho – com amor infinito. O Pai não pode dar nada além do melhor para seu Filho. Semelhantemente, ele não dará nada senão o melhor para aqueles dentre nós que estão em Cristo.

Leia Romanos 8:28. O que diz esse versículo? Observe que ele não promete que Deus fará com que todo desejo se torne realidade, mas, pelo contrário, orquestrará todas as situações para o nosso bem-estar espiritual. Como essa promessa se encaixa com Tiago 1:2-4?

Leia Gálatas 4:4-7. Nessa passagem, Paulo explica que não somos mais escravos do pecado, já que fomos adotados na família de Deus. Como você explicaria esses versículos para alguém que não entende o significado de ser um seguidor de Cristo?

Reserve um momento para ler Romanos 8. Relacione abaixo três a quatro pontos principais que Paulo transmitiu nessa passagem.

Como cada um desses pontos influencia a maneira como você vê o seu relacionamento com Deus?

REAJA

Esta é a alegria e este é o encanto da salvação: pensar que nós, que antes éramos escravos do pecado, súditos de Satanás e filhos da desobediência, de agora em diante somos para sempre escravos de Cristo, cidadãos do céu e filhos de Deus. Quando éramos seus inimigos, nem merecíamos ser seus escravos (cf. Lucas 15:19); ainda assim, ele nos fez tanto seus escravos como seus filhos. A realidade incomparável da adoção é esta: se Deus é nosso Senhor, também passa a ser nosso Pai, e vice-versa.

Leia o parágrafo acima e escreva sua reação inicial às verdades contidas nele.

De que modo você pode refletir melhor o amor incondicional de Deus para as pessoas com as quais convive diariamente?

Se Deus é nosso Senhor, então ele passa a ser nosso Pai; se ele é nosso Pai, logo também é nosso Senhor. Explique com suas próprias palavras como essas duas verdades se encaixam.

Leia Mateus 6:31-34. Como filho de Deus, você pode colocar suas necessidades nas mãos do Pai Celestial. Que necessidades você confia que Deus suprirá em sua vida no momento?

Como você diferencia necessidades de vontades?

CAPÍTULO 11

DE ESCRAVOS A FILHOS [PARTE 2]

Embora o processo leve meses, em um instante tudo muda para a criança, no momento em que o juiz finalmente a declara herdeira legal de seus pais adotivos. Se a criança tivesse sido deixada em um orfanato ou sob o cuidado de pais biológicos violentos ou negligentes, o resultado provavelmente teria sido trágico, mas agora, pela intervenção daqueles que antes eram estranhos, o menino ou a menina recebe uma casa nova repleta do amor de uma família e de esperança para o futuro. Esse é o milagre da adoção.

O Novo Testamento se baseia na alegria e no encanto da adoção humana, usando-a como analogia para descrever o amor paternal de Deus por nós. Nosso único lar era este mundo, nosso único guardião era Satanás, e nosso único futuro era o inferno. Se fôssemos abandonados nessa condição, teríamos morrido em nossos pecados e pereceríamos eternamente. Pagando um alto preço, Deus interveio para nos resgatar do pecado e nos trazer à comunhão com ele. Nesse momento, o Juiz do universo nos declarou justos, vestindo-nos na perfeição sem pecado de Jesus Cristo. Ele nos fez seus escravos, nos trouxe para o seu Reino e nos recebeu na sua família. Esse é o milagre da nossa adoção espiritual.

RELEMBRE

Uma das primeiras adoções registradas no Antigo Testamento é a de Moisés, cuja vida foi poupada quando sua mãe o fez flutuar pelo rio Nilo em uma cesta à prova d'água. Quando a filha de Faraó foi ao rio e o encontrou, teve pena dele. Miriã – irmã de Moisés, que o tinha observado de perto – se ofereceu para encontrar uma ama adequada para o bebê, e a filha do Faraó concordou. Por causa disso, Moisés foi devolvido à sua mãe biológica até que tivesse idade suficiente para morar no palácio. Foi assim que Moisés – filho de escravos – passou a fazer parte da família real do Egito.

Descreva como você se sente ao saber que foi resgatado do juízo eterno garantido e que recebeu vida nova como filho do Rei.

Leia 2Coríntios 6:17,18. O que essa passagem diz sobre o seu relacionamento com Deus? De acordo com o versículo seguinte, 2Coríntios 7:1, quais são as consequências desse relacionamento?

REPENSE

A história de Davi e de Mefibosete, contada neste livro, é um retrato magnífico da nossa adoção espiritual por Deus. Nós não o buscávamos, mas, assim como Davi encontrou o único herdeiro de seu amigo morto e o acolheu, Deus *nos* encontrou, recebeu e salvou. Nós éramos seus inimigos, mas ele nos fez seus amigos. Não podíamos oferecer nada em troca, mas ele nos concedeu uma herança que não merecíamos. Tudo isso é nosso pela graça por meio da fé em seu Filho unigênito, Jesus Cristo.

Como filhos adotivos, o nosso nome está escrito no Livro da Vida, do qual nunca pode ser apagado. Qual é a sua herança por causa de sua posição de filho de Deus?

Leia 2Coríntios 4:17,18. De que modo a realidade de sua herança futura muda a forma como você encara as provações desta vida? Como a certeza da vida eterna influencia a sua vida diária?

Leia Romanos 8:15. Qual foi a mensagem de Paulo para seus leitores? Por que essa mensagem era importante para eles? Por que essa mensagem é importante nos dias de hoje?

Leia Efésios 1:3-6. Faça uma lista de algumas bênçãos espirituais que Deus concedeu àquele que crê por meio de Jesus Cristo.

Leia Salmos 16:5, observando o destaque que Davi dá ao fato de Deus ser a sua herança. Para Davi, tudo era visto à luz de seu relacionamento com o Senhor. Será que você vê a vida com uma perspectiva centrada em Deus, ou você encara Deus de uma perspectiva centrada no mundo?

Qual a diferença entre essas duas perspectivas?

REFLITA

Se nossa adoção não fosse permanente, teríamos uma boa razão para ter medo, porque o nosso pecado ainda nos poderia condenar. Não fizemos coisa alguma para ganhar nossa adoção na família de Deus, nem podemos fazer nada para perdê-la.

Leia novamente Romanos 8:15. Por que não precisamos mais ter medo? Como esse versículo se compara a 1João 4:17,18?

Consulte Romanos 8:29-31. Qual é a promessa para aqueles que Deus justifica? O que essa promessa significa para a sua vida hoje?

Leia 1João 2:19,20. O cristão verdadeiro nunca poderá perder a salvação. Quando ele é adotado na família de Deus, torna-se filho de Deus para sempre. De acordo com esse versículo, qual é a condição espiritual daquele que diz conhecer a Cristo, mas depois se afasta dele?

Leia João 6:39,40. O que Jesus disse sobre a possibilidade de o cristão ser afastado dele? Como essa passagem pode ser comparada a João 10:28,29?

REAJA

Aquele que persiste no pecado sem arrependimento demonstra que nunca foi verdadeiramente adotado na família de Deus, independentemente do que declarar (1João 2:4,5). O filho verdadeiro de Deus manifesta inevitavelmente os traços característicos de sua nova família. Além disso, por ter sido resgatado do pecado e adotado por Deus, seu coração está cheio de gratidão e amor pelo Pai que o salvou.

O que as passagens seguintes dizem sobre sua posição como cristão?

- Romanos 8:1

- 1Pedro 1:5
- Filipenses 1:6
- 1Tessalonicenses 5:23,24
- 2Tessalonicenses 3:3
- Judas vv. 24,25

Leia Romanos 6:1. Uma vez que estamos perdoados, por que é importante que os cristãos evitem pecar?

Continuar em um estilo de vida de pecado depois da “salvação” é prova de que a pessoa nunca experimentou realmente a salvação (1João 1:6). Como aqueles que conhecem você muito bem sabem que você é realmente salvo?

Como filhos de Deus, não temos mais medo da morte, porque ela nos conduzirá à presença do nosso Pai celestial. Como sua atitude com relação à morte mudou desde que você aceitou Jesus como seu Senhor e Salvador?

CAPÍTULO 12

FRONTOS PARA IR AO ENCONTRO DO SENHOR

No capítulo 25 de Mateus, Jesus descreveu um exemplo para os seus discípulos. Ele começou a parábola assim: “E também será como um homem que, ao sair de viagem, chamou seus servos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois, e a outro um; a cada um de acordo com a sua capacidade. Em seguida partiu de viagem [...] Depois de muito tempo o senhor daqueles servos voltou e acertou contas com eles” (Mateus 25:14,15,19).

Os escravos na história de Jesus eram escravos urbanos – os mordomos da casa que tinham recebido a responsabilidade de cuidar do patrimônio de seu senhor durante a sua ausência, mas, ainda assim, a situação se parece com a do escravo rústico na expectativa da

chegada do seu dono. Nos dois casos, o mestre se ausentou por um período prolongado. Enquanto está longe, ele espera que seus escravos supervisionem sua propriedade e promovam seus interesses. Quando voltar, ele inspecionará o trabalho deles e os elogiará ou castigará de acordo com o que fizerem.

RELEMBRE

Na parábola de Nosso Senhor, dois dos escravos se aplicaram com dedicação à tarefa. Cada um deles duplicou a quantidade que tinha recebido. Quando o mestre finalmente voltou, ficou muito satisfeito com a obra que tinham feito. Por isso, teceu este elogio: “Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco; eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!” (Mateus 25:21,23).

No entanto, o terceiro desperdiçou sua oportunidade de investir – escondeu sua parte em um buraco na terra. O desagrado do senhor foi refletido em palavras de condenação: “Servo mau e negligente! [...] Você devia ter confiado o meu dinheiro aos banqueiros, para que, quando eu voltasse, o recebesse de volta com juros. Tirem o talento dele e entreguem-no ao que tem dez” (Mateus 25:26-28). Enquanto essas palavras ainda ressoavam em seus ouvidos, o escravo inútil foi lançado “nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 25:30).

O simbolismo é claro. O senhor representa Cristo, e sua ausência prolongada retrata o tempo entre sua ascensão e a segunda vinda. Os escravos são os cristãos confessos aos quais foram confiados, como mordomos, vários recursos, habilidades, bênçãos e oportunidades. Um dia, todos serão chamados para prestar contas da sua administração.

Se você fosse chamado para prestar contas dos recursos, das habilidades, das bênçãos e das oportunidades que lhe foram entregues para administrar, o que diria a Deus?

Com base na parábola acima, qual seria a reação de Deus ao seu modo de administrar?

Cite algumas maneiras de fazer melhor no investimento dos recursos que Deus lhe deu para os propósitos dele.

REPENSE

Apesar de não sabermos quando o Mestre voltará, sabemos algo com certeza: *um dia ele voltará* (Marcos 13:33-37, destaque nosso). Esse fato simples deve motivar-nos à santidade e a um serviço maior. Isso também nos deve encorajar e entusiasmar, se estivermos vivendo em obediência. O escravo somente tem medo da volta do senhor quando é infiel, mas, para os escravos de Cristo que trabalham pesado e servem bem, a volta do mestre é um momento de grande festa. Para eles, seu retorno representa a entrada na alegria do mestre e o início de uma grande recompensa.

Leia Filipenses 2:10,11. Toda pessoa fará a declaração descrita nessa passagem. Qual é a diferença entre aqueles que fazem essa declaração enquanto vivos e aqueles que vão fazê-la no julgamento?

O escravo obediente não tem nada a temer com a volta do Mestre. Onde você se situa na linha abaixo?

DESOBEDIENTE/COM MEDO $\longleftrightarrow$ OBEDIENTE/SEM MEDO

Onde você gostaria de estar na linha acima? O que precisa mudar para que você esteja nesse lugar?

Os cristãos que passam a vida em busca de interesses terrenos e sem valor devem esperar uma recompensa menor da parte de Cristo. Baseado em seu investimento espiritual, que nível de recompensa você deve esperar receber de Deus?

Leia Efésios 6:5-9. Anote o seu destaque sobre a avaliação futura do cristão e a recompensa que receberá de Cristo. O que você diria a um recém-convertido que perguntasse “Como devo viver a minha vida?”?

Que coerência sua vida teria com o conselho que você daria?

Apesar de ser frequentemente rejeitado e perseguido, Paulo estava mais envolvido em obedecer ao seu chamado divino do que em obter a

aprovação dos homens. Somente uma coisa importava: agradar ao Senhor. Qual é o seu interesse principal na vida?

REFLITA

Quando Paulo era acusado falsamente, sua reação era simples e firme. Enquanto preso, aguardando sua execução, demonstrava uma confiança serena. No fim da vida, sentado solitário em um calabouço romano, Paulo ainda conseguia sorrir para o futuro. As palavras de esperança envolviam sua perspectiva, porque seu padrão de sucesso era celestial.

Você mede o sucesso com que padrão?

Se você alcançar o sucesso absoluto, qual será a reação de Deus? Leia Marcos 8:36. Qual a importância das riquezas em comparação com a eternidade?

A cidadania também implica algumas responsabilidades: cite algumas que você tem como cidadão do céu. Com que eficiência você as está cumprindo? Que desculpas você está dando para não fazer o que Deus chamou você para fazer?

REAJA

Existe uma responsabilidade imensa que vem de fazer parte do Reino de Deus. Como seus súditos, temos de representá-lo de forma digna. Assim sendo, somos instruídos a viver “de maneira digna de Deus, que [n]os chamou para o seu Reino e glória” (1 Tessalonicenses 2:12).

O que significa viver “de maneira digna de Deus, que [n]os chamou para o seu Reino e glória” (1 Tessalonicenses 2:12)?

Nossa vida é sinônimo da nossa cidadania. Prioridades, paixões e interesses mudaram porque até mesmo a nossa identidade foi transformada. De que modo as seguintes áreas foram transformadas na sua vida:

- Suas prioridades
- Suas paixões
- Seus interesses

Leia Apocalipse 22:3-5. Qual deve ser o efeito dessa passagem na sua atitude com relação à vida?

Você vive nessa expectativa? Justifique.

CAPÍTULO 13

AS RIQUEZAS DO PARADOXO

Embora nada na Bíblia seja contraditório, boa parte das verdades mais provocativas e profundas pode parecer-nos paradoxal. Considere, por exemplo, a verdade que diz que a salvação tanto é gratuita quanto cara, ou que, para ser verdadeiramente rico, você deve ser pobre de espírito, ou que, para encontrar sua vida, você deve perdê-la, ou que é sábio adotar a loucura do evangelho. A Escritura ensina que aqueles que choram serão consolados, que aqueles que dão recebem, que os menores serão os maiores, que os humilhados serão exaltados e que os últimos serão os primeiros. Indo mais longe, aprendemos que Deus usa o mal para o bem, que ele é três pessoas em uma, e que Jesus Cristo, a segunda pessoa da Trindade, é, ao mesmo tempo, totalmente Deus e totalmente homem. Isso é somente uma amostra dos ministérios fascinantes que a Bíblia apresenta.

Com certeza acrescentaríamos a essa lista o ensino bíblico referente à escravidão em Cristo. Uma metáfora geralmente associada à zombaria, à opressão e à violência, a *escravidão* é gloriosamente transformada, em Cristo, para significar honra, liberdade e alegria eterna!

RELEMBRE

Consideramos a diferença fundamental entre *servo* e *escravo* – observando que, enquanto o servo é contratado, o escravo é comprado. Os cristãos não são simplesmente servos contratados de Cristo; eles são seus escravos, pertencendo a ele como sua posse. Ele é seu Dono e Senhor, digno de fidelidade inquestionável e de obediência absoluta. Sua Palavra lhes é a autoridade final; e sua vontade lhes é o mandato final.

O Senhor expressou sua vontade em sua Palavra, dando-nos as instruções e as orientações que devemos seguir como seus escravos. Para sermos fiéis a ele, temos de conhecer a sua Palavra e nos submeter a ela. Cite passos práticos que você pode dar para aprender e entender melhor a Palavra de Deus.

Você diria que está vivendo para agradar a si mesmo ou para agradar a Deus?

Qual a diferença entre essas duas perspectivas?

Em suas próprias palavras, defina o que é ser escravo de Cristo. Qual é a diferença de ser simplesmente servo dele?

REPENSE

Como cristãos, *somos escravos de Cristo*. Que diferença radical essa verdade deve causar em nossa vida diária! Não vivemos mais para nós mesmos. Pelo contrário, nosso objetivo é agradar ao Mestre em tudo.

Para encerrar este estudo, vamos considerar os quatro paradoxos descritos no capítulo 13.

A escravidão traz liberdade – a verdadeira liberdade só pode ser encontrada por meio da escravidão a Cristo.

Por que essa verdade é tão difícil de aceitar para muitos cristãos modernos? Leia Romanos 6:16-18. O que Paulo afirmou sobre essa questão?

A escravidão acaba com o preconceito – a escravidão a Cristo é o caminho da reconciliação e da unidade dentro do corpo de Cristo.

Quando os cristãos percebem que são todos *escravos*, chamados para espelhar a humildade do escravo supremo, torna-se óbvia a maneira como eles devem tratar o próximo.

Leia Filipenses 2:5-7. Se nossa atitude deve ser a mesma de Cristo, como devemos tratar as outras pessoas? Por que é importante o fato de ele ter tomado a forma de escravo (2:7)?

A escravidão exalta a graça – nossa escravidão a Cristo exalta a maravilha da sua infinita graça. É importante entender que nosso serviço a ele também é um dom que não merecemos – o qual recebemos e obtemos por meio da sua graça. A nossa capacidade de servi-lo somente é possível porque ele nos capacita “com a força que Deus provê, de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo” (1Pedro 4:11).

Leia Mateus 6:24. Cite alguns “senhores” que impedem as pessoas de se submeter ao Senhor único e verdadeiro.

Leia 1Coríntios 15:10 e 2Coríntios 5:9. Qual era a atitude de Paulo quanto ao serviço a Deus? Qual é a sua atitude quanto a isso?

A escravidão retrata a salvação – Deus expressou as riquezas da nossa salvação usando o simbolismo da escravidão. Essa verdade, aliás, tem sido o tema de todo este livro. Na eternidade passada, Deus escolheu aqueles que ele salvaria. No nosso tempo de vida, ele nos resgatou da escravidão ao pecado e nos libertou para o Reino do seu Filho querido. A obra expiatória de Cristo na cruz nos remiu, de modo que fomos comprados por ele; e, tendo sido comprados por alto preço, somos agora propriedade dele. Fomos libertos do pecado, e agora, como escravos da justiça, temos uma liberdade que será nossa por toda a eternidade.

Leia Tito 2:11-14. Explique essa passagem em suas próprias palavras.

A salvação é somente pela fé, mas a verdadeira fé salvadora nunca vem sozinha. Ela sempre produz “fruto que mostre o arrependimento”

(Mateus 3:8), dando prova, com disso de um coração transformado. Cite como sua vida foi transformada.

REFLITA

Encerramos o livro exatamente no ponto em que começamos – fazendo a pergunta: *O que significa ser cristão?* Qual é a sua resposta?

REAJA

Vamos colocar a pergunta anterior em outras palavras: Como o seu estudo sobre a escravidão a Cristo impactou o seu entendimento sobre a vida cristã? Quais são as consequências desse conceito em sua vida diária com Deus?

Quais são os seus pensamentos finais sobre a sua posição como escravo de Deus?

JOHN MACARTHUR é pastor-professor da Grace Community Church em Sun Valley, Califórnia, desde 1969. Ele é chanceler da Master's University and Seminary, e pode ser ouvido diariamente no programa de rádio Grace to You, veiculado internacionalmente. Ele é autor de diversos *best-sellers*, sendo o mais notável a *Bíblia de estudo MacArthur*, com mais de 1 milhão de exemplares vendidos. Também publicou o *Manual bíblico MacArthur* e *Uma vida perfeita*, ambos publicados pela Thomas Nelson Brasil.